

A heartwarming scene featuring a man with a beard and a young boy, both smiling and looking upwards. The man is holding the boy. In the foreground, a golden retriever dog is sitting in a field of tall grass, looking up towards the sky. The background is a soft-focus landscape with trees and a bright, hazy sky.

O VIÚVO DA MINHA IRMÃ

SPIN-OFF DE BRILHO ETERNO

EDNA NUNES



Índice

[CRÉDITOS](#)

[PLAYLIST](#)

[DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS](#)

[SINOPSE](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[PREFÁCIO](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)
[CAPÍTULO 26](#)
[CAPÍTULO 27](#)
[CAPÍTULO 28](#)
[CAPÍTULO 29](#)
[CAPÍTULO 30](#)
[CAPÍTULO 31](#)
[CAPÍTULO 32](#)
[CAPÍTULO 33](#)
[CAPÍTULO 34](#)
[CAPÍTULO 35](#)
[CAPÍTULO 36](#)
[CAPÍTULO 37](#)
[CAPÍTULO 38](#)
[CAPÍTULO 39](#)
[CAPÍTULO 40](#)
[CAPÍTULO 41](#)
[CAPÍTULO 42](#)
[CAPÍTULO 43](#)
[CAPÍTULO 44](#)
[CAPÍTULO 45](#)
[CAPÍTULO 46](#)
[CAPÍTULO 47](#)
[CAPÍTULO 48](#)
[CAPÍTULO 49](#)
[CAPÍTULO 50](#)
[CAPÍTULO 51](#)
[CAPÍTULO 52](#)
[CAPÍTULO 53](#)
[CAPÍTULO 54](#)
[CAPÍTULO 55](#)
[CAPÍTULO 56](#)
[CAPÍTULO 57](#)
[CAPÍTULO 58](#)
[CAPÍTULO 59](#)
[EPÍLOGO](#)
[MANTO DE ESTRELAS](#)

[BIOGRAFIA](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA](#)

[BRILHO ETERNO](#)

[ÍRIS BLUE](#)

[ALERTA](#)

O VIÚVO DA MINHA IRMÃ

SPIN-OFF DE BRILHO ETERNO

EDNA NUNES

CRÉDITOS

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Copyright © 2020 Edna Nunes

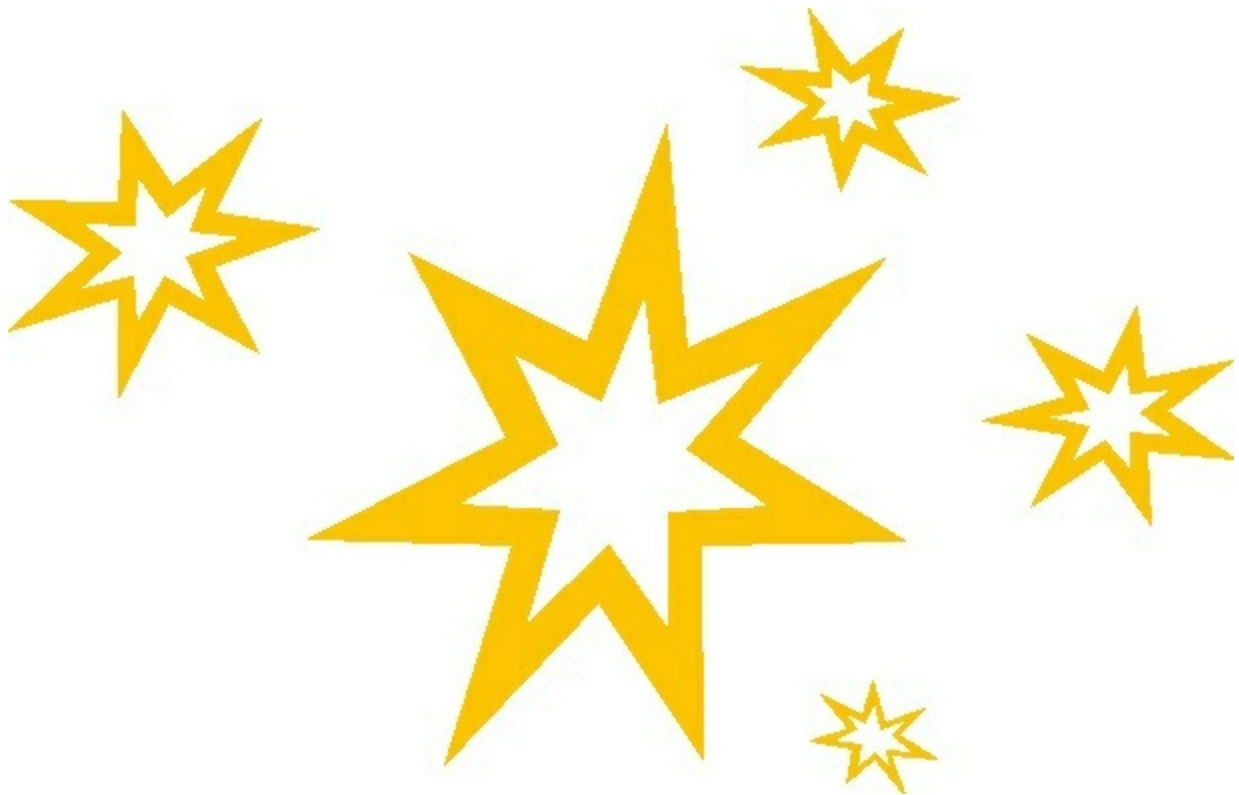
Diagramação: Edna Nunes
Revisão: Edna Nunes e Aline Frazão
Capa: E.S.Designer
Imagem do miolo: Rosires Andrade

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição digital – Criado no Brasil - 2020



PLAYLIST

Que tal ouvir enquanto lê?

<https://bit.ly/2DXNSgQ>

Manto de Estrelas
(tema de Brilho eterno)
Objeto Acústico

Impossible
James Arthur

Trem Bala
Ana Vilela

Pillow Talk
Zayn

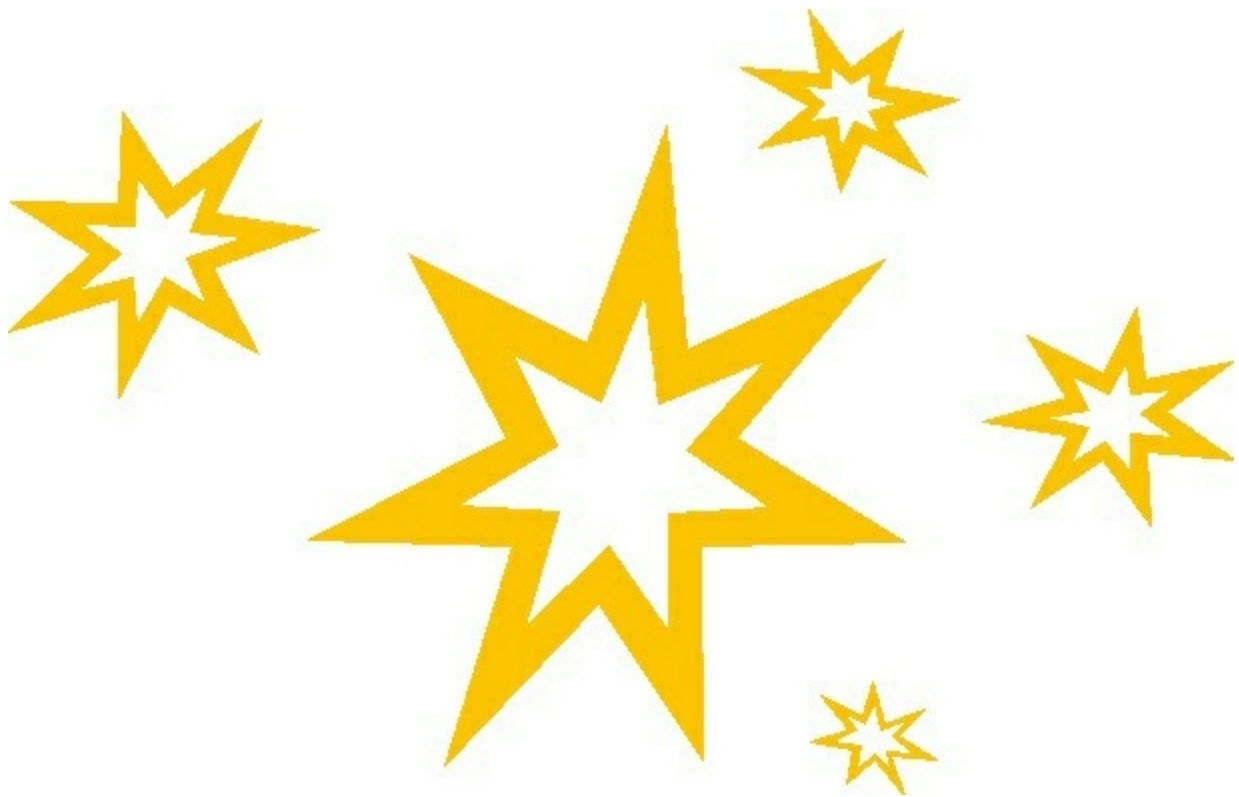
Meu anjo sim
Palavra cantada

Faded
Alan Walker

Strangers in the Night
Frank Sinatra

A sua (Sintomas de saudade)
Marisa Monte

Tempos modernos
Lulu Santos



DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Normalmente o processo de escrita de uma história é muito solitário. Tudo acontece entre autor e seus personagens. Ficamos sozinhos com nossas criações, nas muitas horas que passamos frente a tela do computador e até em momentos de relaxamento, como durante o banho ou em sonhos. A mente vaga por esses mundos ainda tão desconhecidos e com pessoas que não existem. Contudo foi diferente com o “O viúvo da minha irmã”, quando tive a sorte de contar com o companheirismo e participação, mais do que especial, de cinco pessoas maravilhosas.

Foram elas que me empurraram e fizeram persistir, que surtaram quando leram a metade do livro e me intimaram a sair de um forte bloqueio e continuar.

Foram elas que quase batiam panelas reivindicando capítulos novos,

que sonhavam com minha trama e que queriam virar personagens da história. E viraram, porque falar “obrigada” seria pouco para agradecer os empurrões, as dicas, os surtos, a dedicação e amizade que me dispensaram por meses a fio.

Aline Pereira, Aline Frazão, Juliana Magaldi, Luciara Santos e Val Gonçalves, vocês não têm ideia do carinho e gratidão que sinto!

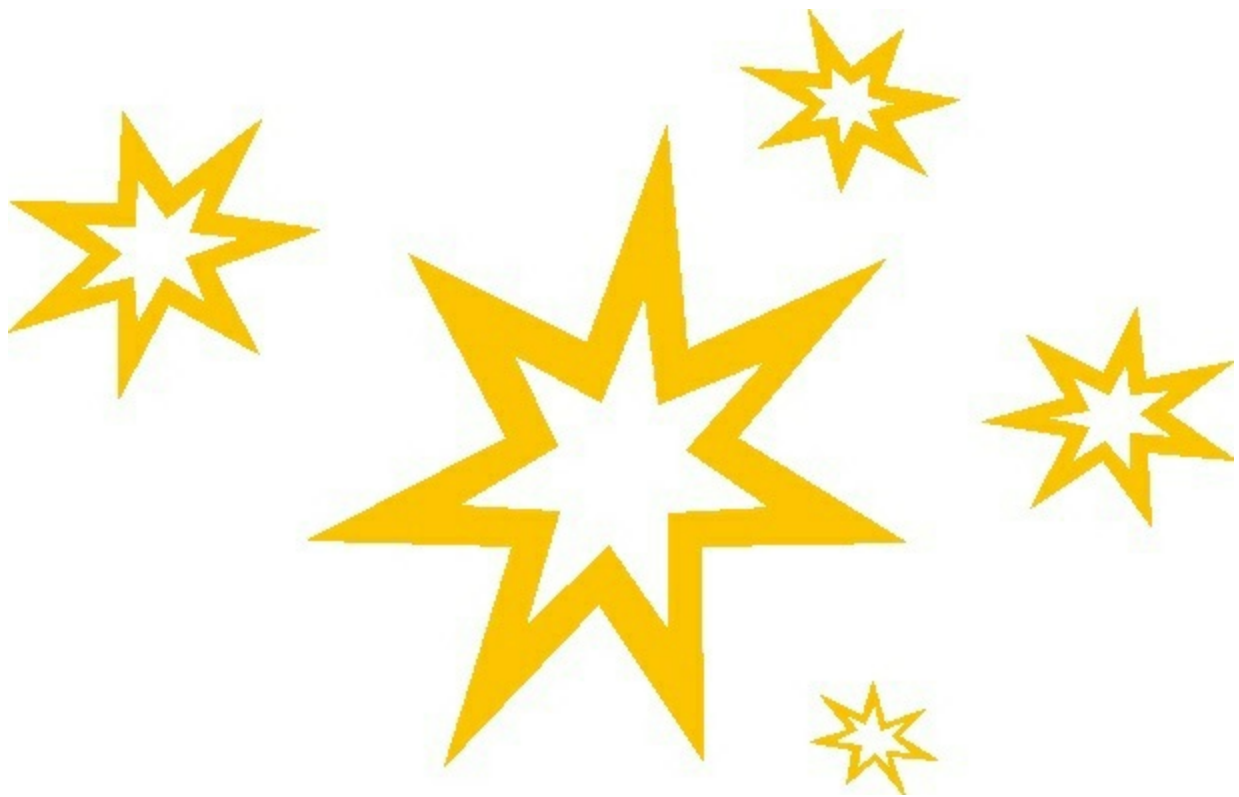
Gratidão essa que também se estende à amiga irritante, Claudia Vilas Boas, que está sempre ao meu lado, lendo minhas histórias em primeira mão, apoiando e ouvindo meus desabafos!

Muito obrigada leitores e leitoras queridas, que não só leem meus livros, como ajudam a fazê-los chegar a mais pessoas!

Muito obrigada as minhas parceiras divulgadoras!



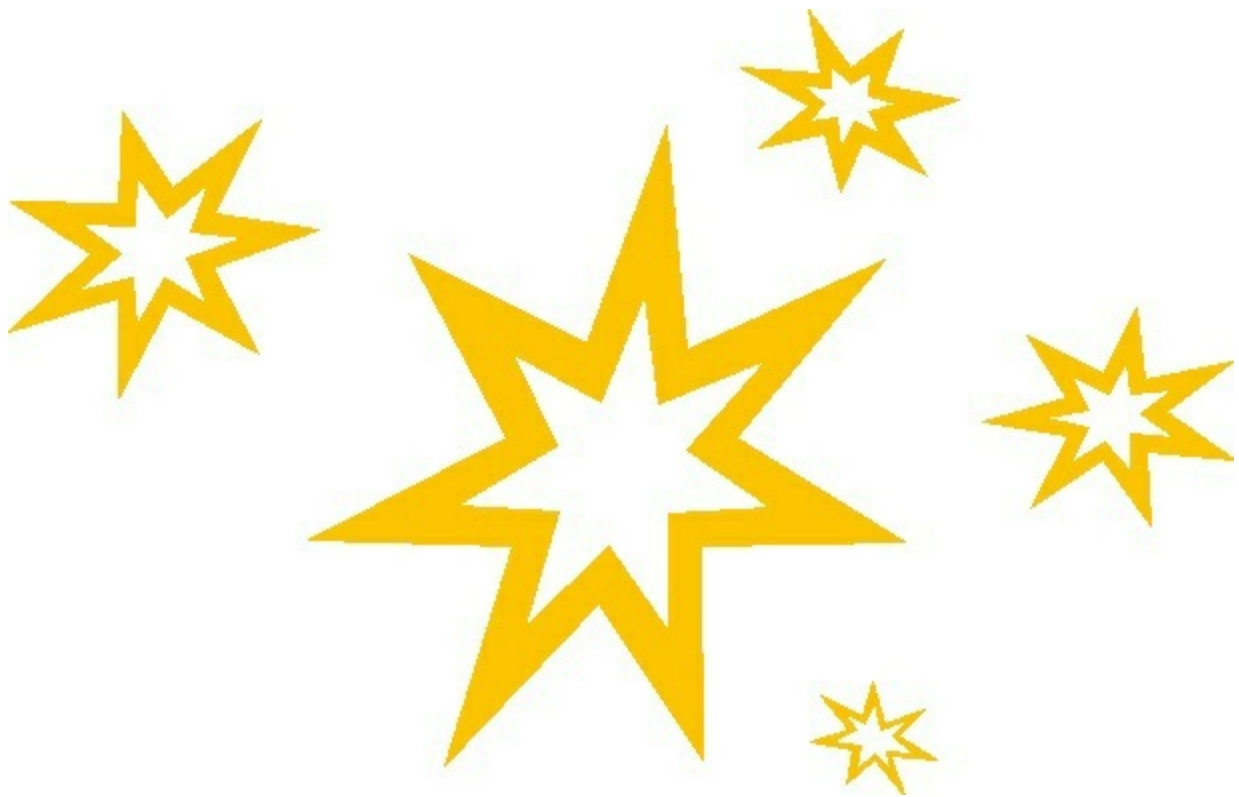
Dedico esta história a minha família, que suporta as minhas ausências, apoia e me ajuda e que eu amo mais que tudo na vida!



SINOPSE

O neurologista Daniel Marchetti só tinha em mente trabalhar e ser o melhor pai do mundo para o seu pequeno Rafael. Quase quatro anos após o assassinato da esposa, ele se dá conta de que precisa deixar o luto e resolve aceitar um inocente desafio de sua cunhada Raquel.

No entanto, o que era pra ser apenas uma noite de festa, acaba lhes abrindo portas que poderão levá-los ao inferno, quando uma mulher de seu passado reaparece, e com ela revelações capazes de aniquilar sua carreira e por em risco toda a sua família. Em meio ao caos, o médico se descobre apaixonado, e aquele sentimento proibido poderá levá-lo a destruição.



NOTA DA AUTORA

Felicidade!

Palavra que escolhi para definir a sensação maravilhosa de ter concluído mais uma história.

Quando lancei “Brilho eterno” não esperava manter contato futuro com os personagens, no entanto Marco, o antagonista do enredo, berrou tanto em meus ouvidos, que não me restou alternativa, senão atender ao seu pedido. E não é que o moço rude e mal humorado acabou conquistando o coração de todo mundo?

E agora chegou a vez do carismático Doutor Daniel Marchetti e seu adorável filho, o Rafinha.

Se você leu os livros anteriores, sabe que a viagem começa quando embarcamos no dramático “Brilho eterno”, um drama denso e real, capaz de inundar a embarcação com as lágrimas dos mais sensíveis...

Ficamos por um tempo atracados, tentando deixar o luto, e ainda que relutantes, seguimos viagem em busca de resgatar o Marco. Íris Blue, que eu considero um romance quente, vibrante, apaixonante, porém também é capaz de divertir. Uma história de pura redenção...

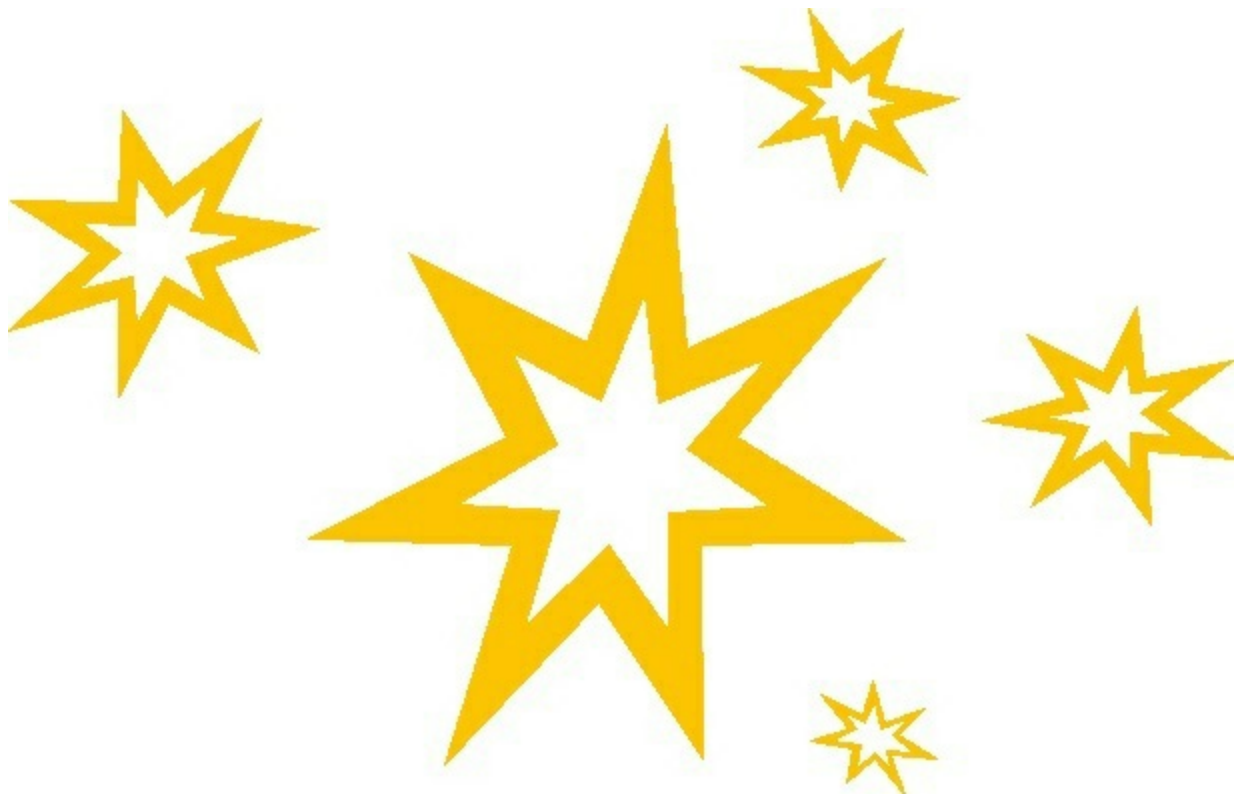
Agora, eu os convido para o novo e último trecho desta travessia. Vamos navegar pelas páginas de “O viúvo da minha irmã”, contudo esteja preparado para enfrentar águas turbulentas. É uma espécie de thriller, com narrativa eletrizante que te fará atracar e desembarcar com as pernas bambas, sem fôlego... Porque eu gosto mesmo é dessa diversidade.

Escrevi três histórias sobre um mesmo universo, porém completamente diferentes uma da outra.

Espero de coração, que vocês aproveitem a viagem e cheguem ao final com todos os tipos de sensações e emoções na bagagem.

Um beijo enorme e cheio de amor,

Edna Nunes



PREFÁCIO

Escrever um prefácio pode significar muitas coisas: abrir para os leitores as portas de uma história; compartilhar as experiências que tal leitura causou; conversar sobre a escrita da autora, ou simplesmente, agradecer pela oportunidade de ler em primeira mão um sucesso!

Sem conseguir optar por um destes caminhos, tentei combiná-los e por isso começo agradecendo pelo ensejo de ter vivenciado o amadurecimento deste livro.

Edna, você é para mim, não só um escritora brilhante, mas uma amiga querida e mentora dedicada. O cuidado na construção do enredo, na condução da história e na revisão de cada detalhe mostra todo o seu respeito aos leitores.

Pensando com carinho sobre cada linha que li e reli concluo que devo começar dizendo que: “O Viúvo da Minha Irmã”, é uma obra que fecha uma

trilogia que se iniciou com um livro que, até então, era solo. “Brilho Eterno” possui uma especificidade rara: uma narrativa completa, redonda, porém que permite desdobramentos. Por possuir um enredo denso e personagens intensos impôs-se, após o lançamento, a necessidade dos *spin-offs*. Daniel, Marco, Rafinha, Raquel, Iolanda e tantos outros personagens marcantes, tinham muito mais a contar. Eles pediram passagem e Edna Nunes, generosamente, presenteou-nos com mais dois livros marcantes.

Confesso a vocês que tenho dificuldade de tratar este livro e “Íris Blue” como *spin-offs*. Digo isso porque ambos possuem a mesma característica de “Brilho Eterno”, ou seja, uma história que se completa em si, apesar de trazer linhas nítidas de continuidade com as histórias anteriores. Desta forma, quem se propuser a ler qualquer um deles de forma independente e/ou aleatória desfrutará de um excelente enredo. Por outro lado quem fizer a trajetória percorrendo a trilogia poderá perceber a magnitude da ligação entre as tramas. Entenderá também como “O viúvo da minha irmã”, costura delicadamente esse universo.

Se, em “Íris Blue”, Marco trouxe seu ponto de vista e sua angustia, ampliando não só nossa compreensão como também incluiu ao seu mundo a família de Íris. Agora Daniel nos levará de volta ao seio da família de Rafaela, que o acolheu. Ele abrirá seu coração ferido mostrando como estão todos após alguns anos do fatídico incêndio. Chegamos, também, ao emocionante momento em que reencontraremos Rafinha. Garanto a vocês que esse menino lindo aquecerá os corações.

Reencontrar personagens em novas tramas é um prazer que todo leitor conhece, ao nos depararmos com Daniel lembramos não só de seu passado, mas também de seu perfil. No entanto há muitas facetas a serem descobertas, não só da personalidade desse protagonista, como dos demais, que já podemos considerar como velhos conhecidos.

Os anos apaziguaram algumas dores? O amadurecimento mudou comportamentos? Essas perguntas serão respondidas assim que as páginas começarem a ser devoradas. Todavia muitas outras surgem garantindo um ritmo veloz e instigante a leitura.

O clima de suspense com nuances investigativas, que envolve o leitor, é um dos elementos que individualizam o livro em relação à trilogia. O rumo da história me surpreendeu totalmente. Por outro lado, a delicadeza da escrita da Edna é uma das marcas da continuidade, assim como a sua habilidade com elementos dramáticos. A história ainda reserva espaço para amizades,

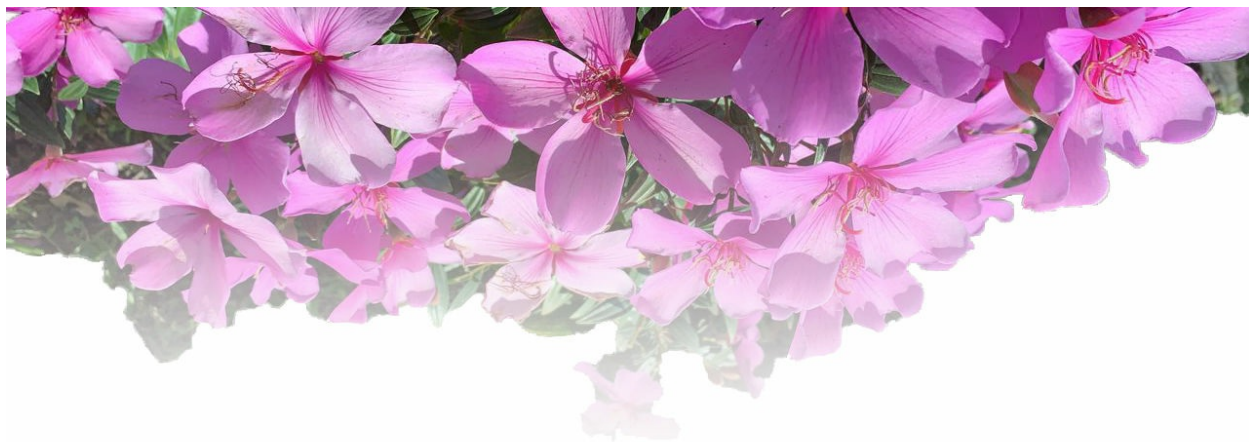
conselhos, brigas, perseguições e muito amor!

Como em outros livros da autora, pude refletir sobre aspectos da vida dos personagens e da minha própria. Derramei algumas lágrimas originadas de emoções que mesclaram felicidade, saudade e compreensão. E sorri muitas e muitas vezes!

Eu já tenho esse livro como mais um dos meus favoritos!

Juliana Magaldi

Escritora e Colunista da AvessoJu



PRÓLOGO

— Você precisa entregá-lo. Por favor, minha querida, entregue a criança.

— Não! Não pode tirá-lo de mim. Não se aproxime.

— Eu prometo que tudo ficará bem. Não confia em nós?

Ela se aproximava, cada vez mais. Apertei o menino contra o peito com muita força e, por Deus, dei graças, ele não acordou.

— Vou protegê-lo, meu amor — murmurei, fazendo muxoxo, com um resto de voz, temerosa e trêmula. — Não tenha medo.

As lágrimas incontáveis desciam e encharcavam meu rosto, deixando minha fragilidade aparente. Levantei o olhar apavorado para a figura sem alma que estendia os braços e tentava tirar o meu filho de mim. O semblante dócil se transformou em algo aterrorizante com enormes olhos negros e sem pupilas. O sorriso se alargou expondo dentes quebrados, grandes e amarelados. Os dedos longos e pontiagudos quase podiam me tocar e, se conseguissem, aquelas malditas unhas perfurariam a minha carne como lanças.

— Está tudo bem aí em cima? — uma voz gutural ecoou do andar de baixo e me pôs ainda mais alerta.

O desespero dobrou de tamanho. Eles deviam ser muitos e estavam por toda a parte.

Desviei da mulher desfigurada e corri em direção ao corredor. Fui alcançada e cercada pela figura horrenda, no alto da escada sinuosa, único

acesso à saída. Um homem, tão monstruoso quanto o ser que avançava contra mim, esperava atento, na sala, próximo ao último degrau. O olhar fixo em nós. Pronto para atacar, caso fosse necessário.

— Deixe a gente em paz, eu imploro — pedi exasperada, e protegi o menino, girando-o para a lateral de meu corpo franzino.

— Dê a criança — ela exigiu, rude e ofensivamente, e conseguiu alcançar a ponta da manta macia que o cobria.

Vê-la vulnerável e de costas, no alto dos degraus que levavam ao andar de baixo, fez-me apostar todas as fichas na única arma que dispunha. Chutei-a com toda a força que consegui juntar. As esferas negras quase saltaram de suas órbitas, quando meu salto atravessou o seu abdome seco. Por instinto as dez garras cravaram em meu tornozelo e me desequilibraram. Fomos levados com ela, rolamos os três, escadaria abaixo.

O atrito de nossos corpos virando cambalhotas e debatendo pelo mármore frio, somado aos gritos que escapavam de nossas gargantas, fora alucinante. A cena era digna de thriller de terror. A mulher estava abaixo de mim. A face esmagada no piso, a cabeça retorcida e suspensa pelo pescoço quebrado, os olhos estanhados, a perna direita virada para o lado oposto e um osso pontudo exposto na altura da coxa. A dor em meu braço era excruciante, definitivamente, eu também o havia fraturado. Tentando ainda recuperar os sentidos procurei pelo menino, o pavor de que alguém o levasse dali, fora milhões de vezes mais cruel que sofrimento físico.

— Nãoooooo — urrei quando o homem, mais rápido que eu, aproximou-se e pegou o pequeno, inerte, do chão.

— Vai ficar tudo bem, filha... — ele rosnou e eu me rendi a maior tortura que já sofri em toda a minha vida.

Zunidos distantes me enlouqueceram e ainda que eu tapasse os ouvidos, o ruído só aumentava. As ambulâncias se aproximavam e policiais invadindo a casa foi tudo que consegui visualizar antes de sucumbir para sempre ao inferno...

*Não sei se tu tens um anjo
Que eu tenho um anjo sim
Meu anjo é um pequenino
Que agora vai dormir
Dorme meu anjo lindo
Meu menino serafim
Que o sono vem vindo*

*Pra levar você de mim
Porque está na hora
Na hora de dormir
Dorme meu pequenino
Dorme meu querubim*

(Canção de ninar: “Meu anjo sim”, Palavra Cantada)



CAPÍTULO 1

...Nada há o que não possamos fazer. A vida não é bela todos os dias, nem sempre encontraremos a sombra de uma árvore para descansarmos. Durante o percurso, pelos caminhos árduos, os raios do sol intenso acabarão por serem desgastantes, assim como as tempestades;

É comum que em alguns momentos, sintamo-nos tão impotentes, pequenos e pobres de espírito, mas está tudo bem, se isso for breve, pois é irreal.

Ao longo dos cinco anos de curso, muitas vezes pensamos em desistir, duvidamos de nossas capacidades, questionamos as nossas escolhas, porém em todas elas, algo mais forte nos impulsionava e dava força para continuarmos. Aprendemos a cuidar do inconsciente, diagnosticar distúrbios, interpretar sonhos, analisar os motivos dos atos falhos e não nos sentíamos capazes de encontrar nosso próprio eu, descobrir as próprias limitações. Fomos guerreiros sendo preparados para ajudar pessoas a enfrentarem suas guerras e lutamos, bravamente, contra as desmotivações, os percalços, as rasteiras da vida, as perdas tão difíceis de aceitar.

Somos gratos a Deus que sempre esteve ao nosso lado, mesmo quando achávamos que estávamos sozinhos; aos mestres que nos guiaram e nos formaram psicólogos; aos nossos pais, pelo apoio e amor incondicional,

mesmo que sempre seguidos de puxões de orelhas. Às nossas famílias: maridos, esposas, filhos, pela paciência e por muitas vezes terem sido usados como instrumentos de pesquisa; aos nossos entes queridos que partiram, porém nos deixaram belas lições, além de muita saudade. Saudade que nunca acaba.

Sou grata pela oportunidade de representar a turma de formandos do curso de Psicologia e encerro com um dos mais sábios ensinamentos, que tive a oportunidade de ouvir um dia, que se tornou quase um lema para minha família e que cabe a cada um de vocês, aqui presentes.

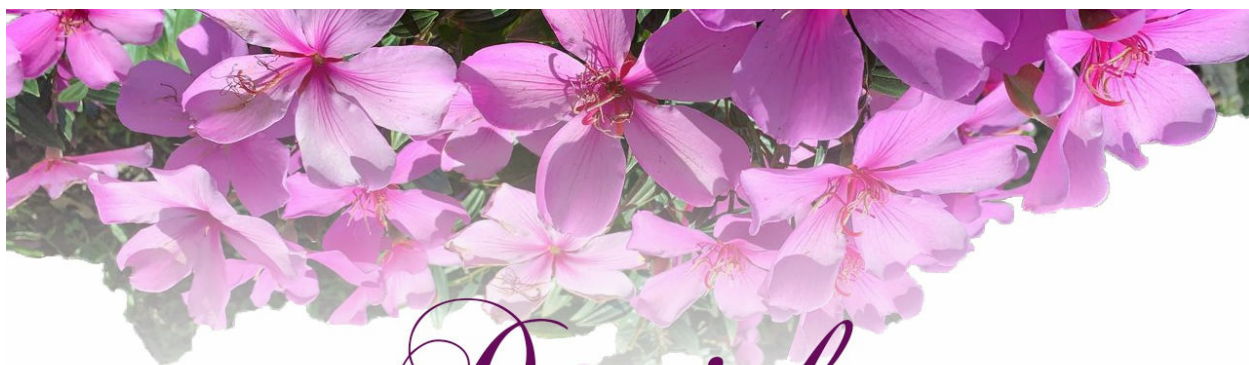
Meus caros colegas formandos, professores, amigos e familiares nunca esqueçam:

“Não importa o quão efêmera seja essa vida, nós a faremos eterna, se deixarmos algo bom ao passarmos por ela. Somos todos luz, que jamais se apaga, um brilho eterno!”

— *Pare de chorar, por favor! Pare, pare...*

Só queria que se calasse. As mãos trêmulas cobriram os ouvidos. Não podia mais escutar, eu não queria mais ouvir...

— *Não me olhe assim... Por favor! Pare!*



Daniel

CAPÍTULO 2

Ah! Mas era o sonho da Rafaela... — Eu pensava.

— E quando recebemos, depois de enfrentarmos toda a burocracia, a autorização para abrimos as portas do *Instituto Brilho Eterno*, um misto de emoções saltou em meu peito. Fiquei agarrado ao meu filho, de pouco mais de um ano, que tinha dormindo nos braços, e chorei como criança; pela alegria de poder realizar o que minha esposa queria tanto e de tristeza por ela não ter tido a chance de viver aquilo.

— Acho que seria bom falar sobre esses sentimentos, doutor Daniel.

— Eu havia me dado conta de que construir um prédio para abrigar a instituição e reconstruir o casarão, que Rafa amava tanto, não apaziguara a dor. Não fora o suficiente para trazê-la de volta para nossas vidas. Era uma utopia. Uma ilusão infantil, à qual me agarrei como se pudesse ser verdade. Não era, e eu sabia, tanto quanto soube que jamais veria o brilho de seus olhos de novo, depois que se fecharam naquela manhã. Foi excruciante ter que aceitar que nada que fizesse a traria de volta.

— Sabia que sua mulher não sobreviveria, obviamente, agarrou-se a um fio de esperança...

— Não aceitaria, até que fosse fato. Apesar de ser médico e como tal ter consciência de que era impossível, ainda assim, acima disso, sou humano.

— Entendo. É claro que é... — Ela limpou a garganta e esperou que eu continuasse.

— Com o passar dos dias recebemos os primeiros “hóspedes”. É assim que nos referimos a eles. Um casal de idosos da comunidade vizinha, cuja filha precisava trabalhar fora para poder sustentar os pais, os filhos e a casa. Janice era deficiente visual por decorrência de um glaucoma, Rubinho, aos setenta e oito anos, bastante debilitado, com sérios problemas cardíacos e diabetes.

— Mary foi nossa primeira enfermeira contratada e os recebeu com abraços, checkou seus sinais vitais... Raquel, minha cunhada, psicóloga, quis saber o que gostavam de fazer em suas manhãs e tardes, quais eram suas queixas e expectativas em relação àquele lugar, e a resposta foi no mínimo surpreendente:

“Queremos nos divertir como naqueles filmes da sessão da tarde em que velhos são engraçados, dão um pouco de trabalho, mas no fim acabam sendo muito felizes antes de partirem!”

“Acho que isso não será difícil de conseguirmos fazer, se nos ajudarem!”

— Aquele momento fez a moça, sempre tão forte e sorridente, chorar, segurando às mãos deles. Todos ficaram emocionados.

— Como não ficar, doutor Daniel? — A terapeuta sorriu de maneira contida e com emoção.

— Por um bom tempo Rubinho e Janice ficaram sozinhos conosco. Passeavam, cuidavam dos jardins do casarão e assistiam ao filme da tarde enquanto tomavam chá. Mary lia romances para Nice e adorava as gargalhadas quando algumas histórias a faziam recordar sua juventude. Escondida do marido, ela contava suas aventuras amorosas.

Fiz uma pausa e, sob o olhar atento da profissional, continuei...

— Quel se divertia, Rafinha chamava todos de vovô e vovó e os fisioterapeutas se revezavam, diariamente, auxiliando-os nas manobras. Mary trouxe um professor da Biblioteca Pública, para ensinar Braille à Nice. E as voluntárias começaram a aparecer, trazendo linhas e agulhas para tricotarem; além das cabeleireiras e maquiadoras, que ajudavam a manter a autoestima, de todo mundo, em alta.

— Está me expondo um cenário maravilhoso!

— De fato! Desde então, jamais deixamos de ter assuntos em casa. Nunca mais jantamos em silêncio ou tristes e nem nos arrependemos. Outros idosos vieram e ficaram; alguns precisaram de nós por um tempo mais reduzido e, infelizmente, tivemos algumas perdas. Rubinho fora uma delas.

Contratamos novos colaboradores, organizamos uma horta cultivada pelos nossos convidados, e um salão de bailes para comemorarem os aniversários. Recebemos algumas doações anônimas e bastante generosas e, o mais incrível é que percebemos que não estávamos ajudando tanto quanto estávamos sendo ajudados.

— E, finalmente, você entendeu qual era o verdadeiro sonho da Rafa. Certo?

Assenti e baixei os olhos. Não conseguiria falar mais nada.



Tive dias, principalmente noites, bem tensos. Houve ocasiões em que larguei o bom senso e bebi um pouco além da conta; perdi a calma com pessoas que falaram sobre ter que aceitar os desígnios de Deus; condenei-me por não ter sido capaz de salvá-la; e muitas vezes, parei o carro em frente à mansão do Marco e quis entrar lá e *quebrar a cara* dele, porque também o culpava pela minha incapacidade de tê-la protegido.

Então ia para casa e Rafinha engatinhava para mim, gritando de alegria por me ver. Uma felicidade efêmera, que durava até que o sono o dominasse e apenas para me lembrar do motivo de precisar estar vivo e continuar. Quando ele dormia, junto com o silêncio e na escuridão da sala de estar, vinha aquela dor implacável e cada vez mais excruciante, e mesmo quando as palavras não se soltavam de minha garganta, sabiamente, Iolanda, minha sogra, sentava ao meu lado e me abraçava:

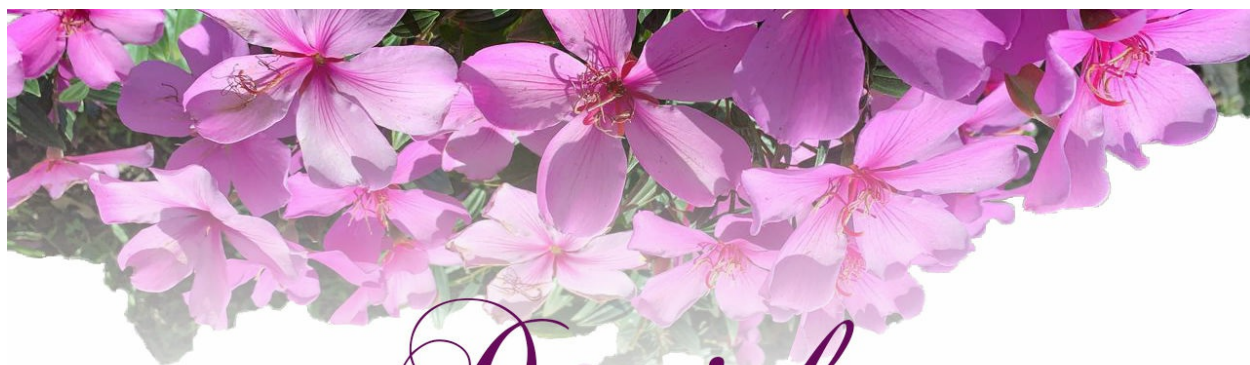
— Vai passar, filho querido. — Suas lágrimas silenciosas destoavam de meus soluços que chegavam a me machucar o peito.

Aquilo se repetiu incontáveis noites até eu perceber que ela estava certa. Com o passar do tempo, ainda doía, porém de maneira suportável.

Eu era assediado todos os dias no trabalho, mas demorei muito a voltar a me relacionar com outras mulheres. Algumas amigas queriam me consolar com algo além de palavras de conforto, quando tudo que eu precisava era viver o luto. Findos os dois primeiros meses, achei que era hora de procurar ajuda profissional e comecei a fazer terapia e só quando soubemos que Giordana fora a verdadeira responsável pelo incêndio é que

algo de fato mudou dentro de mim. Parei de ir à psicóloga e uma barreira se quebrou diante de meu inconsciente. Foi como conseguir passar a primeira fase de um jogo, difícil, no entanto não tão complexa como as próximas que ainda viriam.

— *Por que estão fazendo isso? Eu prometo não repetir, mas, por favor, deixem que ele fique comigo. Quero que fique aqui... Mãe, por favor... Quem são vocês? Não o levem pra longe de mim.*



Daniel

CAPÍTULO 3

Apesar de exausto, precisava fazer as visitas aos pacientes, antes de deixar o hospital. Passava das vinte horas e alguns já esperavam há algum tempo pela alta. Minha maior preocupação era com os idosos mais graves que aguardavam resultados de exames e que nem sempre eram os esperados. Cruzei os corredores silenciosos, ignorando os quartos, em direção ao posto de enfermagem.

— Ainda aqui, doutor? Muito movimento lá em baixo?

— Sim, a emergência estava lotada. Preciso dos resultados do senhor Alfredo. Chegaram? — Fui direto ao que havia me levado até lá.

Levantei o tampo do balcão, de lado, empurrei o pequeno portão e dei alguns passos até o escaninho para checar os prontuários.

Eu percebia os olhares gulosos da enfermeira e muitas vezes não sabia direito como ignorar, tão evidentes eram. Aline se aproximou e quase colou em mim. O posto de atendimento era minúsculo.

— O raio-X de tórax já está no quarto. Os laboratoriais estão todos aí, eu mesma os arquivei.

Alcancei os papéis e a prancheta com a ficha que precisava e desviei dela pela segunda vez.

— Obrigado. — Ri sem mostrar os dentes e antes que conseguisse atravessar o balcão, ela me interrompeu como eu já esperava.

— Doutor Daniel, você vai à festa de confraternização no sábado? — A voz soou ainda mais insinuante do que era habitualmente. — Se for, pode me dar uma carona? Moro bem perto de sua casa.

— Não, Aline, eu não irei.

— Toda a neurologia vai.

— Não costumo participar desses eventos — Quis encerrar o assunto, porém ela era insistente e só consegui dar alguns passos...

— Doutor Dan... — parei, inspirei e virei.

— Que tal um Uber? — Fora a única forma de fazê-la entender o significado de um “não” e só então, pude seguir ao que de fato importava: meus pacientes.

Tornei-me uma espécie de disputa entre enfermeiras, fisioterapeutas, assistentes e médicas, desde que me tornei viúvo, o mais jovem e cobiçado do hospital. O mais incrível era que não me lembrava de ter sido tão assediado nos tempos em que era solteiro. Raquel afirmava que era devido a minha história. O drama vivido ao perder minha mãe e seu Zé, em datas tão próximas e, principalmente, a forma drástica como perdemos a Rafaela. Isso fazia com que, a princípio, as pessoas sentissem comoção, seguida por idolatria e que, posteriormente, transformava-se em algum sentimento confundido com amor. O fato era que fantasiavam a respeito daquela experiência. Como se eu fosse um tipo de herói.

A fama surgiu a partir dos noticiários da época do fatídico incêndio. Fui obrigado a me afastar do computador, privar-me de navegar na internet ou assistir aos jornais. Evitava qualquer busca além das necessárias pesquisas por medicamentos. Passados três anos, ainda não conseguia lidar com as lembranças de manchetes sensacionalistas que exploravam o fato de eu ter salvado Marco e deixado que Rafaela morresse, eu mesmo não consegui jamais me conformar.

Visitei quase todos os apartamentos e virei à esquerda no pequeno recuo que dava acesso a outros dois, inclusive ao do último paciente que visitaria. Entrei após bater na porta e cumprimentei a acompanhante que tentou sorrir aliviada por me ver. Uma senhora bastante idosa e que parecia aflita por notícias, além de exausta. Chequei o prontuário sob o seu olhar apreensivo. Ele não apresentara mais febre e os exames laboratoriais estavam normais. Um alívio, depois da pneumonia bastante importante, adquirida durante o tratamento, após ter sofrido um AVC. Foram muitos dias para combatê-la e um grande esforço para evitar que precisasse de UTI.

— Muito bem, seu Alfredo, finalmente, podemos voltar para casa. Estava na hora, não é?

— Já passou da hora, doutor — a resposta foi da esposa, já que ele tinha dificuldade de se expressar.

Com o passar dos anos, na neurologia, aprendi a decifrar cada um daqueles olhares. Todos os doentes, vítimas de graves traumas neurológicos, limitados e dependentes, traziam nos olhos um lamento, uma súplica desesperadora para que os compreendêssemos e dessa forma, amenizássemos seus sofrimentos. Naquele momento, seu Alfredo estava grato e aliviado, e eu também.

— Isso mesmo. Vou assinar a alta para amanhã — informei ao idoso e dei atenção à senhora gentil que sorriu confortada com a informação. — Ele precisará continuar com toda a medicação de uso contínuo. E quero vê-lo daqui a alguns dias no consultório, está bem? E não pense duas vezes em procurar o hospital se algo diferente acontecer.

A reação também já era esperada. Todos concordavam rapidamente. Só importava sair o quanto antes. Como se qualquer hesitação pudesse mantê-los ali por mais tempo. O que seria um crime.

Despedi-me deles e assim encerrei o expediente. Ao sair, deparei com a porta do apartamento ao lado, aberta. Estava vazio. Fui puxado como um imã para o cômodo em que estive por tantas vezes para cuidar do seu Zé e onde conheci uma fada, a minha fada.

Fechei a porta atrás de mim e recostei nela. Já havia estado ali por muitas outras vezes, na correria do dia a dia, no entanto era a primeira vez que via aquele leito vazio e arrumado à espera de um novo enfermo. A rotatividade era sempre intensa. Olhei para o canto e a vi, ao lado da porta de vidro, que levava à área externa, onde os pacientes tomavam sol. Falava ao telefone e parecia nervosa. Então nossos olhares se cruzaram e paralisaram um no outro. Alguma mágica aconteceu.

— *O universo...* — ela dizia.

As lágrimas que eu segurava com competência em praticamente todas às vezes, desceram livres por meu rosto. Por todo aquele tempo, tentei, de todas as formas, mantê-la presente em minha vida, de outro jeito não teria forças. No entanto, eu a sentia cada vez mais longe, porém não naquele momento.

— Por favor, Rafa. Não se afaste de nós — pedi e deitei encolhido, no pequeno sofá, ao lado da cama hospitalar. No mesmo, onde nos sentamos

tantas longas madrugadas, tentando nos ampararmos e fingindo que não estávamos apaixonados.

— *Jamais sairei de perto de vocês. Precisa confiar, Dan.*

Solucei e por um momento, tive a sensação de sentir o perfume dela, de ouvir sua voz, o som de sua risada como um eco reverberando por todo o ambiente. A saudade fazia aquilo ser real.

— Por que tem que ser tão difícil? — sussurrei a mim mesmo. — Às vezes, parece que vou enlouquecer.

— Doutor Daniel? Desculpe entrar assim... Não sabia que estava aqui. Vim vistoriar o quarto e — Aline interrompeu a fala, talvez por ter percebido que eu chorava. — Está tudo bem?

Naquela altura, já de pé, eu disfarçava ao tentar limpar as lágrimas, mesmo sabendo que era impossível que passassem despercebidas.

— Está tudo bem, obrigado. — Passei por ela de cabeça erguida e voltei à postura de médico. — Vou deixar a alta do seu Alfredo assinada — avisei e caminhei a passos largos para o posto de enfermagem.

Logo após preencher a papelada, dirigi apressado para casa. Eu precisava estar perto do meu filho, só ele me acalmaria.

Bob sapateava feliz esperando que o portão deslizesse, lentamente, sobre o trilho. Aquela euforia não era mais surpresa para mim. Abri a porta do carro e antes que descesse, ele estava com as patas dianteiras sobre minhas pernas. Acariciei o seu dorso e o focinho, já quase todo recoberto de pelos brancos, entre dourados. Era a hora de nosso bate-papo diário.

— Você está ficando velho, amigão. Aliás, estamos os dois ficando grisalhos. Onde está seu osso Bob? Vá buscar.

Ele ia. Pegava um dos muitos que Rafael comprava nos pets e trazia como um prêmio, demonstrando a alegria que sentia por estarmos em casa. Então, eu atirava para longe o brinquedo e o Golden corria para buscá-lo, incansáveis vezes.

A sala estava silenciosa quando entrei e cumprimentei Iolanda, que fazia seu crochê, sentada num dos sofás.

— Onde está todo mundo? Que silêncio!

— Boa noite, filho. — Minha sogra olhou por cima dos óculos, sorrindo. — Osvaldo está no banho. Rafinha já dormiu. Estava exausto. Brincou muito com a Quel! — Iolanda contou devolvendo a agulha e linha, para a cesta que havia no chão, ao seu lado. — Ela o levou para cama faz pouco tempo. Aqueles dois, você sabe como são quando estão juntos. —

Levantou e tocou carinhosamente meu braço.

— Não consegui chegar mais cedo.

— Pode ir ficar um pouco com ele se quiser, enquanto sirvo o jantar.

Você me parece cansado e deve estar com fome.

Ela já me conhecia a ponto de saber que naquela noite, eu estava mais deprimido que o normal. E também entendia que só Rafinha conseguia me trazer à superfície.

— Sim. Vou dar uma olhada nele.

Passei no lavabo para higienizar as mãos e subi para o quarto de Rafael. Encontrei a Quel sentada de lado, sobre as pernas, no chão, ao lado da cama. Ela acariciava a cabeça do sobrinho, pensativa. Senti-me feliz com a cena. Era maravilhoso saber o quanto meu garoto era amado por aquela família. Minha família.

Recostei no batente da porta. Cruzei braços e tornozelos e fiquei por algum tempo contemplando-os, o suficiente para que a imaginação substituísse a figura da tia, pela da mãe de Rafael. Ela estremeceu ao perceber minha presença.

— Cara, que susto! — sussurrou, para não acordar o garoto.

— Desculpe — pedi, também falando baixinho e me aproximei. — O piá já dormindo pesado...

— Ele desmaiou. Mamãe deu banho, mas que nem adiantou. Corremos pra caramba com o Bob. Pense em três criaturinhas felizes. — sorriu com meiguice e tirou os cabelos da testa do garoto. — Olha, está suando. — avisou ao levantar os olhos brilhantes, para mim. — Sente aqui — convidou, dando umas batidinhas no chão ao seu lado e eu obedeci.

— A emergência estava lotada, acabei me atrasando — expliquei acariciando as perninhas do menino corado, em sono profundo. — Ele perguntou por mim?

— O tempo todo. É um grudento! — Rimos, porém ambos não pareciam contentes de verdade.

Normalmente, Raquel agia com tranquilidade. Nunca superou a morte da irmã, no entanto tinha uma capacidade incrível de administrar a vida. Exaltava apenas o bom. Rafaela sempre a admirou muito por aquilo. Só que nem mesmo ela conseguiu encontrar algo que justificasse uma atrocidade como aquela que aconteceu.

— Tudo bem com você? — Estava curioso por saber o que a incomodava tanto.

— Acho que estamos todos, meio sem clima, né? Não pensei que ainda fosse mexer tanto com as feridas.

— Do que está falando, Quel? Aconteceu alguma coisa que eu deveria estar sabendo?

Rafinha se remexeu e jogou os braços abertos nas laterais da cabeça, esparramado e relaxado, arrancando-me um sorriso no mesmo segundo.

— Ah! Você não soube ainda? — A moça trincou os dentes e fez uma careta, esticando os lábios. — Saiu o resultado da sentença do Marco. Ele foi impronunciado. Está livre.

— Então foi por isso... — resmunguei ao ver algum sentido nas sensações sofridas no hospital.

— Isso o quê?

— Nada. Quero dizer, já era o esperado, né? Partindo do princípio de que não foi ele...

— Tá — Quel me interrompeu. — Já sei... — Sentou sobre os calcanhares e bufou impaciente, como se estivesse indignada com si mesma. — Sei que não foi ele, mas tá errado não conseguir perdoar? Não consigo partir desse princípio aí, de que não foi o cara, porque indiretamente, a atitude dele é que levou a malévola a colocar fogo na casa, *tá ligado*? Para mim foram eles, todos eles, ponto, fim, acabou, sem mais...

— O jantar está na mesa. — A voz de Iolanda ecoou do andar de baixo.

— Não, Raquel. Não é errado que pense. Porém o fato é que não podemos culpá-lo de algo que não fez. Não gosto dele. Nada muda sobre o que penso a respeito do seu mau caráter. Independente disso, sua mãe tem razão. Seria injustiça alguém ser preso por um crime que não cometeu. Ela sim, a tal Giordana, deveria apodrecer na cadeia. Precisa pagar por tantas maldades. — Era humanamente incapaz de não odiar aquela senhora.

Somente sentimentos ruins afloravam em mim, pelo simples fato de pensar naquela família.

— Mães como ela não deveriam procriar, concorda?

Assenti e mais uma vez tive a forte sensação de que Rafa estava se afastando. Como se houvesse um tempo, e estivesse se esgotando.

— Crianças, venham comer! — de novo, minha sogra nos apressava. Levantei e estendi a mão para ajudar Raquel a fazer o mesmo.

— Vamos descer. Sua mãe detesta ficar chamando “as crianças”.

— Ela pensa que temos a idade do Rafinha.

— Você não está muito longe dele.

— Ah, cara! *Tá me pagando* de criança é? Nada a ver. Eu sou adulta, *meo*! — debochou e depois me desafiou como costumava fazer com o Rafael.

— Quer apostar uma corrida? O último a chegar é mulher do padre. Rá!

— *Eu implorei, mãe. Foi por sua culpa.*

Todos te abandonaram... Até mesmo ela!

— *Estou tão perdida, mãe. Tão sozinha...*



CAPÍTULO 4

Eu deitei cedo, porém foi muito difícil dormir, naquela noite. A cama parecia desconfortável e cansei de revirar de um lado para o outro. Uma ideia surgiu em minha mente e digitei uma mensagem no nosso grupo, no celular.

Quel: *Acordadas, minas?*

Val *está digitando...*

Val: ***Como assim, acordada? Desde quando durmo com as galinhas?***

Quel: *Tá ruim de dormir. Rola tomar umas naquele bar, ali perto da Val?*

Mary *está digitando...*

Mary: ***Não posso, estou de plantão hoje. Idoso de noventa anos com Alzheimer que me chama de “vagabunda” como se fosse o nome mais fofo do mundo.*** — contou e mandou emojis de corações.

Val *está digitando...*

Val: ***Bora, lá. Meia hora, ok?***

Valdirene topou, como sempre.

Quel: *Bom trabalho aí: Ôh, “vagabunda”!* — es crevi, curtindo uma com a cara dela.

Mary *está digitando...*

Mary: ***Valeu, divirtam-se, meninas.***

Sabia que com aquelas duas, poderia me divertir um pouco e após algumas

taças de vinho, com certeza estaríamos rindo das nossas desgraças e com uma boa solução para tudo. Nada como ter boas amigas e, eu tinha as melhores.

Val não tinha chegado há muito tempo em minha vida, contudo o suficiente para sabermos que tínhamos muita coisa em comum e, a principal, que podíamos nos meter uma na vida da outra, com sinceridade e liberdade, sem *mimimi*.

Mary é como uma irmã mais velha. Divertida, lutadora e sempre foi muito entrosada com toda a família. Foi o braço direito da Rafa e do Daniel e depois, continuamos, cada vez mais amigas. Dar apoio, mais ouvir que falar e, ceder o ombro pra chorar, era o nosso lema. Ainda assim, vivíamos brigando.

Há algum tempo, Val entrou num barco furado, quando começou um casinho, por brincadeira com um psiquiatra, professor do nosso curso e acabou se apaixonando por ele. Fábio era esquisito e, no início, eu tinha uma cisma quase gratuita, por ele. Com o tempo, cada vez mais, via o quanto minha intuição estava certa.

A vida muitas vezes, obrigava a crescer, mas nem sempre era muito fácil enfrentar as situações impostas, com maturidade. Desde que perdi minha irmã, passei a ficar ainda mais seletiva e com um pé atrás em relação aos homens. Dava um passo de cada vez e sempre atenta para não cair nas mesmas armadilhas que a Rafa, quando casou com aquele infeliz. Enquanto eu me defendia, Val era atraída, quase que direto, para os braços de homens-problema.

Rapidinho, *me* enfiei num jeans rasgado e numa camiseta dos *Ramones* e passei apenas um batom *nude*. Ajeitei o pingente da *choker* de veludo preta que só costumava tirar para dormir e tomar banho e que foi um presente do Rafinha. Segundo mamãe, foi ele quem escolheu na lojinha de bijuterias de perto de casa.

Desci nas pontas dos pés para não fazer barulho. Quando passava pela sala de estar, tomei um susto ao perceber que não era a única pessoa acordada.

— Aonde você vai a essa hora, menina?

— Ahhhhhhhh!! — gritei depois de dar um pulo de dois metros de altura. — Caraca, pai! Quer me matar de susto?

— Quel, por que está saindo sorrateiramente?

— Não queria acordar ninguém, mas tô vendo que você também não conseguiu dormir. — Caminhei até ele e me curvei para beijar sua testa. —

Que foi velho? Não tá legal?

— Estou legal sim, por que não estaria? Só perdi o sono e resolvi assistir um pouco de TV, quem sabe ele me encontra. — Tirou os óculos e massageou a ponte entre os olhos.

— Então por que ela está desligada?

Joguei-me em seu colo como se tivesse seis anos de idade. Passei os braços ao redor de seu pescoço e deitei a cabeça em seu peito.

— Não tinha nada de bom.

— Ainda é tão difícil, não é? Será que algum dia isso vai passar, velho?

— Acho que jamais superaremos de verdade, mas quem estudou psicologia foi você. Acha que um dia deixaremos de viver como bombas-relógios, capazes de explodir a qualquer momento?

— Talvez quando a Giordana estiver atrás das grades, o que acha?

— Pode ser! Porém nem isso e nem nada trará sua irmã de volta.

— Mais um motivo para odiar aquela bruxa. Vou *pro* inferno por querer que ela se ferre? Que queime numa fogueira pra sentir o que é bom?

— Você é tão má assim, Quel? — Papai franziu a testa fingindo estar bravo, depois relaxou e sorriu. — Sente isso tudo de verdade?

— Desculpe por isso, pai!

— Ah, deixe disso, filha, você sabe que comigo pode ser autêntica. Sou seu pai, esqueceu? — Sondou minha reação e segurou meu queixo para que eu o encarasse. — Pra ser sincero, já contratei uma festa para comemorar o dia que aquela entojada for condenada a pagar o que fez. Quero que ela se dane. — Ele riu contidamente.

— Pai! — adverti. — Isso é sério? Que *massa*!

— Se me delatar para sua mãe, eu te deserdo. Ela não conhece esse meu lado perverso ainda, e dormir no sofá não é nada confortável.

— Amo tanto você, pai! — Pulei do colo dele ao perceber que estava me atrasando. — Prometo guardar seu segredo. Agora, por falar em festa, preciso ir. Vá pra cama — pedi e ajeitei a alça da bolsa no ombro. — É tarde para crianças estarem acordadas até essa hora! — brinquei e deixei um beijo na bochecha dele.

A barba mal feita cutucou minha pele, o que me fez lembrar quando éramos crianças e ríamos muito pedindo aquilo.

— Quer que te leve? — Ele já se preparava para levantar, seu Osvaldo era assim, todo prestativo.

— Não precisa, pai. Chamo um Uber. E não se preocupe, volto logo.



Era uma e meia da manhã de sábado e o bar estava fervendo. Val já esperava numa mesinha bem aos fundos, apertada num cantinho. Não era um dos melhores lugares, mas talvez o único que tenha conseguido naquele horário. Dei um beijinho nela e a resposta foi uma bela chamada de atenção.

— Quel, que cara essa? Nem te reconheci.

— Por que, sua doida?

— Tá esquisita. Fantasmagórica.

— Seja mais clara. Eu tô feia?

— Tipo, cadê o quilo de rímel e kajal que passa sempre pra deixar esses olhos mais verdes e perfeitos?

— Ah! Preguiça...

— Se bem que você nem precisa, Deus abusou da inspiração quando estava te criando: “*Que sejam os olhos mais amendoados do que as próprias amêndoas e mais verdes que a mais pura esmeralda!*”

— Meu Senhor, quanta merda!

— E aí o Cara ficou tão cansado usando todo o Seu poder de criação, que quando chegou minha vez, disse: “*Hoje estou com uma preguiça danada. Coloca aí um par de castanhos comuns, que tá de bom tamanho!*” — O mais curioso era que ela falava a sério.

— Eh, para com esse papo! Você é linda, amiga. Por que essa moral tão baixa hoje?

— É que você parece tão séria e velha, quando não se maquia.

— Porra, *velha*? Como assim, cara? O Dan me chamou de criança, hoje. Não entendo vocês. Ah! — Dei de ombros. — Não estava inspirada pra me arrumar e depois, a gente tem que amadurecer, né? Papai aconselhou a deixar as gírias de lado e me portar melhor profissionalmente. Meu cunhado ficou do lado dele, então fiquei convencida de que preciso dar uma maneirada. Estou me policiando, *tá ligada*?

— Minha filha! Você não *tá* no trabalho, estamos num *fervor* só, prontas pra encher a cara e dar uns *matches* nos gatos que estão circulando. O que *tá* pegando, Quel? Por que não conseguia dormir? E desde quando a

quantidade de rímel é fator determinante da maturidade de alguém?

— Estou inconformada com a sentença do Bittencourt. O cara tá livre agora. — Olhei ao redor e a retruquei. — E eu não tô vendo gato nenhum aqui.

— Você já sabia. Era quase certo! E tem uns bofes bons, sim. — Ela sinalizou para um garçom que passava no meio da galera. — Quel, eu sei que é muito difícil, mas... — O moço de camisa branca e avental preto, interrompeu nosso papo.

— O que vai ser, moças?

— Traz um vinho tinto seco, por pavor!

— Taça ou jarra?

— Taça — eu disse.

— Jarra — ela rebateu, ao mesmo tempo.

Ele olhou para uma e depois para outra. Levantou uma das sobrancelhas e deu um risinho.

— Jarra! — gritamos a uníssonos e rimos alto.

— *Demorô!* — brincou e saiu para providenciar o pedido.

Parecia impossível que o cara chegasse até o balcão, tendo que atravessar no meio daquele aglomerado de pessoas.

— Tá! O que a gente *tava* falando?

— Que você precisa tocar a vida e esquecer o que está acontecendo com o ex da sua irmã. Nada vai trazer a Rafa de volta.

— Eu sei! Todo mundo fala isso a toda hora, só...

— Quel, você não teve culpa!

— Às vezes, penso que podia ter feito algo. Éramos melhores amigas e não desconfiei que corresse perigo. Mesmo sabendo de todos os problemas que havia enfrentado com aquele nojento, todas as ameaças. Tipo, eu achava que ela estivesse livre dele. É como se a tivesse traído sabe? Não cuidei dela o suficiente, como sempre fez comigo.

— Que bobagem, Quel! Como você saberia? Não dava para evitar! Ninguém podia. Não se sinta responsável. Se isso fosse possível, ninguém morreria ou seria assaltado, etc. Não dá pra controlar as ações dos outros. — Ela apontou o indicador para o teto. — Só o Cara lá de cima e olhe lá!

— Que conversa mole. Eu não queria salvar o mundo. Só queria ter sido mais...

— Você foi parceira dela, o resto não era de sua alçada. Quer um conselho? Procure o teu ex-cunhado. Vomite na cara dele tudo que sente.

Talvez isso te alivie, amiga.

O garçom trouxe a jarra e nos serviu. Agradecemos e brindamos a nada. Apenas tocamos as taças no ar e bebemos sem muita empolgação.

— Nunca... — sussurrei, apenas para mim mesma.

Não era uma boa ideia me aproximar do infeliz, sob o risco de me tornar tão assassina quanto a malévola da mãe dele. Eu não suportava sequer pensar naqueles olhos azuis raivosos.

— Merdas acontecem, Quel. O tempo todo. Olhe a minha vida...

— Conseguiu se segurar nas últimas 24 horas? Ou já cedeu ao babaca?

— Hmmm — Ela torceu o nariz com cara de quem havia falhado em mais uma tentativa de se afastar do cara. — Fábio já sabe qual é o meu ponto fraco.

— E qual é esse ponto? Ele mesmo?

— Sim — disse e riu, mas no minuto seguinte me mirava com olhos marejados. — Eu não consigo dizer não a ele. Não sei quando isso vai acabar.

— Você precisa aprender ou será sempre a otária favorita dele.

— Pelo menos sou favorita em alguma coisa! — Só podia ser efeito do álcool.

— Ainda vai chegar o dia que ele vai rastejar atrás de você, amiga, e só o que vai dar pra ele será uma banana.

— Vamos brindar a isso!

— Vamos!

Batemos as taças de novo e depois de enchê-las algumas vezes, e dos muitos desabafos, seguimos mais leves, cantando com a dupla do “*Objeto Acústico*”, que mandavam muito bem e já faziam sucesso em Curitiba. Amávamos a semelhança, incrível, da voz do vocalista com a do Renato Russo.

— Um dia, Val, os babacas escrotos serão extintos da face da Terra — gritei levantando a bebida de novo.

— A esse dia... — ela gritou toda entusiasmada.

Mandamos *selfies* para a Mary e brindamos a ela também. Depois de uns dez brindes e muitas risadas, lá pelas quatro, chamamos dois carros pelo aplicativo e nos despedimos após um abraço caloroso.

— Mande mensagem assim que chegar — Val recomendou.

— Idem...

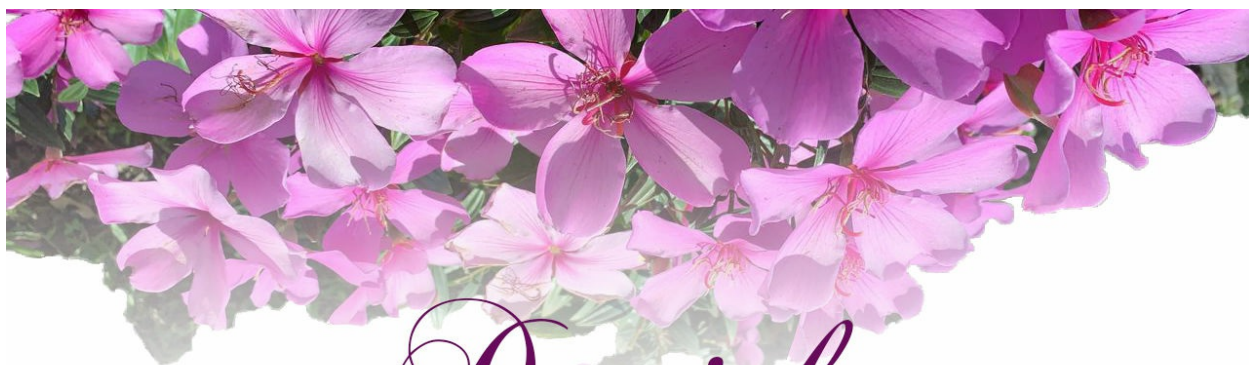
Entrei em casa e apesar do silêncio havia luz na cozinha. Fiquei

preocupada ao imaginar que papai ainda estivesse acordado, mas era Daniel quem estava sentado, desolado, tomando um porre, com uma jarra de água que descansava bem a sua frente. Seus olhos pareciam perdidos, à procura de algo que jamais encontraria naquele copo.

Ela estava tão depressiva. Eram os remédios. Não deveria tomá-los...

— Por que me abandonou, mãe?

*Eu te avisei! Todos aqui são maus... Logo o sofrimento vai acabar.
Prometo.*



Daniel

CAPÍTULO 5

A paisagem era bastante sinistra e só o que via eram algumas cruzes envoltas numa névoa densa e cinza. Ventava um pouco. O silêncio só se interrompia pelo bater de asas de alguns pássaros que, às vezes, sobrevoam o céu escuro, ou pela minha voz embargada. Tentava pronunciar mais que aquelas lamúrias, mas não encontrava palavras.

— Sua mãe diz que aqui não é o seu lugar e eu acredito. Você não ficaria estagnada num local frio e sem graça como esse, não é, meu amor?

— Quem velaria um corpo inerte e sem vida, quando se pode flutuar entre o céu e as nuvens? Brincar com as estrelas. Correr pelos campos, entre as borboletas e flores? — Ouvi a gargalhada gostosa e alta ecoando até sumir longe dali.

— Quantos sorrisos você já roubou aí onde está?

— Quero que sorria também!— Ela reapareceu e esticou os cantos dos meus lábios, com as pontas dos polegares. — Teu riso é tão lindo...

— Tem sido difícil para mim. As pessoas dizem que o tempo é capaz de curar as feridas mais profundas, eu penso que a minha jamais cicatrizará, ao contrário, sangra todos os dias. Cheguei a questionar o motivo de nossas atitudes. Para que tanta ganância, se tudo que precisamos é respirar? Por que estudamos tanto? Sonhamos com o quase impossível? Trabalhamos arduamente? Queremos acumular bens, amar, casar, construir uma família e estarmos preparados para o que virá. E o que é o futuro? Quem disse que

haverá um? — Descontrolado, pensava em voz alta. — Salvei tantas pessoas, quase todos os dias, em cada plantão, cada diagnóstico acertado, e o que pude fazer por você, Rafa? Não! Esse corte jamais fechará. Minha vida vem sendo de desconstrução de paradigmas! Deixei de acreditar em quase todos os meus padrões. — Eu já não a via mais...

— Dan, posso te ouvir – vir – vir - vir! Meu coração - ção - ção fica estraçalhado quando você se maltrata com esses pensamentos - tos - tos - tos. Por favor, meu amor – amor - mor - mor! Nosso bebê precisa de você - cê - cê ...

— É só por ele que suporto a dor que me rasga o peito todas as manhãs, desde que abro os olhos. — Chorei e desesperado, corri de um lado para outro a procura dela, ao redor. — Por que não consegui te ajudar, meu Deus!? — gritei.

— Eu precisava partir, Dan — Ela estava muito próximo de mim, sussurrando com voz doce, acariciando meus ouvidos —, não foi culpa sua. Não pode pensar em mim com toda essa tristeza no coração. É um pai maravilhoso e tem que ensinar ao Rafael a ser um homem digno como você. É através dele que vivo agora e vocês precisam seguir em frente, sem mim.

— Não! Por favor, eu imploro, Rafa, não nos deixe.

— Está tudo bem, meu amor! Eu te amo e isso não vai mudar. Serei sempre seu bri...

— Brilho eterno...

Acordei ofegante e suado. Acontecera de novo, mas pela primeira vez, Rafa se despediu. Era muito comum sonhar com ela e eram sempre bons momentos para mim. Porém acabava de voltar de um pesadelo. Sentei-me na borda da cama sustentando o tronco nos cotovelos, sobre as coxas. Massageei a nuca e respirei profundamente.

Estava escuro.

Conferi as horas, no celular. Era madrugada ainda. Estávamos na casa da Iolanda. Rafael ressonava na cama ao lado. Não precisaria levantar cedo, no entanto não consegui me manter deitado e desci para tomar água.

Na cozinha, recolhi Bob que estava na área coberta, nos fundos. Alerta, o cão percebeu o movimento e chorou para que eu abrisse a porta.

— Você também perdeu o sono, amigão? Ou fui eu quem te acordou?

Em resposta, ele esticou as patas dianteiras e levantou os quadris, espreguiçando, fazendo um ruído alto ao bocejar, exagerado. Fiquei feliz por

tê-lo ali comigo. Sentia-me muito só, mesmo quando cercado pela família da Rafa que adotei para mim e que me tratava como filho. Tornei-me uma espécie de irmão mais velho da Quel. Ela havia mudado muito desde que a conheci e cada dia se parecia mais com a irmã, contudo jamais fora tão dócil. Raquel se remoía pela perda irreparável e sofria por não conseguir perdoar os Bittencourt. Não a culpava, era mesmo muito difícil. Só o que não desejava, era que Rafinha crescesse contaminado pelo que sentíamos em relação a eles.

Não era só da esposa amada que sentia falta, mas também da minha mãe, seus conselhos e até os puxões de orelha quando demorava a visitá-la por conta dos plantões, desde a época da residência. E nem gosto de lembrar o quanto era bom quando chegava de viagem, nas férias, e ela me mimava, colocava no colo, fazia questão de cozinhar todos os meus pratos favoritos. Eu não tinha ideia de que um homem aos trinta e nove anos pudesse ser tomado por aquele tipo de nostalgia. Tornou-se quase impossível suportar as perdas e Rafael e o trabalho eram peças-chaves para prosseguir vivendo. E era bastante estranho não ter para quem ligar, nem que fosse apenas para perguntar se tudo estava bem. Num dia, tinha uma mãe preocupada em saber se eu estava agasalhado, se havia me alimentado e levando bolo de aniversário em meu plantão, noutro, velava-a. Nem deu tempo de dizer o quanto a amava e gostava daquilo tudo.

Bob dormia ao lado, e eu perdido nas lembranças, quando Quel parou diante de mim, com ar contestador, repreendendo-me por encontrar ali naquela hora.

— Qual é? Não conseguiu dormir?

— Dormi, porém acordei depois de uns sonhos.

— Sei exatamente como é — afirmou com a boca retorcida. — Foda!

— Senta aí. Vamos tomar toda essa água e jogar conversa fora.

— Ah, cunhado, não vai rolar. Adoraria tomar isso tudo contigo. —

Mostrou a língua, com nojo, e apontou o queixo para a jarra de vidro. — Tomei um porre de vinho e não aguento nem subir as escadas.

— Precisa de ajuda?

— Tá tranquilo. Subo de quatro se não der... Boa noite, Dan! — despediu-se, bocejando, e me fez rir.

— Amanhã é dia de passear com Rafinha e o Bob. Digo, hoje — avisei antes que deixasse a cozinha. Ela respondeu enquanto caminhava e sem me voltar o olhar.

— Se eu acordar, vou junto!

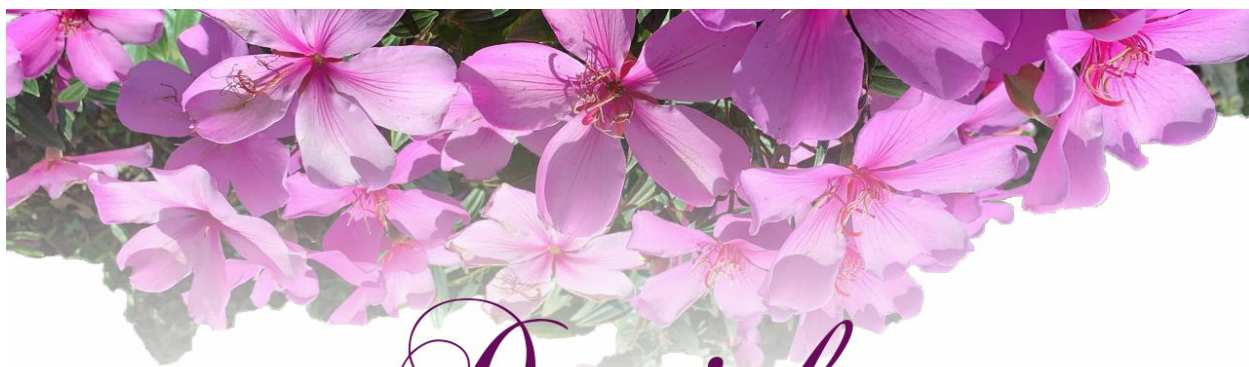
— Combinado! — Fez um sinal de positivo, sobre a cabeça e sumiu.

Tomei a água e rendido, sentindo o peso das pálpebras, também resolvi deitar por mais um tempo.

Os jornais on-line traziam todas as últimas notícias. Passei mais cedo numa das poucas revistarias que ainda existiam e comprei um impresso.

A tesoura deslizava rapidamente pela página de tinta fétida e forte, que sujava as pontas de meus dedos. O recorte estava perfeito como tinha que ser. Abri uma das pastas, peguei um maço de papel sulfite. Com uma régua esquadrinhei o local exato, fazendo pequenos pontos a lápis. Passei suavemente a cola em bastão, no verso de uma das folhas e fixei a reportagem.

Imprimi algumas fotos e, de novo, recortei, marquei, centralizei e decorei o espaço que antes era branco, frio e sem vida. Foram cinco novas folhas. Datei, intitulei cada uma, guardei-as nos plásticos, preendi-as aos grampos e fechei minha coleção, devolvendo-a, com cuidado, ao fundo da gaveta.



Daniel

CAPÍTULO 6

— Papai, dorminhoco. — Uma mãozinha macia acariciava meu rosto. — Acorde, papai. A vovó disse que já fez cafezinho — ele sussurrou, cuidando para não assustar e me aquecendo o coração.

Fingindo ainda dormir, sondei meu filho e um sentimento de felicidade tomou conta de mim. Eram os melhores momentos da vida. Rafael cruzou uma perna sobre o joelho dobrado, e desistiu de me chamar, rendendo-se a fome que parecia insuportável. A mamadeira era sugada com vigor.

Ainda de olhos meio fechados, virei e abracei o corpo pequeno e fofo. Distraído, ele acariciava os pelinhos do meu braço. De vez em quando, certificava-se de que eu ainda dormia, espiando pelo cantinho do olho. Ronquei estrondosamente e então, o menino já sabia que estava acordado. A gargalhada interrompeu a sucção do bico de borracha, porém ele foi mantido entre os dentinhos miúdos. Repeti o ruído, ainda mais forte, apenas pelo prazer de ouvir o som daquela risada que me fazia o cara mais feliz do universo. Ele tentava me imitar.

— Para de me imitar! — provoquei, sabendo qual seria a resposta, que ele aprendera com a tia.

— Mimi não tá.

— Mimi não tá — imitei.

— Para de *mimitá*.

— E onde ela está?

— Eu que não sei. — com a palma da mãozinha virada para o ar e os dedinhos bem esticados, ele deu de ombros.

— Você não sabe nada.

— Sei sim.

— Fale para o papai, o que sabe fazer?

— Tudo...

— Sabe falar chinês?

— Nãoooo — Ele ria alto.

— Sabe pilotar um avião?

— Nãoooooooooo — Mais risadas... — Só de brinquedo.

— O que você sabe fazer, então?

— Sei brincar com o Bob, jogar jogo — Rafa parou um segundo para pensar. — Ah, eu sei um monte de coisas...

— É filho, você é muito esperto. Já é um grande homem.

— Nãoooo, eu sou pequeno... — ele riu, como se tivesse falado de forma obtusa.

— E aí? Vamos passear hoje?

— O Bob pode? — Mais algumas sugadas e, a mamadeira ficou largada vazia, no meio da cama.

— Sim, com o Bob. Topa?

— *Topa*. — De bruços, Rafinha rastejou se preparando para vencer a barreira da altura da cama.

Puxei-o para mim e o coloquei montado na cintura.

— Onde pensa que vai, mocinho? Lute como um ninja ou não saíra daqui.

Mais gargalhadas, alguns golpes e muitos beijos desferidos por todo o rosto e, então, eu tinha os punhos presos nas pequenas garras.

— Mãos ao ar. Você está *prendido*!

— Não será assim tão fácil, meu caro! Seu pai é muito forte, um campeão.

— Eu também sou forte como uma tartaruga “índia”... Pah — Ele estava certo e os golpes que senti provaram aquilo.

— Ninja, Rafa.

Necessitava daquele contato, dos soquinhos, das gargalhadas, dos beijos, eu precisava daquele garoto muito mais do que ele de mim. Penteei com os dedos os cachinhos molhados, descolando-os da testa suada. Com

grande sacrifício, deixamos a cama.

Chegava a hora de tomarmos café, prepararmos uma mochila com mamadeiras, brinquedos, mudas de roupas e biscoitos caninos, e sairmos para um passeio.

Rafinha se acomodou ao colo da vó, tão logo nos juntamos a eles, na mesa de jantar. Como se ainda estivesse com muita fome, comia frutas que ela havia descascado e cortado em cubinhos para ele.

— Qual o programa para hoje, meninos? — A pergunta veio junto com a xicara de café com leite quente que Iolanda me passou.

— Passear e tomar sorvete, com o Bob — foi Rafinha quem respondeu e arrancou risadas dela e do meu sogro.

Qualquer coisa que o neto fizesse era motivo de diversão e orgulho. Ele era um garotinho esperto e bem-humorado.

— A Quel, não vai hoje? — Osvaldo indagou, acariciando as bochechas lindas do neto.

— Não, ela é dorminhoca — Rafa se intrometeu de novo.

— Disse que talvez. Deve nos encontrar mais tarde. Vou passar no *Brilho Eterno* e checar como estão indo as instalações dos móveis, depois preciso passar no hospital.

— Vão mesmo mudar para lá, Dan?

— Se eu te falar que não faço ideia do que farei, acredita? A única coisa certa é que não posso continuar, praticamente, morando aqui. Quanto a minha antiga casa, está fora de cogitação.

— Fique a vontade para decidir como achar melhor, Dan. Não é Iolanda? — Osvaldo afirmou, franzindo a testa e tocando a mão da esposa, pedindo sua aprovação.

— Por incrível que pareça, teu sogro tem razão, Dan. O casarão é uma ótima opção. Próximo daqui, junto ao lar dos idosos, com belo jardim e quintal enorme para o Rafinha e o Bob. É perfeito, porém aqui também é sua casa.

— O que é perfeito, dona Iolanda? — Raquel surgiu e a primeira coisa que fez foi tirar o sobrinho do colo da vó. — Ahh, piá! Você ia sair sem mim? Não “*quedito*”!

— Filha, ele está comendo ainda.

— É um guloso, esse gorducho da Quel — Rafinha jogou a cabeça para trás, gargalhando, ao sentir o nariz da tia lhe fazendo cócegas na barriga.

— Vai fazer o guri vomitar, Raquel — Iolanda a repreendeu, porém

não teve a menor atenção.



Os móveis do quarto do Rafinha foram todos instalados. Armários projetados para cobrirem uma parede inteira, em tons de branco e detalhes em azul, e uma escrivaninha com prateleiras na parede oposta.

— Cara, ficou lindo, não? — Quel se aproximou com o sobrinho no colo. Ele brincava com um cubo mágico e não prestava atenção ao que falávamos. — Eu pensei que aqui seria um closet.

— Não havia um na planta original.

— O casarão tinha mais de um século. Não eram comuns quartos de vestir...

— E para que precisamos de um?

— Como assim?

— Por que temos sempre que pensar que poderia ter mais isso ou aquilo? Perdemos pessoas importantes, que fazem muito mais falta do que um closet entulhado de coisas que nem chegamos a ter tempo de usar!

As costas dela se curvaram para colocar o Rafinha no chão. Enquanto o menino curioso caminhava em direção ao seu novo espaço, percebi a besteira que havia dito, ao ver os olhos estupefatos, dela, fixados em mim.

— Desculpe, Quel. Eu não quis ser ofensivo. Desculpe.

Era muito comum, eu soltar pequenos desabafos, acontecia o tempo todo. Não raro, procurava culpados para o que estava vivendo e no instante seguinte, sentia-me ainda pior, pois não concordava com a maioria daqueles pensamentos cruéis. Até estranhava a maneira como eles brotavam e aquilo me assolava. Era uma batalha interna entre mim e mim mesmo, mas costumava dizer que era com Ele, o Senhor dono do mundo, que adorava negociar o tempo todo.

— Eu te entendo, cara! Muito mesmo!

Era tão prazeroso poder traçar novos planos. Não ia mais demorar. Logo as coisas começariam a acontecer.

Não aguentava mais seguir seus passos de longe. Ele não usava redes sociais, exceto por uma conta privada no Instagram.

Estava feliz! Semana passada, deu uma entrevista para um canal de TV, que posteriormente e para meu deleite, foi publicada no Youtube. Sempre tão gentil e atencioso.

Eu poderia fazê-lo feliz. Sabia que precisava ter cautela. Faltava muito pouco para estarmos juntos.

Assistirei ao vídeo de novo, e de novo, e de novo...



CAPÍTULO 7

Éramos uma família de gente certinha, desculpando-se sempre quando só o que fazíamos era reagirmos como qualquer ser humano normal. Daniel se segurava o tempo todo, porém ele não sabia que o vi sucumbir, por diversas vezes, quando pensava estar sozinho. O mesmo acontecia comigo e com meus pais. Jamais conseguiremos esquecer a forma como Rafa foi arrancada de nossas vidas. Para cada canto que olhássemos, lá estava a moça com seu sorriso largo, por toda a parte, escancarando sua meiguice como um livro aberto. Podia sentir a forte presença da mulher determinada e guerreira na qual se transformou, e ela estava sempre estendendo os braços para nos confortar. Via minha irmã no olhar do filho, no vazio que deixou em nossa casa, nas pétalas que despontavam e despencavam todos os dias no jardim do casarão, ainda assim, a falta que fazia era algo comparável com a dor de uma amputação. Por esse motivo, entramos de cabeça no trabalho. Meu pai administrando as lojas, eu no consultório e no lar dos idosos e Daniel, dividindo-se entre os plantões e o consultório, em tempo integral. Para a mãe, os dias ficavam um pouco mais leves pela companhia do meu sobrinho. Rafinha era uma verdadeira luz em nossos mundos, do contrário, talvez também tivesse enlouquecido. E Iolanda era a que se mostrava mais forte de todos, logo ela, que teve parte do seu coração arrancado do peito e enterrado

com a filha.

Era fácil perdoar quando Dan perdia a calma, até porque era raro. Notei que estava estranho desde que chegou, na noite anterior. Ele tinha momentos muito ruins, ficava muito na *bad* e eu pensava se havia algo que pudéssemos fazer para ajudar. Não *rolava* porque estávamos todos quebrados.

Costumava acompanhá-los nos passeios de finais de semana. Daniel nunca deixava de visitar seus pacientes, aos sábados pela manhã. Enquanto eu passeava pelo gramado do hospital, distraíndo Rafinha, vendo os pássaros *Quero-quero*, antes de seguirmos rumo aos parques ou ao clube.

Dan era um pai exemplar. Atento a tudo. Consultas com pediatra, calendário de vacinas e até se envolvia com preparativos para as festinhas de aniversário. O dia que Rafael nasceu deveria ter sido o mais feliz de nossas vidas. Infelizmente, também acabou se tornando o pior. Fazíamos um esforço descomunal para que só o lado luz refletisse sobre nós e assim, fizéssemos a alegria do *piá*.



Ainda no casarão, eu observava os três brincando no jardim. Pareciam felizes naquela *vibe*. Pai e filho que ficavam a cada dia, mais parecidos e amigos, e o cão, companheiro fiel.

Enquanto a decoradora orientava os montadores na cozinha, eu saí pela porta da sala, contornei a varanda em L e fiquei escondida atrás das glicínias ouvindo a conversa do nosso mocinho com Dan, que estava sendo altamente questionado pelo garoto. Aquilo já virara rotina. Na medida em que crescia, fazia perguntas sobre sua mãe e isso ficou mais evidente depois que passou a frequentar a escolinha. Todos os dias, sério, todos os dias o pequeno chegava com alguma perguntinha estarrecedora que fazia a gente ter que engolir os nós que ficavam presos em nossas gargantas, antes de pensar numa resposta. Algumas tardes, ele chegava tão fragilizado, que chorava na hora de nos fazer os interrogatórios.

“Vovó, o Gabriel disse, que minha mãe morreu e que quem morre não é estrela, é anjinho de Deus. É verdade?”

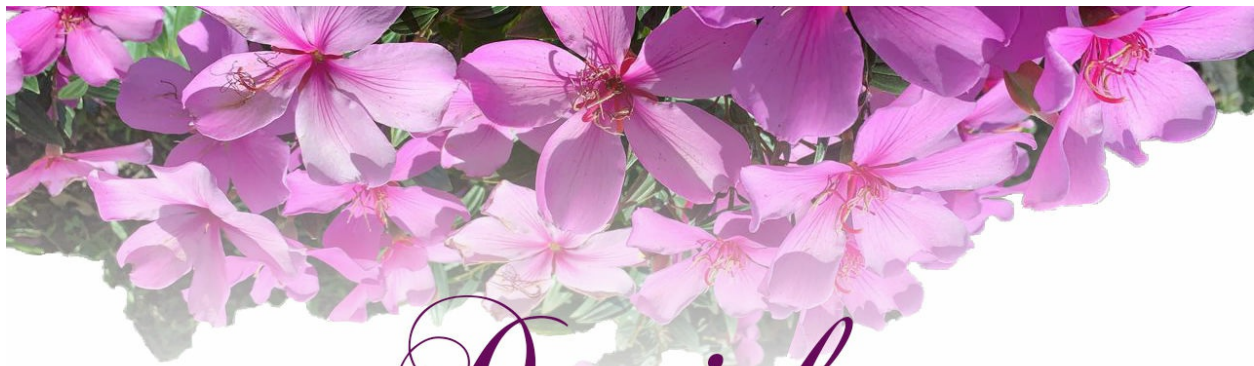
“Titia, por que a mamãe morreu? Ela não gostava mais de mim?”

“Papai, você vai morrer? E o vovô?”

“A mamãe pode voltar, se eu pedir ao Papai Noel?”

Era irritante a falta de notícias. Stalkeava as redes sociais, sem parar, em busca de algo relevante. Uma foto, uma matéria, qualquer coisa que me ajudasse a traçar minhas ações. Tive minhas buscas interrompidas ao baterem na porta e me forcaram a fechar a tela do notebook, às pressas.

Eles precisavam parar com aquilo. Ela tinha que me deixar em paz! Enxerida!



Daniel

CAPÍTULO 8

— Esse lugar é um paraíso, não é filho? — perguntei me referindo ao imenso gramado cercado por flores, na frente do casarão.

— *Num é...*

Ele me respondeu seriamente, remexendo a cabeça de um lado para o outro em negativa.

— Não? Por que não?

— Paraíso é na casa da mamãe — Rafinha afirmou enquanto dava graminha para o sapo de cerâmica comer.

— Quem disse isso, pra você, filho?

— A vovó...

— O paraíso deve ser um lugar bonito como esse daqui.

— A mamãe mora no céu. Nas “*luvens*”. — ele suspendeu a cabeça e estreitou os olhinhos ao mirar a luz do sol.

Pensei por um tempo e antes que eu pudesse responder qualquer coisa, Rafael continuou o assunto.

— Queria que ela morasse aqui. Tem o Bob, tem o vovô, a vovó, eu...

— Eu também, só que o Papai do céu a chamou, filho.

— Por quê?

— Não sei...

Abaixei para encarar os olhinhos curiosos. Ele sorriu para mim. Acariciei seus cabelos escuros, tentando ganhar tempo. O menino já havia desviado a atenção para as formigas que andavam em fila próximo a base do degrau. Sabia que a cada dia, Rafael teria mais dúvidas e mais vezes eu seria questionado. Só que jamais saberia quais as respostas que deveriam ser dadas em cada fase, em cada idade.

— Um dia você vai crescer e entender como algumas coisas acontecem. — Tentei conter a emoção, no entanto falhei totalmente.

— Olhe! Essa flor “*merreu*”... — Curioso, Rafinha tocou num hibisco murcho em meio a todos os outros lindos e bem abertos.

— Sim, filho. As flores morrem rápido.

— A flor também vira estrelinha do céu? — Ele sentou sobre minhas pernas e passou o bracinho ao redor de meu pescoço.

Ajeitei-o nos braços e enterrei o rosto em seu peito.

— Não, mas a sua mamãe sim, é uma estrela brilhante. De noite, ilumina aqui e de dia, vai brilhar do outro lado do mundo. Tem uma luz linda e eterna.

— O que é eterna?

— Algo que nunca acaba. Fica pra sempre.

— Você vê a mamãe?

— Não, filho.

— E ela?

— Eu espero que sim, meu amor! É, ela nos vê.

— E por que ela foi morar lá?

Foi a pergunta que dilacerou meu coração. Um nó me desceu pela garganta e fui salvo pelo Bob. O cão se aproximou com um galho na boca e alegre convidou o menino a brincar. Rafael pulou do meu colo para abraçar o cão.

O que dizer para uma criança num momento como aquele? Iolanda sempre sabia o que falar quando o neto a questionava sobre a falta da mãe, contudo eu ainda não tinha desenvolvido tal habilidade. Só conseguia pensar de forma adulta e cheia de dor, que a maldade humana era responsável por sua mãe não estar ali entre nós.

Estávamos no jardim do casarão e o animal feliz pulou e derrubou Rafinha. Viraram uma bola de pelos, entre rosnadas, gargalhadas e lambidas do cão eufórico.

— Aiiii... Papai... Ele é muito pesado.

Deitei ao lado dele no gramado, quando ia me levantar, Bob pulou sobre mim e Rafinha veio atrás dele.

— Meu Deus! — Fingi desequilibrar e rolei com eles no gramado, gargalhando — Você também é muito pesado, garoto. Nem estou aguentando.

— O Bob também, né, papai?

— Estou fraco, não aguento os dois. Você está comendo muito feijão.

— Eca! Não! Não gosto de feijão.

— Mas é tão bom, Rafa.

— Eu gosto de chocolate. Deixa bem forte. — Ele gesticulou mostrando seus bíceps, como um fisiculturista.

— Não, chocolate não deixa forte.

— A tia Quel disse que chocolate é igual feijão.

— Sua tia Quel não sabe de nada.

— Sabe sim, vou contar pra ela.

Fomos interrompidos pelo celular que tocava, dentro do bolso do meu jeans. Rafinha correu com Bob, e eu deslizei o polegar para atender.

— Oi, Leo.

— *Onde está?*

— Estamos no casarão. Algum problema aí?

— *Como está meu afilhado?*

— Ótimo. Virando um expert em fazer perguntas difíceis. Há algum curso para que pais viúvos aprendam a lidar com esses questionamentos?

— *Não que eu saiba, mas está aí uma grande ideia. Podemos criar um. Seguinte: Largo o plantão às 19 e depois vou em casa me arrumar para a festa. Queria te intimar a ir.*

— Festa? Não mesmo, meu caro! Hoje eu só quero dormir cedo e...

— *Dormir cedo e pensar mais? Ter pesadelos? Não estou te dando alternativa, Dan. Vamos rir um pouco. Você sabe como são essas festas. As pessoas precisam de assunto para falar na segunda.*

— Daqui a pouco vou dar uma passada aí para ver um paciente e, então, conversamos...

Desliguei certo de que havia me livrado daquela insistência. Tinha que convir que ele tentava de todas as formas ser um bom amigo, e me tirar da redoma que eu vivia.

— Você deveria ir — Quel falou, surgindo de trás das glicínias. — Pode te fazer bem jogar conversa fora e beber um pouco com os seus amigos.

— Até você?

— Rafinha dorme cedo e hoje vai estar bem cansado.

— Não. Quem sabe numa próxima.

— Posso ir contigo se quiser.

— Tiaaaa, pra você! — Quel ganhou um a margarida do sobrinho.

— Ah! Que flor mais linda que escolheu hoje. — Feliz, a moça o colocou no colo. — Você vai ser um grande cavalheiro. Te amo demais, piá. — Rafa ganhou muitos beijinhos e a abraçou satisfeito.

Passamos a tarde juntos. Depois da minha rápida visita ao hospital e de ter sido intimado pessoalmente por Leo a comparecer na festa, deixamos Bob no *petshop* do *shopping* para um bom banho. Almoçamos, fomos ao cinema, sorveteria e perto da hora do jantar chegamos, os quatro, exaustos.

— A Vera está de folga e não fiz nada para jantarmos. O que acham de pedirmos algumas pizzas? — Iolanda sugeriu e antes que pudesse falar algo, Raquel a respondeu.

— Vamos passar, mãe. O Rafinha comeu na rua e veio dormindo no carro. Vou dar um banho nele e depois, eu e o Dan vamos à festa de confraternização do hospital.

— Está brincando, né? — Virei para ela surpreso com a informação e franzi a testa.

— Não estou brincando. Você disse que iríamos.

— Quando?

— Hoje à tarde, no casarão e depois no hospital, para o Leo — Quel falava sério e sem acreditar, eu procurava o tom de brincadeira nas palavras dela.

— Quê? — Voltei minha atenção a Iolanda. — Não é verdade. Topo a pizza sim.

— Seria bom saírem um pouco — Iolanda passou para o lado da filha na pressão para que eu saísse. — Precisa de um pouco de distração, Daniel.

— Eu não disse que iria, em momento algum. Depois de um dia com Rafinha, não teria mais condições físicas, ainda que quisesse.

— Parece um idoso falando — Quel protestou.

— Ehh, *me* inclua fora dessa — Osvaldo debochou, de longe, do sofá onde estava sentado. — Posso dançar a noite toda, basta me convidarem.

— Dan! Você não disse que ia e nem que não. Mãe, pede à moda da casa? Comemos e então saímos, *cunha!* — encerrou e estendeu os braços para pegar o sobrinho.

— Pode deixar. Eu cuido do banho nele.

— Não, Daniel. Você se enrola muito e vamos atrasar. Deixe, eu faço isso.

Eles subiram e não demorou muito para ouvir a gritaria do Rafinha. Ele estava desperto e se divertia com a tia, porém sabíamos que apagaria enquanto estivesse sendo secado. Era sempre assim.

Como era trabalhoso, mas também valia a pena.

— Estou pronta, meu querido. Acabou a espera. Fiquei tão ansiosa, todos esses anos.

Ele era tão perfeito e maravilhoso. Terei de volta o que é meu. Sabia que não me esperava, no entanto, eu o surpreenderia. Não iriei decepcioná-lo. Será o fim das nossas dores. Tudo voltará ao seu curso. Como sempre deveria ter sido...



CAPÍTULO 9

Val: Qual será o programa para essa noite? Já estou de pijama com um bom livro e uma garrafa de vinho sobre o criado-mudo. Jogada às traças.

Respondi a mensagem da Val, sem mencionar que achava que estaria melhor com um bom livro do que com o babaca do Fábio. Achei melhor não provocá-la.

Quel: Oi, amiga. Estou de babá.

Val está digitando...

Val: Não acredito! Teu cunhado largou a cria com você, em pleno sábado à noite? Que milagre! Alguma emergência, só pode.

Quel: Não, mina. Estou de babá do Daniel mesmo. Vou “levá-lo” à festa de confraternização do trabalho dele.

Silêncio. Ela visualizou e não respondeu. No segundo seguinte, chamava por vídeo.

— *Conferência! Urgente. Caraca! Como assim? Você vai levar o doutor para uma festa, que na real é com os amigos dele? Quel? Não acha que ele já tá bem grandinho?*

— Qual o problema? Quero estar em outros ares, conhecer gente nova e ele, precisa sair um pouco. Eu o desafiei. Vou unir o útil ao agradável.

— *Parece divertido!*

— Pode crer! Agora deixa eu me arrumar ou me atraso.

— *Não esqueça: Essa festa estará recheada de médicos gatos, e a maioria não presta! Não passam de babacas, comedores de corpos, devoradores de alma e partidores de corações.*

— Esse é o seu namorado, não generalize. Rá!



Pela janela, vi quando o pai recebeu as pizzas de um motoboy.

Calcei umas sandálias de salto, bem desconfortáveis para o meu gosto, mas que combinavam com o vestido vermelho, não muito curto e de alcinha que escolhi e que também nada tinha a ver comigo. Desci para o *rango* em família depois de ver que meu sobrinho dormia como um anjo. Quando entrei na sala de jantar, três pares de olhos me avaliaram a ponto de eu perder um pouco o reboledo.

— O que foi? Não gostaram?

— Vai dar trabalho para o Dan, filha. — Papai sempre me colocava para cima. — Você está linda!

— Como assim? Dar trabalho para o Dan? Tá doido, pai?

— Quel está tudo lindo, porém poderia usar outro colar. Essa roupa é tão fina para o que está usando.

— Mas nenhum outro foi presente do Rafinha. — Sentei de frente para meu cunhado que apenas observava. Ele já estava pronto, elegante, de gravata. — Portanto será esse e fim.

— Por um segundo, foi como ver sua irmã entrando. Você está, cada dia, mais parecida com a Rafaela.

Houve um silêncio constrangedor. Daniel ficou vermelho ao perceber a tensão que se criou com aquela comparação, que obvio, ele deixou escapar. Era muito comum eu sonhar com o dia em que ela entraria pela porta, sorridente e dizendo que estava de volta. Que o pesadelo havia acabado. Acho que todos nós imaginávamos isso em determinados momentos, no entanto ninguém nunca ousou falar.

— Desculpem! — ele pediu no momento seguinte. — Foi um

comentário idiota.

Papai limpou a garganta e sorriu para o genro.

— Elas são sim, muito parecidas. Puxaram a mim, em tudo.

— Hummm! — Iolanda torceu a boca e o olhou de canto. — Coitado!

Tensão quebrada. Comemos a pizza rindo com a troca de farpas de meus pais e fingindo que nada havia sido dito. Depois da sobremesa, já com os dentes escovados e batom retocado, saí de braço dado com meu *cunha* cheiroso. Seguimos de Uber para a festa, com esperança de que a noite fosse no mínimo divertida.

Era um belo salão de festas todo decorado com flores e laços de fitas. Muitas mulheres usavam vestidos luxuosos, penteados sofisticados e joias que reluziam com os reflexos das luzes. Essas estavam sempre em companhia de médicos mais velhos, vestidos em ternos de marcas e suas gravatas de seda da Gucci. Foi quando vi aquelas pessoas que entendi os motivos de Daniel querer se manter distante daquilo tudo. Não conseguia entender como conseguiam manter os pescoços esticados e os narizes apontados para o teto o tempo todo sem tropeçarem. Devia ser uma tarefa árdua. Como se tivessem um pau fincado de seus rabos até suas gargantas.

Havia um pessoal mais descolado e foi ótimo encontrá-los aos circularmos pelo local, pois só assim me senti mais a vontade com minha trança lateral e bijuterias.

Daniel parecia tenso e pouco à vontade. Bastava olhar seu semblante para me arrepender de ter insistido que fosse. Foi com a melhor das intenções, nitidamente, ele não se divertia ali.

Passei a mão em duas taças de espumante, de um garçom que circulava entre nós, e entreguei uma a ele.

— Beba. Você vai se soltar.

— Não estou preso — rebateu pegando a bebida e fingindo sorrir. — Estou no meu normal. Nunca fui muito de frequentar essas festas, não me divirto e não me sinto à vontade.

— Mas já que estamos aqui, vamos aproveitar. Saúde!

Leo se aproximou tão logo nos viu e depois de, gentilmente, elogiar e agradecer por eu ter conseguido o milagre de levar Dan, começou com o discurso sobre a última pesquisa de uma droga para enxaqueca e blá, blá, blá. Saí de fininho para um giro tentando entender qual era o sentido daquelas pessoas irem a uma festa e ficarem discutindo sobre trabalho o tempo todo.

Não conhecia ninguém ali, porém um rosto familiar chamou atenção

entre tantos outros estranhos. Caminhei como um inseto seguindo a luz, em direção ao sorriso espontâneo que combinava tão bem com o brilho daqueles olhos verdes.

— Hei, não acredito que te encontrei por aqui. Como você está, cara? Lembra de mim?

— Claro! Irmã da Rafaela, não é? Há quanto tempo?

César foi o fisioterapeuta que cuidou do seu Zé durante todo o período que esteve em *home care*. De vez em quando nos encontrávamos no casarão, conversávamos rapidamente e eu sempre o achei um gato.

— Então! Como estão as coisas? Você estudava psiquiatria, certo?

— Psicologia. Já me formei. Tenho meu próprio consultório agora. Também trabalho como voluntária dando apoio aos velhinhos da nossa instituição.

— Opa. Vocês têm uma instituição? Não precisam de um fisioterapeuta especializado em idosos? — ofereceu sorrindo e com claras segundas intenções.

— Olha! Até que sim. Toda a ajuda é bem-vinda.

Conversamos até a festa ser interrompida para o discurso do diretor do hospital. O velho falou sobre coisas que não interessavam, como se fosse o grande chefe de uma família perfeita; como se não tivesse problemas na estrutura hospitalar e os funcionários não fossem, praticamente, escravizados. Também fez algumas brincadeiras, agradecimentos, sorteios de brindes... Naquela altura todos já estavam um pouco altos. As gravatas já haviam sido afrouxadas e as coroas de cabelos armados com laquê, já não estavam presentes. A verdadeira festa ia começar...

Perdi Daniel de vista e dancei com o *boy* de 1,90 e bíceps proeminentes, que naquele momento, apertava meu corpo em seus braços e invadia minha boca com um beijo no mínimo devorador. Havia muita gente se pegando naquela pista e César disse que era comum acontecerem muitos divórcios, depois daquela intensa produção de feromônio.

— Vamos passar a noite juntos?

— Não posso. Estou com meu cunhado. Aliás, nem sei onde ele está — dei uma esquadrinhada ao redor —, mas a gente pode se ver amanhã ou depois.

— Deixe seu cunhado, eu te levo.

— Mano, não! Já disse que vou com ele. O mundo não acaba hoje, de boa!

— Estou de plantão amanhã à noite.

— Marcamos pra outro dia qualquer.

— Teu número? — César tinha o celular nas mãos e esperava que eu lhe falasse o número do meu. — Como vamos marcar se não tivermos os contatos, né?

Falei e ele digitou rapidamente. Despedi do gato gostoso com um beijo depravado. Era final de festa, já cansada, pensei que Dan deveria estar entediado, querendo ir para casa. Caminhei até o banheiro, com os pés queimando pelo atrito das tiras fininhas da sandália, na pele. Daria tudo pelo conforto dos meus coturnos. Ajeitei um pouco a maquiagem e continuei circulando em busca do meu cunhado, porém a cena que assisti numa das sacadas, deixou-me mortificada.

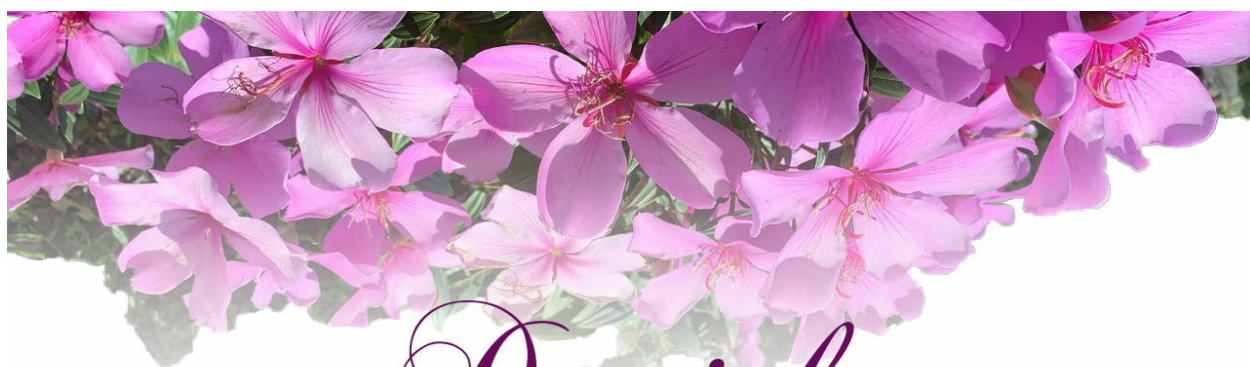
Putá merda!

Espreitava o homem elegantemente vestido em seu terno preto. Ele não estava só. Nunca ficava só. Por que ela o carregava de um lado para outro. Era como um cão de guarda. Um segurança. Um leão de chácara...

Ele não parecia à vontade. Nunca ficava à vontade.

Não podia mais ficar sem mim. Nunca pôde. Tudo aconteceu porque você não se deu conta... Vou consertar tudo, meu amor.

— Hora de entrar em ação.



Daniel

CAPÍTULO 10

Não demorou muito tempo para eu estar à vontade naquele lugar. Muito mais do que imaginei ser possível. Leonardo sempre foi excelente companhia, e como solteiro convicto, mulheres e bons vinhos foram assuntos que nos renderam boas risadas. Como somos completamente envolvidos e dedicados à profissão, não deixamos de falar sobre pesquisas, diagnósticos e demais assuntos pertinentes a neurologia, durante boa parte da noite.

Raquel desapareceu tão logo se entediou com nossa conversa e me senti um pouco culpado por deixá-la sozinha em meio a pessoas estranhas. Até porque, a presença dela naquele lugar era por pura gentileza e preocupação comigo.

Dividíamos a mesa com mais dois médicos de nossa área, quando fomos interrompidos pelo doutor Plínio Fragonezzi, um renomado cirurgião, *CEO* do ramo de planos de saúde, que sabíamos, estava para inaugurar um hospital de referência, talvez o maior do Brasil, em Curitiba.

— Senhores, boa noite a todos! — ele saudou, forçando uma simpatia que não lhe era natural, ao puxar uma cadeira para se sentar ao meu lado. — Doutor Daniel Marchetti, como tem passado? — quis saber ao apertar minha mão, e recostou despojadamente com a perna cruzada, descansando o pé sobre o joelho.

— Que bons ventos o trazem a essa festa, doutor Fragonezzi?

— Acompanho uma pessoa. — Afrouxou a gravata e soltou o botão do colarinho. — Claro que um motivo especial me trouxe, por diabos, juro que não entrei de penetra.

As risadas foram em geral, e muito mais generosas do que a piada merecia.

— Não foi o que sugerimos – Leo explicou e fez sinal para que o garçom trouxesse uma nova rodada de espumante.

Claudio e Gustavo os dois jovens residentes observavam sem saber direito o que dizer e percebendo o desconforto dos garotos, o médico astuto e experiente dirigiu a palavra a eles.

— Doutores, sei que não estão se divertindo aqui, então estejam à vontade para aproveitarem a festa.

— Estamos bem sim — Gustavo respondeu de imediato e Claudio o acotovelou.

— Entendo! A propósito, eu gostaria de um minuto a sós com Daniel e Leonardo para discutirmos um assunto, não muito interessante. — Fragonezzi foi direto, daquela vez. — Se me permitem.

— Claro, claro! Estávamos mesmo pensando em dar uma volta. Né, Gustavo? Afinal, a festa está só começando, não é mesmo? — Levantaram, despediram-se e, constrangidos, saíram.

— Esses jovens! — O cirurgião sorriu movimentando a cabeça negativamente. — Eu costumo partir ao que é de fato relevante, porque a velocidade do tempo, não nos permite titubeios. — Leo me olhou de canto de olho, com uma expressão divertida. — Devem imaginar o que estou fazendo aqui e o que tenho a propor, então serei específico para não atrapalhar muito a diversão de vocês. Estamos contratando. Queremos formar a melhor equipe do país. E não vejo nenhum nome à altura da chefia de minha Unidade de Terapia Intensiva que não seja o seu, doutor Marchetti.

Soltei a taça sobre a mesa e me aprumei. Eu não esperava... Havia sim cogitado enviar um currículo para aquela potência que, sabia, seria uma excelente oportunidade. Entre pensar, fazer e ser convidado para assumir a chefia, havia uma distância enorme.

— Por incrível que pareça, não fazia ideia do que o trouxe aqui e estou sim, muito surpreso com o convite — observei, ainda sem saber o que pensar ou responder —, e também lisonjeado.

Leonardo sorriu instintivamente e quase me parabenizou. Eu podia ler

seus pensamentos ao me estapear o ombro.

— Você não precisa responder nada agora. — O médico entregou um cartão. — Ligue na segunda para conversarmos. — Voltou-se para Leo e lhe estendeu um também. — É obvio que esse convite se estende ao pessoal de sua equipe, quem achar necessário e imprescindível para termos o melhor desempenho, doutor Marchetti. Você tem carta branca para apresentar os nomes em nosso próximo encontro.

Sem mais rodeios, o senhor de extrema elegância, despediu-se e no momento seguinte, dirigiu-se a mesa do doutor Gomide, chefe da cardiologia.

— Puta que o pariu, Dan! Você ouviu isso? O cara vai levar o quadro todo de especialistas para o hospital dele?

— Espero que só os melhores, Leo. — Meu amigo riu alto e concordou comigo.

— Claro, meu caro! Só os melhores — resmungou estufando o peito, convencido e orgulhoso.

Aumentando a nossa lista de assuntos para a noite, eu começava a me divertir. Tinha que agradecer a Raquel por ter insistido e me desafiado a ir àquela festa.

Aline passara por nossa mesa pelo menos três vezes e me paquerou em todas. Apesar de estar levemente alcoolizado e feliz, não gostava da forma como ela investia sobre mim. Não me atraía, motivo de eu ter fingido que não a vi.

— Pegaria, senão fosse a loira não tirar os olhos de você. — Ela tão indiscreta que até Leonardo havia percebido. — Todo mundo comenta que a mulher mataria por uma noite contigo.

— Vá fundo, amigo. Vou dar uma volta e ver se encontro a Quel. Acho que essa festa já rendeu mais do que o esperado.

— Já vai embora, cara?

— Vou dar uma volta.

Passei pelas fileiras de mesas e parei perto da pista de dança para observar a animação do pessoal. Eles estavam empolgados. Vi Raquel sorrindo e dançando, porém ela sumia de meu campo de visão quando outros casais se movimentavam entre nós. Dei mais alguns passos e, quase que por encanto, meu bom humor desapareceu. Minha cunhada rebojava agarrada a um cara e no segundo seguinte suas bocas estavam coladas, suas pernas entrelaçadas, e as mãos dele, por todo lugar.

Saí dali apressado e muito desconfortável com o que havia acabado de

presenciar. Precisava me afastar ou acabaria agindo como um irmão mais velho e ciumento. Ela sempre teve muitos relacionamentos, no entanto me incomodou a sensualidade que vi naquela cena ousada.

— Dan? Não acredito! — Juliana, cercou-me e antes que eu pudesse falar qualquer coisa, agarrou-me o pescoço e depositou um beijo na bochecha. — Que saudades!

— Juli! — Retribui o abraço, sinceramente feliz com o reencontro. — Tudo bem?

— Melhor agora. Que novidade é essa? Você numa festa de confraternização?

Jamais esperei encontrar com Juliana, ali. Alguém que não via fazia muito tempo, antes mesmo de conhecer a Rafa.

— Pois é! Já começo a pensar que me arrependeria se não tivesse vindo. E você? O que tem feito? Casamento, filhos...

Sáímos com certa frequência, por algum tempo. Sempre nos divertíamos. Éramos bons amigos e assim como aparecia, a moça sumia, de repente, sem qualquer aviso. Diferente de todas as outras pessoas que conhecia, parecia imune a relacionamentos e casamentos. Diria que era autossuficiente, além de muito bonita e sensual.

— Longa história. Estive por lugares inimagináveis! Ah, nem pensar em falar do passado agora. Estou com emprego novo. Vou começar no Hospital Medicina Moderna, assim que inaugure. Vida nova, sonhos a serem realizados e é o que há para o momento.

— Talvez a gente seja colega de trabalho. Acabei de receber um convite do próprio Fragonessi.

— Não! — Ela levou as mãos ao rosto e arregalou os olhos azuis. — Isso não vai prestar, doutor Daniel. Vem! Vamos conversar num lugar mais tranquilo.

A moça loira engatou o braço no meu e saímos para uma das sacadas, onde algumas poucas pessoas bebiam e conversavam, ao ar livre. Juliana parou de frente para mim e ficamos nos fitando, como se tivéssemos voltado no tempo. Ela parecia feliz por ter me reencontrado e fazia com que eu me sentisse remoçado, como se o tempo não tivesse passado. A fisioterapeuta era uma garota pequena e naquele momento, parecia mais madura, no entanto continuava linda. Eu estava bem à vontade, porém não era necessário que lhe dissesse nada. Parecia segura, como se sempre soubesse que aquela seria a minha reação.

— Quando voltou da Itália?

— Há pouco mais de um ano.

— E como veio parar numa festa exclusiva para funcionários, médicos e cônjuges...

— Estou com um amigo. Deve estar perdido por aí, ocupado com outras pessoas, como todo mundo nesse lugar. A sensação que tenho é que a regra é comer alguém antes que a noite se acabe, não importa quem seja.

— E deve ser mesmo — concordei e fixei meus olhos nos dela, tentando a seguir a risca a possível regra.

Levei minha mão para acariciar a sua nuca, sob seus cabelos curtos.

— Você está muito bonita, Juli.

— Talvez a regra deva se aplicar a nós também — provocou e aproximou-se um pouco com um risinho malicioso. — Adoraria recordar os bons tempos!

— Juli, Juli, não me provoque...

— Nunca esqueci o quanto era bom estar contigo. Sentia o mesmo? — ela quis saber e se aproximou sem desconectar seu olhar do meu. — A última pessoa que imaginava encontrar aqui era você. Senti tanta saudade — confessou muito próxima de mim.

— Faz muito tempo...

Cheguei a sentir o calor de seu hálito e com as duas mãos nas laterais da sua cintura fina, puxei-a para pertinho de mim. Meu nariz roçou a ponta do dela. Os olhos exploravam cada cantinho do seu rosto. Nossas respirações se misturaram. Umedeci os lábios e faltava muito pouco para beijá-la.

— O que importa é que estamos aqui, Dan...

Cerrei as pálpebras e bem devagar, colamos nossas bocas. Deixei a língua se deliciar acariciando a dela. Desci os braços para sua lombar e juntei nossos corpos. Juliana gemeu e eu senti minha ereção se aprontando para ela, como no passado.

— Dan? — alguém gritou.

— *Eu vi a forma como olhava para a garota. Isso não foi nada bom, meu querido. Nada bom! Não vou deixar acontecer de novo...*

Era impossível que não recordasse dos bons tempos que tivemos. Assim como era inevitável que me desejasse. Valeu a pena esperar. Ele me queria e demonstrava isso no brilho dos olhos, na boca que salivava sedenta por mim e na ereção proeminente em sua calça. Sim, valeu a pena todos os sacrifícios.

— *Que bom estarmos aqui, Daniel!*



CAPÍTULO 11

Daniel estava se pegando com uma garota? Como assim, cara? E o que eu fazia parada olhando para eles, com cara de assustada? Dei um giro nos calcanhares e saí apressada, sem falar mais nada. Não conseguia. Ele estava aos amassos com uma baixinha que nunca vi na vida e eu preocupada que estivesse entediado.

As malditas sandálias me matavam e degolavam meu pé. Não conseguia andar rápido. Queria sumir dali, no entanto fui puxada pelo braço e o som da voz de meu cunhado tarado, deu-me um choque de realidade.

— Quel? Aonde vai com tanta pressa? Estava atrás de você.

— Você não ia me encontrar na goela daquela mina, Dan!

— Eu te procurava quando encontrei a Juliana.

— ãham! Vi o quanto estava preocupado com o meu paradeiro. Só que não saí daquela pista de dança. Ah! Volte pra sua *Juliana* — frisei o nome da loira e revirei os olhos exageradamente ao falar.

Ele riu. Não me levava a sério.

— Também te vi lá! E dançar era o que menos faziam — provocou debochando de mim.

— E você não perdeu tempo em se isolar pelos cantos... — Calei a boca quando percebi o monte de merdas que vomitei nele. — Ai, Dan. Desculpe. Ah, meu Deus! Sei lá o que estou falando. Devo ter bebido

demais.

— Juliana é uma amiga. Eu não a via há tempos e...

— Beija todas as suas amigas, daquela forma? Ou só as que não vê há tempos?

Fiquei sem resposta, porém entendi a encarada séria e feia, do tipo “não se meta na minha vida!”.

— Vou embora, Daniel! Estou cansada. — Apressada, e apesar do enorme espaço, passei quase o atropelando.

Bufava e caminhava em direção à saída, como se de repente aquele ambiente tivesse ficado pequeno demais e me sufocasse.

— Quel, espera... — Dei uma olhada rápida e o vi confuso, sem conseguir decidir se me acompanhava ou ia se despedir da loira.

Os pés doíam e reclamavam muito, contudo não o esperei, fui com dor mesmo. Jamais tinha visto Daniel com alguém. Nunca soube que tivesse tido qualquer caso desde que minha irmã se foi. Óbvio que sendo homem devia ter dado suas afogadas de ganso, mas porra, ele poderia ter sido mais discreto naquela noite.

Sentados no Uber, um ao lado do outro e cada um mantinha o nariz enfiado para o lado de sua janela. Eu roía o esmalte das unhas e pelo canto do olho, percebia que Dan me espiava, de vez em quando, da mesma forma.

— Gostou da festa? — quis saber ou talvez só estivesse tentando quebrar o clima, já que emburrei e nem disfaçava.

— *Tava* boa até...

— Quel! Qual o problema? Por que está esquisita desde que me viu com a garota? Quer dizer... — gaguejou, nem sabendo como perguntar, no entanto estava muito curioso com minha atitude. — Você não acha que nunca estive com ninguém, não é?

Virei para fitá-lo, franzi o cenho e voltei a colar a testa no vidro. Esperava que ele parasse de falar, pois aquilo soava como provocação.

— Quel, você é muito esquisita.

Como assim, esquisita?

Voltei a mirá-lo indignada. Por que ele presumia que lhe diria algo? E o que eram aqueles olhos curiosos e intrigados, sobre mim?

— Cara! Não sou esquisita! Só achei estranho. Por que... Ah... Porra! Você é marido da minha irmã! Não imaginei que beijasse suas amigas. Isso foi bizarro, tipo, te ver naquela situação, nada a ver! Pronto, é isso!

— “Aquela situação”, era a mesma que a sua, na pista de dança, só

que bem menos ousada.

— Eu sou solteira.

— Esqueça o que viu. Juliana é alguém que conheci há anos. Somos amigos apenas. Todo o resto é físico.

O motorista, com um ar debochado, avisou que chegamos. Entramos em silêncio e Dan parecia se divertir às minhas custas, ou talvez, fosse eu quem me sentisse patética.

Bob dormia em sua cama e apenas abanou o rabo para nós. Parei para acariciá-lo por um tempo. Subi logo em seguida, e vi que o doutor assanhado, já estava no quarto que dividia com o filho.

Fiquei um bom tempo removendo o quilo de maquiagem dos olhos e tomei um banho. A água quente aliviou a dor dos coitados dos meus pés, no entanto a cena da loira pendurada no pescoço de Dan, sugando sua boca feito um aspirador de pó, não saía da cabeça. Quando joguei o corpo na cama, apesar de exausta, não consegui dormir. Só pensava na Rafa. Entendia que mais de três anos tinham se passado, só não compreendia por que então, eu não me conformava? Aos poucos todos retomavam seus trabalhos, suas vidas e até os sentimentos de Daniel começavam a mudar. Sempre achei que ele jamais fosse amar outra pessoa. Seria natural e até necessário, mas aquilo não vinha de boa em meus pensamentos.



Acordei bem tarde e ao descer ouvi a voz do melhor sobrinho do mundo. Ele brincava na sala com o avô. Fui direto para a cozinha e a mãe já preparava o almoço de domingo. A nossa ajudante não trabalhava aos finais de semana, então o pai comprava um assado especial e ela fazia os acompanhamentos, isso quando não comíamos fora. Eu não sabia cozinhar e Daniel muito menos, mas o melhor chef da família era o Osvaldo.

— Hummmmm... Que cheiro bom. O que está fazendo, mãe?

— Comida, Quel.

— *Aff!* Você já me amou mais, Iolanda — provoquei enquanto enchia a caneca de café e leite.

— Como foi à festa, ontem? Pelo jeito, boa. Chegaram tarde.

— *Tava* acordada?

— Nenhuma mãe dorme até que todos os filhos estejam seguros em casa.

— ãhm, sei... Cadê o Dan, mãe? — quis me certificar de que ele já tinha *vazado*.

— Foi ao hospital ver os pacientes. Volta para almoçar.

— Mãe? — Ela estava de costas, cortando legumes no balcão da pia.

— Mãe! — exigi sua atenção.

— Sim. — Ela continuou sem me dar importância, não me olhou de imediato.

Como não respondi, parou o que fazia e me fitou com curiosidade, retorcendo a boca por me ver segurando o queixo, com a cara desanimada.

— Qual o problema, Quel? Não vai tomar café?

— Alguma vez, soube que o Dan tivesse uma namorada, um caso, ou coisa do tipo?

— Ele foi casado antes de conhecer sua irmã. É disso que está falando?

— Não, né? — sussurrei e olhei para a porta para me certificar de que ninguém ouvia. — Depois que a Rafa se foi... *Saca?* Tipo... Sabe se ele teve alguém?

— Eu hein, Raquel! Imagina que vou me meter nesses assuntos. Por que está perguntando isso agora?

— Porque ele estava com alguém ontem, na festa — murmurei e a mãe se aproximou.

Sentou ao meu lado e se rendeu a curiosidade, muito mais interessada do que eu poderia supor.

— Com quem? Conhecemos? — sussurrou, enquanto secava as mãos num pano de prato, sem disfarçar a ansiedade que fazia seus olhos cintilarem.

— Não, é uma tal de Juliana.

— Acho ótimo que ele esteja finalmente cogitando a ideia de refazer a vida. Dan é tão solitário, não é? Ela é bonita?

— Mãe? — rebati indignada com a viagem dela. — Refazer a vida? Do que está falando? Ele é marido da Rafa. *Tava* apenas dando uns amassos na loira. Bonita? Nem vi a cara da baranga direito.

— Credo, filha. Até que demorou. Faz três anos que a Rafa não está mais aqui. Dan é novo. Precisa reconstruir e repensar no futuro. Rafinha precisa de alguém que o ame como filho. Toda criança precisa de uma mãe. — Ela voltou para a pia e os legumes.

— O Rafinha não precisa de ninguém, não! Tem a nós, a mim. Eu o amo como filho e ele não sente falta de mais ninguém — respondi com mais irritação do que queria estar sentindo e ter demonstrado. — Até parece que contei que Daniel está de casamento marcado ou num compromisso sério. Nada a ver, dona Iolanda. O cara só *tava* dando uns *pegas* na garota.

— Quel! Você entendeu muito bem. Nós somos avós e tia, isso não vai mudar. Só que é evidente que, um dia, Dan arranjará alguém.

— Ah, mãe. — Levantei e a abracei por trás descansando minha cabeça em suas costas. — Você *tá* certa, ele não ficaria viúvo a vida toda, né? Acho isso uma merda. Uma falta de respeito com a Rafa.

Parou de novo seus afazeres e me fitou, muito profundamente. Foi como se eu tivesse dito uma sandice, que a fez recordar algo do passado e assim tentar me convencer.

— Quando a Rafaela nasceu nós ficamos muito felizes, porém um ano depois, achamos que ela era muito sozinha e que seria ótimo que tivesse um irmão. Resolvemos ter mais um filho. O tempo foi passando e eu não conseguia engravidar. Não havia nada de errado conosco, apenas não acontecia.

— Por isso os seis anos de diferença?

— Sim, filha. Quando já havíamos praticamente desistido, aconteceu. E você veio para nos alegrar, porém a sua irmã não ficou alegre, mas radiante.

— Eu sei, a Rafa sempre me disse isso. O que tem a ver, mãe?

— Rafael será mais feliz se tiver irmãos. Ele também é muito só — afirmou e voltou para seus legumes, convicta de ter dado o recado.

Fiquei ali, estática, observando seus movimentos ágeis e refletindo sobre o que havia contado. Talvez eu fosse mesmo muito egoísta. Era muito mais fácil orientar pacientes dando *pitaco* sobre seus problemas, do que resolver os próprios, isso estava claro para mim.

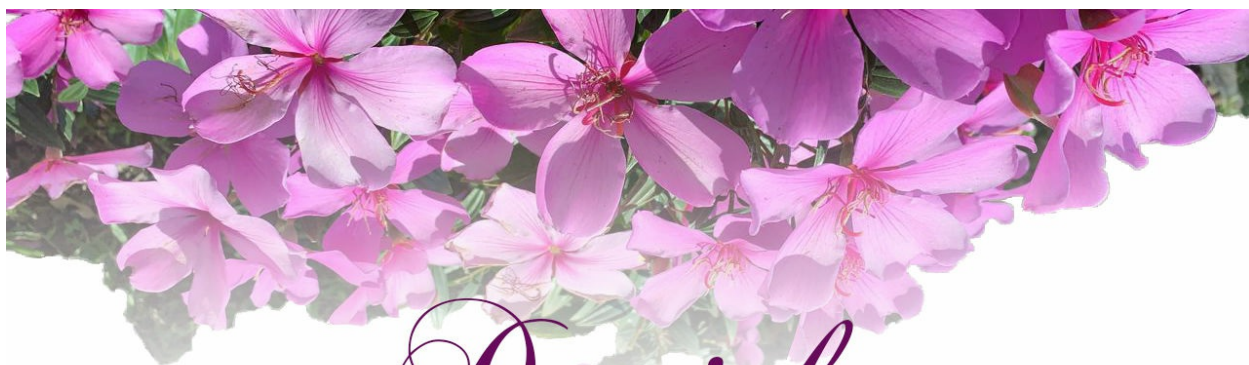
Rafinha apareceu com um lençol na cabeça e braços abertos, imitando um uivo fantasmagórico.

— Meu Senhor! O que é isso? — perguntei, entrando na vibe dele.

— Euuu souuu ummmm “*fastama*” !! uuuuuuuuhhhhhh

— Vó, fuja! — gritei para mamãe. — Tem um “*fastama*” atrás de você.

*Cheguei à conclusão de que nem precisaria ter esperado tanto.
Bastou que colocasse os olhos em mim e a luxúria o arrebatou.
Estava muito perto de voltar a ser feliz!*



Daniel

CAPÍTULO 12

Fiz uma ronda rápida no hospital e passei no restaurante para tomar um café. Não havia quase ninguém ali, devido ao horário entre refeições. Incrivelmente, cheguei a ser parabenizado por algumas pessoas, por ter ido à festa na noite anterior. Eu devia ser mesmo um cara muito esquisito ou no mínimo, diferente de qualquer outro que trabalhasse naquele lugar.

— Um milhão de beijos por seus pensamentos.

Ainda nem tinha sido servido quando fui abordado por àquela voz conhecida. Dois belos olhos azuis me fitavam, e um sorriso maroto e muito insistente parecia tentar me persuadir, o que me deixou sem ação e meio sem graça.

— Nossa, doutor! Não ficou feliz com a surpresa?

— O que faz aqui, Juliana?

— Vim visitar uma amiga, na Ala 200 e vi quando entrou... — ela apontou para a porta.

— Visitas não são permitidas antes das 13, que eu saiba. — O sorriso dela apagou, sem perceber devo tê-la constrangido ao rebater sua afirmação.

— Acha que vim atrás de você?

Não me dei conta dos motivos de estar fazendo aquilo, todavia fiz e talvez, por ter realmente sido pego de surpresa.

A atendente colocou uma xícara de café com leite fumegando, sobre o balcão. Agradei e lhe dei um risinho, antes de tomar o primeiro gole. Juliana, atenta, não perdia um só dos meus movimentos, lançou um olhar reprovador à moça.

— Gostaria de fazer o seu pedido? — a garota lhe perguntou sorrindo, com o bloco de anotações em mãos.

— Se eu quisesse algo, já teria pedido! — O tom de voz grosseiro, no mínimo, surpreendeu-me. — Dan, qual é? — ela me voltou atenção e mudou de feição ao ver que me aborreceu. — Tenho meus contatos aqui, e algumas mordomias por ser conhecida do pessoal e ex-funcionária.

— Claro, com certeza. Não vai mesmo tomar café? — Juliana negou.

Sorria de novo. Bonita, elegante, charmosa. Não dava pra negar, era muito atraente.

— Você se acertou com sua cunhada, ontem?

— Ela só estava indisposta. Já está bem.

— Ótimo. Confesso que a garota me assustou um pouco...

— Não há motivos pra isso.

Terminei o café e fiz sinal para sairmos dali. A moça engatou o braço no meu. Paramos no hall em frente às escadarias que levavam à recepção.

— Bem, tenho que ir — avisou e deu de ombros, um pouco constrangida. — Desculpe se pareceu que quis invadir seu espaço, Dan.

— Não, de jeito nenhum. Eu não pensei isso, Juli.

— Não... Imagina. Também acharia coincidência demais, de repente, alguém renascer das cinzas e aparecer em todo lugar.

Engoli seco com a metáfora. Não sabia direito o que estava acontecendo comigo. Talvez não soubesse mais tratar uma mulher como deveria, o fato é que resolvi parar de agir como um babaca.

— Não quero que fique chateada. Agora eu preciso ir...

— Você se arrependeu, não é mesmo? — Juliana indagou e o sorriso se desfez de seu rosto.

Seus olhos perderam o brilho e passaram a quase me fuzilar. O que era para ser um mero encontro casual tornara-se algo inquietante, constrangedor. Ora ela me olhava com ar inquisidor, ora com doçura.

— Não, arrepender do quê? Só preciso ir para casa, meu filho está esperando. Fazemos assim: — Saquei o celular do bolso do jaleco. — Se me falar o seu número, eu prometo que ligo e conversaremos com mais calma, ok?

Por um segundo, pensei que ela duvidasse das minhas intenções, mas acabou cedendo e me passou o seu contato. Depois, sorriu e me deu um beijinho no canto da boca, sob os olhares de algumas enfermeiras que circulavam por ali.

— Bom te ver, Dan!

— Até mais, Juli.



Fui recepcionado por Bob. Ele parecia cansado ou com preguiça. Caminhou lentamente até mim. Até os movimentos do rabo eram morosos, apesar de alegres.

— Você está muito preguiçoso, amigão.

A família estava reunida na sala de estar. Os sogros, do sofá, divertiam-se assistindo a Quel e ao Rafinha brincarem no chão com algum tipo de jogo que os fazia gritar comemorando sempre que conseguiam encaixar peças, sem que tudo desmoronasse. O menino berrou eufórico, quando me viu entrar. Estabanado, fez o brinquedo voar longe, ao correr para pular no meu colo.

— Papai! Você foi *pro “tabalho”*?

— Sim, agora estou livre para aproveitarmos.

— Quer jogar um jogo, comigo e a tia Quel?

— Não, amor. Eu vou almoçar com Val — ela avisou ao garoto e levantou sem me cumprimentar ou dirigir o olhar.

— Ué! — Iolanda pareceu surpresa com a informação. — Coloquei seu lugar à mesa. Você não avisou, filha.

— Resolvi agora, mãe. *Na boa!*

Houve uma troca de olhares em geral. Ninguém havia entendido nada e, supostamente, todos sabiam que Raquel estava estranha.

— O papai vai tomar um banho e depois, brincaremos o dia todo, ok, campeão?



As tardes eram felizes com Rafael. Convidei Leo para irmos ao parque de bolinhas e, como ele tinha um sobrinho um pouco mais velho que o afilhado, era comum passarmos algum tempo sozinhos vendo os meninos se divertirem. Naquele momento, eles mergulhavam em meio a milhares de bolinhas plásticas coloridas.

— Acabei ficando com a Aline, depois da festa.

— Cara, foi bom pra você? — zombei as gargalhadas, pois era nítido o constrangimento dele ao confessar algo que eu já imaginava.

— Você não se incomoda? Quero dizer... A moça era a fim de você. Continuei rindo da conversa dele.

— Se isso não te incomoda, por que me incomodaria. Aproveite, cara!

— Aproveitar? Está brincando!? A mulher que se aproveitou de mim. Caralho!

— Interessante o que uma mulher pode fazer com homem entre quatro paredes. Até nos matar... Cuidado!

— Disse tudo. Quase me matou, cara! Que mulherão! Eu sempre soube. Nunca me engano. Aline é o tipo que te faz pensar no próximo encontro. Aquela que você pensa quando acorda e está... Você sabe...

— Está apaixonado, cara? — Leo contava com tanta empolgação que mesmo achando aquilo impossível, cogitei e esperei pela resposta com curiosidade.

— Que pergunta idiota é essa? — devolveu, com certa irritação na voz.

— Essa conversa de pensar, desde que acorda, é o que?

Ele se aproximou um pouco e falou entredentes, olhando ao redor para se certificar de que não estávamos sendo ouvidos.

— Não é pensar propriamente dito, você sabe. De manhã... tesão...

— Tá! Esquece, não estou interessado, cara, não mesmo.

Imprimir, recortar, medir e colar...

As redes sociais dela eram bem movimentadas. Ela se parecia demais com a outra. Talvez fosse ainda mais bonita. Deslizei o estilete e recortei a cabeça, liberei-me do sorriso, da mirada verde e penetrante e da beleza que saltava aos olhos em cada imagem. Cortei cada pedacinho daquele rosto adorável.

— Não de novo, mil vezes não! Ninguém vai nos separar dessa vez. Estou de volta e vim pra ficar. Você precisa ficar feliz com isso. Por que não pareceu feliz, Dan?

Imprimia, recortava, media e colava as fotos da garota descabeçada...

A lâmina afiada se enterrou na carne do meu dedo indicador. O sangue escorreu e uma dorzinha prazerosa tomou conta de todo meu ser, ouriçando a pele, os pelos...

— Ahhh...



CAPÍTULO 13

— Você está com ciúme do teu cunhado? Quel, se for isso, eu vou te dar na cara, pra ver se cresce — Val advertiu fingindo impaciência, quando contei que Daniel se agarrou com uma garota na festa.

— Para, guria! Não tem nada a ver com ciúme. O fato é que ele é marido da minha irmã. E não pensei...

— Era! — ela frisou bem o verbo, no pretérito, como se houvesse a possibilidade de eu não tê-la entendido. — Não pensou o quê? Achou que ele ficaria sozinho para o resto da vida?

— Também não precisava escancarar isso tão cedo!

Ganhei uma balançada de cabeça e uma bela revirada daqueles olhos cor de jabuticaba que, nitidamente, debochavam de mim. Era real, ela não estava acreditando nas coisas que ouvia e nem eu.

— Três anos, garota! Quase quatro, criatura. Por acaso ele não tem o direito de refazer a vida? O cara nem tem quarenta anos. Ah, Quel! Vai se catar! Você acabou de falar que todo mundo estava se pegando lá, inclusive você com o fisioterapeuta gostosão... — dizia com propriedade, ao mesmo tempo em que amassava o cabelo molhado, para ajeitar os cachos.

Ainda que ela tivesse razão. O fato é que eu não tirava da cabeça, a cena de Daniel agarrado àquela garota que beijava sua boca como se quisesse

devorá-lo, e faria se pudesse. Era difícil para Val entender, porque não se colocava em meu lugar. Minha irmã o amava, mais que tudo. É como se ele a estivesse traindo.

Percebendo o quanto eu estava contrariada, minha amiga mudou o tom e sentou ao meu lado disposta a travar uma batalha para me convencer. Eu já a conhecia.

— Entendo que Rafa era sua irmã e você a amava, só que era inevitável que isso acontecesse um dia. Daniel também a amava e isso nem está em questão. Só que não ficaria sozinho para sempre, Quel. E tem outra, de repente, nem é nada sério. Pode ser uma *transa* sem consequência, necessária apenas. Aaahh! Não acredito que pense que o cara nunca trepou, esses anos todos! Tenha a santa paciência! — ela repetiu praticamente as mesmas palavras do Dan.

Quase me convenci de que estavam certos e de que ele fora sincero. Devia ser só um escape. Como homem ocupado, não teria tempo para nada, além do filho e do trabalho, suas únicas prioridades. Aquele beijo devia ter sido apenas a consequência de algumas doses de espumante.

— Tomara que seja isso. Não sei o motivo, mas não gostei daquela fulana. Precisava ver como me olhou quando atrapalhei a investida dela — contei lembrando a forma nada amistosa como fui encarada. — Deve ter ficado puta por ele ter vindo atrás de mim e a deixado lá, às moscas. Rá!

— Você é perversa quando quer. E por falar em ser má: Como sabe que ela que investia contra ele? E se for o contrário? — Aquela era minha amiga, primeiro acalmava depois voltava a me colocar uma pulga atrás da orelha. — Qual o problema? Esquece o Daniel. — Val recostou e pegou o controle remoto da TV. — Vamos comer qualquer coisa e *maratonar* alguma série?

— Você é muito cruel, guria! — Sorri, dei um soco imaginário nela e depois me vinguei. — Por falar em cruel, cadê o Fábio? *Te* deixou em pleno domingo, de novo?

— Não sei de quem está falando. Se for daquele bosta com quem eu ia pra cama de vez em quando, e que do nada, sempre acaba parando de responder minhas mensagens, não sei e não quero saber. Parafraseando o Rafinha: “Só por Deus”! — Rimos e depois ficamos sem graça e sem saber sobre o que falarmos.

Fomos para o aplicativo pedir comida, como se estivéssemos bem, fingindo que nada nos preocupava. Agíamos ambas como se nossos

pensamentos não estivessem a quilômetros dali.

Val só falava da boca para fora. Se o Fábio enviasse uma mensagem, naquele exato momento, a *mina* largaria tudo para atender o chamado do babaca. Apaixonou-se por um cara egoísta que só se lembrava dela quando não tinha nada melhor para fazer. Odiava a forma como o maldito escroto a tratava, como se fosse um objeto, um utensílio ou qualquer coisa sem sentimentos. Por muitas vezes cobreí uma atitude dela, no entanto era como um feitiço. Ela não conseguia se livrar do infeliz.

— Vou chamar a Mary também... — avisei, já me preparando para enviar mensagem.

— Jááá chamei! Sem chances, é uma *caxias e* está trabalhando em todas as horas vagas, economizando pra trocar de carro.

— E logo consegue. É uma batalhadora. Gosto tanto da mulher forte e independente que é a Mary. Passou muitos perrengues, tem uma família bem diferente das nossas e não se abala. Sempre firme e forte.

— Ela não nasceu em berço nem de prata, quem dirá em berço de ouro. É explorada por aquele pai e ajuda a sustentar os irmãos, sobrinhos... Revoltante.

— Pode *crê*! — concordei, porém orgulhosa de nossa amiga. — Dá esse controle. Você fica mudando e nem está vendo nada...

— *Tava* prestando atenção nesse teu papo. Que *bad*, tá louco! Pelo amor do guarda, vamos deixar essas conversas pra quando tivermos uns cinquenta anos.

Passou muito tempo entre discutirmos e decidirmos qual série assistir e, finalmente, assisti-la de fato. Foi um domingo de *gordices*, risadas e pensamentos aleatórios remoendo o subconsciente, ainda que eu nem tivesse dado permissão a eles.

Diferente da Mary, Val morava sozinha já fazia alguns anos. Comprou aquele apartamento de dois quartos, financiado e o decorou como uma casa de bonecas. Tudo era rosa. Adorava estar ali, e sentia que seu bom gosto e romantismo traziam uma energia tão boa, que muitas vezes fiquei tentada a ter meu próprio cantinho. Por outro lado, não sabia se me adaptaria tão fácil à solidão. Estava acostuma a ter meus pais próximos e só de me imaginar longe do Rafael, meu coração se partia.

— Se o Daniel se casar de novo, vai levar o Rafinha para longe da gente — falei, porém era pra ser um pensamento apenas.

— Não concordo! Vai levar o Rafinha para um novo lar, nunca para

longe de vocês. Por que acha que faria algo assim?

— É o curso natural da vida. Outra mulher, outros filhos... Vai se afastar de nós, *tá ligada*?

Ela pausou a televisão e se sentou de lado, com um dos joelhos dobrados sobre o sofá, ponderando, talvez medindo as palavras.

— Amiga, olhe para mim. — Obedeci e vi pela sua expressão, que ia pegar pesado, tanto que ela até segurou minha mão. — Você está apaixonada pelo Daniel?

Houve uma explosão em meu coração. Disparou sem que eu sequer tivesse chance de controlá-lo. Val largou uma bomba contra meu peito e cravou os olhos em mim para saber qual fora o efeito e o estrago provocado. Nem piscava, exigindo uma resposta rápida e sincera. Bem que tentei falar, quis ser ágil no raciocínio, porém o que pensar, quando somos nocauteadas? Ela cogitou algo tão, tão, tão absurdamente impossível, que não encontrava as palavras adequadas para expressar o quanto a achava louca por imaginar tal merda. Não! A *mina* não merecia que sequer supusesse levar aquilo em consideração.

— Quel, quer que eu pergunte de novo? — A ousada esperava que eu respondesse, mas só conseguia odiá-la pela petulância. — Ok, Raquel Webber, você está apaixonada pelo doutor Daniel, seu cunhado?

— *Mano*, nunca ouvi uma bosta tão grande de você, Valdirene. — Puxei a mão de volta, com certa violência como se o toque dela me queimasse. — Estou muito, muito ofendida... — Levantei meio zozza com efeito da *porrada* que levei. — Tô indo embora! Fazendo um esforço danado pra entender isso como uma *zoação*. Sim, porque só pode estar curtindo com a minha cara, mas vou tentar te perdoar. Até lá, não quero falar contigo, *tá ligada*? — Passei as alças da mochila nos ombros, peguei as chaves do carro e quase corri em direção à saída, para não precisar encará-la por mais tempo.

— Não precisa falar nada! Já respondeu — gritou como se houvesse a possibilidade de eu não escutá-la —, sua *tonga*!

Fechei a porta com força e corri batendo os coturnos no piso, até o hall. Apertei o botão, para chamar o elevador, repetidas vezes, num descontrole total. Como minha melhor amiga poderia pensar algo tão inescrupuloso a meu respeito? Daniel era meu cunhado! Não fazia sentido ela pensar algo como aquilo. Era ofensivo. Era ridículo... Era... Era nojento!

Dirigi sem rumo algum e sem pressa de voltar. Só precisava me recompor. Só dar um tempinho para acalmar. Nem saberia explicar o tanto de

raiva que sentia, não era comum, no entanto a Val havia me tirado do sério. Nunca ouvi tamanho absurdo. Devia estar se vingando por sempre falar mal do Fábio.

Foi muito idiota da parte dela...

Estacionei e desci para tomar um café, com uma colher de fôlego, numa confeitaria perto de casa. Parecia até me faltar o ar. Peguei o celular da mochila.

Foi muita ousadia dela.

Val: *Não adianta fugir. Isso está dentro de você, não importa aonde vá!*

Ignorei a mensagem. Até que aquilo passasse, ela seria apenas uma ex melhor amiga, decidi enquanto fazia uma ligação.

— Oi, mãe! O que estão fazendo de bom? — investiguei, como quem não queria nada, quando ouvi a voz suave da mamãe ao telefone.

— Assistindo um filme. Tão lindo, filha. Você precisa ver...

— Tá... Qual é?

— “Viver duas vezes”, é o nome.

— Prometo ver... — respondi e tentei parecer normal e prestar atenção na conversa, possivelmente falhei, porque Iolanda percebeu que eu estava diferente.

— O que foi, Quel?

— Nada não. — Limpei a garganta antes de continuar. — Estão sozinhos?

— Sim. Faz tempo que Dan e Rafa saíram e devem voltar só à noite. Por quê?

— Só pra saber... — disse sentindo um alívio por não ter que cruzar com ele naquela noite. — Daqui a pouco, chego. Querem alguma coisa da rua?

Estava salva. Daniel havia saído e eu poderia voltar tranquila. Era como se com a acusação, Val tivesse pintado em minha testa, que eu nutria algum sentimento pecaminoso pelo meu próprio cunhado.

Já no carro, dei sinal e fiz o retorno para pegar a avenida em direção da panificadora. Comprei os pães que a mãe pediu eu fui para a casa.

— Oi. Deixei o pão na cozinha. Vou pro meu quarto.

— Vai chover — o pai resmungou. — Raquel vai dormir cedo!

— Quel, por que está tão esquisita?

Meu Deus, devo estar mesmo. Preciso me policiar.

— Na boa, gente. Só tô com o sono atrasado. Vou nessa!

No banho, considerei que talvez a Val tivesse razão. Era meio infantil ficar chocada com os relacionamentos do Daniel. Homens transam e pensam em sexo diversas vezes ao dia. Eu mesma pesquisei sobre aquilo para um trabalho na faculdade. Dan era um cara legal, todo certinho, todavia era dotado de um pênis, logo era muito óbvio que boa parte dos pensamentos dele fosse com a cabeça de baixo.

Decidi que o melhor era esquecer o assunto. Afinal foi só um beijo e era provável que ele nunca mais visse a loira metida, devoradora de bocas. Tão bom seria se fosse assim tão simples...

Coloquei uma *playlist* qualquer para rolar e fui trocar uma ideia com a Mary.

You were the shadow to my light

Você era a sombra para minha luz

Did you feel us?

Você sentiu nossa conexão?

Another start

Um novo começo

You fade away

Você desaparece

Quel: Quanto tempo acha que um homem é capaz de ficar sem sexo?

Enviei a mensagem e dei um tempinho quando vi que ela escrevia. Nervosa, raspava a unha do polegar nos dentes, para retirar o esmalte, já todo descascado. Era um tique. Eu me sentia pior por não entender o motivo de me sentir assim.

Digitando...

Mary: ***Quel, não sou expert em impulsos e mentes humanas. Na verdade, você que é. Por acaso esse homem seria o teu cunhado?***

Quel: *Você já falou com a Val? Que jogo sujo! — Digitei com os polegares, com pressa e possessa.*

Digitando...

Mary: ***Amiga, não sei o que ele faz da vida, mas uma coisa, eu posso afirmar: Nunca o vi olhar pra alguém, como olhava pra Rafa. Penso que Daniel nunca mais vai amar daquela forma. Só que sexo, é necessidade!***

Não respondi mais. Larguei o celular na cama e de bruços, pendei a cabeça para fora da cama. Com os cabelos varrendo o chão, fiquei lá, admirando o piso. Alguma coisa naquela frase me incomodou.

Under the bright

Sob o brilho

But faded lights

Mas as luzes estão desbotadas

You set my heart on fire

Você pôs fogo em meu coração

Where are you now?

Onde você está agora?

A música do Alan Walker era muito propícia para o momento. Eu também estava cansada, então ajeitei o corpo e em posição fetal, desliguei, completamente. Dormi para não pensar.

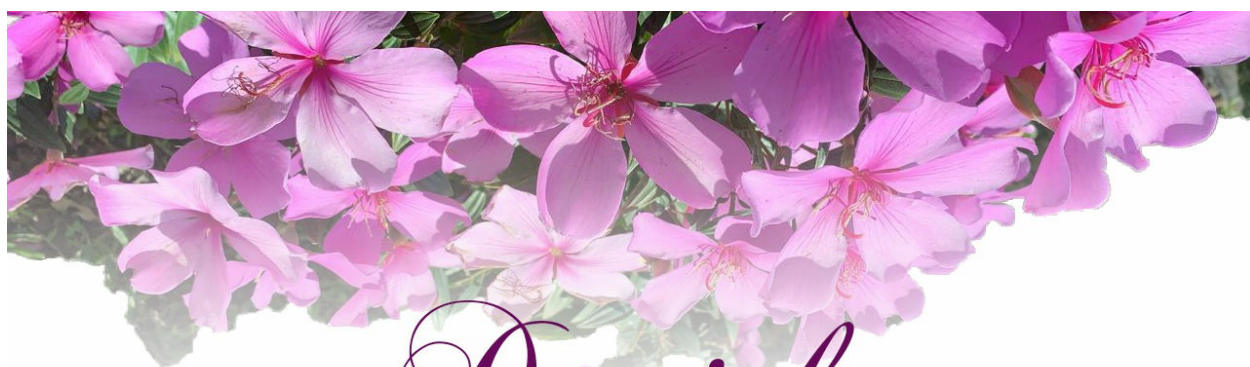
I'm faded...

Eu estou cansada...

Só precisei me deitar uma vez, uma única vez com aquele velho babão para que minha vaga, no Medicina Moderna, estivesse garantida.

Faria qualquer coisa para tornar tudo mais fácil para nós, meu amor.

Não suportava mais a espera. Corria contra o tempo e ele passava velozmente. Eu precisava convencê-lo...



Daniel

CAPÍTULO 14

Deixei a sala do doutor Fragonezzi, na luxuosa diretoria, contratado para chefiar a Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Medicina Moderna. Aquilo significaria algumas alterações dos horários no consultório e um salário muito atrativo em minha conta, contudo o fato de trabalhar num lugar com o que existe de mais atual na área médica, para assistência e tratamento dos pacientes, era consideravelmente, o mais empolgante. Era urgente que o local onde trabalhávamos até então, tomasse urgentes providências no sentido de contratar novos profissionais, pois boa parte do quadro, com os melhores médicos, fora fsgado pela raposa chamada Plínio Fragonezzi. Tínhamos um mês para cumprir avisos e nesse período, eu me reservaria o direito de não assumir novos casos e apenas supervisionar os especialistas recém-contratados. Ainda assim, deixaria um ou dois pacientes para trás, devido as suas limitações, gravidade de seus casos ou coberturas de seus planos de saúde, e aquilo me incomodou muito.

Saí tarde do consultório porque todos os agendamentos atrasaram, em função de ter me ausentado, por mais de duas horas, para fazer a entrevista.

Durante o jantar comuniquei a família sobre o novo emprego e na noite seguinte, saímos para comemorar. Em nenhuma das duas ocasiões, Raquel esteve presente. Eu pouco a tinha visto naqueles últimos dias.

Intensifiquei as horas de trabalho. As semanas seguintes foram bastante cansativas. Aos poucos Quel voltou ao que era, divertida e sorridente. Parecia ter esquecido o episódio com a Juliana na festa. Eu mesmo já não me lembraria, não fosse por sempre receber mensagens dela, como naquela noite de sexta-feira, na qual queria saber o que fazia e me convidando para jantar.

Dan: *Estou com o meu filho na casa dos meus sogros. Como você está?*

Digitando...

Juli: ***Com muita saudade de conversar com você. Conheço um ótimo café-bar. Que tal um bom e velho cappuccino? Sei que não rejeita um café.***

Sorri, pensei um pouco e marquei de encontrá-la tão logo colocasse Rafinha na cama. Até fiquei um pouco animado com a possibilidade de algumas horas em sua companhia. Estava convicto de que precisava me distrair um pouco.

Coloquei um jeans confortável e uma camisa social, para ficar um pouco diferente das do tipo polo que eu, comumente, usava. Rafael dormia e já de saída, vi Raquel na sala, sozinha, deitada no sofá. A luz estava apagada e a televisão ligada, porém sua atenção era dada ao celular.

— Vou dar uma volta. Não devo demorar.

Ela levou alguns segundos até me ver, em pé na penumbra, e encarar como se me analisasse.

— Alguma emergência? — perguntou e se espichou para alcançar o interruptor de luz, que ficava na parede, atrás do confortável e amplo sofá, em que ela descansava.

Vi sua feição modificar e o seu sorriso fechou ao perceber que eu havia me arrumado demais para quem atenderia uma emergência médica.

— Não precisa falar nada. Já vi que não. — A moça nem disfarçou sua alteração, bicuda, encarou-me como se eu tivesse cometido um desatino.

— Vou sair com a Juli. Aquela amiga que...

— Sei quem é *Juli*, e olha... *Mano*, não tem que dar nenhuma satisfação. Sua vida amorosa não me interessa! — afirmou com aspereza e descontou o mau-humor no controle remoto.

Quel mudava de canais como se sentisse raiva das teclas, com os

olhos semicerrados e até um pouco ofegante. Aquilo me fez considerar se era mesmo uma boa ideia confrontá-la. Curioso e num ato de coragem, arrisquei.

— Estou em prisão domiciliar? — tentei primeiro ser engraçado, só que não funcionou, então fui direto ao ponto. — É impressão minha ou voltou a me tratar com hostilidade por causa da Juliana?

— Impressão, óbvio — respondeu, sem se dignar a me olhar.

— Não. Não é! — Empurrei os pés dela para fora do sofá, reivindicando espaço para sentar. — Acho que seria mais maduro me falar o que a está incomodando, maninha.

— *Desencana*, Daniel! Ou está de consciência pesada? — Quel pausou a fala e pensou um tempo. — Não é nada com você! Só não vem com esse papo de maninha, pra cima de mim. Você é meu cunhado, marido da Rafaela, esqueceu?

Raivosa, ameaçou levantar dali, e entendendo o que queria dizer, eu a segurei.

— Quel, não quero que pense que estou tentando substituir a sua irmã.

— Também acredito que papai Noel existe. — Livrou o braço do meu toque, e caminhou apressada na direção da escada.

— Raquel! — chamei e contrariada, a moça parou com um pé no primeiro degrau. Deu uma longa bufada e voltou somente o rosto para mim. — Podemos conversar sobre isso se te fizer sentir melhor.

— Dan, vá para o seu encontro. Vai ficar chato deixar a *mina* esperando, né?

Contra a vontade, assenti, ainda muito intrigado com aquelas atitudes. Ouvi seus pés batendo nos degraus, pisando duro e, decididamente, aquele comportamento não era normal. Nunca imaginei que ela pudesse ficar tão contrariada apenas por acreditar, que eu estivesse tendo algum tipo de relacionamento com a Juliana. Dei de ombros e saí. Conversaríamos numa outra oportunidade e a faria compreender que ninguém seria, o que a Rafa foi um dia. Era algo impossível e totalmente fora de cogitação.



— Estou tão feliz que esteja aqui. — A pequena moça enlaçou os

braços ao redor do meu pescoço e me puxou para um beijo rápido e caloroso.
— Como foi seu dia, doutor?

— Bom e cansativo, como sempre. — Puxei a cadeira para que se sentasse. — Nada que algumas horas de sono não resolvam.

— Já sei... — Revirou os olhos, repleta de insatisfação. — Não pode ficar muito tempo.

Não respondi, apenas meneei a cabeça afirmando.

— Sinceramente, pensei que não fosse me responder quando enviei as mensagens.

— Sou educado, não faria isso. Eu só ando um pouco ocupado. A propósito, como conseguiu meu número? — interroguei e recostei na cadeira, observando-a.

— Você deu — afirmou, quase com raiva e com os olhos fixos em mim, e sorriu no instante seguinte. — Senti sua falta.

— Juli, preciso esclarecer algumas coisas. Quero ser honesto com você.

— Soube que sua mãe faleceu — ela me interrompeu, claramente querendo evitar que eu falasse. — Sinto muito, Dan. A minha também se foi...

— Também sinto.

— Foi por isso que quebrei a promessa de nunca mais voltar ao Brasil. — Apontou as mãos para corpo bem feito. — E aqui estou. — Aprumou-se na cadeira. Conferindo-me, como se me estudasse.

— Não sei quanto a você, eu me sinto órfão e abandonado, às vezes. Estranho pensar que não tenho mais pais, avós, tios...

— Talvez não precisemos. É horrível viver naquelas grandes famílias italianas, rodeados de crianças e velhos por todos os lados, invadindo nossas privacidades. Como eu odiava aquilo...

A garçonete nos trouxe um cardápio. Pedimos cafés e fatias de bolos de chocolate, pois já havíamos jantado.

Juliana sorriu como se estivesse genuinamente feliz com minha presença, no entanto, seu humor parecia oscilar o tempo todo. Eu a observava e remoía se devia considerar as suas últimas palavras. Nem combinavam com a figura linda à minha frente. Tudo nela era harmônico. O vestido, preto, acentuava as curvas, tornando-as ainda mais perigosas, capazes de desafiar quaisquer pilotos a correrem riscos por ali. Arriscaria dizer que não haveria um homem sequer, que não adoraria estar no meu lugar. Porém algo havia se

quebrado, desde que nos vimos na festa, quando, talvez, eu tivesse sido embalado pelas taças de espumantes que havia consumido a noite inteira. Ainda assim, ela me instigava.

— Você mora com seus sogros?

— Praticamente. Tenho duas casas, mas passo meu maior tempo livre com eles. Não temos uma babá, porque Iolanda fez questão de assumir os cuidados com meu filho. É minha família agora.

— E quanto a sua cunhada?

— O que tem ela? — Retraí o queixo, desconfiado com a pergunta.

— Não gosta de mim. Vi isso nos olhos dela, naquela noite. De você sim!

— O que está insinuando, Juli? E como sabia que era minha cunhada? Sabe tudo sobre a minha vida?

— Quem me dera, adoraria saber...

— Simples e pacata. Resumo-a para você em duas ou três frases: Sou um cara quebrado, cuja mulher que amava foi assassinada, respiro para criar meu único filho e trabalho exaustivamente, porque tenho medo de ficar ocioso e enlouquecer. Fim. — Curvei sobre a mesa e apoiei os cotovelos para encará-la mais de perto. Ela fez o mesmo. — Agora, sua vez!

— Eu? Bem, comprei um apartamento novo com o dinheiro que a mamãe me deixou. Coitadinha... — Franziu a testa e pareceu desolada ao lembrar. — Descansou agora.

— O que houve com ela? Alguma doença?

— É uma longa história. Era uma mulher fraca. Digamos que se deixou abater pela tristeza e cavou a própria morte.

— Depressão, o mal do século? É a batalha diária da maioria dos seres humanos: Não se deixar abater pela escuridão sinistra que habita cada um de nós. Um processo difícil.

— Exato, Dan! E merdas acontecem o tempo todo. A vida é cheia de surpresas, não é mesmo?

— E onde mora agora?

— Posso te levar lá, quando terminarmos aqui. Então, conversaremos sobre tudo. O passado, nossos sonhos e planos. Quem sabe traçamos metas para um promissor futuro. O que acha?

Fiquei um tempo a encarando, digerindo as suas palavras. Aturdido e tentando procurar algum resquício de humor na proposta que acabara de receber. Ao perceber, Juliana deu uma gargalhada de puro escárnio. De novo,

o humor oscilando, de um segundo para o outro.

— Estou brincando com você, homem! Menos sobre irmos lá pra casa, óbvio. O que me diz? O café vai fechar daqui a pouco.

— Não sei! Acha mesmo que é uma boa ideia?

— Você não lembra como costumava ser?

Juli estendeu a mão por cima da mesa e eu a segurei. Ela me fitou, profundo, como se quisesse adivinhar minhas intenções. Molhou os lábios e entrelaçou os dedos nos meus. Apertou-os e no segundo seguinte, seu pé descalço massageou meu membro, por baixo da mesa. Engoli em seco. Ela arfou. Inspirei fundo. Rastreei o ambiente, preocupado e muito excitado. Meu coração acelerou e me rendi. Eu a queria.

Sabia que ele não resistiria. Daniel era perfeito, mas homem. Parecia um deus, contudo era humano.

O descontrole me ameaçava. Eu precisava ser mais cuidadosa. A ansiedade me fazia trocar os pés pelas mãos e aquilo poderia ser danoso demais para os planos que tracei por anos a fio.

Eles não deviam ter tirado tudo de mim. Queria de volta, tudo o que me pertencia.

— Será assim, meu querido. Como tem que ser!



CAPÍTULO 15

A mãe havia contado que Dan aceitou o cargo no HMM. Ela insistiu que eu fosse ao jantar de comemoração. Não tive outra opção, senão declinar. Sair fora!

Nunca fui idiota e claro que fiquei remoendo aqueles últimos acontecimentos, as palavras da Val e até da Mary. Só lutava contra algo, que a meu ver, era ruim, crescia e dominava meu coração. A cada dia, mais complicava ficar perto do Daniel. Nossa! Cara! A presença dele incomodava, deixava trêmula, sem reação. Bem diferente daqueles encontros que costumava ter com os *boys* da faculdade. Como se fosse impossível não reparar nos gestos, sentir o perfume e, os ambientes, tornaram-se pequenos para nós dois. Se algo me deixava irritada, e eu detestava, era me sentir vulnerável. Meu cunhado me deixava insegura. Quando, às vezes, ele brincava comigo, dando um gancho em meu pescoço, o que sempre foi muito comum, eu já não reagia da mesma forma. As pernas fraquejavam e todo o corpo se alertava e acendia ao toque. Vê-lo com outra pessoa, desencadeou em mim uma avalanche de sentimentos perigosos que nem sabia que existiam. E quando me olhava, parecia saber o que eu pensava de forma desavergonhada. E por pura fragilidade, passei a fantasiar que Dan sentia a mesma coisa. Ele era sempre tão gentil, doce e atencioso. Chegava a perder o ar quando os seus olhos se direcionavam e estacionavam em mim.

Então comecei a reparar em coisas que antes não faziam qualquer diferença. A forma como caminhava, a passada larga e a bunda gostosa.

Como meneava a cabeça e sorria, ou o jeito de segurar a xícara de café, ou de pegar o filho no colo. A maneira como manuseava os talheres e, Deus, como levava os alimentos para dentro dos lábios... E que lábios...

Quando deitava, ouvindo música, ficava inquieta por pensar que dormia a poucos metros de distância. Sonhava com ele e me tocava.

Pedi desculpas a Val por ter gritado com ela e também por todas às vezes que a alertei sobre Fábio ser um escroto, babaca... Eu não sabia o quanto sentimentos tão intensos e profundos podiam alterar as nossas capacidades de discernir sobre coisas tão óbvias.

Quel: *Mina, tá osso. Por que sempre tem que estar tão certa? Está cada dia mais insuportável conviver com o Dan.*

Val está digitando...

Val: ***Bem-vinda ao mundo dos loucos, alucinados e meio inconsequentes, vulgarmente chamados de apaixonados e, difíceis de entender. É o amooooor! Está perdoadada, miga.***

Quel: *Mano, você não é nada original. E que música é essa? Hahahhaha*

Val está digitando...

Val: ***Falando como psicóloga: acredito que isso já esteja acontecendo há um tempinho, mas o gatilho foi você tê-lo visto com a garota.***

Quel: *Falando como mulher: Tô fodida.*

Descobrir estar apaixonada, pela primeira vez na vida, por alguém impossível, colocou meu emocional a prova e, inconscientemente, comecei a passar pelos estágios de luto, aquele conhecido pelo modelo de *Kluber-Ros*.

Numa primeira fase, neguei com veemência. Tentei fugir e travei uma dura batalha contra mim mesma. Não podia aceitar que estivesse louca para me atirar nos braços do meu cunhado. Não admitiria nem sob tortura, o quanto ficava feliz quando ele chegava em casa, por conversarmos vendo filmes e séries na sala de casa; por passearmos com o Rafinha, como uma família completa e feliz. Eu neguei estar cometendo o pecado de desejar dormir com o marido da minha irmã.

Aí, passei para a fase da raiva. *Meo*, tinha raiva de tudo! Daquela porcaria de Juliana que apareceu para afastá-lo de casa; de mim mesma, por

não ter tido forças para lutar e fugir daquilo tudo; dele, por ser tão especial, amoroso, lindo e proibido; por ser humanamente impossível uma mulher conviver com aquele homem e não amá-lo com todas as forças. Só minha mãe mesmo, porque ela nem era gente, era uma santa.

Então veio a fase da negociação. Negocieei com Deus e até comigo mesma. Pedi a Ele que eu soubesse agir de forma a não estragar a amizade que tínhamos e nem a convivência em família. Que aquele sentimento fosse controlável e passageiro. Santa ingenuidade, meu Senhor!

E de uma só vez, passei pelas torturantes e angustiantes fases da depressão e aceitação. Vivia triste por saber que Daniel nunca me veria de outra forma que não fosse como uma irmã mais nova, a cunhada desmiolada, madrinha do filho dele... Uma comadre, porra! Existiria algo mais horrível do que aquilo? Chorei no travesseiro, algumas vezes, por não ter sido forte e ter deixado aquela paixão livre para me devorar.

Aí, comecei a acreditar que o melhor era seguir em frente com vida, porque certamente, um amor como aquele, só traria danos para a família e não correria o risco de machucar o meu sobrinho. Afinal, ninguém perdoaria que tentasse tomar o lugar da Rafa, nem mesmo eu conseguiria. Só me restava aceitar. Precisava me afastar dele, por mais que doesse. Mas não era tão simples e sim, uma grande merda.

E na ânsia de sobreviver, cometi o erro de me envolver com outra pessoa, convicta de que era o melhor e, como num passe de mágica, todo aquele sentimento proibido, saíra de dentro de mim. Bastava que eu tivesse alguns momentos a sós com o gostoso do César e um ou dois orgasmos depois, aquela besteira de estar apaixonada por Daniel, passaria. Era sobre isso que falávamos naquela tarde, lá na instituição.

— Não rolou, Mary.

— Quel! Saciar desejos carnavais, nada têm a ver com amor. Esse sacia a alma. Quando correspondido, é claro. Resumindo: Bala perdida. Você já está ferrada!

— Posso te confessar uma coisa? — pedi com cara de cachorro viratatas que comeu o chinelo novo do dono.

— Precisa perguntar? Deixa de ser boba.

— Não tive orgasmos, *mina*!

Ela caiu na risada. Ria da desgraça alheia.

— Tá brincando? O *boy* é lindo e... Não acredito... Nem isso?

— Só pensava no Dan. Tirei o cara de cima de mim, não rolou.

— E ele?

— Deve estar preferindo comer o diabo que a mim.

— É pior que pensei. A Val está certa.

— Amiga, você sempre esteve com eles, desde que se conheceram, acompanhou tudo de pertinho, como foi que aconteceu?

— Daniel e a Rafa? — Ela nem pensou duas vezes para contar. — Sim, desde o primeiro dia. Aliás, era noite.

Parecia feliz ao recordar àquilo. Como se estivesse vendo um filme de amor.

— Como ele se comportou com ela? Quero dizer, enquanto estava se apaixonando... Demonstrava algo?

Mary desviou o olhar de mim e caminhou até uma das geladeiras. Tirou de lá uma garrafa de suco. A expressão dela era de quem recordava algo bom. A mesma de quando lemos um romance com uma história de amor tão linda, que nem parece real.

— Quer?

Assenti e ela serviu e retornou para o meu lado.

Batemos os copos a nossa saúde e, finalmente, Mary voltou a focar em mim. O silêncio nos trouxe os burburinhos das vozes e risadas dos idosos que faziam atividade física na sala de ginástica da fundação. De onde estávamos podíamos ver Nice sentada pertinho da porta, por algum motivo, ela não estava participando.

— Eu me lembro daquela noite, como se tivesse acabado de acontecer. Ficou marcada em minha memória. Rafa estava muito nervosa com o AVC que seu Zé havia sofrido, ambas estávamos. Ela discutia com o Marco, ao telefone, quando Dan entrou. Meu Deus, aquele marido a tirava do sério, e pensa em como ela ficou constrangida, ao perceber que o médico tinha presenciado parte da discussão.

— Ele era um verme nojento...

— Mas Daniel fingiu não ter ouvido nada e talvez, nem o tivesse mesmo. Nunca vi algo como aquilo. O cara não me olhou nem por um milésimo de segundo. Os olhos dele brilhavam, chegaram a ficar mais transparentes, cravados nela. Fitando-a, como se não conseguissem desviar. Hipnotizados. Rafa ficou sem graça, desligou e se aproximou da cama e ele só se desconectou dela para examinar e conversar com seu Zé, que acordou.

Mary parecia mesmo ter se transportado. Sua expressão era de pura emoção. Ela engoliu em seco e eu puxei o ar com força, como se de repente

tivesse ficado difícil de respirar. Meneei a cabeça, pedindo que continuasse. Sentindo o coração se apertando e encolhendo, a cada palavra.

— Eu acho que qualquer mulher que tentasse se aproximar depois daquela noite, seria rejeitada com veemência. O homem caiu de quatro pela Rafaela, no momento que a viu. Naquela madrugada, voltou ao quarto e vi o quanto ficou frustrado por me encontrar lá, e não a ela.

— Ele sempre foi muito apaixonado mesmo. Os dois eram. No começo ela negava, mas Dan acenava para a gente, de dentro das íris dela. Morava em seus pensamentos, sabe como?

— Quel, por que está fazendo essas perguntas, amiga?

— Porque preciso encontrar uma fórmula de acabar com essas coisas que estou sentindo... Porque é loucura estar apaixonada pelo meu cunhado ainda que ele seja lindo, gentil, inteligente e perfeito... Porque sei que jamais vai olhar pra mim, como olhou para ela — terminei com lágrimas correndo pelo rosto.

Doía não ter como vencer aquela batalha. Incrível como o amor sempre tinha que ganhar todas.

— Como pode saber, minha querida? — foi Nice quem perguntou ao entrar agitando, de um lado a outro, a bengala que a guiava, dando-lhe liberdade e a protegendo de qualquer obstáculo que pudesse haver à frente.

A idosa sentou e procurou minhas mãos, tateando sobre a mesa. Estendi-as para ela.

— Sou cega, porém ainda ouço muito bem. Escutei a conversa. Não querendo ser, mas já sendo abelhuda, por que está tão angustiada? Você é fascinante e nem precisamos enxergar para perceber.

— Ah, vó Nice, valeu! Só que não!

— É sim! Eu soube desde o primeiro dia que pisei aqui. Jovem, alegre, inteligente. Por que acha que é impossível conquistar o coração de um homem como ele?

Mary ficou constrangida e talvez por esse motivo, foi quem a respondeu.

— Acho que coloquei isso na cabeça dela, Nice. Não julgava a incapacidade da Quel, mas é que o doutor Daniel foi completamente apaixonado pela irmã dela e... — confessou meio encabulada ou talvez arrependida.

— E quem disse que ele está condenado a nunca mais amar? Mary querida, vivi por mais de quarenta anos com meu marido. — Nice pediu a

mão de Mary e a segurou também. — Eu o amei, muito mesmo, e fui fiel por toda a vida. No entanto me apaixonei por outro homem no meio do percurso, e talvez o tenha amado ainda mais que ao Rubinho. Jamais tive coragem de confessar e viver aquele amor. E se essa pessoa, a quem dei o coração em segredo, por mais de trinta anos, aparecesse agora, sei que minhas pernas ainda tremeriam e meus batimentos se agitariam como no passado. Bagunçariam tudo aqui dentro. Sabe por quê? — Negamos a uma só voz e ela prosseguiu. — Grandes amores nascem o tempo todo e precisam ser vividos, jamais morrem. Só se renovam e repetem. Amar cura feridas antigas, revigora a alma e nos faz sentir vivos. A única coisa pela qual me arrependo, na vida, foi me negar a viver aquela paixão. Não condenem o doutor Daniel a viver sozinho. Isso seria muito triste. Não importa em que ciclo da vida um homem esteja, o amor precisa fazer parte.

Nice deu umas batidinhas nas costas de minha mão, que ainda segurava. Depois procurou meu rosto, encontrou o queixo, apertou-o com delicadeza e deslizou os polegares para ajeitar minhas tranças atrás das orelhas.

— O que eu quero dizer é que o fato dele ter amado imensamente, não esgotou o estoque de amor que tem para dar.

Solucei alto com as palavras dela. Não consegui dizer nada e pulei em seu pescoço. Amava aquela mulher tão simples e tão sábia. Foi algo como aquilo que aproximou tanto a Rafa e o seu Zé! A riqueza de sabedoria e experiência. E apesar da deficiência, Nice enxergava muito mais que qualquer uma de nós.

— Tenho muito medo. Você sabe...

— Não, eu não sei. Que tal me contar do que tem medo, Quel?

— Que se um dia ele me enxergar, seja por estar me confundindo com a Rafa. Ele vive falando no quanto somos parecidas...

— Acho isso muito possível, Nice — Mary afirmou. — Ele era louco pela Rafaela.

— É possível, mas pouco provável. Seja corajosa. Pague pra ver. Se o ama, lute! Exatamente por ter amado tanto a sua irmã, que o doutor jamais a retrataria em outra pessoa, ainda que seja alguém muito parecida. Ela tinha uma essência e você tem a sua. O que não pode é ficar transando sem orgasmos, *tá ligada?*



Fui para casa e decidi tomar coragem e ter uma conversa bem séria com Daniel. Dependendo do rumo que tomasse, eu poderia abrir o jogo. Contar que não estava sendo muito sincera quando o acusei de estar traindo minha irmã. Que o negócio era comigo, mas que não tinha noção. No máximo, ele me chamaria de louca, diria que estou confundindo as coisas e que sou só uma pirralha que considera uma irmã.

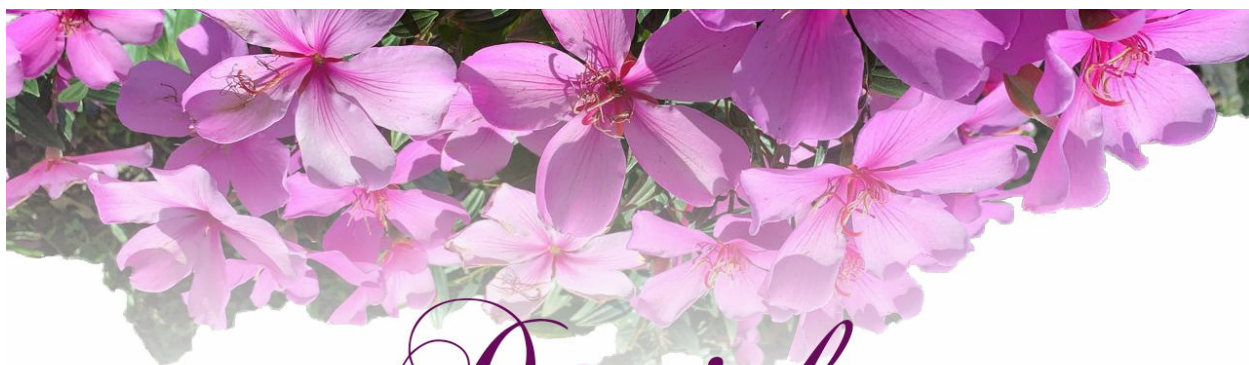
Nunca gostei de ficar me enrolando com problemas. Ou a gente resolve ou eles crescem descontroladamente, diante de nossos narizes, devoram, engolem. Não mesmo!

Só o que não esperava é que naquela noite, ele descesse todo arrumado e perfumado para sair e se encontrar com a “amiga” Juliana. Nem que aquilo ia acertar em cheio meu estômago, como se ele tivesse me esmurrado. Doeu, cara! Como foi difícil engolir aquilo. Dan devia estar se divertindo com a loira branquela, desde à noite da festa, enquanto eu fantasiava que sentisse algo por mim. Pudera! Podia jurar que o peguei me olhando certa vez... De um jeito que parecia estar...

Você é muito burra, Raquel!

Jurava que ele tinha esquecido aquela garota e me sentia tão tola. Podia jurar que não era uma tapada idiota, mas era. Jurei que não ia jurar mais nada...

*Só precisava fazê-lo desejar estar dentro de mim. Que ele necessitasse daquilo como do ar para respirar. E sabia como fazê-lo.
Eu seduziria o seu corpo e assim roubaria a sua alma!*



Daniel

CAPÍTULO 16

Segurava os cabelos loiros da moça, que tinha ajoelhada entre as pernas, para apreciar o vai e vem de sua boca em mim. Juli estava mesmo de volta. Relaxado, deixei-me envolver pelo seu forte poder de sedução. Nossa química sempre fora perfeita. Ela era deliciosa, e fiquei feliz por tê-la reencontrado, depois de longos sete anos. Um pouco de sexo casual, com certeza aliviaria as tensões do dia a dia.

O lugar estava impecavelmente arrumado, nenhum objeto parecia estar fora de seu espaço e um perfume suave de colônia infantil permanecia insistente por todo o ambiente. Não havia flores ou quadros nas paredes e isso me fez compará-la a Rafaela, que ao contrário, adorava vasos coloridos, objetos de arte, fotos... Eu não tive muito tempo para reparar em quaisquer outros detalhes. Fui empurrado para o sofá e devorado por uma predadora, uma versão escancarada de uma mulher devassa, louca, extremamente sexy e apressada.

Talvez pelo simples fato de conhecê-la e já ter tido um envolvimento com ela, senti-me a vontade em reviver aquilo. Voltei no tempo e novamente estávamos suando nos braços, um do outro, gemendo e nos acabando de prazer. Não era fazer amor, propriamente dito, porém era mais íntimo que as relações puramente necessárias, rápidas e sem qualquer emoção.

Eu a despi com urgência e fui puxado pelo corredor. Caminhávamos

com dificuldade e nos agarrávamos. Estava com o jeans aberto e em êxtase com a beleza daquele corpo roliço, tão perfeito e bem cuidado. Excitados e quase sem controle a fiz parar e a tomei nos braços espremendo seus seios contra mim. Levei a mão por entre suas pernas e invadi sua intimidade quente e úmida, fazendo seus gemidos se intensificarem e reverberarem pelo apartamento. Nossas bocas não desgrudavam. Tentei abrir a porta atrás dela, mas aquele não era o seu quarto.

— Não! — a garota gritou e me empurrou quase com estupidez.

Bateu a porta com rapidez e grudou no meu pescoço de novo, arrastando-me para o fim do corredor.

— Porta certa — avisou quando chegamos à suíte. — Pensei o dia todo em você! — confessou alternando a fala rouca e as mordidas que desferia por meu peito. — Não imagina as coisas que quero fazer contigo. — As mãos ágeis abriram de uma só vez, todos os botões da camisa que eu usava e desceram aflitas por me livrar da calça e cueca.

A mulher era ardente e parecia enlouquecida. O corpo esguio e pequeno estava exposto para mim, e ela tocava os próprios seios, sem desconectar nossos olhos. Sentou-se na beirada da cama e abriu as pernas, convidando-me a prová-la, fazendo-me salivar e não resistir ao pedido. Ajoelhei como um servo e dei tudo que queria, no entanto Juliana exigiu muito mais.

Experimentamos várias posições e levamos nossas mãos e bocas por todos os lugares, até acabarmos em verdadeiro êxtase e baquearmos. Relaxamos depois do alívio, tentando nos recompor.

Ela se jogou ao meu lado, feliz e ofegante. Fechei os olhos e fiquei um tempo em silêncio, colocando a respiração em ordem.

— Estou acabado — brinquei e segurei sua mão que estava próximo da minha. — Você continua incrivelmente gostosa.

Num gesto rápido, a moça se virou e beijou minha boca. De maneira calma, sem nenhuma pressa. Então ficamos um tempo nos fitando, trocando carinho e, satisfeito, eu penteei seus cabelos entre os dedos.

— Preciso ir.

— Ainda não matei toda a saudade — disse com a voz sedutora e voltou a enfiar a língua em meus lábios. — Tem certeza que não quer ficar mais um pouco? — quis saber montando sobre meu corpo, esfregando o sexo em mim.

— Eu não posso — arfei, quase me rendendo. — Amanhã acordo

cedo, para visitar os pacientes e...

— Então venha pra cá quando terminar. — O vai e vem continuava, provocando-me — Podemos passar o sábado juntos.

— Finais de semana, dedico exclusivamente ao meu filho. Mas teremos tempo para isso. Eu prometo. — Com cuidado, coloquei-a de lado e tentei levantar.

— Acha que mereço ser comida e abandonada como uma prostituta?

— É claro que não! — A pergunta me pegou de surpresa e o efeito venenoso daquelas palavras, agiu rápido e me fizeram sentir um canalha. — Comida? Não foi a intenção, eu só quis dizer que...

— Estou brincando, meu amor. Sei que não vai prometer, algo que não possa cumprir, não é mesmo?

— Não me lembro de ter feito isso.

— Sinto muito pelo que aconteceu com sua esposa.

— Juli, eu preciso mesmo ir — repeti, já me sentindo um pouco pressionado.

— Como tem sido a vida depois de tudo isso, Dan? — ela insistiu.

— A gente vai aprendendo a superar. Tenho o trabalho e principalmente o Rafael. Nada como a inocência e amor de uma criança para sairmos um pouco do inferno que vivemos.

— E o processo? Soube que foi a sogra dela quem cometeu o crime...

— Ex-sogra! Parece que já sabe de tudo...

— Acompanhei os jornais. Não sou uma *stalker*, se é o que está insinuando.

— É tudo muito demorado. Enquanto isso as pessoas que cometem crimes vivem normalmente, enquanto as vítimas sofrem todas as consequências. Isso é o mais revoltante.

— Sim. Nossas leis não são rígidas e os bandidos nunca são punidos. Concordo.

— Não sei se há algum tipo de consciência que os faça ao menos questionar seus atos. Eu salvo vidas! Outras pessoas não pensam duas vezes em ceifá-las. Nem sei se dormem quando colocam a cabeça no travesseiro. Procuro não pensar, para não enlouquecer.

— O que quer dizer com isso? — A garota me olhava de forma intimidadora.

— Como o que quero dizer? Exatamente o que disse. — Absorveu a resposta, porém não pareceu muito convencida.

— Você a amava, não é?

Pensei um pouco. Não que eu tivesse alguma dúvida, porém não entendia os motivos daquele interrogatório, nem onde ela queria chegar.

— Desde o primeiro momento que a vi.

— Isso é ridículo— afirmou e riu com escárnio. — Não acontece.

Sentei na beirada da cama e ela, de bruços, apoiou-se no cotovelo e puxou o lençol, deixando o corpo à mostra.

— Você ainda a ama? — continuou...

As pontas de seus dedos percorreram toda a minha coluna e as unhas afiadas se enterraram na nuca, sob os cabelos. Apertei os olhos pela dor intensa, consciente de que ela me feria.

— Preciso ir, Juli — encerrei e virei para encará-la, agarrando seu punho e fazendo-a aliviar à pressão em minha carne.

— E eu preciso de você, Dan.

— Eu ligo.

— Sabia que te admiro muito?

— Idem! — Beije-a com carinho e ela enfiou a língua em minha boca. Os meus batimentos já haviam recuperado a normalidade e afastei para não me descontrolar de novo. — Não me provoque — brinquei, querendo mesmo me livrar do contato.

— Você é tão lindo — observou e se jogou de volta no travesseiro. — Melhor ir logo, antes que me apaixone por você, homem.

— O que seria um grande erro.

— Não costumo errar.

— Então não se apaixone...

— Já pensou em casar de novo?

— Nunca.

— Eu casaria com você, doutor.

— Isso nem combina contigo.

Sem levar em consideração sequer uma única palavra, saí da cama e caminhei em direção ao banheiro. Ela aumentou o tom de voz quando sumi de seu campo de visão.

— As pessoas mudam, doutor Daniel. A vida nos transforma todos os dias, não sabia não? — gritou. — E não somos donos de nossas escolhas.

Livre do preservativo, tomei uma ducha rápida ansioso por me vestir. Ao acabar, enrolei-me numa toalha e voltei para o quarto em busca das minhas roupas. Juliana me pressionou a ficar, o tempo todo.

Ao deixar o apartamento, percebi que o morador vizinho, espionava por uma fresta da porta, que se fechou antes que pudesse vê-lo.



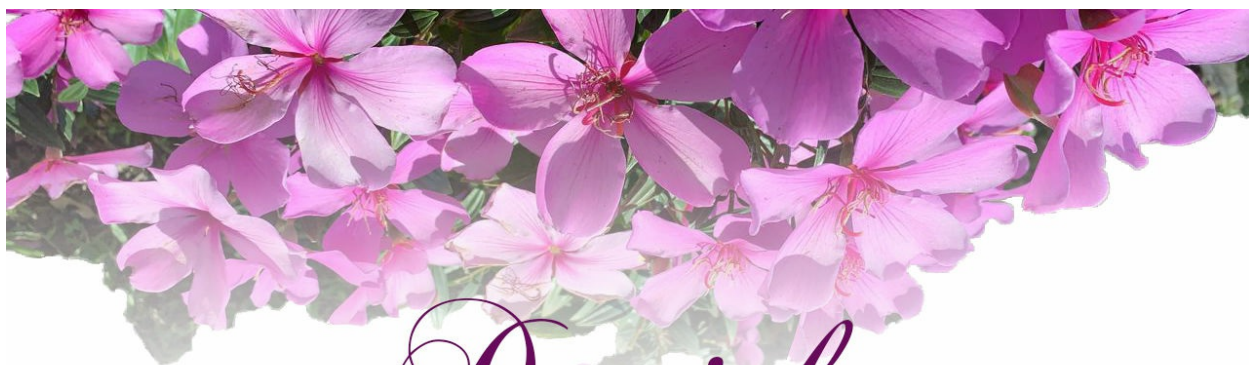
A vida nos transformava todos os dias. Juli estava certa. Cada manhã ao abrir os olhos, tentava entender qual era o meu papel no mundo. A única resposta dormia na cama ao lado e atendia pelo nome de Rafael. Ser pai daquele pequeno grande menino, era a missão mais importante, incrível e a que mais exigia. Não poderia falhar, jamais. Somado a isso, era feliz por ter escolhido a medicina como profissão e poder testemunhar cada mínimo sorriso de um paciente curado ou estabilizado. Era gratificante saber que não decepcionava toda a confiança que aquelas famílias depositavam em mim, porém ainda era um homem quebrado e nada parecia fazer sentido. Pensava que o meu desempenho nunca era o esperado. Sentia-me incompleto, vago, apagado. Como se fosse impossível, que um dia, eu pudesse ser pleno e merecedor de algum tipo de felicidade, de novo.

Ainda que eu tivesse acabado de ter tido bons momentos, naquele instante, dirigia para casa e sabia que Juliana não se encaixava em minha vida, mas por algum motivo, ela estava de volta.

Ele tinha que confiar em mim. Começava a me irritar com a forma arredia que Daniel me tratava.

Com raiva, arremessei um copo contra a parede e ele se fez em mil pedaços pontiagudos. Era a melhor forma de extravasar...

— Ahhh... — gritei ao sentir os cacos cravando na sola do pé... Eu precisava sentir dor...



Daniel

CAPÍTULO 17

Começamos a trabalhar no HMM após uma grande e elegante cerimônia de inauguração. A adaptação fora fácil e todos os dias, eu me deparava com colegas de profissão que também fizeram parte do quadro de colaboradores do antigo hospital.

Havia estado com Juliana na noite anterior e sabia que ela não daria plantão naquele sábado, porém era comum aparecer quando sabia que eu estaria por lá. Começava a me sentir um pouco sufocado com aqueles cercos. No início, sutis, depois, cada vez mais acirrados.

Cheguei àquela manhã e encontrei Aline, sozinha, na sala de espera da UTI. Ela lia uma revista, tinha as pernas cruzadas, totalmente à mostra, e eu quase não a reconheci dentro daquele short jeans, camiseta e com os longos cabelos loiros, livres por seus ombros. Aquilo a transformava numa pessoa totalmente diferente da enfermeira padrão e seriamente caracterizada em seu uniforme, de quem eu costumava fugir nos corredores..

— Como está, doutor Daniel?

— Bem e você? — cumprimentei, estendendo a mão, e ela levantou para retribuir.

— Estou esperando o Leo — contou sorridente e um pouco encabulada. — Estamos... Sabe, né?

— Fico feliz por vocês. Está em boas mãos, Aline. Leo é excelente pessoa.

— Espero que não pense que eu...

— Fique tranquila. Não penso nada. — Direcionei o olhar para a porta de acesso. — Preciso ir — aleguei apontando meu polegar para a entrada.

— Claro. Até mais!

Segui para as visitas pensando até quando aquilo iria durar. Leo era o típico solteirão assumido e sabia que se esforçava para engrenar naquele relacionamento.

— Encontrei uma gata, *te* esperando lá fora.

— Cara! Essa mulher está tirando meu sono.

— Parece que também está tirando o dela.

— Tomara! — rogou, mas não pareceu muito convicto. — Estou saindo daqui a pouco. Vamos para o litoral passar o final de semana. Bombinhas que aguarde! Vou usar aquela praia maravilhosa como cenário para um bom romance.

— É um verdadeiro paraíso! Divirta-se, amigo! — Estapeei seu ombro e caminhei para os quartos, onde os residentes aguardavam por orientações.

Aos poucos a vida seguia o curso. Sem grandes acontecimentos e tranquila, como era comum. Rafael crescia cada vez mais curioso, inteligente e divertido. Eu já não tinha medo obsessivo de que houvesse alguma possível consequência do incêndio para a sua saúde. Ele era acompanhado disciplinarmente por um pneumologista, além do pediatra, e estava cada dia mais forte, saudável e levado. Contudo eu nunca deixei de me preocupar todas as vezes que apresentava qualquer quadro mais significativo que de um simples resfriado.

Continuávamos a maior parte do tempo vivendo com meus sogros. Vinha sendo difícil para ele, adaptar-se a uma vida tranquila e a sós comigo, no casarão. E apesar de também amar aquele lugar, algo não deixava me distanciar por muito tempo da casa dos pais da Rafa. Mesmo após toda a reconstrução, aquelas paredes cuspiam labaredas de um fogo que jamais se apagava e aquilo queimava dentro de mim. Machucava meu âmagô. No início, foi quase impossível entrar lá, sem reviver o horror que passamos quando ela se foi. A dor estava incrustada por todos os cantos.

“Eu amo você, meu amor... Vai ficar tudo bem.”

Sabia que não ficaria e daria a vida, se possível, para manter a dela.

“Abra os olhos, Rafa!”

Pedi tanto que ela não os fechasse. Implorei tanto a Deus que não a tirasse de nós. Aquelas lembranças nunca se apagariam da minha mente. Rafaela lutou bravamente até o fim. Ela só se entregou, quando soube que nosso filho estava a salvo. Foi quando aquela última lágrima, grossa e lenta, desceu pelo cantinho de seu olho, rasgando sua pele, no exato momento em que o choro do Rafinha ecoou pelo centro cirúrgico. Ele gritando pela vida, e ela, aliviada, silenciada pela morte.



Horas depois, deixei o hospital, grato por Juliana não ter aparecido, e checando as mensagens no celular.

Quel: ***Tô no clube com o Rafinha. Vem pra cá?***

Dan: *Estou saindo do hospital. Tenho que passar em casa. Sem traje de banho.*

Digitando...

Quel: ***Okay***

Sorri e rolei a tela para abrir a outra.

Juli: ***Ontem foi incrível. Estou com saudade. Venha pra cá.***

Dan: *Sinto muito. Sábados dedicados ao Rafa.*

Digitando...

Juli: ***Ah, meu amor. Topo uma rapidinha.***

Não respondi. Dirigi para casa, peguei o necessário para piscina e, de novo, no carro, quase por instinto, segui em direção ao apartamento de Juliana.

Ela me recebeu com um gritinho de euforia, usando apenas uma minúscula lingerie branca e com um sorriso de felicidade.

— Está mancando? — perguntei ao perceber que caminhava na ponta dos pés.

— Meu Deus, Dan! Não sei o que acontece, mas estou louca e não consigo parar de pensar em você! Vamos transar!

— Acho que temos um tempinho para resolvermos isso.

— Não vamos perder tempo, sei que não pode demorar.

— Posso ficar o tempo suficiente para sermos felizes. — Minhas últimas palavras foram dentro de sua boca.

— Quero você, meu amor — ela ronronou no ouvido, fazendo com que todos os pelos do meu corpo se arrepiassem. — Não há nada que eu queira mais do que te fazer feliz, de preferência, dentro de mim — afirmou, falando com dificuldade e afoita, empurrou minha mão para seu sexo.

Beijei com tesão os lábios quentes e rosados, e a liberei das duas únicas pequenas peças que usava. Os dedos queimaram com o calor da carne rosada e úmida. Já estava pronto e louco por ela, quando suas mãos me espalmaram o peito e fui arremessado de costas, contra o colchão. Juliana me montou dispensando preliminares, apressada e ensandecida.

— Juli, espere — pedi, com a voz rouca e fraca. — Preciso de um preservativo.

— Estou limpa, Dan e confio em você — soltou as palavras e distribuiu lambidas aceleradas, por meu pescoço e peito.

Tive que me esforçar para fazê-la entender que aquilo estava fora de cogitação.

— Está louca se acha que farei sexo sem proteção.

— Não confia em mim? — sondou ainda me beijando e mordendo o mamilo com força, até que eu, gentilmente, coloquei-a para o lado.

— Filhos não desejados são concebidos quando atingimos certo nível de confiança. Vou pegar uma camisinha. Espere.

Na sala, procurei pelo preservativo que trazia na carteira e que ficara no bolso do jeans, deixado às pressas no chão.

Voltei para cama e como por encanto o clima havia acabado. Juliana parecia contrariada e um pensamento obscuro e teimoso, vagueou minha mente por mais tempo do que eu gostaria. Ela não poderia estar pensando naquilo.

— Perdeu o tesão por que busquei prevenção?

— Perdi por ter deixado claro que não confia em mim.

— Nada tem a ver com confiar ou não.

— Tem, Daniel — gritou, ofensiva e escandalosa. — Avisei que não havia perigo. Faço exames a cada seis meses, uso contraceptivos e confiei que você esteja saudável também! E o que fez? — Juliana se encolheu na cama como se eu fosse uma ameaça. — Disse que ia me fazer feliz... —

choramingou a última frase, depois de ter berrado todas as outras. — No entanto está me maltratando.

Fiquei por um tempo observando aquela reação. Remoí sobre as poucas vezes que estivéramos juntos e, em todas elas, vi algo ruim saltar de seus olhos e escapar de sua boca. Com certeza aquela moça já não era a mesma que conheci. E a única coisa que me ocorreu, foi que queria me afastar dela.

— Não vou entrar nesse seu jogo. Melhor ir embora — avisei e voltei para a sala.

Vestia as roupas quando surgiu ainda nua e sem dizer nada, recostou na parede. Apenas os dois pequenos faróis azuis e lacrimejantes perseguiam cada movimento meu.

— Fique... Por favor, Dan — pronunciou de forma doce arrependida, quando percebeu que eu estava mesmo de saída.

— Melhor não. Realmente preciso ir. Aliás, nem devia ter vindo — disse a ela, mas foi como uma crítica a mim mesmo.

Pensei em Rafinha e Raquel esperando no clube e me arrependi amargamente por tê-los trocado por alguns momentos de prazer.

Ajeitei os cabelos com os dedos e fiquei aliviado ao me afastar daquele ambiente tenso e pesado.

— Daniel, não pode me tratar como um lixo. — Ouvi mais aquele grito e cheguei a paralisar no corredor. Decidi por seguir adiante e não ceder às suas artimanhas.

De novo a porta do apartamento do único vizinho fechou-se quando me aproximei do hall dos elevadores. Alguém ali estava sempre à espreita.

— Não pode pensar que vai se livrar assim! — gritei ao me atirar contra a porta. — Maldito, desgraçado! Tem que devolver o que foi tirado de mim!

Ele não perdia por esperar.



CAPÍTULO 18

Brincávamos na piscina do clube com outras crianças. Rafinha subiu na borda e mergulhou todo desajeitado, dando barrigadas na água. Aplaudi orgulhosa por sua coragem.

— Muito bem, amor!

Ele me abraçou feliz. Continuamos nossa brincadeira. Eu o colocava nos ombros e deixava que pulasse de volta, depois o fazia pensar que conseguia me afundar.

— Tia, ó o que eu sei fazer — pedia a atenção para suas demonstrações de algo difícil, e eu para ele era uma grande conquista, como dar algumas braçadas de costas.

— Uauuu... Cara você é muito bom nisso — incentivava meu sobrinho e no momento seguinte todos os pequenos faziam acrobacias, mergulhando, dando braçadas e tudo mais que pudessem inventar.

— O papai logo vai chegar?

— Sim. O Rafa está com fome?— Não sei quem estava mais empolgado, se ele ou eu, com a expectativa da chegada de Daniel.

— Eu quero comer sorvete.

— Tomar sorvete, piá.

— O papaiiii chegouuuu... — O pequeno apontou eufórico e nadou para a borda.

Fui atrás e ao encontro daquele corpo dourado que caminhava em nossa direção usando apenas um calção, uma toalha jogada no ombro largo e óculos de sol protegendo o rosto sério, tão masculino e perfeito.

Malditos eram aqueles pensamentos cruéis que me esfolavam, faziam tremer as entranhas e colocavam cada pedaço de meu ser em combustão.

Perdi o fôlego ao acompanhar os movimentos àquele monumento que curvou para pegar o filho no colo, com um sorriso que brilhava e iluminava mais que o próprio sol.

— Eu estava “*megulhando*” com meus amigos e a tia Quel. Você vai “*megulhar*”, papai?

— Claro, filhão, não vejo a hora de pular com você nessa água. Deve estar uma delícia.

Eu não devia estar em meu juízo perfeito, e podia jurar que quando tirou os óculos, seus olhos passearam por meu corpo no mesmo instante em que pronunciou a palavra “delícia” e aquilo fez o coração bombardear no peito.

Empolgada e sem pensar muito, fiquei nas pontas dos pés e deixei um beijinho em seu rosto, bem no cantinho da boca e ao me afastar, nossos olhares ficaram presos. Minha pele arrepiou toda.

Rafinha escorregou para o chão deixando o pai todo molhado e as gotas d’água escorreram pela pele morena, por entre os pelinhos que levavam a perdição ou ao paraíso, enfim para onde eu queria ir. Não resisti e dei uma boa examinada no volume dentro do short e que completava o belo visual. Rafael pegou minha mão sacudindo-me e pedindo que voltássemos para água. Só então consegui tirar os olhos daquele homem. Ele me petrificava. Sempre tiraria o meu oxigênio, mesmo que estivéssemos ao ar livre como ali, naquele início de tarde. Dan me mediu com cobiça. E eu poderia jurar que não estava imaginando coisas. Não daquela vez.

— Pai, ó o que sei fazer. — O menino esperto pulou com as boias coloridas ao redor dos bracinhos avermelhados do sol e Dan sorriu encantado. — Viu? — gritou de dentro da piscina.

— Bora? — convidei com um sorriso maroto e fui surpreendida ao ser tomada com facilidade em seus braços.

Daniel me enlaçou as coxas, bem abaixo da bunda e saltou comigo, para alegria do Rafinha.

Mergulhei e submergi limpando os olhos e, ao abri-los tinha o moreno de um metro e oitenta, muito próximo e sorrindo encantadoramente para

mim. Meu coração disparou de novo e antes que pudesse recuperar o fôlego, Dan ajudou o filho a me afundar.

E ali passamos um bom tempo, entre brincadeiras e olhares sedutores, que poderia jurar... Não, não juraria nada... Eu sempre jurava tudo errado.

— Papai, quero comer sorvete.

— Tomar, filho.

— Eu sei, a tia Quel já disse — retrucou em protesto e arrancou um sorriso do pai.

— Pode tomar um sorvete enorme, depois que almoçar.

— Ah, pai... — Manhoso, tentava ludibriar o homem, sabendo que quase sempre conseguia.

— Rafa!

— Tá, mas não quero abobrinha e nem alface e nem feijão. Só arroz e batata- frita.

Daniel assentiu, passando a toalha pelo corpo para tirar o excesso de água. Eu fazia o mesmo com seu filho. Ocorreu-me que talvez o estivesse encabulando, porque meus olhos não conseguiam sair dele, pareciam viciados. Para disfarçar, achei por bem usar os óculos de sol. Dan ergueu Rafinha nos ombros e fomos para o restaurante do clube.

Sentamos e quando o garçom apareceu, fizemos os pedidos. Eles pediram sucos e eu uma caipira de limão.

— Dupla — completei, pois não dava para ficar sóbria.

— Aceitam uma batida de coco ou maracujá? — o moço ofereceu.

— Eu quero uma batida de coco, sem limão — Rafael avisou seriamente, para diversão de todos. — O quê foi? — perguntou sem entender nada.

— Que dia lindo! — Elevei o rosto ao céu para contemplá-lo diante do comentário de Daniel.

Há tempos, não o via tão feliz. Esperava que aquela alegria tivesse apenas a ver com o fato de estarmos ali, os três, aproveitando o raríssimo sol de Curitiba.

Terminamos nossas refeições e Rafael se lambuzava com uma enorme banana *Split*.

— Não é só o dia que está lindo. Olhe a cara do teu filho.

Dan sorria, orgulhoso e estufava o peito quando falávamos “seu filho”, e eu compartilhava daquele sentimento, sentindo-me como a matriarca daquela família.

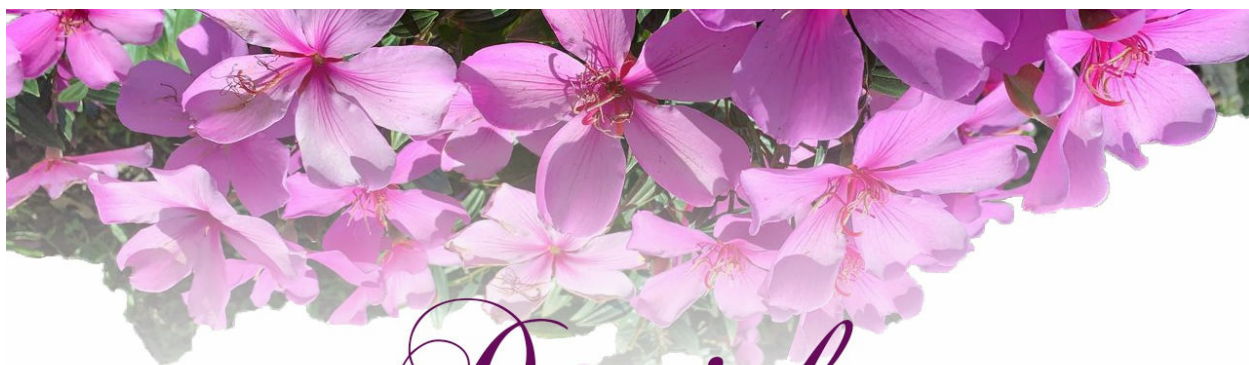
— Depois vou no “*togobã*”. Você me leva, pai?

— Sim, filho, quero só ver sua coragem pra descer. É bem alto.

— Sou “*os homens-aranhas*”. Solto uma teia. *Tsc tsc...* E pronto — afirmou nos contagiando com sua empolgação, com os dedinhos em riste imitando o herói favorito.

— Mas esse mundo é muito pequeno, não é mesmo?

Ele não tinha como fugir. Mas tinha um sério problema. Precisava dar um jeito de fazer aquela vadiazinha, definitivamente, sair do meu caminho...



Daniel

CAPÍTULO 19

Reconheci a voz feminina, no entanto demorei antes de tomar coragem de levantar a cabeça para enxergá-la, por baixo da aba do boné. Sabia de quem se tratava, porém custei a acreditar que Juliana estivesse atrás de mim, sussurrando em meu ouvido. Raquel tinha os olhos arregalados e parecia ainda mais surpresa que eu.

— Juli? O que faz aqui?

— Meu Deus, Daniel! Você podia pelos menos fingir que ficou feliz? Eu posso ir embora se...

— Pare com isso! A última coisa que esperava era te encontrar nesse lugar.

— Na verdade, liguei várias vezes para o seu celular e como não atendeu, tentei sua casa. Uma senhora muito simpática, Iolanda, eu acho, *me* contou que o encontraria aqui.

Percebi que Quel virou o rosto e, indignada, soltou uma lufada. Eu, realmente não fiquei contente com a presença de Juliana, ainda assim, por educação, convidei-a a sentar conosco.

— Papai... — Rafael murmurou se enfiando entre minhas pernas, encabulado com a estranha. — Vamos no “*togobã*”?

— Ah! Esse é o seu filho? — a moça perguntou, dirigindo um sorriso

falso para Rafael. — Ele é lindo! Oi, Rafinha, tudo bem? Sou a namorada do seu papai.

O garoto se encolheu ainda mais. Limpei a garganta, incomodado com as palavras dela e Quel tirou os óculos e me fulminou, com o cenho franzido.

Juliana retirou a saída de banho e expôs seu corpo perfeito, num biquíni minúsculo e colorido.

— Desculpe, nem te apresentei... Esse é o Rafinha, e Raquel, minha cunhada. Rafa, diga “oi” para a Juliana.

Não houve reação. Nem o menino a olhou e nem Quel a cumprimentou.

— Dan, eu vou levar o Rafa para lavar as mãos. — A moça carrancuda levantou bruscamente e pegou o sobrinho no colo. Ele pareceu aliviado por sair logo dali.

Sozinhos, Juli passou a mão pela lateral de meu rosto e enterrou os dedos em meus cabelos, como se tudo fosse muito natural.

— Não parece mesmo feliz por me ver aqui, Dan. Juro que senti muito e não parava de pensar no que aconteceu pela manhã. Vim mesmo porque precisava me desculpar.

— Juliana... — Afastei sua mão de mim e a coloquei sobre a mesa. — Não sei que porra está acontecendo com você, mas estou ficando cansado.

— Dan, qual o seu problema? Vim de casa com as melhores intenções. Associei-me para poder entrar no clube. Por que está me tratando assim? Eu já me desculp...

— Está desculpada, era esse o motivo? Pois fique tranquila agora.

— Meu amor, juro que só queria estar perto de você. Sei que fui uma idiota hoje cedo.

— Eu avisei a você que meu tempo é dedicado ao Rafa. Não estou entendendo essa sua conversinha. E que história é essa de “namorada do papai”?

— Você tem razão. — Ela baixou os olhos, prestes a chorar. — Sei que não devia invadir sua privacidade. É que me sinto tão sozinha às vezes. Minha única família ficou na Itália e perdi minha mãe... Aconteceram tantas coisas ruins...

— Juliana! — Impaciente, quis que se calasse. Já não suportava mais aquela ladainha.

— Ai, meu Deus! O que estou fazendo? *Me* perdoe, querido. Vou

embora... — Levantou, com a mão na testa, dramatizando, os olhos submersos em lágrimas.

— Olha, eu... Sei como se sente. — Tentei ser gentil e quebrar a tensão, no entanto falhei. — Eu não quis ser grosseiro. Nem é do meu feitio, só estou surpreso com as coisas que tem feito. Você está esquisita... Qual o seu problema, Juli?

Ela se recompôs quase que de imediato e voltou a sentar.

— Sei que te chatee. E parece que sua cunhada não gosta mesmo de mim. Por isso ficou tão irritado?

— É impressão sua. Ela só estava ocupada com o Rafael.

— Você não viu como me olhou? Não percebeu que sequer me dirigiu a palavra? Ela está apaixonada por você, Daniel. Não se faça de idiota comigo!

— Caralho! — Encarei a moça loira, sem mais nenhuma paciência. — Não preciso me fazer de idiota com você e nem com ninguém. Não estou interessado nas suas deduções e não quero brigar, então sinceramente, pensando bem, prefiro que vá para casa e me deixe aproveitar à tarde com a minha família e, se me der na telha, poderemos discutir nossos problemas, mais tarde. Porém já aviso que os sentimentos e a vida da minha cunhada não te dizem respeito.

— Meu Deus, Dan! Só queria ficar perto... É... — Fungava fingindo chorar. — É por causa dela que está me mandando embora? Que idiota eu sou. Como não percebi isso antes?

Já nem conseguia mais ficar constrangido por ser duro. Começava a entender que Juliana ultrapassara todos os limites e se eu não a impedisse, talvez perdesse o controle.

Ela juntou a bolsa e a peça de roupa que havia retirado há poucos minutos e saiu a passos largos, vestindo-se pelo caminho. A atitude dela me deixou tenso pela segunda vez, num único dia. Respirei aliviado, por não tê-la mais por perto, pedi a conta ao garçom e fui para perto do meu filho.

Raquel havia mudado de humor. Estava quieta, ficou mais fora d'água do que dentro e parecia estar longe dali. E eu relutava para não remoer as palavras inconvenientes de Juliana: *“Ela está apaixonada por você, Daniel.”*, e ainda que não quisesse aquilo me fazia sorrir quase descaradamente.



A primeira coisa que Rafael fez, ao chegarmos, foi contar para os avós que conheceu a “namorada” do papai.

— Só informei onde estavam porque ela insistiu que precisava conversar com você ainda hoje. E como tinha o número daqui, achei que não se importaria que eu dissesse.

— Pois é, Iolanda. Não faço ideia de como ela conseguiu o telefone daqui.

— Google. Já ouviram falar? O cara mais fofoqueiro do universo — Osvaldo sugeriu e apesar da brincadeira, esperava que fosse aquela a única explicação. — Até eu já sei usar.

Raquel subiu direto para o quarto. Depois do banho, descemos e eu não a encontrei na sala.

— Vovó? Cadê a tia Quel?

— Eu acho que foi jantar com um amigo, amor. Deve demorar.

— Amigo? — Não me contive e nem saberia dizer se consegui disfarçar o incomodo. — Que amigo?

— Não sei com quem, mas desconfio que seja o César, o fisioterapeuta que cuidou do seu Zé. Quel disse que o reencontrou naquela festa. Você se lembra dele?

— Não — respondi secamente. Menti sem sequer me dar conta do quanto fiquei contrariado.

Fim da conversa, minha sogra. Não lembro e nem quero lembrar... Não me obrigue.

— É, minha velha, parece que ficaremos bem servidos de fisioterapeutas nessa casa. — Foi uma das poucas vezes que não achei graça de um comentário do sogro.



Raquel não voltou e não a encontrei durante o restante do final de semana.

Recebi diversas mensagens da Juliana e rejeitei cada uma delas. Algo

estava diferente. Passado os primeiros encontros com a garota loira, já não sentia prazer em sua companhia e cada vez mais me convencia que o melhor que poderia fazer, era me afastar dela o mais rápido possível. Para isso acontecer, teria que ser extremamente claro com ela.

— *Oi, o Leo me disse que saiu mais cedo. Aconteceu alguma coisa? Tudo bem com seu filho?*

— Juli, pelo amor de Deus! Pare com essa perseguição. O que está acontecendo com você? Por que acha que tenho que dar satisfações da minha vida?

— *Por que está falando assim comigo, Dan? Só me preocupei...*

— Ok — concordei, envolto naquela gangorra de sentimentos. Ora tinha vontade de explodir e no momento seguinte me arrependia. — Eu não gosto de ser grosseiro, mas... Juliana, definitivamente, precisamos conversar. Pode ser agora à noite? Passo na sua casa, se você puder...

— *Claro, querido! Eu te espero.*

— Tão logo coloque o Rafa na cama — menti, ele já estava dormindo, porém de longe vi Raquel sentada na varanda.

— *Combinado. Um beijo, meu amor.*

Desliguei o telefone, pois já nem ouvia mais nada. Passei a observar Quel sob a luz do luar. Foi como sair do inferno e ser levado ao paraíso. Ela lia um livro e uma música bonita ecoava de seu celular. Não hesitei em seguir para perto dela, tentando a fazer parte daquele cenário.

— Quem está cantando? — Sem pedir licença, sentei ao seu lado no chão.

Quel baixou o livro e me encarou com olhos brilhantes e um sorrisinho infantil. Covardemente desviei o olhar antes mesmo de sua resposta.

— *Impossible, é do James Arthur. Gosta?*

— Sim, muito!

— É a história de alguém que foi muito magoado. Que apesar de terem avisado que tomasse cuidado com o amor, e dele ter cuidado, teve o coração partido. E sempre soube que era algo impossível. — De repente, ela parou e deu uma risada gostosa. — Que boba eu sou. Você fala inglês, porra!

— Gosto que me fale.

— Por quê? — Curiosa, ela inclinou ligeiramente a cabeça e os seus dentes miúdos esmagaram o cantinho da boca.

— Não sei. Só gosto.

Quel colocou um marcador de páginas, fechou o livro e o colocou ao lado do corpo.

— Como está o emprego novo?

— Muito bom. Tratamento de primeira e mais chances de recuperação para pacientes. É uma potência, ainda assim tem um plano de saúde acessível também a pessoas menos abonadas — contei empolgado, por ser aquele um dos meus assuntos favoritos.

— Pode *crê*. — No entanto, não parecia ser o dela.

— Faz tempo que não conversamos, né?

— Nem esperava por vocês hoje. Quase não dormem mais aqui em dias de semana.

— Está difícil do Rafa se adaptar ao casarão. Ele sente falta de vocês. Não é justo privá-lo da sua companhia e dos avós. Vou fazer tudo no ritmo dele.

— Tem sido difícil pra nós também. Rafael é a nossa vida.

Ficamos calados, de repente todos os assuntos perderam a

importância, e sem que percebêssemos nos fitávamos. E por mais que eu tentasse desviar, não conseguia. Estava preso naqueles dois pedacinhos de mar e quis mergulhar naquela imensidão e descobrir para onde me levaria.

James Arthur continuava gritando sobre o seu amor impossível. Era uma canção tão forte e a interpretação dele fazia transbordar a sua dor. Tornava-a quase real e me tocou profundamente.

A noite estava estrelada e linda e, ainda assim, não aproveitava para admirá-la. Nada é mais prazeroso que mirar o rosto encantador da minha cunhada. Fiquei incomodado com o que senti ao observar seus lábios se movendo, ela cantava... Não apenas isso, ela cantava para mim.

...And my heart is broken

...E meu coração está partido

All my scars are open

Todas as minhas cicatrizes estão abertas

Tell them what I hoped would be

Diga a eles que eu esperava que fosse

Impossible, impossible, impossible, impossible...

Impossível, impossível, impossível, impossível...

Quel estendeu o braço, e com a palma virada para cima, reivindicou o meu toque. Eu hesitei, porém não demorei a ceder e o fiz com suavidade. Meus dedos percorreram os dela, tão finos e delicados. Nossas mãos se entrelaçaram e eu a segurei firme. Os polegares se acariciaram e não consegui manter os olhos abertos. Uma pontada me atingiu, em cheio, e desgovernou o coração. Era o medo misturado à dor que me lastimava o peito, como se uma

faca pontiaguda tivesse sendo introduzida nele, bem devagar.

A música acabou e me afastei quase bruscamente, nervoso, tentando me livrar daquela aflição.

Que merda pensa que está fazendo, Daniel?

— Preciso sair — afirmei sem muita convicção e levantei angustiado por me distanciar dela. — Tem algo que preciso fazer e não pode passar de hoje.

Vi mudar a sua feição. As sobrancelhas se juntaram, as íris ganharam um brilho que me neutralizou, chispavam raiva contra mim. Como fui idiota a ponto de nunca perceber aquilo antes?

— Raquel, eu...

— Não precisa falar nada. Vá pra porra do seu encontro, Dan.

Ela pegou o livro e o celular e voltou para dentro da casa. Deixou-me sozinho com o silêncio da noite gritando loucuras em meus ouvidos.



Como escapar dos sentimentos traiçoeiros que afloravam com tanta força? Há tempos, não me sentia tão vivo. Cada vez que a Quel surgia, algo acontecia dentro de mim. Eu tinha plena consciência do que acontecia. Só quando conheci a Rafa, aquela explosão me açoitou de forma tão intensa. Sabia que havia sido de novo, arrebatado. Definitivamente, fui pego de surpresa, no entanto não viveria fugindo, enganando-me a respeito de algo quase palpável em mim.

Já havia tomado uma decisão e a primeira coisa a fazer era afastar a Juliana o quanto antes. E depois abriria o jogo com a Raquel, ainda que ela me achasse um louco, um pervertido e me rechaçasse. Contudo a forma como me olhou, fez-me crer que também estava envolvida.

Nunca mais eu deixaria nada para depois. Quanto mais pensava, mais

me convenciam. Seu Zé sempre foi muito sábio ao afirmar que a vida escorre pelos vãos de nossos dedos e que nada faz o tempo parar. Ou eu enfrentava com coragem e assumia minha paixão ou poderia me arrepender e viver infeliz para sempre.

— *Ele está vindo. É a oportunidade de reverter. Calma! Mantenha a cabeça no lugar. Pense, pense, pense, sua maldita!*



CAPÍTULO 20

— Posso entrar? — choraminguei quando Val apareceu para me receber.

— Ah, Quel, Quel. O que eu faço com você, guria?

Saí logo depois de Daniel e fui direto para os braços da minha amiga. Claro que brigávamos sempre, porém nunca ficávamos distantes. Há muito tempo, já havia pedido desculpas e dado o braço a torcer. Perdoei todas as verdades que teve coragem de me jogar na cara. Desculpei por me fazer enxergar o que não queria ver. Quanta ironia!

Por me conhecer tão bem, quando me abraçou, ela sabia o quanto estava despedaçada. Val puxou o fôlego e me colocou para dentro, pronta para juntar meus cacos, como fez com a mochila que eu largara no chão.

— Senta aí — pediu e me *carinhou* o topo da cabeça, como se eu fosse uma menininha com medo do escuro.

Obedeci e encolhida, com os pés virados para dentro e encarando os

coturnos grosseiros que usava, ensaiei contar minha história.

— O que aconteceu, Quel?

— Dan...

— Não diga! Sério? Nem me passou pela cabeça que pudesse ser algo relacionado a ele.

— Megera! — mostrei a língua e segurei uma risada. — Dá pra me levar a sério?

— Conta logo.

— Hoje, à meia hora atrás, achei que... Sei lá, cheguei a pensar que ele... — engasguei e depois despejei tudo junto e misturado. — Tipo, a gente sentou na varanda e *tava* tocando *Impossible* e cantei e segurei a mão dele, e a forma como me olhou... *Mano!* Num segundo, o cara *tava* na minha, sendo recíproco ao carinho e no outro, *tava* falando que ia encontrar a branquela...

— Ah! Pera! Você meu deu um nó na cabeça, amiga. Conte tudo, desde o começo. Porra, você fala mal do Fábio, mas o Daniel não tá me saindo lá essas coisas não.

— Não, Val. Eu é que entendi tudo errado. Ele me vê como irmãzinha mais nova. Tô ferrada, cara! Como foi que caí numa cilada dessas? Meu próprio coração agindo contra mim! Apaixonada por alguém que não poderá ser meu, mesmo que fossemos os últimos seres da face da Terra.

— Menos, né, amiga? Vamos beber. Cerveja ou vinho?

Dei de ombros, desolada, perdida olhando no nada. Ela saiu e voltou com uma garrafa de vinho e duas taças. Encheu-as e me entregou uma.

— O que ele disse que te deixou assim, tão pra baixo, Quel? Entendi o clima, a música, porém preciso de detalhes, pra entender esse teu abalo. O que rolou de fato?

— Estou perdendo o controle. Tem algo muito errado acontecendo.

Não consigo ficar perto dele. É humanamente impossível querer alguém e conviver na mesma casa. Sou testada todo momento... Dá vontade de tocar, de beijar, sentir o cheiro. Eu tremo quando ele se aproxima. É muito louco não ter domínio sobre suas próprias reações, *tá ligada*? E não posso esquecer que ele é o marido da minha irmã. *Mano...* É demais pra cabeça.

— Talvez agora, entenda o que o Fábio causa em mim.

— Não. Eu não quero isso! Não vou ficar escrava de um sentimento platônico e ridículo. É meu cunhado. Só que hoje... — Parei para recordar o que vi nos olhos de Daniel. — Hoje, ele me olhou diferente de todas as outras vezes. — Deixei as lágrimas descerem pelo rosto, enquanto a memória cuidava de repassar quadro a quadro a cena ainda tão recente e viva. — Ele me tocou e segurou de uma forma como... — Analisei a mão como se ainda visse as dele segurando-a e apertando.

— Como alguém apaixonado? — Meneei a cabeça e puxei as mangas para escondê-las, como se assim pudesse apagar a lembrança. — Ele estava na tua, amiga? Foi isso que sentiu? Ah! Que se foda essa história de cunhado.

Queria poder afirmar aquilo, porém não sabia exatamente o que pensar. Nunca um homem me fez duvidar da própria intuição, como Daniel estava fazendo. Bebi um longo gole do líquido encorpado e de cor vívida, linda e translúcida, como a cor da paixão ou do inferno que estava em meu interior.

— Posso dormir aqui hoje? Não quero ficar lá esperando ele chegar e imaginando o que esteve fazendo e... Sei que não adianta ficar fugindo, mas é só hoje...

— Claro, amiga. Sempre.

— Vou avisar a mamãe.

Já era bem tarde da noite quando deitamos na cama da Val, lado a lado, um pouco bêbadas e colocando todos os nossos fantasmas para correr de dentro de nós. Talvez pelo efeito do vinho, eles bailavam ao redor da cama e pareciam se divertir às nossas custas.

— Quando tinha uns doze ou treze anos, na sétima série, entrou um garoto para a turma, na metade do ano. Ele era parecido comigo, quer dizer, fisicamente. Cabelo castanho, olhos verdes bem repuxados e os cílios? Eram como se em todas as manhãs, fossem pintados com uma generosa camada de rímel, longos e negros. Fernando era lindo e foi o frisson de todas as *minas*, quando chegou ao colégio. Alvorçou todo mundo. E por incrível que pareça, eu era muito tímida e enquanto todas as garotas se jogavam pra cima dele, a boba aqui ficava apreciando de longe.

— E ele?

— O quê?

— Não te deu bola? Porque Quel, você é tão linda e...

— Olhava, sei lá! Normal! Eu não *sacava* muito bem o assunto. Fingia que não estava nem aí, no entanto observava o menino o tempo todo. Até o dia em que, perto do final do ano, contei para a Rafa sobre a minha paixão platônica. Ela pensou um pouco e depois disse:

“Não tem que fazer nada para chamar a atenção, precisa apenas ser você mesma. Converse como faz com todos. Dê uma chance para te conhecer. E se ele não perceber a garota incrível, que existe aí dentro, é porque é só um garoto bobo e não te merece”. — Fechei os olhos e foi como voltar à adolescência.

— Pelo amor de Deus! Fale logo, você ficou com o boy?

— A partir daquele dia, parei de fingir e passei a agir naturalmente. Cumprimentava, não tinha medo que a professora me colocasse para fazer dupla com ele nos trabalhos e, quando dei conta, estávamos tão próximos, a ponto dele ficar no portão do colégio esperando quando a mamãe me deixava ou buscava na escola. Foi o primeiro menino que beijei e acho que meu primeiro amor.

— Isso é tão fofo e meigo. Eu não tenho essas memórias. Minha adolescência passou por mim como um relâmpago e acho que só fiz merdas. Sempre tive um imã para atrair escrotos. E que fim levou o Fernando?

— No final daquele período, quando assinávamos os cadernos de recordações, ele fez uma declaração de amor na primeira página do meu, que guardei com todo cuidado. Quando o novo ano letivo começou, para minha tristeza, Fer não estava lá. Soube por amigos, que fora obrigado a passar para o turno da noite. A família não tinha dinheiro para pagar seus estudos e ele precisou trabalhar durante o dia. Senti muita falta, mas como toda adolescente, logo parei de suspirar pelos cantos. Até o dia que a diretora

entrou na sala de aula para dar um aviso: “*Infelizmente*” — ela disse cheia de enrolação —, “*algumas coisas ruins acontecem e com muita tristeza, preciso contar que, nesta manhã, uma tragédia levou um de nossos queridos alunos, do turno da noite*”. — Foi como se me desse um soco no coração e chorei. De alguma forma, sabia que era dele que ela falava. — “Fernando Zeliani, colega de turma de vocês, do ano passado, faleceu, vítima de um atropelamento”.

— Meu Deus, Quel! Era uma criança ainda! — Val ficou surpresa como se tivesse contado algo que acabara de acontecer. — Imagino o quanto deve ter sofrido. Sinto muito, amiga.

— Mamãe me levou ao velório. Abracei as irmãs dele, todas muito parecidas com ele, e a sua mãe, que era viúva. E quando me aproximei do caixão, para me despedir, jurei que jamais desperdiçaria tempo na vida. Que a partir dali, eu não complicaria mais nada e que apenas viveria, como diz o Lulu Santos; “tudo que há pra viver”. Porque perdi muito tempo até me aproximar e descobrir o quanto o Fer era incrível.

— E agora desaprendeu tudo de novo?

— Não! Por que diz isso?

— Está fugindo e escondendo o que sente pelo Daniel. Supondo coisas que nem sabe se são verdadeiras.

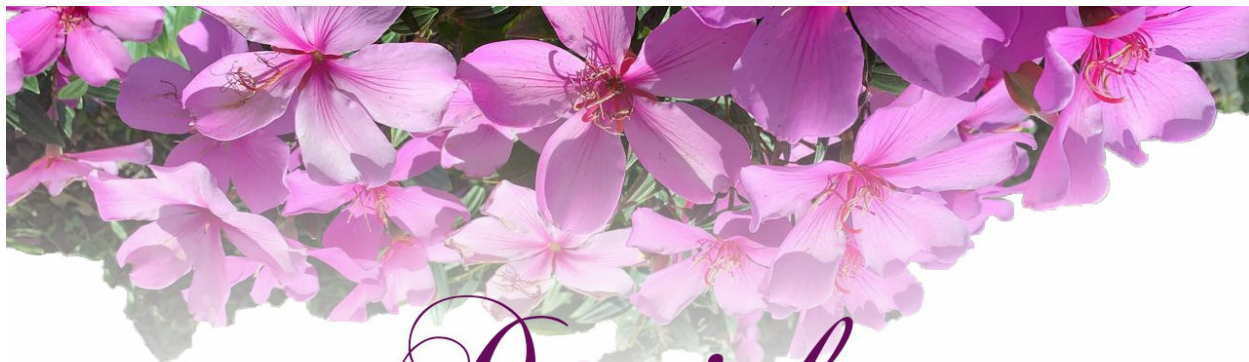
— Nada a ver, *mina*. Nem tô me escondendo. Daniel está com a Juliana, é um caso perdido.

— Vai entregar o jogo assim, de mão-beijada? Ele dorme com ela e isso, sabemos que não significa nada. Somos psicólogas, Quel. Cada um tem seu tempo e Dan está saindo do luto agora. Está sentindo necessidade de sair de dentro dele mesmo e viver. Só que isso não é tão fácil e pode ser que sem perceber, ele esteja minando os próprios sentimentos.

— Eu sei...

— Seja corajosa e jogue limpo. O “não” você já tem. E depois, caso ele não esteja a fim, pelo menos você *desencana* e acaba com essa agonia.

— *Concentre-se. Fique mais bonita. Pareça natural. Seduza-o! Ele não resiste a você!* — afirmava diante do espelho, enquanto tentava disfarçar as olheiras com maquiagem. Repetia, repetia...



Daniel

CAPÍTULO 21

Eu praticava natação todas as manhãs antes de iniciar o expediente, almoçava todos os dias em casa, sempre que possível levava e buscava Rafael na escola e se tivesse algum compromisso à noite, jamais saía antes que ele dormisse.

O sexo era uma forma de extravasar a tensão do dia, porém Juliana havia tornado aquilo uma obrigação, transformando o desejo num fardo e já não conseguia relacioná-lo a prazer.

Todas as tentativas de me afastar dela, até então, foram frustradas. Ela sempre dava um jeito de estar em todos os lugares. Investia pesado, sufocava, era instável e começava a me fazer muito mal.

Foi pensando naquela situação, que estacionei no prédio onde a fisioterapeuta morava e o porteiro a avisou que eu estava subindo. Apertei os passos para pegar o elevador e uma jovem morena segurou a porta para mim. Improvisei algo parecido com um sorriso, agradei e quando fui digitar o número do andar, ela já havia feito.

— Está indo ao vigésimo, também? No apartamento da Juliana?

— Sim.

— Óbvio, claro. Já que são dois por andar. E não o conheço... Sou vizinha de porta e amiga dela. — A moça me estendeu a mão que apertei. — Luciara, muito prazer.

— Prazer, Daniel — devolvi, sem muita empolgação.

—É o namorado dela, Doutor Daniel, não é mesmo? Ju me falou de você.

— Não sei o que disse, porém não somos namorados.

Totalmente sem graça, foi como me senti com aquela conversa. Limpando a garganta, ela virou-se para frente e passou a observar os números dos andares mostrados no painel. Ao deixarmos a cabine, com um sorriso e ar desconfiado, Luciara caminhou para o lado oposto, e só fechou a porta quando Juli abriu a dela. Constatei que fosse quem sempre vigiava o corredor.

— Oi, meu amor. — Como de costume, fui abraçado e beijado na boca. — Estava morta de saudade.

Afastei-a e dei um passo para dentro. Recebi outra demonstração exagerada de afeto e fui puxado em direção ao sofá. Juliana montou no meu colo e me enlaçou o pescoço, deixando-me desconfortável.

— Juli, pare com isso. Precisamos conversar.

Como se não tivesse ouvido, a garota mordiscou minha orelha, lambeu toda a extensão do rosto, até colar em minha boca. Não tive outra reação que não fosse afastá-la e colocá-la, sem nenhuma gentileza, para o lado.

— O que há com você, Dan? O que está havendo?

— Estou tentando conversar. Quero ser sincero e o mais claro possível, mas está, nitidamente, evitando que eu toque no assunto... O que pensa que está fazendo?

— Sei muito bem o que quer falar, Daniel.

— Então pare de agir como se estivesse normal. Não está!

— Acha justo? É legal agir dessa forma?

— De que forma, criatura? Porra, o que quer de mim?

— Você me usou esse tempo todo. Acha mesmo que pode trepar comigo, me fazer sua putinha particular e depois jogar no lixo? — interpelou como se de repente, eu tivesse me tornado um réu por ter cometido algum tipo de crime hediondo.

— Onde ficou a mulher que conheci no passado? — indaguei com a testa franzida, olhando nos olhos azuis e frios que me fitavam com ira. — Nunca prometi nada além do que tivemos. Desde quando você é uma garotinha ingênua, indefesa e mal resolvida em suas relações?

Contrariada, ela saiu de perto de mim. Seguiu até o bar e, calada, serviu dois copos de uísque e gelo. Quando me estendeu a bebida, lágrimas

desciam por seu rosto e aquilo elevou meu grau de constrangimento e, de novo, senti-me o cara mais cafajeste do mundo.

— Não sei onde aquela pessoa ficou, Dan. Perdida em algum espaço das nossas memórias, em qualquer outra dimensão de tempo. Ou talvez tenha sido arrancada de mim, como tudo na vida — completou entornando a bebida de uma só vez.

Depois voltou a sentar, de forma quase letárgica, daquela vez, no chão, olhando para o nada.

— Acho que sempre amei você, Daniel — a confissão veio num tom de voz fraco, como se fizesse esforço para soltar as palavras. — E tudo que quis foi que um dia percebesse. Porém estava ocupado demais com a carreira, depois o casamento e agora com o filho, para notar. Eu nunca o esqueci, Dan, nem um só minuto...

Cerrei as pálpebras quase sem acreditar no que acabara de ouvir. Nunca tive vocação para adivinhar nada. Sempre fui muito focado em coisas específicas da vida e aquela parecia ser a noite das descobertas. Estava perplexo e frustrado comigo.

— Você nunca me olhou com os mesmos olhos, nem prestou atenção em mim. Sempre me contentei com o que me dava: sexo sem compromisso, no entanto isso se tornou pouco quando me apaixonei por você.

— Tinha que ter me falado...

— Tentei — ela gritava, nitidamente perdia o controle. — Você estava sempre encerrado em sua ostra. Não deu o devido valor. Jamais me deixou participar de sua vida. Sempre reservado, agindo como se eu não existisse, me usando. O homem perfeito para todo mundo, o cara bonzinho, mas comigo, frio como gelo.

— Éramos amigos, Juli — argumentei e me abaixei para fazê-la me encarar. — Eu não podia imaginar... Sinto muito! Sempre soube o que teria de mim, não escondi e não prometi nada.

— Só queria que me olhasse como a olhava...

— Isso é loucura! O que sabe sobre a minha forma de olhar pra quem quer que seja?

— Eu sei que jamais vai me amar como amou a Rafaela. — revelando toda magoa, ela me tocou o rosto e quase implorou: — E agora que ela se foi, só quero uma chance de te conquistar. Não fique zangado comigo, por favor! Só peço uma oportunidade.

Vi mais uma cascata descendo pelas faces abatidas e pálidas, e num

impulso a puxei para mim, apertando-a contra o peito.

— Desculpe... Juli, *me* perdoe. Eu não podia imaginar.

Na medida em que os soluços se intensificavam, faziam seu corpo frágil sacudir, e mais ela se agarrava a mim. Enquanto a consolava, eu tratava de consumir a bebida, engolindo-a com o sentimento ruim que me colocava próximo a um canalha, egoísta, desprezível. Tudo que mais abominava num ser humano.

— Venha descansar. Amanhã você vai se sentir melhor.

Juliana ainda soluçava quando a cobri e apaguei a luz.

— Dan, por favor, não me abandone. Não tenho mais ninguém — pediu antes de eu deixar o quarto, impossibilitado de dar a resposta que ela queria.

Dirigi avaliando o passado com aquela então, moça loira, independente e divertida. Decididamente, nenhum detalhe me levava a crer que pudesse ter sentido algo diferente por mim. Nada além de uma forte atração física. Quis acreditar que naquele momento, ela estivesse um pouco deprimida e talvez a carência estivesse fazendo-a confundir os sentimentos.

Entrei apressado e depois da rápida conversa noturna com Bob, subi aflito por um banho. Rafinha dormia e a porta aberta do quarto da Quel, indicava que ela não estava em casa. Acendi a luz e perdi alguns segundos recordando o sorriso da menina bonita que me causou uma taquicardia ao cantar para mim.

— Dan, está procurando a Quel? — Meu sogro surgiu atrás de mim, flagrando-me. — Ela foi dormir na casa da Val.

Respirei fundo para me recompor e ganhar tempo de pensar numa desculpa, antes de respondê-lo.

— Não. Apenas tive a impressão de ter ouvido algo.

— Ah! Deve ser algum gato no telhado.

— Desculpe se te acordei.

— Não me acordou. Na verdade ainda nem dormi. Vou descer e tomar um copo d'água. Boa noite, Dan.

— Boa noite, chefe.



— Queria que tivesse sido diferente, porém ainda bem que temos os sonhos para realizar o que não podemos viver, concorda?

— Quando foi que disse algo que eu discordasse, minha Fada?

— Sonhava com você quando ainda nem sabia que estava apaixonada. Eu era casada com o Marco, e em todas às vezes, foi como sair de um pesadelo cinzento e escuro para entrar num jardim florido e colorido. Abria as asas e voava longe. E de fora do sonho, eu me via diminuir de tamanho e a silhueta sumia na imensidão azul do céu. E lá estava você, esperando-me, lindo, sentado numa nuvem gigante e fofa, sorrindo para mim. Ficávamos por horas, felizes, vendo o mundo real lá embaixo... Jamais queria acordar.

— Nunca me contou sobre esses sonhos.

— Estou contando agora. Mas farei melhor! Venha comigo, amor. Segure minhas mãos, feche os olhos. Vamos voar e eu vou te mostrar.

E pelas nuvens, como dois anjos de roupas brancas, gargalhando rumo ao infinito, com o vento soprando em nossos rostos, voamos, para que eu pudesse sonhar os mesmos sonhos que ela.

— É por isso que te amo tanto, Fada — confessei e aquilo a fez parar de sorrir. — Nada se compara a você, minha querida.

Segurei seu rosto entre as mãos e a beijei com delicadeza. Rafa segurou meus punhos e me puxou para deitarmos. Sem nos desligarmos, as línguas duelando, invadindo o espaço uma da outra, sorvendo gostos, trocando sensações avassaladoras e urgentes.

— Feche os olhos, Dan — ela insistiu, mas eu não queria perdê-la de vista, não conseguia deixar de fitá-la. — Preciso ser sua, sentir você em mim mais uma vez, por favor!

Obedeci e a tomei nos braços sentindo tanto amor, que chegava a machucar meu peito. A saudade escravizava meu ser e eu pensava que nada aplacaria a explosão daqueles sentimentos que me dominavam a alma com crueldade. Acaricieei e beijei, lambi e apertei cada pequeno espaço daquela pele macia e fui me encaixando entre as suas coxas. Queimando de excitação, morrendo de amor, enlouquecido de desejo. Primeiro suavemente para não perder o mínimo daquele prazer arrebatador, depois com força e intensidade, por completo, com urgência e desespero.

— Eu não consigo esquecer você. Não há um minuto que não sinta sua falta — sussurrava em seu ouvido e continuava açoitando e investindo contra ela.

Estávamos arfando e suados, prestes a explodirmos em êxtase, de

forma sôfrega, insana, surreal, e por esse motivo, dolorosa.

— Não precisa mais ficar longe de mim, Dan. Vou te fazer feliz. Não pode ser proibido, porque é amor. E sei que sente o mesmo. Abra os olhos, Daniel! Olhe para mim e encare a tua, a nossa realidade — sussurrou arfando e estremeceu ao redor de mim.

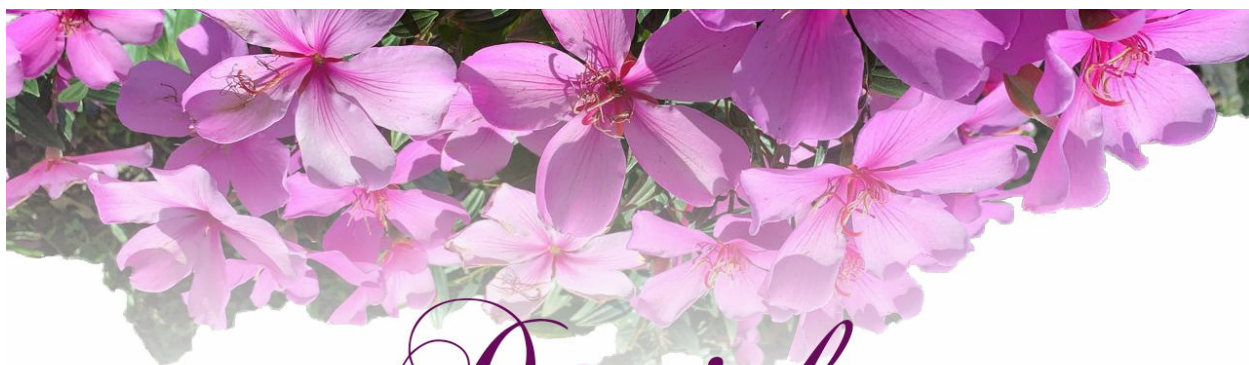
O corpo frágil arqueou, convulsionando num orgasmo impetuoso, os espasmos a sacudiam. Gemi alto ao gozar pleno de satisfação. Com dificuldade, levantei as pálpebras e uma dor excruciante rasgou meu peito ao encontrar o brilho dos olhos verdes e alagados, repletos de paixão.

— Ahhhhhh — gritei, aniquilado ao constatar que era Raquel que se fazia em mil pedaços sob mim.

Os malditos sonhos que então, só me torturavam, já não eram mais os mesmos. Inspirei e expirei, repetidamente, buscando recuperar o fôlego e a sanidade. Eu havia mudado e me condenava por deixar aquilo acontecer comigo.

Como faço para não enlouquecer por você, menina?

— *Nunca, nun.ca mais brinque comigo, Daniel! Realmente, você não sabe nada a meu respeito. Está na hora de me conhecer melhor!*



Daniel

CAPÍTULO 22

Tinha consciência e me culpava por ter alimentado as esperanças da Juliana. O fato é que um relacionamento sério com quem quer que fosse estava fora de cogitação. O que no passado foi perfeito para ambos já não existia, as intenções dela haviam mudado. Obviamente, eu não queria magoá-la, porém ela não estava conseguindo compreender e ficou nítido o quanto se abalou quando disse que era melhor pararmos com aqueles encontros. No entanto quanto mais o tempo passasse, pior seria um afastamento.

A Unidade de Terapia estava lotada e eu, muito ocupado em minha mesa, checava no computador alguns resultados de exames que haviam acabado de chegar do laboratório.

Vi Juliana se aproximando com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos do jaleco. O *iPhone* repousava na minha frente e vibrou notificando mensagem. Abri o aplicativo e respondi Iolanda sobre a compra de implementos para o *Brilho Eterno*. A fisioterapeuta parou diante de mim, aguardando, com a fisionomia fechada, indolente.

A porta de um dos boxes se abriu e uma das enfermeiras gritou que havia uma emergência lá. Empurrei a cadeira para trás e corri para prestar socorro ao idoso em convulsão. Orientei a enfermagem quanto aos procedimentos e medicação do paciente. Todos os equipamentos estavam desestabilizados. Seu corpo todo tremia com violência. Fiquei ali o tempo necessário para estabilizar o homem que passava por uma crise epilética. Ele

tinha diagnóstico de uma neurocisticercose.

Eu suava frio quando terminou, porém ficamos todos aliviados. A equipe se cumprimentou. Os ombros se soltaram, o medo deixou o ambiente. Pelo vidro no alto na porta, observei Juliana a minha espera, digitando no celular. Continuei auxiliando os enfermeiros, absolutamente sem qualquer pressa de saber o que a trouxera. Prescrevi a medicação do paciente e quando olhei outra vez, ela deixava a minha mesa e seguia em direção à saída. Mais uma vez a sensação de alívio me fez até respirar melhor. O fato de trabalharmos juntos deixava tudo muito mais difícil.

Quase no final do expediente, a secretária do doutor Fragonezzi avisou sobre uma reunião, na sala dele, na manhã seguinte. Agendei no *iPhone*, atendi os últimos familiares, troquei o plantão, tirei o jaleco e quando já passava das oito horas da noite, saí.

Demorei meia hora até estacionar no portão da casa dos sogros, apesar de dirigir o mais rápido que pude, para encontrar Rafinha acordado. Estava exausto e com fome, porém saber sobre o seu dia e apertá-lo nos braços era revigorante. Eu ainda me lembrava de quando moleque, o quanto gostava de esperar meu pai chegar do trabalho. Havia sempre uma surpresa boa. Um livro, um brinquedo ou um doce, além do aconchego do colo e as histórias mirabolantes que me impressionavam e até assustavam e que adorava ouvir. Queria marcar a vida de Rafael com boas memórias também.

— Boa noite — cumprimentei tão logo coloquei os pés na cozinha, onde minha sogra organizava a louça na pia. — Acabei me atrasando. O Rafa já dormiu, pelo silêncio...

Parei de falar assustado com o impacto da tampa de vidro que explodiu em mil pedaços, ao escapar das mãos de Iolanda e se chocar contra o piso de cerâmica. Percebi o olhar interrogativo e desesperado que fez meu coração falhar.

— Você está bem, Iolanda? — Preocupado e quase como por reflexo, apressei em ampará-la antes que perdesse o equilíbrio. A mulher perdera a cor e estava gelada. — Landa, fale comigo.

— Que brincadeira é essa, Dan? Onde está o Rafael? — inquiriu aos berros e se agarrou à manga da minha camisa de forma agressiva e avessa a sua natureza.

Eu a ajudei a sentar, porém não consegui discernir sobre o que acontecia.

— Do que está falando? — Curvei-me para encará-la, já em estado de

cólera. — Como: “onde está o Rafael”?

— Deuuss — ela gritou como jamais a tinha visto fazer. — Você não foi pegá-lo na escola? — Sua voz era falha, no entanto acusatória. Não conseguia assimilar aquela informação. Não fazia nenhum sentido.

— Por que buscaria?

— Mãe? — Quel aproximou-se meio em pânico por perceber que algo estava errado. — Dan, o que foi? Mãe, o que você tem?

Iolanda estava tendo uma síncope. Falava aos prantos, trêmula e pálida.

— Meu telefone. — Virou para apanhar o aparelho sobre o balcão e mostrou a tela. — Você disse que o pegaria, Dan!

— Como assim, mãe? Gente dá pra explicar pelo amor de Deus...

— Você esqueceu que ficou de pegá-lo na escola, Dan? — Tirei o telefone da mão dela e li uma mensagem que não enviei, avisando que buscaria o Rafinha.

— Não mandei nada. Que loucura é essa? Só pode ser brincadeira.

— Mãe, calma! Conte direito o que aconteceu.

— Não tem nada pra contar. Onde ele pode estar numa hora dessas, Quel? — minha sogra gritava, num total descontrole. — Já teriam ligado se estivesse lá. Vocês não entendem o que está acontecendo? Alguém levou o Rafael!

Osvaldo desceu e ao perceber o que ocorria, ficou estático, sem saber o que fazer. Saquei o celular do bolso e liguei para a escola. Obviamente, ninguém atendeu. Ao mesmo tempo, Quel entrou no aplicativo e digitou algo para a direção da escola, mas naquele horário, é claro que não haveria retorno.

— Tente o *Facebook* da diretora, coordenadora, professora, qualquer pessoa, Quel.

— Estou tentando, porra. Que merda você fez, Daniel?

— Vamos ligar para polícia! — A avó do Rafinha pediu em desespero.

— Calma, Landa. Você vai ter um treco daqui a pouco, ou eu. — Osvaldo entregou um copo d’água à esposa.

— Consegui! A Malú está respondendo no *Messenger*. Graças a Deus.

O celular tocou e Raquel o atendeu, em viva voz, demonstrando seu desespero e acusando a coordenadora.

— Malú, pelo amor de Deus! Que merda vocês fizeram? Onde está o Rafael?

— Raquel, não me assuste! Não sei do Rafa. Nenhuma criança ficou depois do horário. Espere um minuto, vou verificar os vídeos e avisos no sistema.

— Isso não está acontecendo? Que porra, fizeram com meu filho? — perdi o autocontrole.

Desferi um murro contra a parede e impotente, não conseguia ficar parado. Arrastava-me de um lado a outro. Um sentimento ruim tomava conta de mim, como se algo demoníaco me dominasse, apossando-se das minhas forças a cada segundo que passava sem notícias.

— Pergunte se há vigia no prédio. Se alguém viu o Rafael sair. Quel...

Ela sinalizou com a mão espalmada no ar para que eu me calasse. A coordenadora da escola voltou à ligação.

— Ele foi entregue à noiva do Daniel. Foi ele quem a autorizou, via *Whatsapp*. Checamos os documentos. Ligue para ele e esclareça tudo, Raquel. A escola não tem nenhuma responsabilidade sobre as decisões dos pais.

Quel me olhava enquanto ouvia e eu soube, pela sua expressão, o quanto estava enfurecida. Ela me fuzilava com as íris verdes brilhantes, inflamadas e inundadas de lágrimas. Agradeceu, desligou o telefone e avançou contra mim.

— Que porra é essa que está fazendo? — esbravejou e socou meu peito, totalmente desestabilizada. — O que pensa que está fazendo, seu merda? — rosnou entredentes e me deixou ainda mais alarmado.

— Pare com isso! Está louca? — eu me obriguei a gritar e segurar seus punhos com força, para que se acalmasse.

— Autorizou a sua “noiva” a pegá-lo, esqueceu? — Ainda aos berros, empurrou-me e saiu da minha frente. — Seu idiota, desgraçado! Podia ter matado todos nós do coração.

— Eu não autorizei... — De repente, caí em mim, trêmulo, com os olhos saltando das órbitas. — Não mandei nenhuma maldita mensagem.

Com as imagens se refazendo, como num filme, eu corri aflito em direção à garagem. Lembrei de Juliana chegando na UTI e de que deixei o celular, provavelmente, destravado sobre a mesa.. Foi no desespero em atender a emergência. Só podia ter sido naquele momento. Ela digitava, eu vi, mas como podia imaginar que fosse com o meu telefone? E muito menos que

estivesse se comunicando em meu nome? Procurei os vestígios das mensagens dela, porém foram todas apagadas.

Transtornado, custava a acreditar no que aquela louca chegou ao ponto de fazer.

— Que loucura é essa que está acontecendo aqui afinal? — Osvaldo perguntou. Todos me seguiam para a saída. — Quem é essa Juliana? Aonde vai, Daniel?

— Vou buscar meu filho — rosnei sem reconhecer os sentimentos desprezíveis, que afloravam dentro de mim.

— Vou com você, Dan — Quel avisou, já com a bolsa engatada nas costas.

— Eu resolvo isso, Raquel. Cuide de seus pais — contestei, proibindo-a de me seguir.

— Tente me impedir, cara!

O moleque era forte como o pai! Ele tentava girar a chave e abrir a porta, para deixar o apartamento. Fugir de mim como Daniel fez. Obrigou-me a ficar trancada no quarto, para não perder a cabeça.

Malditos remédios que nunca faziam efeito!

— Onde está, seu desgraçado? O que pensa que está fazendo? Não suporto mais esse som em minha cabeça! Pare, por favor!

Pela décima vez, olhei o celular. Finalmente, ele estava vindo.

Tampei os ouvidos para suportar aquele choro infantil..



CAPÍTULO 23

Daniel dirigia como louco ao mesmo tempo em que selecionava, incansavelmente, o número da mulher que roubou Rafael. Ela não o atendia. Eu nem reconhecia aquele homem. Não era o meu cunhado, aquele médico tão calmo, sensato e apaziguador. Não! Ali estava uma fera pronta a atacar o predador do filho. Transtornado, desesperado e descontrolado. Vermelho de raiva. Aflito e temeroso.

— Qual o problema dessa garota? Ela é louca ou o quê?

— Não sei... Eu não sei... — ele gritou e socou o volante, fazendo-me encolher no banco do passageiro.

— Dan, estou tentando entender o que aconteceu, mas... Porra! Por que ela estava com seu celular? Como estava usando seu *Whatsapp*? Qual é o nível de relação que você tem com essa mulher, pra deixar as coisas chegarem a esse ponto? Cara, isso é grave demais.

— Pare de me acusar! Enviei uma mensagem para sua mãe. Ela apareceu no exato momento em que eu tive uma emergência para atender — esbravejou. — Foi nesse momento. O celular ficou ligado na porra da mesa. — Sua voz estava embargada — Juliana está louca se pensa que isso não terá consequências. — As últimas palavras pareciam ter sido ditas apenas a si mesmo.

Entendia, pois sentia o mesmo. Medo, angústia, aflição, raiva. Por um minuto o odiei por pensar que havia autorizado a garota a se aproximar de

meu sobrinho, porém Dan era responsável demais para agir daquela forma, eu deveria saber.

Ele estacionou, de qualquer jeito, na frente de um prédio de classe média alta. Tive que correr para alcançá-lo e sem paciência, pediu que o porteiro liberasse a nossa entrada, mas o homem não cedeu e nos anunciou pelo interfone.

— Podem subir — o coroa avisou, sentindo-se vitorioso por nos fazer esperar.

Ao deixarmos o elevador, já ouvimos o choro do Rafael e aquilo fez a gente perder o mínimo de sensatez que ainda restava. Tentei girar a maçaneta que, era óbvio, estava trancada. Dan tocou a campainha e bateu insistentemente. Socou a madeira maciça, com o punho fechado. Respirei fundo e fiquei com medo da reação dele, quando ela abrisse.

— Juliana, abra agora, porra!

— Dan, eu sei que é barra, mas procure ficar calmo... — sem me dar a mínima, continuou a gritar o nome da maluca.

Então ela escancarou a porta e sorrindo nos deu as costas, ao mesmo tempo em que outro vizinho também o fez. Alguém espiava por uma fresta.

— Papaiiii... — Rafael correu e Dan o tomou nos braços, apertando-o contra si, acalmando-o e tentando inspecioná-lo, averiguando possíveis ferimentos.

— Rafa... Calma, meu amor. Está tudo bem! O papai está aqui. Desculpe por eu ter demorado...

Não saberia dizer o quanto bêbada ou chapada, Juliana estava, porém seus olhos vermelhos e a voz enrolada a entregavam. O humor e o corpo oscilavam entre um passo e outro, de um estado a outro.

— Meu Deus, que demora! — reclamou com os braços levantados, como quem dava graças por estarmos ali. — Esse moleque está me enlouquecendo com essa choradeira: “*Eu quero meu papai. Eu quero meu papai. Eu quero meu papai...*” — continuou a falar alto, imitando uma voz infantil. — Que inferno!

Havia pedido ao Dan, que se mantivesse calmo e pegasse leve, porém eu mesma não fui capaz. Impossibilitada de raciocinar, agarrei a piranha, desgraçada, pelos cabelos.

Puxei com tanta força e ouvi seu grito quando desequilibrou e tombou no chão, não foi suficiente para aplacar minha vontade de machucá-la. Sem pensar direito, montei nela e bati; primeiro estapeei seu belo rosto e depois,

as mãos e braços que ela usava para se defender. Dei enquanto pude, até que Daniel largou o Rafinha e me puxou com força, por que se não o fizesse, eu a mataria.

— Quel, pare com isso! — Enquanto ele me afastava dela, eu ainda esperneava e tentava chutá-la. Nunca senti tanto ódio, nunca fui tão primitiva em toda a merda da vida. — Para, Raquel! Vamos embora daqui!

Agarrei-me ao menino e assustado, ele ainda fungava, quando o trouxe para o colo. Dan juntou o que restou daquela que um dia fora a sua amante e a arrastou pelo braço até o sofá. A garota chorava toda descabelada. A pele do rosto avermelhada pelas porradas que tomou e, ainda assim, sorriu com escárnio, entre as lágrimas de crocodilo, parecia fora do ar.

— Eu só quero o que é meu, de volta. Só quero que você fique feliz comigo, Dan.

— Nunca, entendeu? Nunca mais chegue perto do meu filho de novo, ou quem te mata sou eu — gritou com o dedo em riste, enfiado no nariz dela.

Daniel soltava fogo pelas ventas. Pegou a mochila, tirou o menino de mim e o ajeitou em seu colo, prestes a desabar. Saímos de lá aliviados, contudo tão dilacerados, quanto se tivéssemos sido atropelados por um caminhão. A porta ficara escancarada durante todo o tempo e ouvimos quando a do apartamento vizinho fechou-se ao nos aproximarmos do hall dos elevadores.



Rafael estava tão exausto que dormiu no carro e não conseguiu se manter acordado nem durante o banho. Dan o examinou minuciosamente e a mãe segurou uma mamadeira, que ele também tomou em sono profundo, pois havia recusado o jantar. Eu me arrependi por ter dado na cara da desgraçada e que aquilo causasse algum tipo de trauma psicológico, em longo prazo, na cabecinha do garoto. Como especialista, sabia que, aliado ao sequestro, era muito provável.

Não me lembrava de nada tão desesperador desde a morte de minha irmã.

— Foi mal, mana — desculpei-me para a foto da Rafaela, que enfeitava a estante. — Prometo que vou ser mais cuidadosa a partir de agora

— sussurrei, sentindo-me um lixo, inconsequente.

Depois de um banho demorado, vesti um pijaminha curto e sentei no chão. Abatida e sem sono, organizava um dos muitos álbuns de fotografias do Rafinha. Aquele era o tipo de tarefa que me acalmava e fazia rir de cada sorriso, cada pose ou cada recordação dos momentos imortalizados naqueles pedaços de papel. Tipo um *hobby* ou uma terapia. Portanto, eu revelava quase todas as fotos que tirava dele.

Ouvi o portão se abrindo e olhei pela janela. Era o carro de Daniel. Não sabia de onde voltava, nem mesmo que ele havia saído.

Continuei imersa e determinada a atualizar os álbuns, organizando as páginas com cada retrato, por época. Rafa de Homem Aranha; de jaqueta de couro na festinha “Anos 60”, da escola, de caipirinha no arraiaá junino, na piscina, na praia...

Foram duas batidinhas na porta, e mais um segundo para Dan entrar após minha autorização. Já era madrugada e ele também não tinha conseguido dormir. Sem dizer uma só palavra, sentou do meu lado e remexeu nos retratos do filho. Apenas o observei, sentindo um pouco de vergonha pelo *piti* e incomodada com a sua presença, o que já era comum. Daniel parecia triste e abatido e, como eu, talvez também necessitasse de um ombro amigo.

Se soubesse o quanto preciso de você!

— Rafinha é tão lindo, cara! — afirmei e deixei que uma lágrima silenciosa rolasse por meu rosto. — Juro que nunca senti tanto medo.

O coração doía ao pensar no que havia acontecido e no quanto éramos vulneráveis, porém percebi como fui intempestiva e ridícula ao acusar Daniel, da forma que fiz.

— *Meo*, tenho que dizer que fui uma idiota, hoje.

— Hoje? — ele debochou, querendo quebrar o clima de pesar, o que acabou por me tirar um risinho e acotovelar seu braço.

Dan suspirou e relaxou os ombros. Seus olhos estavam marejados. A emoção à flor da pele, fazendo-o se esforçar para descontrair e não deixar a emoção extravasar.

— Que experiência horrorosa, só de imaginar, eu... — As palavras se perderam e seu olhar vagueou para longe, onde só seus pensamentos podiam alcançar.

— Não devia ter batido nela, que merda! Nem pensei. *Tá ligado*, quando parece que não está mais comandando seus atos? Fiquei cega, e...

— Você bate bem pra caramba. Confesso que agora estou com medo,

espero que me ame para sempre.

Não respondi de imediato, no entanto ri com vontade, contente pelo esforço que ele fazia para me tranquilizar. Dan demonstrou estar preocupado comigo, era nítido aquilo, ainda que não falasse.

— Como se houvesse alguma chance de alguém não amar... — murmurei e um silêncio inacabável se sustentou entre nós. Cheguei a pensar que havia dito alguma bobagem. — Desculpe por ter te batido também.

— Vai ficar bem, Quel?

— Acho que depois do que aconteceu, a Malú vai ter que rever a forma de contato com os pais dos alunos — disparei a falar, aleatoriamente. Aquela proximidade acabava comigo. — Serviu pra gente saber o quanto estamos desprotegidos nessas porras de aplicativos. — Foram mais dois segundos de silêncio até que, não aguentando mais a forma que ele me encarava, respondi a pergunta. — *Eita!* Desculpe! Eu vou ficar bem sim. E quanto a você?

— Com Rafinha dormindo aqui ao lado, já me sinto o cara mais feliz do mundo.

— Pode *crê!*

— Mas isso não redime meu erro, e é frustrante saber que falhei de novo.

— Como de novo? Você nunca falhou. Sabe que não temos condições de julgar nada, não é? É tudo recente ainda e não conhecemos as pessoas. E você não poderia imaginar...

Mais um silêncio que eu respeitei, certa de que analisá-lo, naquele momento, e na situação de ambos, não estava ao meu alcance. No fundo, concordava com ele em partes. Falhamos com a Rafaela, todos nós! E era muito provável que continuássemos a falhar com as pessoas que mais amávamos.

— Bom... — Com a mão apoiada no chão, ele impulsionou o corpo e levantou. — Acho que vou tentar dormir. Você deveria fazer o mesmo. É tarde, né? Tenho uma reunião daqui a pouco.

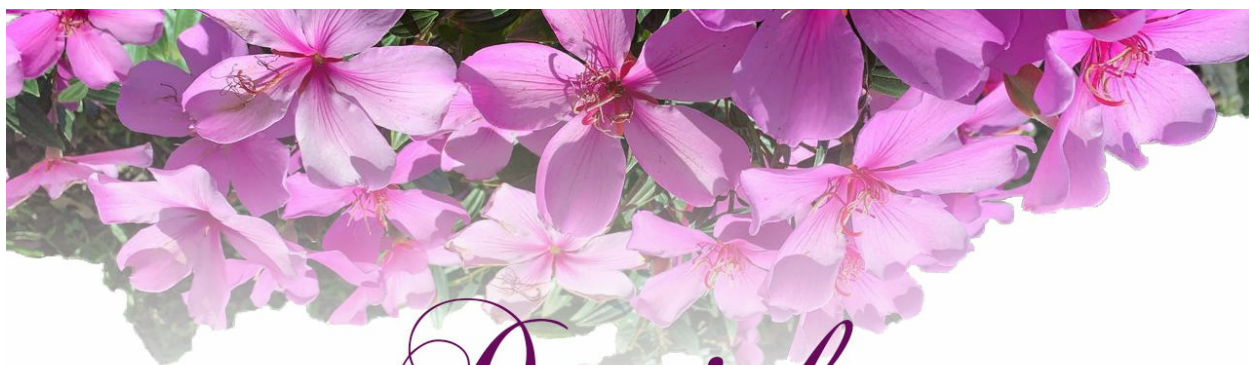
E quando se pôs de pé, fiz o mesmo e ficamos tão próximos que cheguei a sentir o corpo arrepiar com o seu calor. Meus pelos se eriçaram com a eletricidade dele. Senti o hálito do creme dental de menta que ele devia ter usado. Prendi a respiração e perdi o foco no olhar dele. Fomos atraídos um para o outro. Não sei quanto tempo ficamos quase colados, sem conseguir sequer piscar. Não sei quando percebi o toque suave da mão quente e forte

me tomar pela cintura e me levar para juntinho de si. Também não sei quando fechei as pálpebras e abri os lábios para receber os dele. Macios, molhados, ousados, cobriram-me a boca e forçaram passagem para as nossas línguas duelarem. Gemi tão alto e, descontrolada, louca, enlacei seu pescoço e enterrei os dedos em seus fios grossos e negros, trazendo-o com urgência, ainda mais, para perto de mim.

Transe comigo!

Era só no que conseguia pensar.

— *Aaaaahhhh ... Você está acabada, vadiazinha de merda! Eu tentei, Daniel! Por que me obriga a ultrapassar os limites. Seria tão mais fácil se devolvesse o que é meu...*



Daniel

CAPÍTULO 24

A loucura que fazíamos era tão arrebatadora que chegava a doer também na carne, além da alma. Muitas vezes, eu me recriminei por querer tê-la gemendo em meus braços e aquilo estava acontecendo. Sabia que era um erro e que nos arrependeríamos quando acabasse, porém todo o meu ser gritava por ela. Queria e não era mais capaz de lutar contra. Faria, ainda que as consequências que viessem depois me aniquilassem.

Ao me afastar um pouco, vi dúvida no rosto de Raquel. Havia dor ali e por mais que tentasse fugir, só queria voltar a beijar seus lábios. Já não era mais possível ficar longe. O peito clamava pela calma, e só estar com ela me traria. Não suportava mais, e negar aquele sentimento devastava meu coração. Todo o meu corpo sofria implorando pelo dela.

— Pare com isso, Daniel! — pediu e me empurrou com rispidez, força e lágrimas despontaram em seus olhos. — Que porra é essa que estamos fazendo? — Esforçava-se para parecer determinada.

— Quel...

— Não! — Rejeitou-me com as mãos espalmadas em meu peito, detendo-me, bloqueando-me, repudiando-me. — Saia do meu quarto agora e esqueça isso. Estamos vulneráveis, carentes, arrasados com tudo que aconteceu...

Dei um passo para trás, desconcertado, não sabia se aquela reação era verdadeira apesar de ser a certa. Com a respiração curta, massageei a nuca,

tentando relaxar, refletir e controlar o tesão que me açoitava. A tensão tomava conta de cada pedaço de mim. Não queria parar. Não dava. Não era mais possível.

Dei um e mais um passo para trás a fim de me distanciar dela, lutando contra todo meu ser que se recusava a recuar. Voltei e a agarrei pelo punho, trouxe-a para perto e a beijei sem lhe dar chance de contestar.

Gemi quando ela me agarrou pelo pescoço e, finalmente, correspondeu. Cedeu ao que estava nítido que queria, talvez por muito tempo, como eu.

Invadi e devorei sua boca com paixão, mas acima de tudo, com amor. Não era algo fácil de admitir, porém Raquel vinha mexendo com meus sentidos e sentimentos. Eu tinha medo o tempo todo, só que não ali, não naquele momento. Não quis saber quais seriam as consequências, só queria viver algo que se tornou tão necessário, quanto respirar.

Afastei alguns centímetros para olhá-la. Beijei suas lágrimas e de novo estava em seus lábios. As mãos afoitas descendo as alcinhas delicadas do pijama. A ereção doída, gritando por estar próximo a ela, envolto na pele dela.

— Dan... — Quel sussurrou em minha boca, totalmente entregue. — Dan...

Tomei-a nos braços e a deitei na cama. Com pressa a ajudei a despir a blusinha minúscula e fixei os olhos nos seios jovens de mamilos pequenos e rosados. Levei meus dedos em pinça para tocá-los, apertá-los, senti-los. Ela levantou o quadril e eu retirei também seu short e, ao mesmo tempo, a calcinha. Meu corpo a encobriu e ela desapareceu sob mim. Gemi perdendo por completo a consciência de que poderíamos ser ouvidos. Só queria adorá-la e me misturar a ela. Perder os sentidos dentro dela.

Deslizei a língua umedecendo toda a extensão do pescoço fino e macio. E sem aguentar aquele perfume inebriante, desci e suguei os biquinhos enrijecidos. Ela ofegava, rebolava aflita por sentir o quanto eu a queria, massageava meus cabelos, apertava-me entre suas coxas, querendo aplacar o desejo que a consumia e que teimava em só aumentar, irradiando por cada pedaço de nós.

Foi quase um sonho amar a garota, porque todas as outras mulheres com quem estive, depois da Rafa, foram apenas para sexo, para suprir uma necessidade física.

Minha língua conheceu todos os sabores exalados por seu corpo,

deliciando-se com cada centímetro, embriagando-se com seu suco, ardendo em seu calor.

— Quel, você não sabe o quanto eu sonhei com isso...

Ela era experiente e como um vulcão me arrancou grunhidos e me deu sensações que raramente tive em outras relações. Senti ciúme quando Quel abriu a gaveta do pequeno criado-mudo e em seguida me entregou uma embalagem de preservativo, foi inevitável o aperto no peito.

— Que foi? Por que está me olhando assim?

— Nada! — menti e voltei à atenção para rasgar o involucro, proteger o membro e estar o quanto antes, dentro dela.

Entrei e me instalei ali como se fosse o meu único refúgio. O lugar onde eu deveria e precisava estar. Investi contra ela e senti que, a cada nova estocada, a paixão me arrebatava à carne, devorava as células, percorria as veias e explodia em minhas entranhas. Fazia meu coração pulsar descontrolado. E quanto mais acontecia, mais a queria, mais me aprisionava naquele espaço e cedia àquele sentimento avassalador.

Quel me recebeu com a mesma euforia. Aspirava, sugava, atraía, puxava-me para dentro. Espremia meu membro em seu aperto, meu corpo em seu abraço, e escravizava minha alma numa redoma de amor e tesão.

Precisávamos aliviar aquele desejo que só aumentava, dominava e, quando não foi mais possível contê-lo, deixamos que extravasasse. E ali nos misturamos e nos tornamos mais do mesmo. Únicos...

*Era bom ser admirada. Ser a sensação. Todos queriam estar ao meu
redor.*

Dancei, toquei-me, dancei, dancei...



CAPÍTULO 25

Caraca! Daniel estava dormindo ao meu lado. Que merda foi aquela que fizemos? O sentimento de culpa mal esperou que eu abrisse os olhos e gritava em minha cabeça. Porra, definitivamente, que porra foi essa que fizemos? E ainda tinha que ter sido bom do jeito que foi?

O braço dele pesava sobre o meu ventre. Ele dormia pesado. Fiquei molhada só de pensar no cara me estocando com força e aqueles olhos lindos me desejando com tanto arrebatamento. Ele me devorou também com os olhos. Nunca ninguém me olhou daquela forma! Apertei as pálpebras para apagar as lembranças tão recentes e vivas na mente. Não só em minha mente... Não podíamos viver aquilo. Não devia ter acontecido e eu tinha que ser forte e acordá-lo. Precisava pedir que *vazasse* do meu quarto, antes que todos acordassem e descobrissem a merda que fizemos. Ao invés disso, virei de lado e enterrei os dedos em seus cabelos para despertá-lo esfregando o corpo ao dele.

Dan gemeu e seus lábios se curvaram em contentamento. Gostou de me sentir tão próximo, no entanto manteve os olhos fechados. O pau respondendo e se aprontando contra a minha pelve.

Quel, foco!

E se não fosse nada além de desejo? Aquele mesmo que ele não

conseguia esconder e que me provocava, ali, por baixo dos lençóis? Puramente sexual como o que sentia pela louca da Juliana.

— O que sentia por ela? Chegou a amá-la um dia? — perguntei bem baixinho, praticamente, cuspendo as palavras dentro da orelha dele, insegura como se tivesse quatorze anos de volta. Sim, foi uma droga de pergunta nada a ver.

— De quem está falando, menina? — resmungou, sem mover as pálpebras, mas se encolheu com o toque dos meus lábios.

— Da vaca louca com quem se envolveu. — Deixei a cabeça cair, com força, de volta no travesseiro.

— Claro que não! — Dan respondeu rápido e com irritação. — Foram só alguns encontros. Esqueça ela! Acho que agora, temos problemas mais urgentes para enfrentar e resolver. — Então ele se aconchegou ainda mais a mim, com brilho lindo nos olhos, colou a testa na minha.

— Cara, não mesmo! Não se aproxime assim. — Não entendia como aquilo conseguia ser tão difícil. — Não podemos mais fazer isso. Somos cunhados — avisei remexendo feito uma cobra para tirá-lo de perto.

— Não acha que é tarde para pensarmos assim? — Seu sorrisinho sacana era de quem não estava, de fato, levando nada do que eu dizia a sério.

— Não é tarde pra pararmos. Vamos parar.

Como se tivesse caído em si, ele franziu a testa e me largou. Ajeitou-se na cama e dobrou o braço sob a nuca, mirando o teto. Seu pomo de adão subiu e desceu ao engolir em seco, remoendo aquilo.

— Sabe qual é a sensação que tenho? Que de repente a vida degringolou. Ou eu perdi o controle? Absolutamente todos os meus passos são por caminhos tortos que não levam a lugar nenhum. Tudo que faço é um grande erro. Desde que voltei ao Brasil, tenho momentos curtos de euforia e quando penso que me encontrei, que posso ser feliz, algo acontece e tudo se perde.

— O que quer dizer? Acha que podemos passar por isso na boa? Cara!? Cai na real! Você é pai do Rafinha, a pessoinha que mais amo na vida e é marido da minha irmã. A Rafa foi o ser mais incrível que conheci e não vou fazer isso, não importa o fato dela estar morta. Ainda assim somos irmãs e melhores amigas! Não dá!

— Você tem razão, Quel — ele disse e pareceu decidido ao colocar as pernas para fora da cama, deixando um vazio ao meu lado. — Penso igualzinho! Seria mais uma viagem sem destino.

Pela penumbra, sob uma réstia de luz que começava a entrar pelo vão da cortina, vi o corpo forte se curvando para juntar as roupas do chão. Fechei os olhos acabada! Aquilo não podia estar acontecendo. Precisava ser forte e deixar que saísse do quarto, da casa, da minha vida. E junto com ele, aquela sensação de ainda estar no meio das minhas pernas, injetando-me amor. Nós não podíamos viver uma relação proibida. Era loucura! Que grande armadilha nós havíamos caído!

— Foi um erro, Dan. E eu não quero que confunda as coisas.

— Como assim? Confundir o quê?

— Não é amor, não é nada exceto carência. Você sente falta da Rafa. Está me confundindo com ela. Foram às malditas circunstâncias, os acontecimentos, as neuras todas que rolaram. Ahh, porra, cara! Não sei o que foi, só não devia ter acontecido. Estávamos num momento difícil de tensão e...

Ele me fitou no escuro e a amargura formou uma parede entre nós, como era óbvio que aconteceria.

— Não precisa me analisar, doutora. — Senti o rancor nas palavras que desferiu contra mim. — Vou sair por aquela porta e a gente finge que nunca estive aqui, está bem? Tem razão, Quel: Foi apenas um grande erro.

— Perfeito — concordei e birrenta, virei de costas para que não percebesse toda minha vulnerabilidade e para não correr o risco de segurá-lo.

Queria chorar, contudo não faria na frente dele. Faria sim, já chorava. Não era pra concordar comigo tão fácil. No fundo, queria que ele lutasse mais e tentasse me convencer de que podíamos estar apaixonados; de que não era errado sermos *Danquel* ou *Queldan*, e que não era mais a Rafa que ele desejava ter nos braços.

A porta se fechou atrás dele e eu soltei os soluços presos na garganta. Começava bem o dia. Ninguém deveria ter que aguentar tanta tensão e tesão pela pessoa errada, quem diria o amor que eu sentia. Podia jurar que vi o mesmo em seus olhos enquanto transávamos. Queria apagar aqueles momentos da memória, arrancar, deletar, mas na real aquilo era impossível, porque nunca vivi algo tão bom.

Merda, Quel! Era a Rafa que ele via. Não era você. Era.a.Rafa.

Como consegui perder a cabeça duas vezes numa mesma noite? Sei lá! Eu jamais perdera a razão como fiz com a louca da Juliana, e ainda assim, um sentimento bem ruim não deixava que me arrependesse. Porém sabia que toda a raiva não era apenas por ela ter se metido a besta com o Rafinha, o que

já seria motivo suficiente, no entanto, fui movida também pelo ciúme.

Dormi novamente e remexi na cama ao acordar. Sabia que havia amanhecido, pelo movimento na casa. Levantei e após o banho, desci preparada para não encarar Daniel. Nem sob tortura.

— Tiaaaaaaaaaaaa... — Rafinha gritou, correu para meus braços e eu me agachei para pegá-lo. — Né que você deu uns *páh* naquela “*moler*” má?

Eufórico o menino saiu de perto de mim, para representar o que eu fiz na noite anterior. A vítima dele era uma almofada e ela apanhava exatamente igual Juliana apanhou de mim. Meu coração se comprimiu. Que grande porcaria!

Daniel desceu as escadas apressado e presenciou a cena. Ele não me dirigiu sequer o olhar.

— Rafael! — Enérgico, chamou o garoto, fazendo-o parar a luta e sorrir para o pai.

Com o filho no colo, ele passou por mim como se eu não existisse, deixando um rastro de perfume pelo caminho.

— Né, pai, que a tia Quel...

— Filho, quero que fique bem bonzinho com a vovó e a noite, eu prometo vir te buscar para dormirmos no casarão. Você quer?

— O Bob também?

— Isso, o Bob também. — Então eles foram até minha mãe. — Iolanda, prefiro que ele não vá para escola hoje.

— Ebaaaa... — O menino festejou com os bracinhos levantados.

— Claro, filho, tudo bem — a mãe consentiu. — temos alguns quadros para pintar, né, Rafinha?

— ãham!

Ela o chamou de “filho”. Era um hábito que tinha adquirido há tempos, porém nunca antes, ouvir aquilo fez com que eu me sentisse tão mal. Pior, suja. Eu trepei a noite toda com o filho amado deles. Fiquei repetindo meu pecado mentalmente, em flagelo. Ferrada.

Observei em silêncio envolta pelo clima horrível que se impôs em nossa casa. O pai calado, sentado na ponta da mesa de frente para nós, parecia querer esmiuçar tudo. Olhava por cima dos óculos de forma acusatória. Por um minuto passou pela minha cabeça que ele soubesse. Meu estômago deu uma cambalhota. *Menos, Quel*. Lógico que era pelo susto de terem sequestrado o neto deles. Não podia ser nada a mais. Refleti, mirando-o por cima da xícara de café e tentando acalmar a consciência.

— Vamos comer, pessoal — o meu velho convidou, sério, como não era o seu habitual, percebendo que eu não me alimentava e Daniel nem estava à mesa. — Saco vazio não para em pé!

Rafinha esperneou para se livrar do colo do pai e gritando correu para minha mãe que o levantou na cadeira alta, na qual ele quase nem cabia mais. Eu continuei feito uma estátua apreciando a cena tensa do doutor avisando que estava sem fome e atrasado. Pegou o molho de chaves, o jaleco, deu um “bom dia” a todos e saiu pisando duro. Só então eu relaxei e aliviei a tensão dos ombros.

— Está tudo bem, filha? — mamãe indagou com os olhos tentando adivinhar meus pensamentos. A mão parada no ar, segurando a fatia de pão e a preocupação fazendo fumacinha sobre sua cabeça.

Ela sabe, por Deus!, só conseguia pensar que aquela pergunta se referia aos gemidos que ouviu na noite passada. Fiquei calada pensando no que responder. Nada estava bem, mas não podia me abrir. Pela primeira vez na vida, eu tinha algo a esconder da minha melhor amiga. Daquela vez, não poderia simplesmente ligar o foda-se e tocar a vida, porque aquilo envolveria a paz de todo mundo.

— Quel, sei que foi pesado ontem, porém não precisa ficar assim — ela me consolou, enchendo a caneca do homem de ferro, com chocolate ao leite para o neto, que sacudia as pernas no ar e beliscava o queijo. — Não faça assim, Rafa! — pediu e ainda que eu não quisesse, voltou para mim. — No fim deu tudo certo. Só precisamos ficar atentos. Essa moça passou dos limites. Acha que pode ter algum problema psicológico? O que me diz?

Apenas sorri sem graça e sem mostrar os dentes, porque não sabia o que falar. Sequer pensei como profissional na noite anterior.

— É possível, mãe. Só que eu também não agi corretamente...

— Que é isso, filha? Sempre em algum momento da vida, teremos que *quebrar-a-cara* de alguém — papai debochou.

— Osvaldo! Pare de falar besteira perto do seu neto.

— Desculpe! Tem razão, Landa, só quero dizer que eu teria feito o mesmo, Quel — ele reafirmou descontraído, mesmo sabendo que aquilo deixaria a mãe possessa.

Rafael derrubou o biscoito dentro da xícara e reclamou, com nojo.

— Tia, pega?

— Claro, amor! — Com uma colher, retirei a massa amolecida e a comi. — Hmmmm é bommmm!

— Eca, não *gosta* — ele disse e balançou a cabeça de um lado para o outro.

Fiz cócegas nele e sem conseguir levar mais nada à boca além do café preto, despedi de todos.

— A tia vai sair agora, tá bom, meu amor? Seja legal com a vovó.

— Você também vai “*aposar*” no *casarão*, tia?

Foi uma pergunta dilaceradora. Uma criança de três anos com a capacidade de me fazer tremer e parecer uma maluca, fora dos eixos.

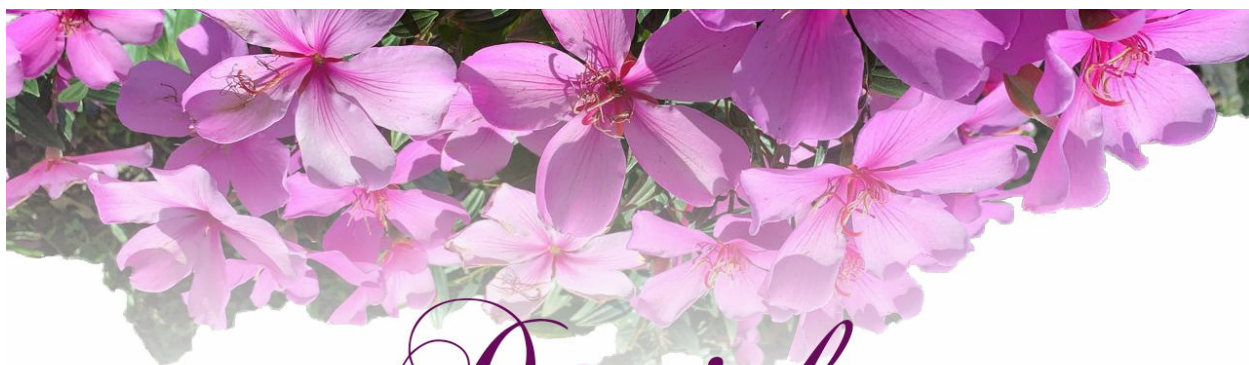
— Não, meu bebê. A tia não pode dormir lá.

— Não? — Ele mexia a cabecinha de um lado a outro, quando conversava, exatamente igual ao pai. — Hoje não?

— Rafinha, a tia mora aqui. Lá é sua casa, apenas sua e do papai, tá bom?

Antes que ele retrucasse, deixei um beijo em sua testa e saí apressada rumo à garagem.

Não seria difícil fazer o coroa acreditar em mim. Sempre precisamos ter uma carta na manga. Ele tinha o rabo preso comigo. Estava na hora de pagar o que me devia.



Daniel

CAPÍTULO 26

Cada vez que a noite anterior vinha em mente, eu ficava excitado. Quel me enlouquecia. Não parei de pensar nela durante todo o trajeto para o hospital.

Deixei o carro em minha vaga e apressado, cruzei os enormes corredores em direção da UTI. Empurrei a porta dupla, lavei as mãos e vesti o jaleco, esforçando-me para deixar todo o resto do lado de fora.

— Bom dia, doutor! — uma enfermeira falou ao cruzarmos no corredor.

— Bom dia, Daniel. — Mais um cumprimento, de um médico residente.

Sorrindo apenas, sem muito humor e em modo automático, devolvia as saudações a todos que passavam. Entre os bipes dos equipamentos e os tradicionais gemidos dos pacientes, ouvia alguns burburinhos e diferente das outras manhãs, parecia que todos me olhavam. Os boxes estavam lotados e eu tinha que verificar os exames antes de começar as visitas e seguir para a reunião com doutor Plínio, marcada para as oito.

Duas enfermeiras me olharam com o cenho franzido ao cochicharem algo inaudível e, de novo, a impressão de que eu era o assunto. A consciência pesada cuidava de fazer grandes estragos e me fazia imaginar coisas, como autopunição. Estava acontecendo.

Cheguei à ilha e vi que Leo ocupava a minha mesa e analisava algo

no computador.

— Bom dia! Algum problema?

— Aí, doutor, desculpe a invasão — ele pediu ao se recostar na cadeira e me encarar —, mas acho melhor que vá para a sala do chefe o quanto antes, pois ele já ligou duas vezes, pessoalmente, pra cá.

— Ainda tenho tempo até o horário da reunião. Vou visitar os pacientes mais graves e...

— Não, Daniel! Ele foi bem claro: “Assim que o Dr. Marchetti chegar, mande que venha a minha sala” — Leo imitou a voz do chefe. — “A-go-ra!” — complementou. — Já estou checando os prontuários. Deixa que eu cuido daqui. Tranquilo, cara!

Levantei as mãos me rendendo e dei meia volta rumo à saída. Não era algo que me agradava, deixar os pacientes em segundo plano, mas com Leonardo a postos e sabendo que Plínio Fragonezzi era intransigente e autoritário, resolvi acatar a ordem e acabar logo com aquilo.

Cheguei ao território da diretoria. Uma área decorada com requinte e sofisticação. A secretária não pareceu estar num bom dia e me olhou com desdém. Eu tinha certeza de que ela fora mais simpática e até mais extrovertida, nas outras poucas vezes que estive ali.

Gabriela avisou ao chefe, pelo telefone, que eu aguardava e ele me autorizou a entrar, de imediato.

Bati na porta antes de abri-la. Não havia uma reunião ali. Doutor Plínio estava sozinho, recostado na cadeira giratória, falando ao telefone. Largou sobre a mesa uma caneta de ouro que agitava entre os dedos e sinalizou que me sentasse num dos lugares a sua frente.

Obedeci e enquanto ouvia sua voz exigindo ao seu interlocutor que acabasse com os burburinhos sobre algum caso que precisava ser abafado, olhei para a TV gigante que ele ostentava na parede à direita de onde estávamos. As imagens eram todas sobre a potência hospitalar que ele havia construído. Um documentário sobre os milhares de pacientes atendidos e exames realizados, desde simples análises de sangue até as mais complexas investigações por imagens de alta resolução e robôs. Sem falar é claro, do alto número de pessoas que empregava e do plano da saúde que havia acabado de comprar para expandir os negócios. A rede hospitalar *Medicina Moderna* era uma das maiores do país no que se referia a saúde privada.

— Daniel Dante Marchetti — ele cumprimentou estendendo a mão por sobre a mesa. — Obrigado por aguardar.

— Bom dia, doutor Plínio. — Dobrei um joelho sobre o outro e tentei relaxar. — Achei que tínhamos uma reunião mais tarde e...

— E teremos, porém você está liberado dela. E como não tenho muito tempo, serei direto — avisou e apoiou os cotovelos no tampo de vidro que cobria a madeira maciça. A caneta voltou a dançar, nervosa, entre os dedos pálidos. — Quero que me conte a sua versão para poder tomar uma decisão. Espero que seja honesto comigo.

— Desculpe, não entendi. Minha versão do quê?

— Sobre o seu envolvimento com Juliana Vásquez, a fisioterapeuta.

— Ah, eu devia ter imaginado. O que ela aprontou agora?

— Agora? Quer dizer que não é primeira vez que acontece algo do tipo entre vocês?

— O senhor disse que seria direto e peço mesmo que seja, por favor!

— Tem um caso com a doutora Juliana?

— Tivemos...

— Tiveram? Suponho que durou até ontem, ou não estaria na casa dela à noite, não é, doutor Daniel?

— Fui buscar meu filho... — Parei de falar quando me ocorreu que havia algo por trás daquelas perguntas e eu precisava saber onde me metia.

— Quero que se afaste por tempo indeterminado das suas atividades no hospital, até que eu a convença a não dar queixa e possa contornar a situação ou estará muito encrencado, doutor.

— Não posso me afastar! Do que está falando?

— Entendo que às vezes percamos a cabeça. Contudo o que fez foi algo grave, e nos dias de hoje, pode ter uma repercussão terrível para você e para o hospital.

— O que eu fiz foi defender meu filho. Ela estava louca e...

— Claro que deve ter sido algo muito forte para levar um homem tão centrado a perder a cabeça. De qualquer modo, não justifica. Agrediu violentamente essa moça a ponto de abrir seu supercílio. Há de convir, é inadmissível, Daniel — terminou o sermão exaltado e depois, baixou o tom, quase em confidência. — Foi passional? Ela não é o tipo que valha a pena e no seu lugar, *me* manteria longe dela.

— Quê? Passional? — Duvidei do que acabara de ouvir. — Que loucura é essa? — Nervoso, levantei e me curvei sobre a mesa, encarando-o. — É óbvio que não fiz isso! Essa garota é louca! — Caminhei para longe dele, exasperado com o que acontecia ali, com medo de perder a cabeça.

Os dedos nervosos quase arrancavam meus cabelos, a indignação me assolava e os passos desnorreados pela sala, só faziam piorar a minha situação diante do olhar recriminador do homem. Já não conseguia mais controlar os ânimos.

— Eu fui buscar meu filho que aquela doida levou da escola sem autorização.

— Sente-se, por favor, doutor — determinou, rígido e autoritário como se eu fosse um moleque. — A doutora Juliana veio ao hospital ontem. Desnorreada e machucada, tomou vários pontos, além de me obrigar a sair de casa para me chantagear, no meio da noite. E sabe como conseguiu isso? Por que eu sei muito bem que não é fácil resistir aos encantos dela.

— Não me interessam seus motivos para ser chantageado por ela, o fato é que não pode compactuar com isso. Não sei o que está acontecendo com essa garota. Ela mentiu! Também não sei quem bateu nela, mas não fui eu.

Relatei tudo com o máximo cuidado para não esquecer nenhum detalhe desde que Juliana surgiu na Unidade Intensiva, até o desfecho. Hesitei na hora de falar que Raquel bateu nela, no entanto não tive alternativa.

— Então quem abriu a testa dela, foi a sua cunhada?

— Não! Eu não disse isso. Raquel ficou nervosa e a estapeou, porém com certeza não a feriu fisicamente. Ninguém, em momento algum, a machucou a esse ponto. Não havia sangue, nada. Não pode acreditar que tenhamos feito algo assim — terminei quase aos gritos, contrariado, indignado e perturbado por ter que ficar me explicando como um criminoso.

— Juliana disse que a vizinha ouviu tudo. Ameaçou matá-la?

Dei uma longa lufada, impaciente.

— Sei lá! Talvez tenha dito alguma besteira do tipo. Ela sequestrou o meu filho, porra! Ele estava aos prantos e desesperado quando chegamos lá, o que faria? — esbravejei.

Plínio recuou em sua cadeira, sagaz, observando-me.

— Não sei o que faria. Talvez a mesma coisa que você. Só que não foi comigo que aconteceu. E se levarmos em consideração o quanto está alterado agora, eu posso afirmar que fico tentado a acreditar na doutora Juliana e não em você, doutor. E é o que acontecerá se for denunciado. Todos irão contra você. Ela será mais uma moça indefesa que foi atacada por um suposto ex-namorado, um monstro, como tantos outros que existem por

aí.

— Isso é um pesadelo?

— Fique longe dela para sua segurança, e do hospital também para a minha, doutor Marchetti. Eu tive muita dificuldade para convencê-la a não chamar a polícia e ainda não sei se ela não o fará. Isso sem contar em como está sendo trabalhoso calar todos os colaboradores plantonistas que a atenderam. Agora, deixe-me sozinho.

— Doutor Plínio, não pode me afastar... Isso é loucura, porra!

— Por favor, doutor. Retire-se da minha sala. Tenho uma reunião em breve e muitas providências a tomar antes dela.

Sacudi a cabeça, negativamente, inconformado. Querendo apenas despertar daquele sonho horrível. Respirei fundo e saí contrariado. Só quando passei pela secretária e ela me encarou com um risinho torto e vitorioso, de quem já sabia que eu seria afastado, dei-me conta dos burburinhos e olhares de mais cedo. Todo mundo devia estar sabendo. Já não era mais um segredo.

Saquei meu celular do bolso e fiz uma chamada para Leo.

— Você sabia?

— *Sabia do quê? O que está havendo, Dan?*

— Está havendo que me inseriram num filme de terror. Eu estou, no mínimo, ferrado!

— *O que aconteceu? Está me deixando preocupado, Daniel.*

— Cara, é uma loucura. Fui acusado de ter agredido a Juliana.

— *Quê?* — Leo chegou a rir, como se tivesse lhe contado uma piada.

— *E o que usou? Uma flor?*

— Fui afastado por tempo indeterminado.

— *Putá que o pariu! Que merda é essa?*

Expliquei a ele toda a situação e a reação dele foi muito negativa. Leo concordava que eu estaria acabado se aquilo vazasse para fora do hospital e com certeza aconteceria. Corria o risco de perder até o diploma. Porém era a respeito disso que a raposa do Plínio estava trabalhando, para que ficasse em sigilo. Afinal, aquilo não seria nada bom para os seus negócios. E eu? Ficaria nas mãos dele, eternamente.

Arrasado! Foi como me senti. Além de cego e burro.

Com toda a maluquice da Juliana ao sequestrar Rafael, jamais imaginei que se superaria nas maldades. Não imaginava em que proporção aquilo tudo chegaria. Só me restava tentar dissuadi-la da ideia de me denunciar e desistir daquela mentira. Eu precisava pensar em algo.

Inspire, solte... inspire, solte... inspire...
As vozes me orientavam
A guerra estava só começando.

— Você ainda pode mudar de lado, meu querido!



CAPÍTULO 27

Val abriu a porta e apenas por olhar para ela, ainda vestida em seu pijama cor de rosa, com cara de sono e descabelada, soltei os ombros e os braços ao lado do corpo e abri um berreiro. A mochila de couro pendeu e a larguei no chão, para abraçá-la em busca de consolo.

— Que foi, Quel? — quis saber, puxando-me para dentro e me afastando para pegar a bolsa.

Depois me arrastou pelo punho para sentarmos na cozinha, onde pelo aroma, ela coava café.

— Deu ruim, Val. *Meo*, você estava certa.

— Ahh! Para! — Ela espalmou a mão no alto e sacudiu a cabeça negando, como o Rafinha quando contrariado. — Dá pra esclarecer? Nem são oito da manhã e não acordei direito. Você tá me pondo nervosa! O que aconteceu dessa vez?

— O Dan... Quer dizer... nós... a gente...

Ela encolheu os ombros sem entender e gesticulou algo, insistindo que eu continuasse.

— O que tem o Dan?

— Val! — gritei. — Acorda! Eu transei com ele.

— Caralho — exclamou e levou as mãos sobre a boca. Os olhos quase saltavam das órbitas, arregalados, surpresos, o queixo duro e caído.

— E você pensa que foi essa a única merda que fiz? Não! Ontem foi a

noite que tirei para dar mancadas a torto e a direito, todas que não dei a vida toda. — Ela sentou, mal contendo a curiosidade. — Primeiro, eu soquei o Daniel e o acusei de negligenciar os cuidados com o filho. Depois, descobri que a vaca da Juliana o sequestrou e enchi a cara dela de porrada. Pra completar dei pro meu cunhado, no meu quarto e dormi abraçada a ele, como se fosse a coisa mais normal da vida — contei e chorei, compulsivamente.

Val não mudava a expressão. Ficava me olhando com aqueles olhos estanhados e o queixo dela, pendia rijo, impedindo-a de fechar a boca ou de se pronunciar. Como se estivesse em choque.

— O mundo está acabando? Devo me preocupar? Ou esse berreiro é alguma comemoração? — a voz masculina ecoou debochada nas minhas costas.

Ao virar, dei de cara com Fábio, de bermuda e sem camisa, tão ou mais despenteado que a namorada.

Caminhou, bocejando, em nossa direção. Os dedos longos coçavam o peito forte e peludo e seus olhos inchados e vermelhos de sono se prostraram sobre mim.

— Não... — Val saiu do transe, levantou e o impediu de ficar. — Nem o mundo está acabando e nem comemoramos nada, portanto, pode se vestir e voltar pra casa.

— Farei isso, mas primeiro preciso de um café, querida.

Limpei as lágrimas apressada e, incomodada, rezei que ele não tivesse ouvido nossa conversa.

— Tudo bem, Raquel? — o homem bonito quis saber e com ar debochado e cínico, ele mesmo respondeu. — Parece que não. — Jogou uma bolinha de cereal para o alto e o aparou com a boca.

Eu não entendia o prazer que parecia sentir em tripudiar sobre a minha cara ranheta e inchada. *Idiota!*

— Vou embora, amiga — avisei e fiz menção de levantar.

— Não! Claro que não vai! O Fábio é que já está tirando o time — ela afirmou e sinalizou para que ele saísse.

Talvez então, o cara tenha percebido que a coisa era séria, porque tomou alguns goles do café que havia colocado na caneca e assentiu. Val o acompanhou até o quarto, mas ainda pude ouvir quando, no corredor, ele perguntou se era sério tudo que eu havia dito.

— Quel está na *bad*. Me deixe sozinha com ela, pelo amor de Deus — minha amiga pediu e logo voltou para continuarmos a conversa.

— Agora além de ferrada, estou constrangida. Por que não me avisou que não estava sozinha? — sussurrei, desconcertada. — Era um segredo.

— Não deu tempo. E como eu poderia imaginar que ia me soltar uma bomba dessas? O máximo que pensei é que se martirizava com seu amor platônico. Ou TPM, sei lá.

— Cara! É inacreditável. Como consegue ter humor diante de um perrengue desses? — reclamei e ri entre lágrimas. — Idiota, é isso que tu és.

— Poderia ser pior!

— O que pode ser pior que estar apaixonada por um cara proibido?

— Não ser correspondida. Pelo jeito, é. Eu ouvi direito, não é? Você disse que transaram a noite toda.

Até o momento em que Fábio gritou um tchau e bateu a porta atrás dele, falávamos aos cochichos.

— E como foi? Quel, detalhes, todos os detalhes. Foi gostoso? O doutor certinho é bom no *manda ver* ou é picolé de alface?

— Não acredito que esteja me perguntando isso!

— E por que eu não perguntaria? Só por ser o Dan? Sempre perguntei.

— Conteí três fatos horríveis e só ouviu sobre Daniel? — Aquilo só me fez ter certeza que era a maior de todas as merdas que havia feito na noite anterior.

— De tudo que disse, foi o mais interessante. Vai, conte tudo.

— Estávamos tensos por causa do Rafinha. Foi horrível. Só de imaginar que alguém o havia sequestrado, ficamos loucos. Pedi que Daniel ficasse calmo e no fim, fui eu quem perdeu a cabeça. Fiz tudo diferente do que aprendi e que seria condizente com nossa profissão, amiga. Primeiro atirei e depois perguntei, entende?

— Agiu como mãe e não como psicóloga. Qualquer uma faria o mesmo.

Contei a Val tudo que a doida da Juliana armou e a reação dela não foi muito boa.

— Isso está me cheirando a algum transtorno obsessivo ou Síndrome pós-traumática. E o Daniel pode sofrer as consequências. Porque está muito claro que ele foi o gatilho. Chegar a esse ponto só por terminar com um *ficante*?

— Só consigo pensar que ela é muito má ou não faria algo assim. Rafael é só uma criança, estava desesperado. Porém também acho que tem

você tem razão. De qualquer forma, agora, o Dan está livre dela. Não tem volta.

— Sei que você está dentro desse redemoinho e isso não deixa a gente raciocinar direito. Fique esperta, Quel. Essa mulher não é normal e não parece ser apenas uma pessoa enciumada. Ela articulou um enredo de novela. Mandou mensagens pelo celular dele... Levou o Rafa... Isso é muito, muito grave. E acho que vocês devem ir à polícia.

— Eu senti algo tão horrível quando cheguei naquele apartamento e vi meu sobrinho gritando no chão, sufocando de tanto chorar, encatarrado, com medo... Não. Ela não vai se atrever a aprontar de novo. Não depois da surra que dei nela.

— E como se explicou? Se é que isso tem explicação.

— A *mina* tava drogada, cara. Bêbada, sei lá. Ficava repetindo para o Daniel: “*Eu só quero o que é meu, de volta...*”, ou coisa do tipo.

— Quel, que barra! — Val ficou sinceramente aflita, com tudo que contei. — O que vai fazer agora?

— Só sei que estou com vontade de deitar num colo e chorar até não ter mais lágrimas. — Segurei as mãos dela sobre a mesa com cara do gatinho do *Shrek*. — Não consigo pensar com maturidade, amiga. Eu amo o Daniel e queria ficar com ele.

— Calma! Por que acha que precisa ser sempre madura? Quem disse? Estamos aqui pra evoluir. Vamos pensar em algo. Tem agenda hoje?

— *Brilho Eterno*, no final da tarde e nada que não possa ser cancelado.

— Então não seja por isso. Temos a manhã toda livre. De tarde, depois do consultório, vou à casa da vovó. Ela viajou e tenho que tratar o John e o Paul.

— Posso ir com você se quiser.

— Adoraria.

Segui de mãos dadas com ela até o confortável sofá da sala de estar. Val foi até o quarto e pegou um cobertor macio para nos cobrirmos e eu apoiei a cabeça no ombro dela.

— Sabe o que é pior?

— A memória?

— É! Não consigo pensar noutra coisa que não seja nele e na forma como me olhou ontem à noite. — Nem tentei segurar a lágrima que desceu no meu rosto ao narrar aquilo para ela. — Só que quando disse que foi um erro,

ele concordou comigo, no mesmo segundo... Foi muito foda a reação dele, como se não fizesse a menor diferença. Eu tô me sentindo um lixo.

— Você não é, amiga! Talvez ele apenas não quisesse insistir e te contrariar. Ou teve uma crise de consciência, igualzinha a sua.

— Acha que isso aconteceria comigo se a Rafa ainda estivesse aqui?

— Quel! Que pergunta é essa? Quer se martirizar um pouco mais? Pra quê? Claro que não aconteceria. Você nem teria tempo para notar o Daniel, quem diria, para conviver com ele. Vocês ficaram muito próximos depois de tudo. O boy praticamente mora na tua casa. Vocês criam o Rafinha, juntos. Viveram a mesma dor. Nada disso aconteceria se tua irmã fosse viva.

As lágrimas despontavam em abundância, só por me lembrar de todas as vezes que a Rafa repetiu que o amava. Cada vez mais as palavras dela, sobre o ser incrível que Daniel era, sopravam com força em meus ouvidos.

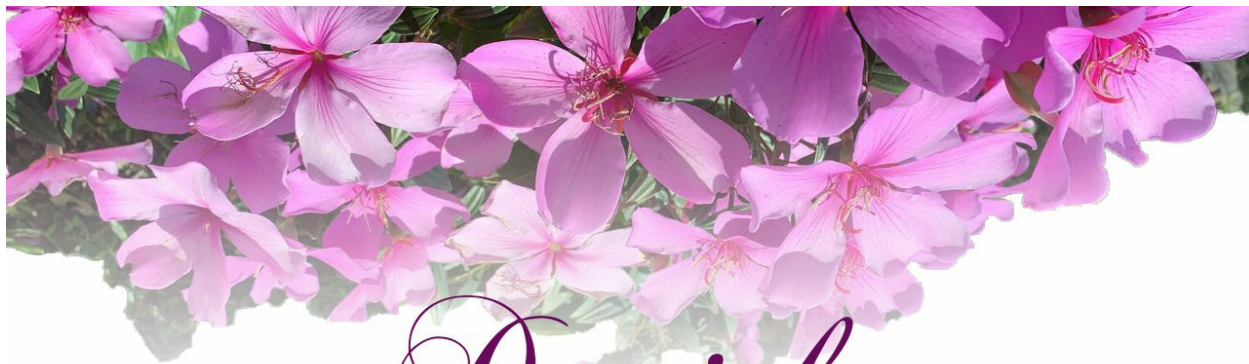
“Quel, um dia quero que conheça um cara maravilhoso como o Dan. Ele é nobre e o coração dele é o mais generoso que já conheci. Espero que não seja exemplar único, porque você merece conhecer alguém e ser tão feliz quanto eu sou com ele!”

— Só espero que ela me perdoe um dia.

— Tua irmã ficaria feliz por saber que você está em boas mãos — ela disse, porém era nítido que apenas tentava me acalmar e como sempre, conseguia.

Val me abraçou com carinho e colocou um filme que não assisti. Dormi, exausta pelas poucas horas de sono e com o emocional muito abalado com todos aqueles acontecimentos.

Recortei as fotos. Medi, coleí. Ela estava na minha porta de novo. Tranquei o quarto e fui atender a vizinha enxerida. Talvez eu pudesse tirar algum proveito da chatice dela.



Daniel

CAPÍTULO 28

Fiquei sentado no mirante do Parque Tanguá, a 65 metros de altura, observando a paisagem que decorei há alguns anos, quando Rafaela me levou ali pela primeira vez. Eu disse que não tinha tempo para conhecer lugares turísticos da cidade, porém ela insistiu. *“Você vai se sentir renovado. É um paraíso, Dan!”* E quando entramos naquele lugar, respirei o ar puro, de braços abertos na torre de observação, imitando a minha então namorada e fui obrigado a concordar com ela.

— *É mesmo lindo, Rafa. Tem cheiro de natureza! E esse som dos pássaros? Que paz é essa?*

— *Sim, eu costumava vir aqui com meu pai, antes de casar.*

— *Essa altura toda dá uma sensação incrível de liberdade. É como se...*

— *Estivéssemos no céu, amor.* — Ela abriu os braços e fechou os olhos, sorrindo. — *É como se pudéssemos voar nesse imenso tapete verde. Voe comigo, Dan.*

Por um minuto, eu não me senti mais sozinho. Ouvia o vento, o canto das mesmas aves e a toada da cascata que não cansava de se esparramar penhasco abaixo. Apenas a Rafa me faltava ali, apesar do meu esforço em trazê-la de volta.

Tentei, inutilmente, todas as formas de esquecer, pelo menos por algumas horas, o que estava acontecendo. A tensão causava uma dor terrível, como se tivesse toneladas sobre os ombros. Já não suportava mais o peso. Talvez eu nunca tivesse me sentido tão mal, tão distante de todos os meus conceitos, tão *fodidamente* incorreto.

Ventava forte e não tinha sol. O dia estava cinzento como o meu interior. As horas se arrastavam. Eu não tinha agenda no consultório, pois estaria de plantão o dia todo. Agoniava-me a improdutividade, nem queria pensar em não poder mais *clinar*.

Olhei para o celular e fiquei tentado a ligar para a Quel. Talvez ela estivesse passando pelo mesmo. Fiz aquilo inúmeras vezes, mas desisti em todas.

— Vai me perdoar um dia, Fada? Não sei mais o que estou fazendo da vida — sussurrei para o nada. — Por que tinha que ser assim? Nunca precisei tanto de você como agora.

— *Quando eu estiver morrendo, bem velhinha, promete que vai ficar o tempo todo segurando a minha mão, Dan? Tenho medo de morrer só...*

— *Homens têm expectativa de vida menor, portanto, você é que vai segurar a minha.*

— *Se eu morrer antes, você vai casar de novo?*

— *Rafa, que conversa tétrica é essa?*

— *Responde...*

— *Claro que não. Você é meu único amor.*

— *Se arranjar alguém, eu volto puxar teu pé, de noite. Está avisado.*

— *Não! Você não faria isso!* — ponderei, rindo muito da situação e da cara de sapeca com que me fitava.

— *Ah! Eu faria sim, doutor Daniel. Como faria. Nem pague pra ver!*

Como podíamos imaginar que aquilo não só era possível, como aconteceria?

— Às vezes a única solução é ter coragem. Enfrentar tudo de uma vez, moço!

Voltei-me para saber de quem era a afirmação que acabara de ouvir. Um morador de rua, idoso, mal vestido e sujo, segurava um saco nos ombros e esperava que eu lhe respondesse.

— E quando não depende de nós?

— Você é médico de quê, moço? — questionou e desceu os olhos para meu peito.

Só então me dei conta de que ainda usava o jaleco e ele desviou a atenção para o nome bordado no bolso.

— Neurologista — respondi abrindo os botões para retirar o avental.

— Ah! Tá certo! Cuida dos circuitos dos outros, no entanto os seus estão todos em curto! Cuidado, seu doutor, ou vai acabar se perdendo, como eu. Uma mulher pode ser mais perigosa que o próprio demo. Se afaste da tinhosa, antes que ela te faça mergulhar e quebrar o pescoço no fundo desse precipício — O homem apontou o queixo recoberto de espessa barba, branca e crespa, para o penhasco, depois virou as costas dirigindo-se devagar e displicente, escadaria abaixo.

Sumiu tão silencioso quanto se aproximou. E apesar de parecer que não merecesse qualquer crédito, pois trazia no rosto as marcas deixadas pelo uso de álcool e drogas, fiquei ainda mais angustiado com suas palavras e lhe dei total razão.

Convencido de que não poderia ficar ali o dia todo, decidi voltar para casa e pegar meu filho. Precisava me afastar do ambiente em que a presença da Quel me atormentaria o tempo todo.

— Iolanda, você pode, por favor, preparar uma mochila com algumas roupas do Rafinha?

— *Claro, Dan. Muita coisa?*

— O suficiente para uma semana. Peça que ele separe os brinquedos favoritos também.

— *O que está acontecendo, Daniel? Não me parece bem.*

— Está tudo bem — menti, e fingi que ela acreditou. — Peguei alguns dias de folga e quero aproveitar com o Rafa.

— *Que ótimo. Ele vai adorar. Vou arrumar agora mesmo. Vocês vão viajar?*

— Não sei ainda. Quero começar a adaptá-lo melhor ao casarão. — Não sabia mais o que inventar, então deixava com leviandade que as mentiras se soltassem de minha boca, menosprezando a inteligência de minha sogra. — Iolanda...

— Estou ouvindo, filho.

— A Quel está em casa?

— Não a vejo desde cedo, acho que estará no *Brilho Eterno* à tarde. Precisa de algo?

Absolutamente tudo!

— Não, nada. Era só para o Rafinha se despedir.

Estava ficando bom em enganar as pessoas. Se eu precisava de algo da Raquel? Sim, muito, e o principal era lembrar que ela era minha cunhada, quatorze anos mais nova e, portanto, devia ficar longe dela.



Estávamos no casarão, há três dias, tentávamos nos adaptar a nova rotina. Enquanto Rafael ia para escola, eu cumpria a agenda do consultório. Os passeios eram ótimos e divertidos, porém à noite, ele sempre choramingava com saudade dos avós e da tia.

Leo dizia que as coisas estavam se acalmando no hospital. A poeira estava baixando e as pessoas evitavam falar abertamente sobre o assunto, sob a ameaça de serem demitidos. Aquilo não me deixava nada feliz. Plínio ainda não me recebia e nem atendia minhas ligações e eu, as cegas, não sabia como agir.

Também não contei para ninguém sobre o que estava acontecendo, apenas disse que precisava tirar alguns dias para descansar.

A escola de Rafael convocou uma reunião de emergência com pais e mestres. Lá, ficou determinado que nenhum aluno deixaria as instalações da escola, sem notificação escrita a próprio punho, na agenda, pelos pais ou responsáveis, pré-estabelecidos, sem exceção. Não importava o que acontecesse. Aquilo me tranquilizou um pouco. Bem pouco, por que Quel martirizava meus pensamentos com maestria. A mente gritava o quanto era proibida e o corpo exigia a presença, o carinho, o perfume dela. O coração disparava e eu ficava ereto de forma dolorida, por não conseguir esquecer tudo que aquela garota fez comigo em sua cama. E eu buscava alívio de forma incessante e que nunca seria o bastante. A saudade do brilho dos dois pedacinhos de esmeraldas úmidos e cintilantes; das tranças longas e mal feitas, do short desbotado e dos coturnos pesados, que lhe davam um aspecto tão sapeca, é que me consumia. Eu queria o som da risada, da voz estridente, o sorriso alvo e maroto, enfim, sentia fome da presença dela.



Na piscina da academia, dava braçadas vigorosas, a fim de me esgotar fisicamente, para conseguir dormir melhor à noite. Rafael fazia atividade na infantil, ao lado. Tínhamos mais disponibilidade de ficar juntos, porém privava a família da companhia dele. Iolanda entendia que como pai e por ter sempre pouquíssimo tempo, eu merecia aquelas férias ao lado de meu filho. Mas certamente, Raquel deveria sentir muito a falta dele também.

Perdi as contas de quantas vezes atravessei de ponta a ponta àquela raia. Mais algumas braçadas e toquei a borda, de novo. Levantei o rosto da água, procurando o ar, exausto. Apoiei-me para dar impulso e sair e, o coração que já estava acelerado pelo esforço, bombardeou meu peito. Não sabia o que acontecia ali e nem o que pensar ao me deparar com aquele rosto e, um sorriso disforme, meio embaçado, por detrás dos óculos, não me deixou nada feliz.

Desenhava sobre as fotos. Espetava, cortava, rasgava, sangrava...
— Você não é má, por enquanto são apenas pedaços de papéis...



CAPÍTULO 29

Eu sabia que Daniel havia saído de casa por minha causa. Fiquei muito indignada com sua atitude. Não precisava sumir com o garoto, sabendo que somos todos movidos pela energia dele. Porém não era nenhuma idiota e pensando um pouco melhor, tive certeza de que alguma coisa não se encaixava. Não havia motivos para ele tirar férias naquele período do ano, quando Rafa tinha aulas e, muito menos, ao acabar de assumir num novo trabalho. E que férias eram aquelas, em que continuava a atender no consultório?

— Mãe, tem falado com o Daniel?

— Ia perguntar a mesma coisa. Ele anda tão estranho. Estou bem preocupada.

— Ligue pra ele, mãe — pedi, com cara de cachorro sem dono, esforçando para não demonstrar minha animosidade.

— Imagina se vou ficar especulando a vida dele. A sua sim. Ou pensa que não estou percebendo que as coisas não andam bem?

— Dona Iolanda, não inventa...

— Quel, eu não nasci ontem e te conheço muito. Aconteceu alguma coisa entre vocês, depois daquela noite horrorosa. Ou, antes ainda.

— Mãe, do que está falando? — indaguei e covarde, não tive como

encarar a mulher que parecia saber absolutamente tudo que circulava em minha mente e coração. — Aquela noite foi horrível para todos nós. É normal que a gente saia dos eixos por um tempo, né?

— Raquel, não me subestime. Boa não quer dizer boba. — Ela estava bem calma, porém eu comecei a tremer. — E talvez você seja o motivo de Daniel não estar em casa. E é muito provável, que ele seja a razão de não ter ido voluntariar no *Brilho Eterno* nos últimos dias e ter enviado sua amiga em seu lugar. O que me diz?

Não conseguia sustentar o seu olhar inquisidor. A mãe sabia, no mínimo, sobre os meus sentimentos, e não tive coragem de negar ou assumir. Iolanda teve certeza então, do quanto aquele silêncio era revelador. Senti o rosto corar, os olhos alagaram e meu queixo tremeu. Envergonhada, não podia admitir a minha própria mãe, o crime que cometi, contra a minha irmã, uma das pessoas que mais amei em toda a vida. A que me cuidou, protegeu, e levou pela mão, sempre escolhendo o melhor caminho para que eu não me machucasse. E o que fiz foi ferir a sua memória, querendo tomar seu marido, o filho e o amor deles. Não conseguiria confessar aquilo, e mamãe não merecia que eu a magoasse contrariando todos os princípios que sempre ensinou.

— Espero que entenda, Quel, que não vou apoiar tamanha insensatez. Há um limite para tudo e mesmo que ache fácil viver e não dar muita relevância às coisas, já devia saber que nem tudo é brincadeira. — A voz dela tremulou, estava prestes a sucumbir, mas como sempre, falou com propriedade. — Quero que respeite a memória de sua irmã e não faça nada que coloque em risco o crescimento saudável do Rafael.

— Mãe...

A sala ficou pequena para o turbilhão de sentimentos pesados e negativos que se sobrepuseram a nós, depois daquela declaração. Iolanda chorou. Suas lágrimas me machucavam muito, como se meu coração estivesse sendo partido ao meio. Eu a havia decepcionado. Ela estava convencida de que tudo não passava de uma brincadeira, porque foi assim que sempre agi em todos os relacionamentos. Tive vontade de gritar, que não era verdade. Que daquela vez, realmente havia me apaixonado e que aquilo me matava aos poucos, e que precisava dela ao meu lado, como sempre estive, no entanto não pude. E a mãe saiu secando os olhos tristes e empapuçados por detrás dos óculos. Preocupada e cansada, apreensiva e temerosa. Como se não soubesse quando, mas que algo ruim explodiria a

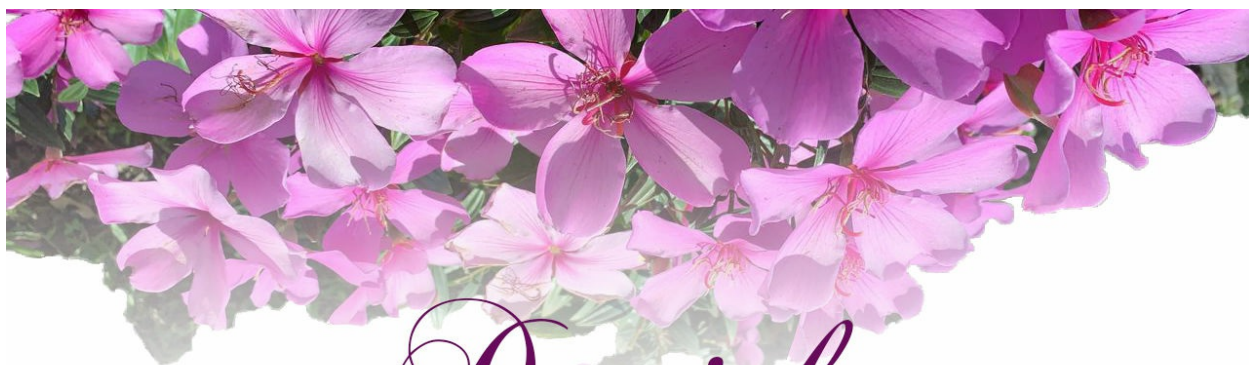
qualquer momento.

Peguei o celular. Entrei no aplicativo e digitei uma longa mensagem para Daniel. Apaguei. Digitei outra...

Quel: *A mãe sabe. Não sei exatamente o quanto, mas ela sabe...*

Finalmente, enviei.

Ele era tão forte, inteligente, saudável. Tão excitantemente sensível. Olhar penetrante, dócil, bonito e fazia sexo viciante. Comparava-o a um deus grego! Somente homens como Daniel deveriam procriar!



Daniel

CAPÍTULO 30

— Surpresa!

Retirei os óculos sem qualquer cuidado e, quase em desespero, a primeira coisa que fiz foi dirigir meu olhar para a piscina ao lado. Tranquilei ao reconhecer a touca azul que Rafael usava, muito próximo da instrutora de natação. Ele estava distraído em sua aula.

— O que acha que está fazendo?

— Temos muito que conversar, meu amor. — Ela sorriu e abriu a toalha que eu havia deixado na beirada, oferecendo-a como um toureiro que provoca um touro em plena arena.

Puxei o tecido felpudo, de suas mãos, com grosseria, fazendo-a recuar um passo, meio assustada.

— Não sei por que disse e nem o que está se passando nessa sua cabeça louca, mas não vai conseguir nada assim, Juliana — avisei enquanto me livrava da touca.

— Sei que está nervoso e tenho que me desculpar, porém a culpa foi sua. Não me deu alternativa, amor.

— Pare com essa história de amor! Precisa parar com essa loucura — exigei entredentes, tendo o cuidado de olhar bem dentro daqueles olhos azuis e frios como os de um psicopata. — Está doente, Juliana. Não percebe? —

Logo tive certeza de que ela entendia.

— Você é quem vai parar, Daniel — rebateu e se pôs nas pontas dos pés para se aproximar ainda mais de mim, testando minha paciência. — Ou me trata como realmente mereço ou vai arcar com todas as consequências.

— Você não acha que vou cair nesse joguinho, acha? — Indignado era como me sentia.

Passei as mãos pelos cabelos para ocupá-las, esforçando-me para controlar a vontade de sacudi-la até trazê-la para a realidade.

Uma mulher passou por nós, quase arrastando uma criança pequena, e desconfiada, olhou-me de forma acusatória, como se eu fosse o carrasco.

— Você vai falar a verdade para o Fragonezzi e parar com essa perseguição. O que faz para me encontrar em todos os lugares? Está me seguindo? Não percebe a gravidade do que está fazendo?

— Não me acuse, Dan. Você é que não percebe nada!

— Não me obrigue a te denunciar, Juliana. Não quero fazer isso...

— Eu te amo! Só me dê uma chance de mostrar o quanto podemos ser felizes. Nós podemos ter filhos, Dan! Fazer uma nova família...

— Não é possível! — murmurei sem acreditar. Inspirei fundo tentando me acalmar e lidar com a situação da melhor forma. — Você não está ouvindo o que falo? Não quero me casar com você! Não preciso e não quero nenhuma outra família... — afirmei com crueldade imposta na voz de maneira clara e decidida.

Juliana chorou como se eu a tivesse surpreendido, ofendido. As lágrimas desciam deliberadamente pelo mesmo rosto que num segundo atrás sorria para mim. Quis me afastar e quanto mais eu tentava, mais ela se aproximava e tentava me tocar. Segurei seus punhos com força e, exaurido, coleí meu nariz ao dela.

— Você vai ao hospital e vai explicar que não fiz esse corte na sua testa, e vai contar porque resolveu inventar essas mentiras.

— Nãoooo... — Ela se soltou bruscamente. Dramatizou, caiu de joelhos e soluçou alto, chamando atenção de todas as pessoas ao redor. — Não me maltrate, Daniel! Você prometeu que não me machucaria mais — choramingou e levou os braços para a face, como se buscasse se proteger de um ataque que, decididamente, não fiz.

Uma atriz merecedora do Oscar. Falava aos prantos, gesticulava. De joelhos, sentou sobre os tornozelos e curvou o tronco no piso molhado, sobre os cotovelos. Literalmente jogada aos meus pés. Torci para que não houvesse

câmeras, porém alguns celulares filmavam de vários ângulos, naquele momento.

— Seu covarde, desgraçado! Acha mesmo que isso vai ficar assim? — aos berros, uma mulher que eu jamais vira, aproximou-se e me peitou, quase como um cão raivoso, ameaçando me bater.

— Calma, moça — pediu ao prestar socorro à Juliana. — Estou gravando tudo — avisou e a tomou nos braços, ajudando-a a ficar de pé. — Vamos, querida! Vamos sair daqui e quero ver esse troglodita te tocar de novo — falava para a desmiolada que soluçava em seu peito, no entanto não tirava os olhos de mim. — Eu posso te acompanhar a uma delegacia. Você precisa de uma medida protetiva. Sou advogada e vou te ajudar.

— Você não sabe do que está falando. Eu não... — calei-me, pois sabia que quanto mais argumentasse, mais me complicaria.

Juliana se agarrou à sua nova aliada e caminhou com ela para a saída. Cabisbaixa, chorosa, uma vítima perfeita, no entanto antes de sumir, ainda me olhou por cima do ombro para certificar-se que me atingira e um sorrisinho irônico e pleno de satisfação surgiu em seu semblante.

Dei graças por ver que Rafael continuava alheio. Fui buscá-lo para tomarmos banho e sairmos de lá o mais rápido possível. Deixei o local arrasado, envergonhado, irado e, pela primeira vez, convencido de que Juliana estava disposta a acabar comigo. E eu entregava a ela, todas as armas que necessitava.



No final da tarde, já no casarão, Rafael brincava no chão com seus super-heróis e carrinhos. Bob dormia ao seu lado.

Não sabia como sair daquele impasse. Cada dia mais, eu sentia falta da Quel e da rotina do hospital. E mais me via enredado na trama que a Juliana tecia.

Decidi que na primeira oportunidade, consultaria meu amigo Roberto, em busca de uma luz para me livrar daquele pesadelo, antes que não houvesse mais saída. Como advogado, ele saberia o melhor caminho.

O telefone notificou mensagem, e cada vez que aquilo acontecia, tinha esperanças que fosse notícias do doutor Fragonezzi, liberando meu

acesso ao trabalho, todavia não era dele.

Juliana: ***Espero que tenha entendido que não pode lutar contra mim. Tem dois dias para assumir nosso compromisso, ou dê adeus a sua profissão e fama de bonzinho..***

Visualizei tão logo chegou e assim que o fiz, foi excluída.

“Essa mensagem foi apagada.”

Ainda segurava o *iPhone*, quando recebi mais uma notificação. Antes de abrir o aplicativo, senti o peito pulsar, ao ver o led se acender e o nome da Raquel surgir na tela.

Quel: ***A mãe sabe. Não sei exatamente o quanto, mas ela sabe...***

Visualizei e comecei a digitar uma resposta. Rafinha surgiu em meu campo de visão e fiquei apreensivo ao perceber sua expressão entristecida com carinha de choro. Desliguei o telefone e o larguei sobre a mesa da cozinha.

— O que foi, filho? Venha aqui com o pai.

Abri os braços e ofereci meu colo, ajeitando sua cabeça contra o peito.

— Tô com muita saudade da casa da vovó. Quando a gente vai, papai?

Sabia que aquele pedido não tardaria e estava pronto para atendê-lo. Tinha consciência de que não poderia mantê-lo longe da família que tanto amava e nem era a minha intenção. Tudo que precisava era de um tempo para pensar, porém não dava mais para esperar, eu tinha que tomar uma atitude.

— Aqui é nossa casa, filho. Mas sabe que também estou com saudade?

— A gente pode “*aposar*” lá, hoje?

— Deu até água na boca pensar no jantar da vovó Landa. Você não?

— Sim, também. Ebaaa... Vamos comer o *papá* da vovó!! Bobiiiiiii venha seu cachorro dorminhoco.

— Você já deveria saber que não pode comigo. Ainda que seja forte, sua mente é muito sã para competir com a minha!

Como Deus e demônio! Anjo do bem e gênio do mal!

— Sim!



CAPÍTULO 31

Eu pulei do sofá quando vi o pequeno entrando, com Bob atrás dele. Agachei e ofereci meu abraço ao Rafinha, apertei-o contra o peito, enchendo-o de beijos.

— Tia Quel, para. Você está me apertando muito...

— Ah, vou te apertar muito mais de tanta saudade, piá mais lindo. — E rolamos pelo chão de madeira.

Bob latiu e sapateou tentando entrar na brincadeira e o garoto gargalhava eufórico. E quando paramos, o meu sorriso se fechou e não consegui mais fingir que não havia percebido o moreno lindo, recostado numa das colunas que separava aquele ambiente, da sala de jantar. Os olhos brilhavam tão intensamente, como se quisessem falar o quanto felizes estavam por me ver. Os lábios tão bem delineados esboçavam um riso contido. Os braços cruzados na altura do peito e um tornozelo à frente do outro, deixavam o homem com aspecto descontraído. A camisa polo branca e a calça jeans desbotada vestiam perfeitamente o corpo forte, longo e bonito que deteve minha mirada por um bom tempo, porém foi em seu olhar que ela se prendeu.

Rafinha saiu, ganhou um afago nos cabelos ao passar correndo pelo pai, e subiu as escadas chamando pela avó.

— Suba devagar, filho... — alertou, carinhoso e cuidadoso como sempre.

Ficamos sozinhos. Dan se manteve onde estava e eu continuei sentada no chão.

— Oi — foi só o que me disse com a voz rouca, embargada e o seu pomo de adão subiu e desceu, denunciando o quanto ele estava nervoso ou apreensivo.

— E aí? — eu devolvi ajeitando os cabelos atrás das orelhas e depois acariciando a cabeça grande do Golden que se achegava ao meu lado, de língua de fora, reivindicando afeto, saudoso também. Direcionando lambidas por toda parte.

Dan finalmente saiu do lugar e sentou perto de mim e Bob não pensou duas vezes e foi para junto dele.

— Rafinha pediu pra voltarmos.

— Cara, essa casa é vazia sem ele.

— Estava com muita saudade...

— Eu também! Ele faz muita falta...

— Estou falando de mim, moça bonita.

— Pare, Daniel.

— Parar por quê? Fugir? Pra onde, Raquel? Se não importa onde esteja, meus pensamentos me levam diretamente a você.

Meu Senhor, escutou o que ele disse? Como não quer que eu peque?

— Sei que parece infantilidade, mas a barra tá pesada demais. Nunca vi a mãe tão contrariada. Não sei mais o que fazer. Também só penso na gente e naquela maldita noite.

— Maldita? Foi a melhor noite da minha vida, depois de muitos anos!

Tentei não demonstrar, porém a empolgação em suas palavras agiu como um bálsamo em mim. Lavaram a alma. Aqueceram o corpo todo. Senti vontade de tocá-lo, de acariciar a barba mal feita, de beijar aqueles lábios tão naturalmente ruborizados. Contudo só consegui desviar minha atenção dele e mudar o assunto para matar a minha curiosidade.

— Por que não tem ido trabalhar, Dan?

— Fui afastado do hospital.

— Como assim? O que *tá rolando*?

— Isso que você ouviu.

— *Tá*, eu não sou mesmo surda, mas afastado como? Foi demitido? O cara não tinha te dado o cargo por ser o melhor, o mais indicado, um doutor *House* da vida?

— Que *House* da vida?

— Não pelo humor negro, é claro, mas pelo desempenho. — Eu ri, ainda não fazia ideia da gravidade daquilo tudo.

— Juliana me acusou de agredi-la, naquela noite. Apareceu no hospital com supercílio aberto, com hematomas, precisou de sutura...

— Espera! — Não sabia se havia entendido direito. — Dan, isso não é justo. — Deduzindo o que ele não havia concluído, argumentei certa de que em breve tudo estaria resolvido. — Você só precisa contar que fui eu. Amanhã, podemos ir ao hospital e esclareceremos tudo.

— Não foi você, Quel. Ela não estava machucada quando saímos. Eu me dei ao trabalho de observar isso. Não a deixaria lá se estivesse ferida e precisando de ajuda. Não sei como e nem quem a agrediu, só sei que nós não fomos!

— Eles não podem acreditar. Temos que fazer alguma coisa.

— É ainda mais grave do que isso... Juliana enlouqueceu e está...

Daniel parou de falar e eu podia jurar que se policiava.

— Está o quê? — indaguei, com o meu olhar fixo no dele. — Fala logo, cara! O que ela fez além dessa merda toda?

— Nada... Quer dizer... Acho que está se vingando porque rompemos. Porra! Romper nem é o termo, considerando que nunca tivemos nada sério.

— Ainda posso ir ao hospital e dizer que sou testemunha.

— Você bateu nela! Ninguém acreditaria em sua palavra. Não! Não quero que se envolva nisso. Deixe que eu resolvo. — Ele levantou e foi ao bar se servir.

— Dan, você saiu de novo naquela noite. Não voltou lá, né?

Daniel tomou um gole e voltou em minha direção com o copo de uísque na mão. Saí do chão e ficamos tão próximos que senti seu hálito alcoólico. Seu nariz grudou no meu e percebi que ficou alterado ou muito decepcionado comigo.

— Quel, não me importo que qualquer pessoa me acuse, menos você. Porque não suportaria sequer cogitar a ideia de que não me conheça de verdade. Eu jamais seria capaz.

Sua mão se espalmou em meu rosto. Cerrei as pálpebras e me deixei levar pelo prazer de ter aquele polegar desenhando o contorno dos meus lábios. Precisava quase desesperadamente que Dan me beijasse. Queria gritar que acreditava nele e que estaria sempre ao seu lado. Não havia palavras para expressar o que sentia e desejava, então fixei o olhar no dele, para que

percebesse.

Bob levantou e correu em direção à entrada dos fundos. Era meu pai quem chegava e fiquei aliviada por ter sido alertada pelo cão.

— É o pai... — avisei me afastando dele com enorme sacrifício.

— Vá ao casarão depois do jantar. Vou te esperar lá — sussurrou mantendo os olhos cintilantes em mim.

Não houve tempo para responder. Papai entrou afrouxando a gravata e sorridente como sempre. Beijou minha testa e bateu no ombro de Daniel.

— Como está, garoto? Cadê o piá?

— Tudo bem, chefe. O Rafinha subiu. Foi matar a saudade da vovó.

— Fiquem à vontade. Vou subir também e tomar um banho antes do jantar. Hoje o dia valeu por dois. Sou obrigado a acreditar em Iolanda quando diz que estou ficando velho, precocemente, é claro! — brincou, já subindo as escadas.

— Velho, avise a mamãe que vou jantar na casa da Val e não sei se volto.

— Sim, senhora.

Peguei a bolsa e antes de sair apressada, olhei uma última vez para o Daniel. Deixei-o com toda a tensão velada em seu olhar. Mais do que fugir da minha mãe eu quis *dar no pé* para não perder a capacidade de raciocinar e acabar fazendo bobagem, diante de toda família, por causa daquele homem.



Fiquei algum tempo sentada no hall do edifício onde a Val morava. Felizmente logo ela chegou. Vi quando Fábio a beijou, tão apaixonado que cheguei a pensar o quanto fora injusta ao afirmar que ele apenas a usava. Não era verdade. Só quem ama pra valer conseguiria segurar e encarar alguém daquela forma. O amor estava ali, para ser visto a olho nu, por qualquer pessoa que conhecesse aquele sentimento. Era o mesmo que, pela primeira vez, eu vivia.

— *Miga*, que bom que está aqui! — ela disse ao se aproximar sorrindo. Genuinamente feliz.

— Que bom mesmo, *miga* linda.

Recebi aquele abraço tão reconfortante e subimos em silêncio, pois

não estávamos sozinhas. Pelo espelho, na cabine do elevador, percebia que ela me analisava e direcionava olhares curiosos e preocupados. Val deixou de lado a sua euforia para compartilhar de meu sofrimento.

— Estive com o Daniel, hoje. Ele apareceu.

— E?

— *Tá* tudo uma merda.

— O que houve? — Abriu a porta do apartamento e deixou que eu passasse a sua frente.

— Coisas muito graves. Você tinha razão, Val. A tal da Juliana é louca — afirmei e contei o pouco que sabia.

— E fala isso nessa calma? Vocês têm que fazer um boletim de ocorrência. É pior do que pensávamos.

— A *mina* é uma psicopata... Assustador, né? Eu nunca mais dormi direito depois do que ela fez com o Rafinha. E agora isso... E sei que tem mais, porém o Dan não conseguiu ou não quis me falar. Ele quer encontrar comigo no casarão.

— Jura? — ela gritou admirada e com olhos arregalados. — Tipo encontro às escondidas. Ah, meus quinze anos. — Riu se divertindo com a situação, no entanto logo percebeu que era sério. — E você vai? Quel, não disse que sua mãe tá possessa? .

— *Tá ligada*, que a vontade é mais forte que eu? Porém meu medo é da Juliana.

— Sabe muito bem o que aconteceu com a sua irmã. A loucura da Giordana e tal... Precisam levar isso a sério. Sei lá... Estou ficando com medo dessa história.

— Eu também! — confessei e pedi um abraço para a minha amiga. — Eu também estou, Val. Só que não quero deixar o Daniel passar por isso tudo sozinho. Quero estar ao lado dele... — A mirada contestadora, fez-me redimir. — Ahh, *tá*...



Acordei com notificações no celular. As pálpebras pesavam tanto que quase não consegui abri-las. Val já havia levantado. No telefone, vi três mensagens de “Dan – Cunhado”. Definitivamente, eu precisava mudar o

nome dele em meus contatos.

Dan: *Sabia que não viria, mas torci que estivesse errado.*

Dan: *Tomei uma decisão...*

Dan: *Vou passar aí para conversarmos.*

Pulei da cama e nervosa, olhei no espelho. Eu estava horrível! Por que diachos, Dan tirava meu prumo? Não era nada bom me sentir tão vulnerável e feia. Apressada, saí em disparada pelo corredor para avisar a Val que não abrisse a porta se ele aparecesse, precisava de mais um tempo, para me arrumar.

— Val... — Não me lembrava do maldito tapete no meio do caminho, porém ele ficaria marcado, para sempre, em minha memória. Deslizei e dei um salto mortal duplo, quando coloquei os pés nele e depois caí de bunda no chão.

— Merda! — reclamei e quando levantei os olhos, vi que as coisas poderiam ficar ainda mais ridículas.

Daniel e Val estavam parados na entrada. Ela com a bolsa no ombro, de saída e ele chegando. Ambos rindo da cena, no entanto apenas ele caminhou em minha direção.

— Você está bem? — O doutor me estendeu a mão, fazendo muito esforço para segurar o riso.

— Caí.

— Sim, percebi — afirmou e me puxou para cima. — Doeu? — quis saber, irônico, curvando para olhar minha bunda.

— Val, que porra de tapete assassino é esse? — Eu a fulminei com olhar, sentindo-me muito idiota e massageando as nádegas doloridas. — Ele não estava aí na noite passada.

— Ganhei da vovó — contou, também com dificuldade de controlar a risada. — Só não sabia que era mágico e ficava invisível.

— Devia tirá-lo daqui ou aplicar um antiderrapante, porra!

— Ah, e daí qual vai ser a graça de ter um tapete que não derruba minhas amigas?

— Megera.

— Isso está muito divertido, mas tenho que ir crianças, eu estou atrasada. Deixe a chave na portaria, *miga*. Fiquem à vontade. Beijinho.

— Eu acabei de acordar e tô toda bagunçada e aquele tapete idiota...

— Está mesmo preocupada com isso?

— Deixa pra lá. — Dei de ombros, porque afinal, Dan estava acostumado a me ver descabelada em casa, pelo menos antes de me descobrir apaixonada por ele.

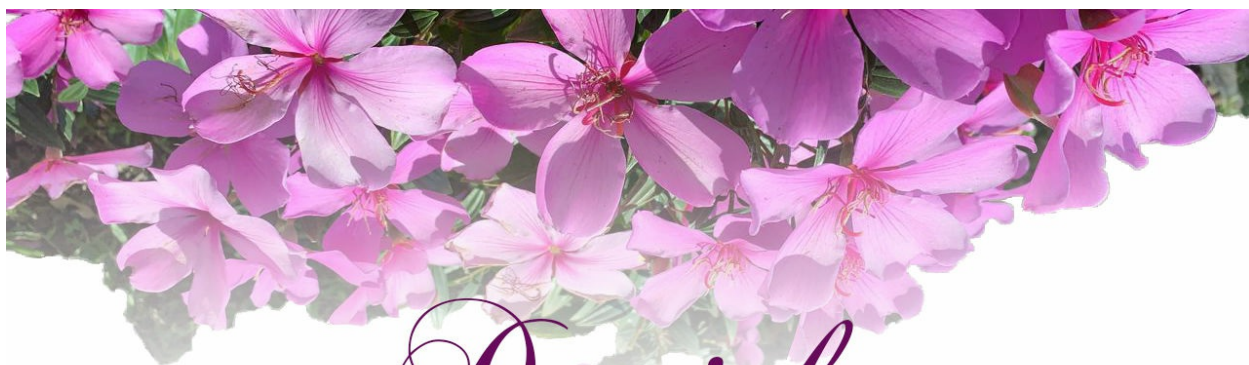
— Não me lembro da Rafa ter tido amigas assim... Era mais sozinha.

— Eu era amiga dela, *tá ligado?*

— Pare com esse azedume. Você precisa de café e eu também. Tem?

Baixei as armas. Dan estava coberto de razão. De verdade, eu só acordava depois de tomar café, o que justificava os tropeços nos tapetes da vida.

— Desgraçado, maldito! Como pode ir atrás dela? — Gritei e atirei o celular para longe. Precisava buscar alívio ou acabaria por estragar tudo.



Daniel

CAPÍTULO 32

Seria bom se todos os momentos fossem de descontração como aquele. Por um tempo, ver Raquel e Valdirene se divertirem, com um tombo bobo, fez-me esquecer dos motivos que usei como desculpa, para ir até lá, e nos quais eu me agarrava descaradamente, apenas para estar perto da minha cunhada.

— A Val fez café. Mulher abençoada. — Quel pegou duas xícaras e dois pires e começou a colocar a mesa.

Parecia muito familiarizada com tudo naquele apartamento. Aqueceu um pouco de leite no forno de micro-ondas e cortou um mamão papaia, ao meio. Só ao se livrar das sementes, ela sentou, porém evitava me dirigir o olhar.

— Por que está agindo assim?

— Assim como?

— Como se eu fosse um estranho.

— É infantil de minha parte, né?

— Não disse isso...

— Sei que não. Eu é que estou dizendo. Por que me sinto um pouco perdida com tudo que estamos vivendo, sabe? — Finalmente, levantou os olhos para mim.

Tudo que vi naqueles dois pedacinhos de pedras verdes e preciosas foi medo misturado a uma tristeza sem fim.

— Também estou com medo, Quel. Pela primeira vez na vida, não sei exatamente o que fazer.

— A mãe está muito magoada com a gente. Disse que não é legal o que estamos fazendo.

— Contou a ela? — quis saber, por curiosidade, sobre o que e o quanto haviam conversado.

— Não! Mas ela é como uma extensão minha. Parece que tem um radar. Sempre sabe tudo que acontece comigo, lê pensamentos, sei lá. Era assim com a Rafa também. — Quel, a garota sempre tão segura, parecia então, muito preocupada. — Por que veio aqui, Dan?

— Tomei uma decisão e espero que seja a melhor.

— Que decisão?

— Vou ficar com a Juliana.

— Ah, não vai não! Fala Sério!

— É a única forma de contornar essa situação maluca.

— Você está louco! É uma forma de dar chances pra mais maluquices. Como pode me dizer com essa calma que vai ficar com ela? — gritou e soltou o garfo sobre o prato, como se sentisse raiva de mim.

— Quel, eu já decidi. Só quis te falar para que... Quis falar, apenas isso!

— Por que, Daniel?

— Ficar gritando não vai resolver nossos problemas.

— Você me deixa nervosa. Fica falando nas entrelinhas. Seja claro ou só o que posso pensar que não deva ceder as loucuras dela. Não pode ficar com ela... Eu...

— Quel!

— Estou com medo.

— Medo todos temos! Só que ela quer me denunciar por agressão. Tenho que ganhar tempo. Preciso que pense ter o controle até conseguir alguma prova.

— Podemos provar sem que você tenha que se expor. Qualquer um percebe que ela é louca. Qualquer psiquiatra poderá atestar isso.

— Você tem ideia da rapidez com que a vida e a carreira de um homem podem ser aniquiladas com uma calúnia como essa? Ninguém acreditará em mim, Raquel. Ela será a vítima e eu o canalha. O fato é que a Juliana está muito doente e talvez, dessa forma, eu consiga fazê-la se tratar e esquecer essa merda. Preciso, pelo menos, descobrir o que tem em mente.

— Vai acabar ficando mais vulnerável. Dan, você precisa tomar cuidado. Pessoas como ela não têm qualquer limite.

— Tenho que correr esse risco, ou perco meu registro e eu não sei ser nada além de médico!

— Não. Não pode ser. Tem que ter uma alternativa. Vamos antes à polícia. Temos provas de que ela sequestrou o Rafinha.

— É? Que provas? Mensagens recebidas pela escola, que saíram do meu próprio celular? Que só mostram que negligenciei ao meu filho?

— Você não...

— Foi isso mesmo, Quel. Negligência. Rafael é tudo que tenho e o deixei nas mãos daquela...

— Você tem a mim também — ela soltou as palavras junto com as lágrimas que desceram por seu rosto. — E não quero te deixar a mercê daquela maluca. Não posso perder você também, Dan!

Levantei exaurido. Perto dela, procurei suas mãos e as mantive estendidas ao longo do seu corpo. Nossos dedos se entrelaçaram e sua cabeça tombou contra meu peito. Apertei os olhos tentando dissipar a dor que proliferava em meio aos pensamentos cruéis. Apoiei o queixo em seus cabelos emaranhados e cheirosos, e engoli em seco, com a incerteza se sobressaindo. O medo era uma como um fantasma, que tomava forma e nos assombrava.

— Eu não quero machucar você, Quel. Tenho pavor que a história se repita.

— Do que está falando? — Ela me olhou, as sobrancelhas unidas, numa expressão de dúvida e pura ansiedade.

— Nós vimos e ainda sentimos tudo que aconteceu. Se eu tivesse dado a devida importância para aquela situação... As ameaças do Marco e da própria Giordana. Ela prometeu a sua irmã que se vingaria e fez. A mente doentia a levou a acreditar na culpa da Rafa por tudo de ruim que acontecia ao filho dela. Não vou deixar a Juliana fazer a mesma coisa.

— É diferente. O risco não sou eu, *mano*! Ela vai fazer mal pra você. — Sucumbi com a aflição de sua voz, com a proximidade e a delicadeza de seu corpo, com o brilho do amor que reluzia daqueles dois pedaços de mar.

Toquei seu rosto. A palma aberta cobrindo toda a lateral de sua face. Meu polegar secou suas lágrimas e meus lábios procuraram os dela.

— Não suporto pensar que posso te perder, Quel. Não aguento imaginar a vida sem ter você por perto. Eu estou muito apaixonado por você,

menina. — E a língua se perdeu na boca quente, dançando com a dela.

Seus braços me apertaram e a puxei para junto de mim. Um desejo arrebatador me consumia.

— Não devíamos mais fazer isso... Como mesmo que se ganha à batalha contra um coração teimoso?

— Eu já perdi a guerra contra ele, faz tempo.

Raquel colou nossos lábios de novo e passou a desabotoar minha camisa. Seus beijos se espalhando por meu rosto, pescoço, peito... Fechei os olhos e a deixei livre, não tinha mais condições e não queria pará-la.

— Acho você tão lindo... — Ela me lambia. — Essa pele dourada... — Sugava os mamilos. — Sou fascinada por você, Dan... — Mordia e me arrancava gemidos. — Não pode ser de mais ninguém, apenas meu... — Abriu minha calça. — Eu te amo e isso não pode ser pecado!

E só quis acreditar que ela estava, absolutamente, certa!

Eu também a amava!

O relógio havia parado. As horas apenas se arrastavam.

As vozes gritavam aos meus ouvidos, que algo daria errado, algo daria errado, algo daria fodidamente errado!



CAPÍTULO 33

Eu teria que ter paciência para fazer minha mãe entender que não estávamos brincando. Era algo forte, real e autêntico o que sentíamos, e ela teria que aceitar.

A prioridade, naquele momento, era nos livrarmos da louca da Juliana de uma vez por todas. Porém a mulher vinha se mostrando mais desequilibrada e inteligente, do que pensávamos. Daniel me contou sobre as provas e testemunhas que ela conseguiu, deturpando a conversa deles, na piscina da academia. E quanto mais ele se aproximasse dela, mais ficaria enrolado e já estava até o pescoço. O cara tinha o coração tão generoso, e aquilo não o deixava comensurar o quão perverso um ser humano poderia ser. No entanto estudei o assunto na faculdade, e pensava seriamente em defender alguma tese de doutorado, sobre mentes psicopatas.

Dan saiu para almoçar com o Leonardo para tentar saber quais eram as perspectivas dele voltar ao trabalho, e desabafar um pouco. Fui para casa queimar os miolos. Ele ainda tinha vinte e quatro horas para dar a resposta, antes que Juliana o denunciasse. Eu tinha que tentar fazer algo.

No *Facebook*, digitei “Juliana Vásquez” e consegui achar, muito facilmente, o perfil da fisioterapeuta. Ali, ninguém imaginaria, em absoluto, nada sobre a sua insensatez. Algumas fotos, em rodas de amigos, mostravam uma jovem linda, sempre sorrindo à frente de paisagens pitorescas e pontos turísticos famosos da Europa. Porém um álbum me chamou a atenção:

“Melhores dias da minha vida, em Frankfurt”.

Sentei-me para *stalker* todas as informações com esperança de que algo me elucidasse.

Havia *selfies* da loira, às compras, na Galeria Kaufhoff e a legenda:

“Enquanto espero meu amor, faço comprinhas de presentes para o baby.” - 148 curtidas.

— Desgraçada! — xinguei, sem considerar o quanto sentia ciúme do passado de Daniel. — Ela o chamava de *baby*? Que tosca!

As datas marcavam uma das épocas que ele havia morado lá, há sete anos.

Noutra foto que me deixou possessa, ela estava com Daniel. Ambos sorridentes e descontraídos

“Eiserner Steg, a ponte de ferro já tem nosso cadeado. É vermelho, da cor da nossa paixão, agora eternizada sobre o rio Main.” – 221 curtidas.

Aff! Você nem combina com ele, idiota!

Comecei a pensar se algum dia Daniel soube daquelas postagens. Tinha quase certeza que não, pois nem tinha conta em redes sociais. No entanto uma coisa era certa. Eles já foram muito íntimos antes, e ao que indicava àquela imagem, também foram muito felizes.

Era a única foto de meu cunhado. Alguns álbuns eram fechados para o público. Fazia muito tempo que ela não postava nada. E o mais esquisito, não havia comentários, o que me fez pensar que eles foram apagados.

Fui para a lista de amigos, não eram muitos. Nenhum sobrenome igual. A grande maioria, italianos e alguns poucos de Curitiba, colegas de profissão.

Cansada, irritada, enciumada, fechei o computador. Via o tempo se dissipando pelos ares e nem uma solução. A mãe havia saído com Rafinha para o parquinho próximo de casa e eu não tinha com quem me aconselhar.

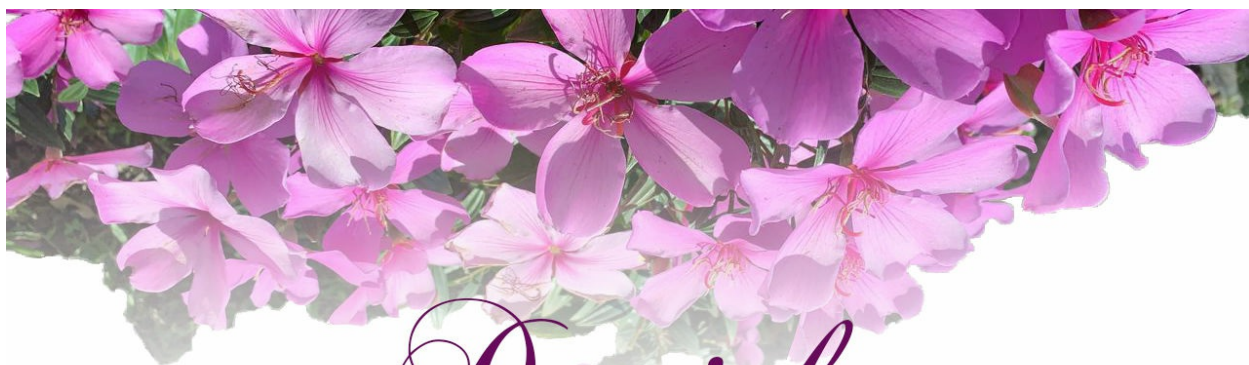
Decidida, tomei uma decisão e liguei para Mary. A avisei que não iria ao instituto naquela tarde.

— *Aconteceu alguma coisa, Quel?*

— Estão acontecendo muitas coisas, amiga, mas eu não posso explicar agora. Se der tempo, passo aí mais tarde pra um *lero*. Beijos.

Meia hora depois, estava me anunciando para o porteiro da casa da loira louca. Eu tinha que tentar fazer algo para livrar o Daniel daquela armadilha.

Ele achava que poderia viver como se nada estivesse acontecendo. Eu estava por perder o controle e me afligia. E se aquilo acontecesse, não seria bom para nenhum de nós.



Daniel

CAPÍTULO 34

— Conseguiu as informações, Leo?

— Sim. Fui ao setor de recursos humanos e a encarregada me forneceu, mas não foi fácil convencê-la — Leonardo contou e me entregou a ficha com os dados de Juliana. — Ainda bem que tenho charme — brincou. — O que pretende fazer?

— Contratar um detetive particular. Alguém que possa descobrir o que houve com a Juliana. Porque ela enlouqueceu e isso é óbvio — expliquei dando atenção para o documento que tinha em mãos.

— O Plínio vai acabar te chamando de novo. Está fazendo muita falta, porém pra isso, precisamos impedi-la. Uma denúncia e fodeu tudo.

— Vou ter que fazer algo que não sei se consigo. Fingir, enganá-la. Fazê-la pensar que estou do lado dela, que a amo. Não sou nada bom com esse tipo de coisa.

— Daniel, isso é loucura. Você vai acabar se dando muito mal. Se ficar perto dela, todos acharão que sempre tiveram um relacionamento e que tudo mais é de verdade.

— Não tenho alternativa. Se ela me denunciar sob qualquer acusação de abuso, ainda que eu prove inocência, minha reputação será abalada para sempre. Em muitos casos a cegueira é tão grande, que se torna impossível para as pessoas acreditarem na versão de um homem. O que é muito natural

se considerarmos a situação de violência a que as mulheres estão expostas.

— Quem bateu nela, Dan?

— Sei lá! Mas evidente que não fui eu.

— Acha que ela seria capaz de se manter de pé diante de um interrogatório? Eles têm como detectar mentiras, colocar uma pessoa em xeque... Não pode ser tão simples assim.

— Tem razão! E até que isso aconteça, já estarei nas manchetes como canalha, agressor, vendo meus pacientes me apontarem e se afastarem e meu registro ser suspenso.

— Porra! Que grande louca essa mulher é. Falou com o seu advogado?

— Ele está viajando. Vou procurá-lo quando retornar. E você Leo? O trabalho na UTI, a Aline?

— Estamos bem, cara! Não se preocupe comigo. Tenho trabalho demais, e a namorada acaba ficando em segundo plano. Como é da área, entende, perfeitamente.

— Um brinde a Aline! — proponho levantando o copo de suco e feliz por vê-lo animado.

Leonardo sorriu e imitou meu gesto. O restaurante estava bastante movimentado. Os garçons circulavam de lado ao outro com suas bandejas sobre os ombros. Era bem próximo ao *Medicina Moderna* e o escolhemos porque Leonardo tinha que voltar para o plantão. Conversávamos enquanto comíamos, e já aguardávamos pela conta, quando a tela do celular acendeu.

Teu tempo está esgotando, meu amor! Podia estar almoçando comigo agora, querido. Ah! Ótima escolha. O “Tiramisù” é um dos meus favoritos. Aproveite e experimente a sobremesa do mesmo nome. É a especialidade deles.

Soltei o aparelho na mesa e recostei bufando de ódio. Olhei ao redor já imaginando vê-la por ali, em alguma mesa, pronta para aparecer e dar o bote. A mensagem foi apagada depois que visualizei.

— Ela está me seguindo.

— A Juliana?

— Quem mais? — perguntei com impaciência, descontando nele a minha raiva. — Sabe que estou aqui.

Joguei o guardanapo sobre o prato e saí a procura dela.

— Dan, espere! — Leo chamou e levantou para me seguir. — Daniel, o que pensa que está fazendo?

— Ela está em algum lugar. — Desnortado e irritado por não encontrá-la no salão principal, saí em direção aos toaletes.

Invadi o banheiro feminino, gritei o seu nome. Empurrei cada porta das cabines, não havia ninguém ali, exceto duas mulheres que se maquiavam frente ao espelho e correram para o canto, a fim de se protegerem de mim. Meus dedos se enfiaram pelos cabelos quase a ponto de arrancá-los. Cheguei a cogitar a possibilidade de ter enlouquecido. Leo apareceu atrás de mim, tentando me acalmar.

— Ela não está aqui, cara. Vamos...

— No estacionamento — afirmei e passei apressado, esbarrando e quase o empurrando.

— Fique com o troco — Ouvi Leonardo dizer, quando pagou a conta ao ser abordado por um garçom desconfiado. Depois veio ao meu encontro e parecia penalizado com a minha situação. Não havia sinal da perversa Juliana, em lugar nenhum.

— Ela pode ter ido embora já. Ou alguém pode estar a informando... — ele sugeriu e me devolveu o iPhone, que deixei sobre a mesa.

— Porra... Como não pensei nisso antes?

— No quê? Não pensou no quê, Dan?

— Ela sempre sabe onde estou. Foi atrás de mim até na academia... É o telefone. — Sacudi o aparelho no ar. — Ela colocou um espião no meu celular. Desgraçada!

— Puta que o pariu, que esperta!

— *Você quer me desafiar? Venha, maldita garota burra! Suba!*



CAPÍTULO 35

Estava bastante desconfiada por ela ter me deixado subir sem titubear. Era como se me esperasse.

Toquei a campainha e a figura da garota loira e pequena surgiu na minha frente, com olheiras, cabelos espalhados e fisionomia tranquila de quem não tinha nada a temer. Continuou séria, segurando a porta e deixando o corpo como uma barreira que me impedia a passagem.

— Posso entrar? — Num primeiro momento foi como se eu não tivesse dito nada.

Juliana continuava vidrada em mim, e parecia ponderar se deveria ou não concordar com o pedido. Só depois, colocou-se de lado e estendeu o braço sinalizando que eu passasse.

Havia um perfume suave no ambiente. Um cheiro de colônia de bebê. Esquadrinhei o cômodo rapidamente e vi que estava tudo muito limpo e organizado, ainda assim, aquela penumbra e o ambiente, fazia sufocar. Engoli o nó que travava a minha fala e só então me toquei de que não fazia ideia do que diria para aquela mulher.

Com os dedos de ambas as mãos, ela levantou a parte da frente dos cabelos e exibiu uma sutura em seu supercílio, enquanto me encarava com o queixo erguido, já que era bem mais baixa que eu. A porta continuava aberta

e ela explicou o motivo, quando olhei em direção da mesma.

— Avisei minha vizinha que você estava subindo, para o caso de eu precisar de socorro — alertou de forma cínica, quase como um aviso de que já tinha uma nova armação em mente.

— Qual é? Imagina... — Sinalizei me rendendo. — Olha... Não sei bem o que vim fazer aqui. Pra começar, queria pedir desculpas. Perdi mesmo a cabeça, naquela noite. Não costumo ser tão irracional, mas é que...

— O que você quer? — cortou-me, ríspidamente.

— Por que está agindo assim, Juliana? — indaguei fingindo estar calma, tentando colocar em prática um pouco do que aprendi, nos muitos anos de estudo.

Ela me olhou com desdém e foi até um carrinho que servia de bar. Ficava no canto da sala. Serviu-se de uma dose de algo que parecia ser vodca.

— Quer?

— Não, não... *Tô de boa.*

Sem colocar gelo no copo, ela bebeu um longo gole do líquido transparente, franziu o cenho e voltou para perto de mim.

— Não sei o que você quer. Nem sei do que está falando e espero que seja mais clara e saia logo da minha casa.

— Por que está acusando o Daniel de algo que ele não fez? — interoguei, com a voz falha, entregando minha insegurança, lutando infinitamente para manter o controle. — Tentar prendê-lo assim é uma baita sacanagem...

— Eu o amo! — ela gritou e percebendo, recompôs-se. — E é muito bonito que venha aqui defendê-lo, só que dessa vez ninguém vai tirá-lo de mim.

— Espere. Eu me expressei errado. Entendo que o ame. E você? Compreende que está fazendo mal a ele?

— Dan não entende meus sentimentos.

— Não, porque quem ama não age dessa forma. Quem ama protege, cuida...

— Você tem que sair da vida dele.

— Acha mesmo acusar o cara de agressão vai te aproximar dele? Pelo contrário. Por que inventou aquilo tudo? Só vai conseguir que Daniel te odeie se continuar agindo assim!

— Ele me amava antes da sua irmã aparecer — argumentava e enquanto dava alguns passos inseguros, continuava a beber, até ficar muito

próxima de mim. — Não vai funcionar com você, entendeu? — O tom de voz era no mínimo ameaçador.

A loira apertou as pálpebras, provavelmente porque o álcool fazia efeito. Era perceptível o tanto de ódio que nutria, inclusive pela Rafa. Desconfortável, dei alguns passos até chegar à janela. Eu precisava respirar e a confinidade dela, não permitia.

— Acha que estou interessada no Daniel? Não estou. Ele é meu cunhado apenas — menti, e percebendo, ela gargalhou como as bruxas malvadas dos desenhos. — Por favor, Juliana, conte a verdade ao chefe de vocês. Diga que foi um equívoco, que Dan jamais a tocou e juro que me afasto dele.

Novamente, a garota se aproximou com os olhos fixos em mim. Abriu ainda mais o vão da janela e recostou-se nela, puxando o fôlego, como se também precisasse do ar que a brisa trazia.

— Ele disse que não foi? — Ela pendeu a cabeça e olhou baixo, deixando meus nervos a flor-da-pele. — E você acreditou? — Debruçou ainda mais. — Menina tola.

— Eu estava com ele naquela noite — Elevei o tom de voz, pois começava a perder a paciência com aquela mulher tihosa e fria, no entanto muito inteligente. — E você muito fora de si para lembrar, porém sabe que fui eu quem te bateu e já me desculpei por isso.

— Ele voltou aqui, garota burra — gritou, reerguendo o rosto e baforando na minha cara.

Um gatinho preto entrou apressado e desviou a atenção de ambas. Depois de um longo miado, passou a ronronar, esfregando-se nas pernas dela.

— Aníbal, não devia ter vindo aqui justo agora. — Juliana o pegou no colo e acariciou a sua cabeça. — Pergunte ao Daniel o que fez naquela noite. Em como chegou aqui desnortado e depois de discutir comigo, jogou o copo de uísque em minha testa. O infeliz podia ter me cegado, e ainda assim, eu o perdoei. E que ele fez? *Me* rejeitou como se eu tivesse uma doença contagiosa — terminou esbravejando, fora de si.

— É mentira — berrei contra o rosto dela. — Você é louca! Daniel jamais faria uma coisa dessas. Tem que parar de...

— Cale a porra da sua boca, sua cadela... — O bichano assustou-se com os gritos e tentou sair de seus braços. Ela o afastou, equilibrando-o longe do corpo, para fora da janela.

— Juliana, não... — pedi, por imaginar que ela poderia estrangulá-lo.

Debrucei no parapeito e tentei segurá-lo, tirá-lo dela, sem acreditar que fosse possível o que ela estava prestes a fazer.

Senti uma dor intensa ao ter os braços arranhados pelo animalzinho, em sua aflição de se desvencilhar das mãos dela. Desesperado, Aníbal tentava se soltar, lutava e se debatia. Eu não consegui libertá-lo, não tive tempo. Ela o largou e sem que pudesse impedir vi seu corpo sumindo de meu campo de visão, até encontrar a calçada, vinte andares abaixo. Meus olhos inundaram de água e meu coração se partiu em dois.

— Meu Deus... Meu Deus! Você... — O choro não me deixava pronunciar mais nenhuma palavra.

Eu tremia da cabeça aos pés e não saberia contar o que senti ao testemunhar que a crueldade daquela mulher ainda poderia ir além.

— Meu amor, a moça jogou o Aníbal... — Juliana correu e se ajoelhou no chão para abraçar uma garotinha que estava paralisada, bem atrás de nós. Seus olhinhos assustados e agigantados transbordavam com as lágrimas que se acumulavam ali. Horrorizada, ela tentava se controlar, mas o queixinho trêmulo era de quem estava prestes a ter uma síncope.

— Luciara, corra aqui... — Juliana gritou a plenos pulmões.

Uma jovem entrou logo em seguida e sem entender o que estava acontecendo, também foi para perto da menina.

— O que houve, minha filha? — Ela passou a mão pela testa da garota e a sacudiu para trazê-la de volta. — Nicole! Filha!

Juliana se afastou dando espaço para a mãe. Eu via a cena pelo lado de fora, como se fosse um filme, uma horripilante película de terror.

— Aquela moça matou o Aníbal — a pequena afirmou balbuciando, apontou o dedinho para mim e finalmente se rendeu a um choro dilacerante. Quase um uivo de dor.

— Entendeu do que eu sou capaz, Raquel?

Tinha que me livrar daquele maldito gato e ela me deu um ótimo motivo.

Sumam daqui, antes que eu atire todo mundo por essa janela! Inferno!

As vozes gritavam dentro mim.



CAPÍTULO 36

O prédio ficava bem no centro da cidade, não muito longe do meu consultório, onde, para enganar a Juliana, deixei o *iPhone*, devidamente desbloqueado. Pedi a minha secretária que providenciasse algum profissional de *TI* para rastrear o aplicativo espião, e fui a pé.

Entrei no número indicado no papel que levava nas mãos. Era uma construção antiga e tombada pelo patrimônio histórico e por não ter elevador, fez-me subir os quatro andares para chegar ao escritório do detetive que já me aguardava.

Dei duas batidas na porta e fui convidado a entrar por uma voz masculina e rouca, gritada do lado de dentro.

— Com licença.

— Entre, entre, meu caro doutor Daniel. — O homem com cabelos grisalhos e vincos profundos no rosto, já esperava e me recebeu com simpatia. — Em que posso ajudá-lo? — Apontou para que eu sentasse na cadeira a sua frente.

A sala era um pouco escura e tinha apenas uma escrivaninha, igualmente antiga, como tudo ali. Perto da janela um arquivo de aço com várias gavetas, meio retorcido para um lado só, servia de apoio a uma bandeja com garrafa térmica, cafeteira e copinhos descartáveis.

— Bem eu... — Tirei do bolso uma foto e o papel que Leo havia me entregado, contendo as informações pessoais de Juliana. — Preciso investigar uma pessoa.

— Tenho certeza que sim. Está sendo traído, doutor Daniel? — O

olhar inquisidor e o sorriso irônico me deixaram desconfortável.

— Não. — Virei um pouco o rosto, sentindo-me deslocado e sorri, sem graça com a pergunta. — Estou sendo chantageado.

Ele pareceu se interessar pela minha história. Posicionou os cotovelos sobre a mesa, juntou as mãos e cruzou os dedos à sua frente.

— O senhor me falou ao telefone, que é médico.

— Sou...

— Como me encontrou?

— Google...

— Ah! Essa porra de tecnologia ainda me surpreende. — sorriu e vendo que continuei apático, limpou a garganta. — Sou todo ouvidos, doutor. Quer reverter à chantagem, descobrindo algum podre da infeliz?

Antes de responder, tentei processar sobre o questionamento. Nem sabia de fato o que queria, porém me vingar passava longe das minhas intenções.

— Preciso que descubra sobre o passado de uma pessoa nos últimos sete anos. — expliquei e lhe entreguei a foto e a ficha.

Gonzaga virou a imagem de braços sobre a mesa, como se não fosse importante e se ateu as informações do documento.

— Juliana Vásquez, 34 anos, fisioterapeuta, com dupla cidadania, colaboradora do Hospital Medicina Moderna, vamos lá... — Ele desvirou a foto e a olhou rapidamente. — Bonita! Tá! A moça vive aqui, mas e esse passado? Está no Brasil ou na Itália, doutor?

— Supostamente na Itália, no entanto nem sei mais no que acreditar. Essa mulher está me acusando de agressão e preciso provar que não a agredi.

— Testemunhas?

— Nenhuma, que eu saiba.

— Qual o tipo de relação tem com a Juliana?

— Apenas saímos algumas vezes. — Foi minha vez de pigarrear, constrangido por ter que falar intimidades, com um estranho. — Pelo que sei, ela voltou há pouco tempo ao Brasil. Também tivemos um envolvimento, nada sério, há sete anos, antes dela ir morar com a família, na Itália.

— E por que ela o está acusando?

— Parece desequilibrada emocionalmente. Não creio em outro motivo. Tem me ameaçado... Quer me forçar a ficar num relacionamento... Obsessão, talvez explique melhor.

— Uiii! — Ele franziu o cenho. — Uma mulher ferida é muito

perigosa. Ela tem o que denunciar?

— Se está me perguntando se bati mesmo nela, a resposta é não.

— Ótimo. Conte-me a história, por favor.

Era deprimente estar ali, na frente daquele homem, expondo minha vida, porém tive que aceitar como única opção para saber com quem eu realmente estava lidando. Então, tentei não esquecer nenhum detalhe. Ele gravou toda a nossa conversa.

— E qual foi data em que ela surgiu com a testa quebrada?

Depois de tudo informado, Gonzaga avisou que talvez precisasse se deslocar para Trento, ao norte da Itália e que, nesse caso, as despesas deveriam ser pagas por mim. Fiz um adiantamento para que comesse as investigações, e saí confiante na promessa dele de logo me trazer as primeiras informações.



Fiquei aliviado por voltar a ter o telefone limpo. Parecia estar me livrando de um cárcere, tão boa era a sensação de deixar de ser vigiado e monitorado vinte e quatro horas por dia. Apenas por pensar que Juliana sabia de todos os meus passos e lia todas as conversas, fazia-me ponderar até onde ela chegaria para conseguir o que queria. Meu tempo estava se esgotando e precisava refletir sobre qual a melhor alternativa. Eu não me sentia capaz de ter estômago para fingir que estávamos bem. Só de imaginar ter que tocá-la, de novo, causava-me náuseas. Porém talvez aquela fosse a única forma de descobrir algo que pudesse pará-la.

Estacionei na rua, em frente ao casarão. Quel deveria estar participando das atividades na instituição, porém ao entrar lá, descobri que ela não havia aparecido, o que bastou para me deixar ainda mais preocupado.

Mary tocava violão e cantava com os idosos. Acenei para todos e voltei para o carro.

Dan: *Onde você está?*

Digitei a mensagem, enviei e coloquei o veículo em movimento,

porém não sabia exatamente que destino tomar.

— O sinal. O que houve? Onde você se enfiou, desgraçado?

As vozes não me deixavam mais em paz! Eu não queria mais fazer aquelas coisas, mas por diabos, elas não me davam trégua!

— Cadê você, maldito Daniel?



CAPÍTULO 37

Saí correndo do apartamento, com o coração se fazendo em pedaços dentro do peito, e antes que chegasse ao hall dos elevadores, Luciara me segurou forte pelo braço.

— Não acha que isso vai ficar assim, não é?

— Ouça... Precisa tirar a sua filha de perto dessa louca. Ela é perigosa... Você não faz ideia do que a Juliana é capaz. — As palavras se atropelavam ao deixarem a minha garganta, o que faria qualquer um entender que a maluca era eu.

Olhava para trás a cada dois segundos, com medo que a doida pudesse me ouvir e fazer mais algum mal para aquelas pessoas.

— Você matou o gato da minha filha! — ela gritou e segurou meu punho. — Olhe como está toda arranhada. Como pode acusá-la?

— Não... *Mano*, eu tentei livrá-lo dela! Precisa acreditar...

— A Nicole viu!

— Juliana a fez pensar que fui eu. Se ama sua filha, trate de mantê-la longe daquela porta, pelo amor de Deus! Essa mulher é louca e está fazendo de tudo para prejudicar o meu cunhado.

— Sei muito bem quem ele é. O cara que a agrediu e que só não denunciei porque a Juli não deixou. E ainda quer me convencer de que ela é a ruim da história?

— Não vou perder tempo te ouvindo. É cega ou é burra? — Apertei o botão, desesperada que o elevador chegasse e me tirasse daquele impasse. — Está cometendo um grande erro.

— Eu vou à polícia e contarei o que fez. Juliana é minha amiga, entendeu? Não vou deixar que continuem a maltratá-la. — A mulher segurou meu braço de novo, forçando-me a encará-la.

As portas de aço se abriram e num safanão, eu me libertei daquelas garras. Seus olhos lacrimejantes faiscavam de raiva, completamente enredada pela teia da suposta amiga, não fazia ideia de que ela e a filha, assim como Daniel, acabariam sendo vítimas fatais da Juliana.

Na frente do prédio, algumas pessoas comentavam sobre o gato que despencou de “alguma” janela. Virei o rosto quando constatei as lastimáveis condições em que o corpinho de Aníbal se encontrava. Por sorte, mais ninguém havia se machucado. Liguei para o veterinário do Bob e pedi que mandasse alguém ao lugar, para recolher e cremar o corpo. Avisei que arcaria com as despesas.

Quando entrei em casa, louca por um banho e por tratar os arranhões, soube que a porcaria de acontecimentos ruins do dia, ainda não tinha acabado. Mais merda aconteceria.

No andar de cima, do corredor, ouvi meus pais discutindo. Aquilo era raríssimo e eles falavam sobre mim.

— Você não pode ficar omissa ao que está acontecendo, Osvaldo!

— Landa, eu não estou. Só acho que não temos o direito de nos metermos nas vidas deles. Os dois são adultos.

— Ele era o marido da Rafa! Como pode aceitar isso com tanta naturalidade?

— Criatura, eles se amam! Então qual o problema? Devia se sentir feliz. Não vivia preocupada com os namoricos inconsequentes da Quel?

— Mas com o Dan? Ora, por favor — Mamãe estava irredutível.

— E por que, com o Dan não?

— É um acinte. Um desrespeito à memória da nossa filha.

— Pare de pensar com a bunda!

— Osvaldo!

— Sabe Iolanda, você sempre foi a pessoa mais sensata que conheci, mas hoje não está sendo. Só peço que entenda que a Rafa não está mais aqui, infelizmente, porém a Quel está viva. E eu não conheço ninguém melhor que o Daniel para fazê-la feliz como merece. — Mamãe se calou. — Vou assistir

ao jornal, lá embaixo. Essa conversa já me cansou.

Corri para o quarto do Rafinha que era mais perto, para me esconder. Ele ainda não tinha chegado da escola. Lá, sentei no chão e chorei abraçada ao boneco preferido dele.

Meu celular notificou mensagem do Dan. Ele me procurava. Fiz uma chamada de vídeo para responder.

Quel: Adivinha em que quarto estou? — Agitei um boneco do homem aranha e ele sorriu. Estava ao volante.

Dan: *Que carinha é essa? Por que está chorando, Quel?*

Quel: Estacionou?

Dan: *Sim, não quero ser acusado de infrator. Agressor já é o suficiente...*

Sorri contidamente, já que Daniel sempre foi péssimo com piadas.

Quel: Não estou tendo um bom dia hoje.

Dan: *Chego logo, então conversamos.*

Quel: A mamãe foi buscar o Rafa e deve estar chegando daqui a pouco. Melhor nos encontrarmos em outro lugar. Em uma hora, vou ao *Brilho Eterno*, depois te vejo no casarão, pode ser?

Dan: *Combinado.*

Quel: Tá... Beijo.

Dan: *Quel...*

Quel: Sim?

Dan: *Quero que se cuide, ok?*

Quel: Pode *crê*, você também.

Voei para o chuveiro e ainda com os cabelos molhados, enfiei um macacão jeans e camiseta e desci batendo meus *All Star* nos degraus.

— Vou ao *Brilho Eterno*, paizinho.

— Também te amo, filha.

Corri até ele e deposei um beijo em sua testa. A vontade era de agradecer por tudo que falou em minha defesa, mas ele brigaria comigo se soubesse que ouvi atrás da porta. Então me limitei a dizer que também o amava.



Quando cheguei à instituição, Mary tocava violão e cantava com os idosos. Fazia aquilo muito bem.

Sabíamos sobre a música ser uma excelente terapia, por acalmar pacientes com demência senil ou Alzheimer. Então a enfermeira caprichava. E se existia alguém tão determinada a fazer com que as tardes deles fossem legais, essa era ela.

Sempre imprimíamos algumas letras e, assim, as sete senhoras e três senhores aprendiam a cantar muito mais facilmente. Para Nice tudo era em braile, inclusive “Trem-bala”, a canção da vez.

*Não é sobre chegar ao topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu
É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações*

Era tão legal ouvir aquelas pessoas, já meio cansadas, animadas e se esforçando para cantar com entusiasmo. Em alguns momentos, ouvia a minha própria voz saindo um pouco embargada. Mary sorriu e piscou para mim, em cumplicidade. Ela já sabia que eu sempre chorava ao ouvir muitas vozes cantando juntas, unidas por uma mesma canção. E o coro dos velhinhos me despertavam emoções, com maestria.

Estávamos no começo da noite e logo as famílias começariam a buscar seus queridos. Alguém se aproximou e parou na entrada e não me surpreendi quando vi Daniel recostado no batente da porta, talvez atraído pela cantoria.

Nossos olhares se cruzaram e ele sussurrou a letra para mim. Aquele momento ficaria guardado em minhas memórias, eternamente. Foi tão especial que abrandou todo o sufoco do dia. Senti um pouco de alegria, porém quase nada comparado ao desejo louco de me atirar em seu pescoço. Ele nem piscava, deixou que nossos olhos se perdessem um no outro e ficamos assim, embalados pela canção da Ana Vilela.

*Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala parceiro*

E a gente é só passageiro prestes a partir

Uma lágrima se formou no cantinho do meu olho, no entanto a repeli antes que descesse pela minha já destrozada cara de bunda.

A música acabou e todos, inclusive Dan, aplaudimos. Mary sinalizou com o olhar, incentivando-me a ir ao encontro dele. Depois chamou nossa recepcionista para ajudá-la a liberar os idosos para as famílias.

Corri até a Nice e deixei um beijinho em sua testa. Ela me afagou as bochechas e em seguida, deposei suas mãos sobre o meu coração.

— Esse tambor é o que estou pensando?

— É! Ele está aqui — sussurrei, em confidência, o motivo do descontrole cardíaco, e a fiz sorrir.

— Então vai logo.

— Tá... Eu te amo — declarei e antes de deixá-la, ainda ouvi um “também” e lamentei que ela não pudesse ver o tamanho do sorriso que tirou de mim.

— Tchau galera, vocês foram *fodásticos* demais! — gritei, acenando e me despedindo de todos. Ao passar por algumas senhorinhas, elas reafirmaram que eram mesmo fodas.

Dan se divertiu com a cena. Foi um belo momento de descontração e precisávamos muito daquilo.

Parei na frente do homem que fazia tudo ficar mais bonito e feliz. Nossos olhos trocaram faíscas e cheguei a salivar de tanta vontade de agarrá-lo pelo pescoço e meter um beijo em sua boca. Quanto mais aquilo parecia proibido, mais me sentia incitada a fazê-lo.

— Como consegue fazer com que pessoas, com mais de setenta, oitenta anos conversem usando gírias e palavrões, como se fossem acostumados a isso?

— Não sei. Sou apenas natural. Eles acabam por se sentirem mais jovens, na boa, deve ser... — Andávamos em direção ao casarão. — Que bom que chegou a tempo de ver um pouco do canto. Deu uma aliviada na tensão do dia, né?

— Na verdade, já passei há uma hora e eles já faziam aula. Confesso que não prestei muita atenção, apenas preocupado em saber de você.

Dan escancarou a porta e deu passagem para que eu entrasse. Depois, abriu as janelas da sala e foi para o banheiro. Pelo barulho, deduzi que

higienizava as mãos. Fui espiar e vi seu corpo forte curvado sobre a pia, jogava água no rosto. Sem conseguir resistir, fui até ele. Abracei-o por trás, aconchegando e enfiando o nariz sob a gola da sua camisa. Inebriei com o seu perfume gostoso.

— Tá sendo difícil ficar longe desse seu cheirinho — confessei, aspirando, querendo que aquele odor me preenchesse por completo, impregnasse em mim.

Ele secou o rosto, pendurou a toalha e se voltou.

— O que houve, Quel? Por que você estava chorando? — quis saber e olhava com semblante preocupado.

— Promete que não vai brigar comigo?

— Claro que não! O que fez, menina?

Colei o ouvido em seu peito e fechei os olhos. Eu amava estar ali, sentindo-o tão vivo a cada batida de seu coração.

Voltamos para a sala e nos acomodamos bem juntinhos no sofá.

Ele espalmou a mão em minha bochecha miúda. O polegar contornou as olheiras. Levantei o pescoço para alcançá-lo e rocei nossos lábios. E Deus, era bom demais estar ali e sentir sua proteção e amor. Deixei que me beijasse e queria que só o desejo tomasse conta de nós, contudo os problemas e a tensão espremiavam os nossos pescoços.

— Quel... — ele murmurou em minha boca, buscando o autocontrole.

— *Stalkee* a Juliana na internet e achei um perfil numa rede social. Tinha até foto sua lá.

— Nunca vi.

— Imaginei.

— Ok. Só que isso não te faria chorar. Então...

— Não sabia que ela esteve contigo em Frankfurt.

— E por que saberia? Eu nem conhecia você ou a sua irmã ainda.

— Nunca falou sobre ela com a Rafa?

— Não havia motivos para fazer isso, mas fiz. Ela era uma amiga do passado, não significou nada além. A Rafaela entendeu isso muito bem.

— Sei... Está tentando dizer que eu não entenderia?

— Não estou não.

— É que sempre achei que tivesse ido sozinho.

— E fui. Quando naquela época embarquei para Alemanha, pela primeira vez, saíamos esporadicamente. Tanto é que quando soube da viagem, pareceu conformada e feliz por mim. Incentivou e não demonstrou

qualquer problema em não nos vermos mais. Isso não me surpreendeu, já que não tínhamos nada a sério. Alguns meses depois, ela bateu na minha porta em Frankfurt.

— Vocês, tipo, moraram juntos? — Não conseguia digerir aquilo.

— Não, Quel! Meu único compromisso era com a medicina. Juliana apareceu sem ter sido convidada, porém foi apenas por uma semana ou dez dias — afirmou determinado a me convencer. — Hoje, pensando bem, lembro que ela cozinhava, limpava, enfim, cuidou e organizou tudo como se estivesse mesmo em casa. Como eu ficava exaustivas horas no hospital, mal nos víamos.

— Você a amava, naquela época?

— Era físico apenas, sempre foi. Quando não estava trabalhando, o que era raro, eu estava na cama com ela...

— Pula esses detalhes, ok? — interpelei dando conta do quanto era ou me tornava ciumenta.

Dan deu uma risadinha e continuou a falar, enquanto ajeitava meus cabelos com as pontas dos dedos finos e longos.

— Ela sempre foi meio louca. Um dia, de repente, despediu-se de mim com um sorriso no rosto e a promessa de que se tudo desse certo como planejara, continuaria me fazendo surpresas. Depois disso, sumiu. Nunca exigiu fidelidade e nem me fez cobranças. Até tinha me esquecido dela.

— Vocês pareciam muito felizes na foto.

— Era outra Juliana, entende? Foi o único passeio que fizemos e durou poucas horas — ele afirmou e me puxou de volta para perto.

— Ela não matava gatos naquele tempo?

— Gatos? — Dan encolheu o queixo para me olhar sem entender nada, mas desconfiou e ficou preocupado. — Do que está falando?

Estendi os braços e levantei as mangas para mostrar o estrago que o coitado do Aníbal fez antes de cair.

— Fui falar com ela hoje.

Daniel deu quase um pulo no sofá, tamanho o susto que levou.

— O que aconteceu com seus braços? Não acredito que foi lá, Raquel. Está louca?

— Não estou, mas ela sim. *Tá ligado* que alguém tem que fazer alguma coisa, né? Essa mulher é uma psicopata muito fria e não tem sentimentos, Dan! Perigosa demais e confesso que agora, eu tô muito assustada...

— Quel, é justamente por isso que tem que ficar longe dela! — Dan ficou tão exaltado que até me senti feliz com todo o cuidado e receio que tinha com minha segurança.

— Foi loucura e também foi bom para sabermos que não está de brincadeira. Caraca, ela não pensou duas vezes em jogar o gato da vizinha, que é amiga dela, pela janela. Imagina o que faz com os inimigos!? Eu tentei evitar e no desespero, o coitado me arranhou toda. — A lembrança fez meus olhos lacrimejarem outra vez.

— Você tratou esses ferimentos? — A voz do médico falou mais alto e assenti, vendo meus braços serem examinados com cautela.

— O pior é que a menina chegou e a Juliana me acusou de ter feito aquilo. Maldita mulher fria, que mente sem qualquer dificuldade. Coitado do Aníbal, Dan!

— Com certeza, ninguém normal é tão cruel. O que mais me assusta é a forma como premedita tudo. Bastou uma chance, alguns minutos, e ela instalou um aplicativo espião no meu telefone no dia que levou o Rafael. Por isso sempre sabia todos os meus passos.

— Ela é muito esperta. Espera as oportunidades para colocar os planos em prática. Até quando vamos ficar na mão dessa doida?

— Contratei alguém para investigá-la. Preciso saber o que houve nos últimos anos.

— Não quero que volte lá, Daniel.

— Será por pouco tempo. Confie em mim.

— Em você sim, cara. Não confio é nela.

— Quel! Sei o que está sentindo e por isso mesmo, está proibida de voltar lá ou em qualquer lugar onde possam se cruzar, entendeu?

— Não vou te deixar sozinho nessa!

— Estamos juntos. Só tem que me prometer que ficará longe dela. É como ver o mesmo filme, e sabemos que o final não foi nada feliz da primeira vez.

— Eu sei... — Aquiesci convicta de que ele tinha razão.

— Preciso que me fale tudo o que conversaram.

Contei cada detalhe e aquilo só reforçou o fato de que tínhamos um grande problema sobre nossas costas. Era preciso muita precaução para resolvê-lo sem provocar mais estragos.

— Ela disse que você voltou lá depois que resgatamos o Rafinha...

— Claro que não!

— Contaria se tivesse ido? Vi quando chegou naquela noite...

— Não voltei. Saí pra dar uma volta, arejar a cabeça. Eu não conseguia dormir. Não percebe? Juliana inventa e alimenta essas mentiras, e as pessoas acreditam...

— Não acreditei nela.

— É a segunda vez que me questiona sobre isso. Ela só sabe que saí, por causa do espião, não entende?

— Ah! Tá! Desculpa... Que bosta. Sou uma idiota mesmo.

— Não é. Só precisa confiar em mim, Quel. — Ele me segurou com carinho, beijou o alto da minha cabeça. Eu me apertei contra seu peito, e me senti a *mina* mais segura do mundo.

— E pra completar a mãe e o pai estavam discutindo por nossa causa. Ela não aceita, *mano*! Vamos ter que namorar escondido pelo resto da vida? Por que brigar com a Iolanda, não *rola*.

— Escondido? — Ele riu com sarcasmo. — Nós não sabemos fazer isso. Nem começamos e já fomos descobertos!

— Pode *crê*! — concordei e ri também. Dan tinha razão. — Pelo menos papai está do nosso lado. Já é uma esperança.

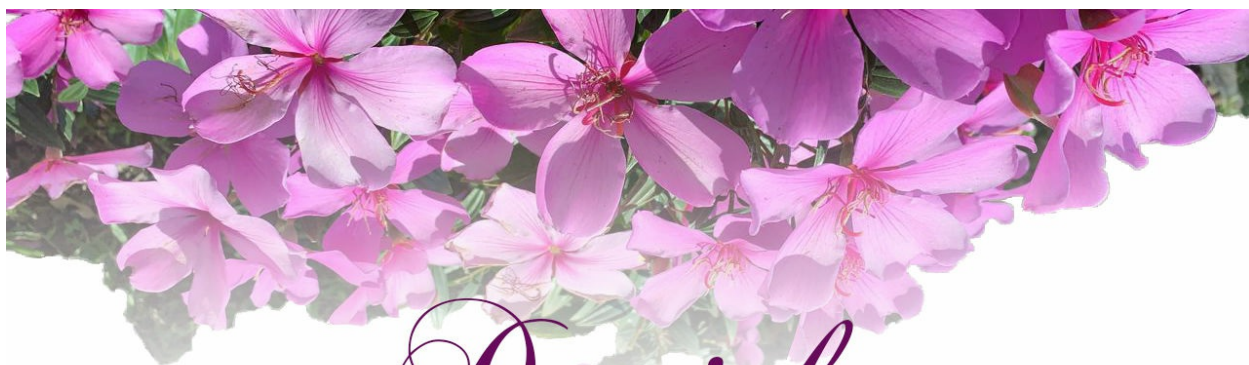
— Nem sei como isso aconteceu, só sei que adoro você, sabia?

Concordei e toda derretida, deixei que me beijasse. Montei em seu colo e daí não teve jeito. Eu só queria sentir a pele dele na minha. Se possível à noite toda.

— Eu também adoro você...

— *Por que sumiu o maldito sinal? O que você fez, Daniel?*

O prazo estava acabando e era melhor que ele não pensasse que eu estava blefando.



Daniel

CAPÍTULO 38

- Oi, papai. Hoje é dia de passear?
- Oi, filho. Não, só amanhã.
- Hoje você vai “*tabalhar*”?
- Vou, mas prometo voltar o mais cedo possível, tá bom?
- Áham...

Os pequenos braços enlaçaram meu pescoço. Devolvi todos os beijos que ganhei. Aquele era o melhor e mais afetuoso abraço que conheci na vida, sem sombra de dúvidas.

Durante o café da manhã era palpável a animosidade que então fazia parte da família. Osvaldo e Iolanda mal se falaram e a única distração era Rafinha. Raquel ainda não havia descido e a vontade de vê-la, antes de sair, chegava a ser insuportável.

Sabia que devia alguma satisfação aos meus sogros, porém aquilo teria que esperar um pouco mais. Meu prazo com a Juliana estava acabando e eu precisava agir.

Quando dei a ré e tirei meu carro, vi a moça bonita na janela do seu quarto, com cara de sono, acenava para mim. Ela formou um coração com os dedos e fez meus batimentos comemorarem felizes dentro do peito. Joguei-lhe um beijo e saí lutando contra a vontade de ceder aos meus instintos, de voltar e amá-la logo cedo. Aquela menina me fazia sentir mais jovem, mais

vivo e até meio bobo. Mexia comigo de tal maneira, como não imaginava possível, algum dia, acontecer de novo.



Depois de cumprir a exaustiva agenda no consultório, perto do final da tarde, chegou o momento de enfrentar o vulcão chamado Juliana. Já havia recebido várias mensagens ameaçadoras lembrando-me do que faria se eu não aparecesse.

Ao chegar ao andar e descer do elevador rumo ao apartamento dela, fui obrigado a passar, primeiro, pelo cão de guarda chamado Luciara.

— O que pensa que está fazendo? Todo mundo enlouqueceu? — indaguei ao vê-la segurando uma enorme faca de cozinha ao lado do corpo.

Quis continuar a caminhar em direção ao meu destino, porém determinada, a mulher com sotaque “cantado”, como dos catarinenses, cercou-me e impediu a passagem.

— Isso te assusta, doutor? Só estou cozinhando. Porém, quero que saiba que vou ficar de olho. Sei de tudo que vocês fizeram com a Juli e só não denunciei porque ela me proibiu. Foi em respeito ao pedido dela — argumentava sem parar e de forma ameaçadora, como quem realmente acreditava que eu fosse o causador do caos. — Qualquer mínima coisa que aconteça aí dentro e a coloque em risco, eu ligo para polícia, jornais ou para o diabo e vocês vão pagar.

Inclinei um pouco a cabeça para olhar nos olhos daquela moça. Tinha certeza que era apenas mais uma vítima sendo manipulada em prol das loucuras da sua suposta amiga. Por outro lado, não poderia alertá-la, pois era certo que Juliana ficaria sabendo. Começava ali o meu teatro, e eu esperava ter sangue frio para aquilo.

— Isso não é necessário — avisei direcionando o rosto para a faca. — Ficaremos bem!

Seus dedos se contraíram ao redor do cabo de madeira e, naquele segundo, soube que usaria a arma se achasse conveniente. O medo tomava conta de seu semblante e eu não fazia ideia de que histórias foram contadas a meu respeito, no entanto, imaginava.

— Estou aqui para conversar com a Juliana. Aconteceram alguns mal-

entendidos, porém espero que a gente consiga se acertar agora. Eu gosto dela.

— De qualquer forma, fique sabendo que meu ex-marido é policial e não vou pensar duas vezes em chamá-lo se você a machucar de novo — terminou e abriu espaço para minha passagem.

— Com licença — pedi ao guardião do diabo e caminhei em direção ao inferno.

Como se nada tivesse acontecido, quando abriu a porta, a moça loira pulou em meu pescoço como costumava fazer. Nas pontas dos pés, ela me encheu de beijinhos no rosto, peito ou por onde alcançava. Fechei os olhos e me esforcei para não ter nenhuma reação. Apenas aceitei o show que ela protagonizava tão bem.

— Confesso que tive medo que não viesse.

— Espero ter feito a coisa certa...

— Você tem alguma dúvida? — quis saber, mirando-me com desconfiança, astuta e a meu ver, sempre estudando o próximo bote.

— Não estaria aqui se tivesse, não é mesmo? — Convencida, ela me puxou pelo punho em direção ao sofá. Estava saltitante, parecia genuinamente feliz.

— Sente, meu amor. Vou preparar algo para bebermos.

Apressada, ela foi até o móvel que ficava no cantinho da sala e, agitada, preparou duas doses de uísque. As pedras chegavam a ricocheteiar dentro dos copos, pela forma bruta com que eram lançadas ali.

— Desculpe pelas coisas ruins que tive que fazer — pediu e me entregou um dos copos.

— Por que as fez?

Uma Juliana eufórica sentou perto de mim, e enfiou a cabeça por baixo do meu braço, forçando-me a abraçá-la.

— Podemos falar de outras coisas? Quero que fique feliz por estar aqui. Não vamos falar de tristezas. Vida nova a partir de hoje! — Quis fazer um brinde.

— Quero confiar em você, Juli. Preciso saber se isso tudo não passa de um capricho seu.

— Capricho? — A garota se afastou, as bochechas ruborizadas denunciavam sua exaltação. — Você não faz ideia de tudo que passei desde que nos separamos, Dan? — O tom de voz tornou-se rude. Era a comum mudança de humor.

— E por que não me conta? — pedi, tentando parecer o mais natural

possível. — Estou aqui, não estou? Quero ouvi-la. Preciso, na verdade.

— Eu sei que se casou, porque eu sumi. Mas não foi por minha escolha. Jamais faria aquilo se pudesse evitar.

— Evidente que não faria — concordei e beberiquei o destilado, sabendo que se não fosse convincente aquilo não duraria muito tempo. — E o que a levou a sumir?

Precisava juntar toda a paciência e ser mais sagaz do que ela. No entanto não tinha prática, então precisava dar um passo de cada vez.

— Agora, precisa me prometer que vai sair da casa dos seus sogros. Tem ficar longe dela. Porque é claro que ela não pode ficar entre a gente.

— Raquel não está entre nós. É minha cunhada apenas. E você sabe que o Rafael não pode ficar longe dos avós.

— Não me referia a ele, mas a você, Dan. Ele não precisa vir.

Apertei os olhos e movi a cabeça devagar, de um lado a outro. Inspirei e expirei buscando equilíbrio.

— Juliana, quero que ouça com bastante atenção. — Afastei-me para poder respirar, ela me sufocava. — Estou aqui e muito disposto a tentar que nos entendamos. Você vem me chantageando e colocando minha carreira em risco, no entanto — limpei a garganta e quase não consegui mentir —, perdoei isso tudo... Agora, nem pense que vai conseguir me afastar do meu filho, porque isso não vai acontecer. E se quiser que eu continue aqui, terá que aceitar.

Ela engoliu em seco. Os olhos azuis se arregalaram e apesar de não parecer ter se dado por vencida, assentiu.

Tirou a bebida da minha mão e a depositou ao seu lado, na mesinha da lateral do sofá.

— Sim, querido. Acredito em você — disse com a voz rouca, enquanto abria os botões da blusa que usava.

Não entendia como, porém ela estava excitada, apesar do nível daquela conversa e de toda a minha frieza. Eu já não sabia como, mas precisava me livrar.

Juliana montou em meu colo e ofereceu os seios bonitos, de mamilos rosados. Foi a minha vez de engolir o nó que trazia preso na garganta. Percebendo que hesitei, ela curvou um pouco o pescoço e passou a roçar as nossas bocas, gemendo, ronronando. Levei as mãos ao redor da sua cintura e deixei que me beijasse, contudo não por muito tempo.

Segurei-a com força e a coloquei novamente ao meu lado.

— Acho que podemos ir devagar.

— Você não me quer? — gritou, de joelhos no sofá, ainda com a metade do corpo à mostra. — Dan?

— Como quer que eu consiga fazer isso, sabendo que minha carreira está em jogo?

Voltei para perto dela e quase coleí nossas bocas de novo. Seus olhos faiscaram e ofegando, segurou meu rosto entre as mãos, forçando, implorando pelo beijo.

— Preciso que desfaça esse mal entendido, Juliana — sussurrei em seus lábios e me afastei. — Depois, acredito que terei condições de retornar ao que éramos antes.

Caminhei em direção à porta. Ela correu atrás de mim e me agarrou pela cintura, impedindo-me de continuar. Apertou-se contra meu corpo e grudou o rosto em minhas costas. Os dedos pareciam garras afiadas cravadas em meu tórax.

— Eu faço, Dan. Faço qualquer coisa para que não se zangue mais comigo. Vou ligar para o doutor Plínio, agora mesmo, prometo! Não vá embora, por favor!

Não devia sentir pena, aquilo era deprimente e frustrante, porque eu sentia. Juliana estava tão doente, tão obcecada que não havia como não se compadecer. Sabia que somente um nível avançado de loucura, levaria uma pessoa a agir daquela forma. E um medo de não conseguir sair daquela situação sem ferir alguém, só crescia dentro mim ao me voltar e encará-la.

— Faça um documento, afirmando que não fui eu quem te machucou — ordenei com firmeza, aproveitando do seu momento de vulnerabilidade.

Ela apenas assentiu e uma lágrima rolou por seu rosto.

— Quem fez aquilo?

— Eu não sei...

— Quem, Juliana? Quem te machucou? — insisti e cruzei as laterais da blusa para cobrir seu peito. — Confie em mim...

De novo, jogou-se, daquela vez contra meu peito. Com um pouco de força, desvencilhei dela e indiquei o sofá para que sentasse, no entanto me mantive de pé.

— Naquela noite, depois que a sua maldita cunhada me bateu, eu saí e vaguei por horas — finalmente, ela começou a falar com palavras atropelas e intercaladas com os soluços. — Fui parar num bar, um lugar deprimente, cheio de homens e mulheres drogados, do tipo que não tem nada a perder,

como eu... Nem sei como fui parar lá — continuou, cabisbaixa, dramática como sempre, levando-me a ponderar se aquela história era mesmo real. — Eu só sabia chorar e caminhar... Não me lembro de mais nada, só que acordei no hospital...

Meu coração falhava a cada palavra que com pesar ela soltava. Porém Juliana já não chorava mais.

— Que lugar era esse? — indaguei sugestionado por um faro de detetive que jamais tivera.

Se eu conseguisse alguma prova, como câmeras de segurança, estaria livre daquele inferno. O passo seguinte seria fazê-la consultar um psiquiatra, e o doutor Plínio poderia ser o único a ajudar a conseguir aquilo.

— Não faço ideia — afirmou, dando de ombros ao voltar para o bar e preparar uma nova dose. — Andei exaustivamente. Vi o bar aberto e apenas entrei.

— E de onde tirou a ideia de me acusar para o Plínio?

— Como vou saber? — ela gritou, a exaltação começava tomar conta do olhar, onde antes só havia tristeza. — Você me largou por causa da ordinária que me estapeou. Ficou do lado daquela *vadiazinha* de merda! O que queria que eu fizesse? Achou mesmo que deixaria que acontecesse de novo?

— Calma... — Odiava a forma como se referia a Raquel e já não sabia mais como conduzir aquela loucura. — Está tudo bem. Vamos resolver isso. Você só precisa encaminhar um e-mail e desfazer a acusação.

— Farei, quando me sentir segura de que está mesmo disposto a resgatar o que tínhamos.

— Éramos amigos, Juliana! — afirmei com a paciência me abandonando quase por completo. — Sempre fui seu amigo. Nunca deixei de ser.

— Não era só isso. Como não entende? Fomos felizes, tivemos um belo relacionamento, fazíamos amor e nos divertíamos... Tínhamos... — Ela se calou e seus olhos desesperados procuraram os meus. — Eu te amo, Daniel! Preciso de você e vou provar isso!

A moça pegou o celular e fez uma ligação em viva voz.

— Doutor Plínio? É a Juliana Vasquez. Quero me desculpar. Fiz algo horrível... — foi direto ao assunto e em pensamento, questionei como ela tinha acesso ao número particular dele.

— Mentiu sobre o doutor Daniel, não foi?

— Espero que volte atrás quanto ao afastamento dele — levantou as íris azuis para mim e continuou a falar com cuidado, esquivando-se das respostas. — Não vou prestar queixa contra ele. Estava drogada, não sei por que inventei aquelas coisas.

— Doutora Juliana, não está sendo coagida a desmentir o ocorrido, não é?

Prendi a respiração, indignado com a avaliação que aquele homem estava fazendo ao meu respeito.

— Evidente que não, senhor — Ela até sorriu, satisfeita por ser tão manipuladora. — Foi um momento de desespero.

— Sabe que pode perder seu emprego com essa confissão?

— Faça o que quiser! Já tem a porra da informação que precisava. — O telefone foi arremessado sobre o sofá, no entanto a mirada gelada ainda estava sobre mim.

— Odeio ameaças — ela reclamou. — Nem pense em não cumprir o que me prometeu.

— É tarde, preciso ir embora.

— Não ouse me desafiar, Daniel. Nós dois sabemos que não tem perfil de um lutador ordinário e sem escrúpulos, portanto perderia feio, uma a uma às batalhas, até ficar arrasado. E não restará nada de você e da sua família preciosa, quando eu vencer a guerra. — agourou, enquanto caminhava lentamente ao meu redor, circulando os dedos por meu corpo. — E não seja ingênuo pensando que esperarei a vida inteira. — Parou nas pontas dos pés e me depositou um beijo na boca.

Eu ainda tentava assimilar cada uma das palavras, quando sua língua me invadiu. Tive que me controlar, pois a minha vontade era de lhe dar o mesmo destino que ela deu ao gato. Jamais imaginei sentir tanta repulsa por alguém.

— É aqui que você passa os teus finais de semana? Esse é o seu refúgio? É onde se esconde com ela? Pois eu vou acabar com a brincadeira de cada um de vocês!



CAPÍTULO 39

Rafinha estava radiante com o presente que o padrinho e Lucas levaram para ele. Transformamos o jardim do casarão num campo de futebol.

— Eu sou com o papai — ele avisou se agarrando as minhas pernas.

— Muito bem — Leonardo observou, pisando na bola. — Rafa, Quel e Daniel contra o time do Lucas, Aline e eu. Que vença o melhor. Bob é o juiz.

— Ebaaa... — Rafa e Lucas vibraram.

— Mas o Bob é um dorminhoco, tio Leo — o garotinho alertou meio desolado, e gritou para o cachorro sonolento, deitado entre as flores. — Bob, acordaaaaa...

O Golden abanou a cauda, porém não foi capaz nem de levantar a cabeça.

— Espera — Aline pediu e procurou algo no bolso. — Aqui. Sabia que tinha uma moeda. Raquel, vamos para o centro do campo. Cara ou coroa?

— Cara, sempre!

Aline jogou a moeda para o alto e a virou nas costas da mão.

— Coroa. Ganhamos! — O time deles vibrou.

— Vixi, já começamos mal, galera. Vamos ter que recuperar. — Quel fingiu desânimo enquanto eu e os meninos improvisávamos as “traves” com tijolos.

— Quem vai para o gol?

— Eu vou. Seremos mulheres no gol. Se você também for, Aline.

— Opa. Aqui não passa nem vento.

O pontapé inicial foi do Lucas. O garoto, magrela e muito ágil, dava pequenos chutes. Rafinha partiu para cima deles. Enquanto Leonardo facilitava, Lucas levava muito a sério. Tirei a bola do pequeno adversário e a passei para meu filho que já dava sinais de querer desistir.

— Aí, Rafa. Devolve para o Dan! — Quel gritou de sua posição.

Aline também incentivava o seus jogadores. Eu me divertia com a empolgação das garotas, que não fechavam a boca um minuto sequer.

Leo tombou com seu 1,90m ao chão e pediu falta, às gargalhadas. Estendi a mão e o ajudei a levantar. Ele, traiçoeiro, driblou e correu em direção ao gol. Os meninos gritaram, e eu tentava acompanhar meu amigo. Nossa goleira se preparou, curvando o corpo para frente e ficou fazendo uma dancinha, dando uns pulinhos de um lado ao outro, tirando-me a concentração, com aquelas pernas lindas à mostra.

— Ai, meu Deus! — Raquel gritou apreensiva.

— Vai, amor, vai, vai, vai... — Aline incentivava a Leonardo.

Todos os jogadores correram para a pequena área e o adversário grandão chutou forte. Apressei para alcançar a bola e Quel foi à mesma direção. O choque foi inevitável. Eu a segurei e caímos no gramado. Não conseguíamos parar de rir, até que nossos olhares se conectaram. Sentia sua respiração e seu hálito quente. As íris verdes brilharam e dançaram me examinando. Ofeguei, porém sabia que não fora pelo esforço do jogo. Roci os lábios nos dela e sem resistir, eu a beijei, até quando Rafinha se jogou sobre nós.

— Ehhh, uma montanha de gente — o menino berrou, fazendo festa, desconsiderando o que acabara de presenciar.

Raquel limpou a garganta e saí de cima dela, rolando para o lado com o garoto sorridente, nos braços. Bob incitado pela bagunça, finalmente acordou, e se juntou a nós.

— Foi gol, tio? — Lucas queria saber, mas todos estavam parados, boquiabertos, olhando. — Tio Leo, a gente ganhou?

— Não foi gol. Foi falta, porque o meu pai bateu na tia Quel. E é falta quando um bate no outro — Rafa explicou meio impaciente e inseguro com a possibilidade de perder.

Todos riram do meu pequeno jogador. Afaguei seus cabelos e me

convenci que teria que lhe ensinar melhor as regras do futebol.

— Fizemos gol sim, molecada. Estamos ganhando, time — Aline explicou aos meninos, sem deixar de nos encarar, no mínimo perplexa com o que vira.

A partida continuou, porém a concentração se perdeu de vez. A sensação de sentir aquele corpo sob o meu, de tocar aqueles lábios carnudos e lindos e de ter aquele mar verde me mirando, sempre me fazia estremecer. Já havia sentido aquilo tudo antes e, porra, era bom... Era muito mais que bom!

Deixamos que os meninos fizessem gols e sob os protestos deles encerramos a partida empatada, em três a três.

Quel não me dirigiu mais o olhar e achei melhor evitar um maior contato, como se assim todos pudessem esquecer o que viram.

— Alguém com fome? — Aline perguntou e o sim que recebeu em resposta foi unânime. — Que tal lavarmos as mãos e prepararmos um lanche. Você me ajuda, Quel?

— Ahm? Ah, sim, claro!



— Porra, Dan! O que foi aquilo lá fora?

— Como assim? Você viu o que foi. Um acidente. O que está pensando, Leonardo?

— Espertão! E o que aconteceu depois? Acidentalmente, a boca da menina se abriu e sua língua se enfiou lá. Sem querer, lógico!

Caminhei até a porta de vidro que separava a sala da cozinha.

— Vou fechar aqui por causa da televisão, ok, meninas?

— Tá! — Quel respondeu com um ar debochado e me deu uma piscada.

Fechei a porta e observei os meninos jogando vídeo game. Voltei para perto do Leo, no bar que ficava no canto da sala, tentando ser discreto, falando baixo.

— Acha que as crianças perceberam?

— Tá brincando? Um beijo daqueles?!

— Estou enlouquecendo de amor, Leo. Confesso que está cada dia mais difícil de me segurar.

— Dan, volta pra terapia, meu amigo. É óbvio que você está confundindo as duas. Ela não é a Rafa. É a Raquel. São um pouco parecidas, mas é só isso, cara!

— Voltar pra terapia? Por esse motivo? Há anos não me sinto tão feliz. Não fosse essa loucura que está minha vida...

— Você ficou por quase quatro anos em posição fetal e de repente, resolve renascer das cinzas, como uma fênix, e se meter em todo tipo de confusão...

— As coisas aconteceram de forma que não tive como evitar. Não pode ser tão errado assim. — Queria convencer a mim, mais que a ele.

— E ela?

— O quê? Se me ama? Afortunadamente, sim.

— Boa sorte, meu amigo. Que isso não se transforme em mais um grande problema. Por outro lado, fico feliz que esteja saindo do luto. Você merece. — O médico me estapeou o ombro, porém não pareceu muito convicto de que eu estivesse em bons lençóis.

— Valeu, Leo!

— E a Juliana? Novidades do detive?

— Ainda não. Aquela mulher tem algo muito grave escondido no passado. Às vezes, ela congela. O olhar fica frio, vago, como se não houvesse ninguém ali dentro. Não parece a mesma pessoa de antigamente e me pego pensando, se eu é que não percebia quem ela era.

— Penso que a segunda opção, cara!

— Sei lá! Ela tinha um gênio forte sim, porém era descolada, desapegada, feliz. Hoje tem alguém diabólico ali dentro. É assustador lidar com o desconhecido.

— Tome cuidado, Dan. Pode ser psicopatia. Eles não têm sentimentos. Você devia ir à polícia. Se precaver, depois de tudo que ela aprontou lá no hospital.

— Só quero um tempo para ter novidades do investigador. Juliana precisa de ajuda, um tratamento. Não posso denunciá-la, não sem antes tentar fazer algo por ela.

— Certa vez, ela me disse que o padrasto ficou na Itália. Talvez, encontrando-o, consiga descobrir o que aconteceu.

— É o que espero.

— Quanto a Raquel, tome cuidado. Pode perder a confiança que seus sogros sempre depositaram em você. Vai por mim. Será uma tremenda

merda.

— Meninos, o lanche está pronto — Aline avisou e Raquel levou Rafinha e Lucas para lavarem as mãos.

Sentamos todos à mesa da cozinha. Rafael, entre mim e a tia, puxou a manga da minha camiseta. Curvei-me ao entender que ele queria cochichar algo em meu ouvido.

— Papai, você é namorado da tia Quel? Ele que disse — Rafinha falou em alto e bom som e apontou para o amiguinho do outro lado da mesa.

Ficamos todos sem reação e calados, olhando para as crianças.

— Porque vocês beijaram na boca — Lucas explicou meio enrubescido.

— Não “*quedito*”, piá! — Foi a Quel quem respondeu, fazendo cócegas no sobrinho. — Foi sem querer. Nós caímos e...

— Ah — meu filho fez cara de choro e franziu a testa ao interrompê-la —, mas a minha mamãe foi morar no céu e agora, eu queria que você fosse a minha mãezinha — completou, manhoso e decepcionado, aquecendo meu coração.

Houve mais um total silêncio. Fiquei com o peito queimando, em frangalhos ao ouvir aquela frase pela primeira vez. Rafinha jamais havia dito qualquer coisa naquele sentido. E mesmo sem ter convivido com a Rafaela, demonstrou que doía não tê-la por perto e o quanto lhe fazia falta. Era tristeza genuína que se manifestava com sua queixa. E só Deus sabia, o quanto mais tinha aprisionado em seu coração ainda tão pequeno.

Raquel, como era o esperado, também se comoveu e o puxou para o colo, apertando-o nos braços. Aline baixou os olhos e Leo apertou sua mão sobre a mesa. Lucas comia seu sanduíche, sem prestar muita atenção e, pela pouca idade, não devia estar entendendo que clima era aquele.

— Eu vou sempre cuidar de você, carinha. Sabe por quê? Porque eu te amo e você é a pessoa mais importante da minha vida. A titia cuidou do Rafa desde o primeiro dia que chegou aqui, beemmmm pequenininho — contou com ternura e deixou a emoção tomar conta do momento. — Quero ser sua mãezinha sim, e nunca vou sair de perto de você e do papai, não importa o que aconteça, tá bom?

Rafinha assentiu e ainda abraçada a ele, Raquel levantou os olhos marejados para mim. Tentei sorrir, porém a forte comoção não deixou. Foi ali que tive certeza, ao puxar ambos para junto do peito, que meu amor fora definitivamente aprisionado por aquela garota e nada, nem ninguém, tiraria

dela.

Você precisa pensar. Pense, pense, pense...
Sinta dor. Você precisa dela, então se machuque... sangue...

Malditas vozes...



CAPÍTULO 40

Ao chegarmos a casa, Rafael correu para o colo da avó. Agarrou ao pescoço da mulher que sorriu serenamente e, depois de beijá-la, deixou-a a par de todas as novidades.

— Vovó, o papai e a tia Quel beijaram na boca. Ela vai ser minha mamãezinha, sabia? — O menino segurava as bochechas da avó com um carinho meio ogro e, radiante, deixou mais um beijo barulhento na ponta de seu nariz.

Iolanda ficou estarrecida. Apertou-o contra o peito e, por cima do seu ombro, fulminou-me com um olhar que jamais fiz ideia de que um dia me lançaria.

Abaixei a cabeça e só consegui encará-la quando ouvi a voz de Daniel atrás de mim. Ele havia ficado para trás, escovando Bob no jardim.

— Boa noite, Landa – cumprimentou e só então foi tomado pela tensão que se formara ali.

— Sinto muito, mã...

— Por favor, Raquel, não diga nada! – A rispidez revelada pela voz trêmula, inundou a sala e Dan pareceu tão chocado quanto eu.

— O que houve aqui? — ele quis saber, desviando seu olhar interrogativo de mim para minha mãe.

— Vó, cadê o vovô “Osvado”? — Rafael desceu do seu colo e dei graças por ele não ter idade para perceber o clima imposto com a novidade que contou.

— Lá em cima, filho. Está te esperando pra assistir aquele desenho!
— mamãe explicou dando um tapinha em sua bunda.

— Ei... — o menino reclamou e saiu em disparada.

Iolanda desligou a televisão e continuou surpreendendo ao tratar também o genro de forma dura.

— Já falei para a Raquel que não aceito esse relacionamento que querem me fazer engolir.

— Fazer engolir? — Dan, como eu, estava perplexo com aquela versão da sogra.

— E ainda que minha opinião não passe só de mais uma, quero deixar muito claro o quanto estou decepcionada. Com ambos!

— Mãe, menos!

— Iolanda, é claro que sua opinião é importante! E é óbvio que é uma das pessoas a quem mais respeito e considero, porém tem que entender que certas coisas são incontrolláveis. Aconteceu e...

— O que aconteceu é que vocês perderam a cabeça, Daniel! Foi isso que aconteceu! Raquel é uma menina que ainda não sabe o que quer da vida; e quanto a você? Está nítido que o luto o está levando a confundir as coisas. Ela não é a Rafa!

— Mãe, qual é? Pode parar com esse discurso de que não sei o que quero e blá, blá, blá... Por que eu sou uma desmiolada? O fato de usar tatuagem, coturnos e falar gírias não me faz uma irresponsável. Está me ofendendo!

— Não, Quel, claro que não. O que a faz uma irresponsável é querer levar a sério um relacionamento com o próprio cunhado e ainda querer que acatemos isso como normal. E você Daniel? Talvez precise voltar para a terapia. Rafael vai acabar se machucando com isso. Como não veem?

— Iolanda, eu não consigo acreditar! Está insinuando que faria alguma coisa que machucasse ou prejudicasse o meu filho? — Dan a encarava aturdido, porém tentava ser gentil. — O que te faz pensar que estar apaixonado pela Raquel me torna outra pessoa? Eu continuo o mesmo. Não sou nenhum inconsequente e fico ofendido que pense dessa forma.

Dan trincou o maxilar, buscava o autocontrole e talvez estivesse sendo difícil para ele, diante de tantas atrocidades que vinha sofrendo. Ele caminhou até a coluna e levantou o punho cerrado como se fosse socá-la, mas se deteve. Esforçava-se dolorosamente para não explodir. Seu rosto dourado perdera a cor, tornou-se pálido e triste. Mamãe era nosso alicerce, a mulher

forte que sempre nos apoiou. Não foi fácil ouvir aquilo tudo, e aquelas palavras contraditórias colocavam abaixo a nossa segurança. Sem ela, as nossas paredes ruiriam e o teto desabaria sobre as nossas cabeças, sem que nada pudéssemos fazer para segurar o estrago.

— Você não quer a Raquel, não entende? É da Rafaela que sente falta e é até natural que as confunda, no entanto precisa entender: é errado!

— Mãe, na boa, está magoando a gente... — murmurei, quase implorando que se calasse.

— Não é errado! — Dan interferiu com o tom de voz alterado. — Está enganada. Pela primeira vez, está errada, Landa!

Talvez a mãe não fizesse ideia do quanto precisávamos dela naquele momento. Não apenas por tudo que estávamos enfrentando, mas principalmente por tudo que, tê-la ao nosso lado, sempre significou. Eu não saberia e nem teria forças para lutar contra ela também.

— Sei que não está sendo fácil para você, mas, por favor... Dê uma chance pra gente — Dan quase implorava, porém não a convenceu.

— Eu sinto muito, Daniel. Para mim você sempre será o marido da Rafaela. Ela foi assassinada, a memória dela não...

— Mãe, por que está fazendo isso? Como você pôde apoiar o Marco que praticamente a matou e ficar contra a gente? — O desespero fez com que eu vomitasse minha mágoa e as palavras que jamais teria coragem em qualquer outra situação. — Você não pensou duas vezes em livrar o babaca da cadeia, pra que ele voltasse a curtir a vida e fosse feliz. “*Ele merecia outra chance*” — imitei a fala dela que ouvi tantas vezes. — Então por que está irredutível em aceitar o meu relacionamento com Daniel? Por que temos que ser punidos? Por que está nos condenando? A Rafa não está mais aqui e não é por nossa culpa! Está descontando sua perda nas pessoas erradas — gritei, chorando e sem saber direito o quanto de verdade havia naquilo tudo.

— Quel... — Dan me interrompeu, segurando meu braço, quando eu avançava em direção a Iolanda.

Ele sinalizou negando que eu continuasse, porém precisava colocar aquilo tudo pra fora e me soltei dele disposta a acabar com aquele impasse.

— Sinto muito, minha filha, mas não posso aceitar, não consigo... Não livrei o Marco de nada. Ele não a matou e um assunto não tem nada a ver com outro. Não sei como podem ter um comportamento como esse. É indigno com a sua irmã! — ela berrou tão próximo de mim, que pude sentir seu hálito quente, porém não pude reconhecer o fel em suas palavras.

— A Rafa tá morta — gritei exasperada e não dando ouvidos às tentativas de Daniel para me calar. Completamente afetada, continuei. — Ela morreu, mãe, mas você ainda tem uma filha! Eu estou viva, Iolanda! Por que quer me enterrar junto...

Antes que pudesse terminar, a palma da mão que sempre me tocava com carinho, que me dava suporte e conforto, pesou sobre minha face. O baque fez meu pescoço tombar para o lado e me deixou inerte, dilacerada. Os cabelos grudaram e esconderam meu rosto molhado pelas lágrimas, porém nada aplacava a dor que eu sentia na alma.

— Quel... — Dan tentou me puxar para ele e, envergonhada, eu me esquivei. — Landa, que loucura é essa? — quis saber o que aconteceu com a mulher que tremia e relutava contra o choro.

Levei a mão ao local para tentar apaziguar a queimação da pele, porém a dor no coração era latente. Então a mãe se deixou vencer, e sentir culpa por vê-la chorar era o mais excruciante. Só queria dizer que a entendia e que a perdoava, e o faria se soubesse como.

— Eu sinto muito, mãe... — confessei e subi em disparada para me trancar no quarto.

De lá, ouvia as risadas abafadas de Rafinha e papai na sala de TV, do andar de cima. O banho foi propositalmente demorado. Queria pensar e me livrar daquela angustia.

Talvez nem quisesse estar tão apaixonada pelo meu cunhado, apenas para não magoar a mamãe como vinha fazendo. Não podia mais compreender como deixamos que a situação chegasse naquele nível, por outro lado, não houve nada que pudéssemos fazer. Quando vimos o sentimento estava ali, forte como rocha, indestrutível, inabalável dentro de nós.

— Será que um dia você vai me perdoar, mana? Você sempre confiou em mim e olha o que estou fazendo! Eu sinto muito por não ter sido forte e por não saber como resolver todos esses rolos — admiti e abracei o porta-retratos, com a foto da Rafa, contra o peito.

— Quel? — solucei ainda mais alto quando ouvi a voz do Daniel, do outro lado da porta. — Quel, por favor...

— Vá embora, Dan. — pedi e perdi as forças. Minha voz já não saía e passei a murmurar. — Por favor... Meu amor, vá embora... Eu não posso... — implorei.

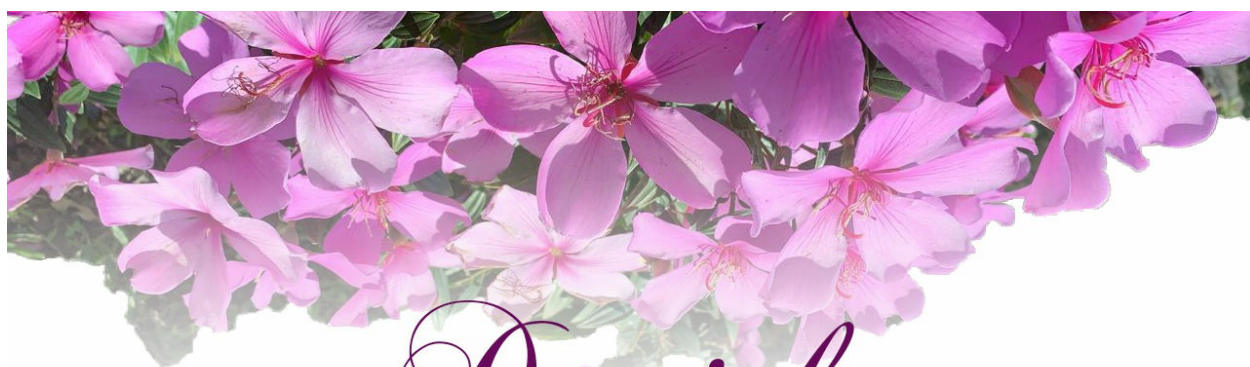
— Quel... — Sussurrou mais uma vez, fazendo-me pular da cama e correr para a porta. Toquei a madeira fria como se, do outro lado, ele pudesse

sentir o calor de minhas mãos.

— Eu não posso, meu amor... Sinto muito... — murmurei e como se me ouvisse, não insistiu.

Dan nunca insistia.

— *Estou aqui, meu amor. Eu nunca mais vou te deixar, prometo, nunca mais... Logo traremos você de volta...*



Daniel

CAPÍTULO 41

Queria que a vida entrasse nos eixos antes de falar com a Iolanda e convencê-la de que estávamos vivendo e sentindo algo real e pra valer. Só que eu também deveria saber que os problemas não esperam para acontecer. Não havia uma regra que garantisse que cada um surgisse de uma vez, ao contrário, vinham como enxurradas. Eu já estava tão inundado que não me sentia capaz de discernir sobre mais nada. E com medo de não saber tomar as decisões certas, só mergulhava e afundava cada vez mais.

Iolanda sentou no sofá como se tivesse perdido as forças e caso não o fizesse, pudesse tombar no piso de madeira. Recobriu a face entre os dedos, lamentando para Deus por ter perdido a cabeça.

— Eu sinto muito por tudo que estamos passando, Landa. — Ajoelhei a sua frente e, com carinho, retirei-lhe as mãos do rosto, para que olhasse em meus olhos e visse o quanto havia de sinceridade neles e em minhas palavras. — Você me conhece a tempo suficiente para saber que não entraria num relacionamento, com quem quer que fosse, caso não tivesse certeza dos meus sentimentos. Não faria isso! E muito menos com a Quel. Eu não faria!

A mulher tentava deter as lágrimas, enxugando-as nos punhos. Sentei ao lado dela e procurei uma forma de convencê-la de que estava disposto a lutar pelo direito de viver aquele amor. Algo que nem considerei ser provável de voltar a sentir algum dia.

— Daniel, por favor...

— Há quase quatro anos a Rafa se foi e não houve um só dia, um só segundo, que eu não tenha sofrido e me culpado por não tê-la salvado. Nunca olhei para o nosso filho sem ver o sorriso dela e sem agradecer pelo presente que me deu. Sempre a enalteci, por todos os dias em que estivemos juntos. Jamais deixei de sentir falta dos abraços que me confortavam quando chegava do trabalho, das gargalhadas com minhas piadas bobas, até do pé gelado nas noites de inverno — pela primeira vez, Iolanda esboçou um sorriso —, só que não tenho mais nada disso. Ainda luto todos os dias, com ansiedade, para entender o motivo... E ainda que houvesse algum, nada a trará de volta e, acredite, isso é dilacerante para mim.

— Meu coração sangra todos os dias, Daniel! Em alguns momentos, eu chego a pensar que vou enlouquecer tamanha a falta que sinto da minha filhinha. Porque um pedaço de mim foi enterrado com ela.

— Claro que sei que é difícil, Landa. Também sei que você criou duas filhas maravilhosas. Dois seres preciosos e incríveis, apesar de tão diferentes em alguns aspectos, então, por favor, não me culpe por amá-las. Eu não sou evoluído o suficiente para conviver com essas duas joias raras, imune aos encantos delas.

Uma lágrima também escapou e contornou meu nariz e antes que aquilo se intensificasse, eu saí sem esperar por respostas. Ainda pude ouvir o soluçar da mulher que eu considerava uma segunda mãe, e uma esperança brotou em mim, de que pelo menos, pensasse na possibilidade de ceder.

Subi as escadas e espiei Rafinha deitado no sofá, com as pernas cruzadas e a cabeça no colo do avô, em completa distração com o filme. Ambos alheios ao que se passou no andar de baixo, por sorte.

Queria amparar a Raquel, confortá-la. Queria prometer que nada nos separaria, porém percebi que ela não estava pronta a manter um pacto como aquele. Aceitei sua rejeição, por compreender que o melhor era deixá-la sozinha, naquele momento.

Eu também precisava descansar, todavia ainda cabiam surpresas para aquela noite. E sem trégua, Juliana passou a enviar mensagens exigindo minha presença. Começou com um convite amoroso, seguido de duas, três, vinte ameaças, que me fizeram perder a cabeça e ligar para ela.

— Pelo amor de Deus! Pare de me atormentar.

— *Você não acha que está livre de mim apenas por eu ter feito uma ligação para o Plínio? Está tentando me enganar, Daniel?*

— Não estou tentando nada, Juliana. Só não posso deixar minha casa e família cada vez que chama. O que é tão difícil de entender? Na segunda...

— *Hoje, Daniel. Não me subestime... Agora...* — E desligou.

No entanto as notificações não pararam. Recebi várias fotos do seu rosto marcado pela violência que sofreu na fatídica noite. Todas mostravam o estrago feito em sua testa cortada e sangrenta, e ainda pior, a loucura demarcada na aparência deprimente, desorientada, despenteada, abatida e frágil. Por último, recebi avisos de que bastava um deslize meu e todo aquele material pararia nas redes sociais e na polícia. Esperta, como das outras vezes, tomou o cuidado de apagar tudo em seguida. Porém atento, eu já havia programado as configurações do *iPhone* para salvar as imagens enviadas por ela. Fotografei as telas de mensagens sem nem sequer saber se aquilo poderia ser usado de alguma forma a meu favor.

Ignorei os apelos de Juliana. Depois de um necessário banho, limpei o vapor do espelho e encarei a fisionomia triste e embaçada que me encarava quase derrotada. Resolvi me livrar da barba e minutos depois, foi como se outro Daniel me devolvesse o olhar.

Rafael surgiu em nosso quarto já pronto para dormir, e Iolanda avisou que ele já havia se alimentado e que se retiraria mais cedo.

— Pai, você pode me contar uma *histórinha*?

— Claro, filho — aceitei o desafio e beijei sua testa. O perfume dele era como um calmante de efeito bombástico em mim. — Que tal um conto especial, hoje?

— Tá bom — ele concordou. A voz serena demonstrava que o sono não tardaria a chegar.

Ajeitei-o contra o peito e o cobri, e ele fez o mesmo com o boneco do homem aranha.

— Era uma vez um lugar encantado, onde um sábio, bem velhinho, morava com um cachorro enorme, alegre e muito manso.

— Igual o Bob?

— É, eu acho que era igualzinho ao Bob. — concordei sorrindo para o par de olhinhos castanhos e sonolentos que me miravam. — A casa era bem quentinha, porque o velhinho sempre acendia um fogão à lenha, e ali cozinhava doces gostosos. Ele também fazia brinquedos de madeira e latas velhas e os dava de presente para as criancinhas que moravam nos arredores. Elas eram muito pobres e não podiam comprá-los...

— Ele era o Papai-Noel?

— Não, filho, mas também era bondoso — expliquei e prossegui. — Havia lá, muitas frutas e flores coloridas e perfumadas, só que o homem era um pouco triste...

— Por que era triste?

— Porque apesar do lindo jardim, cheio de esquilos, borboletas, beija-flores e até duendes, não havia nenhuma fada. Você acredita em fadas, filho?

— “*Aquedito*”! Igual a Sininho, a fada do dente...

— Isso mesmo... Um dia, o velhinho fez um doce muito, muito gostoso e cheiroso, chamado sagu, e perto dali, alguém sentiu o aroma que saía da panela, e... *Toc-toc*.

— *Quem é?* — ele quis saber e quando abriu a porta...

— Uma fada! — Rafael respondeu, comemorando e aplaudindo.

— Sim, filho. Linda e toda iluminada, com flores espalhadas pelos cabelos que eram bem longos. Ela tinha olhos grandes e bondosos. Perguntou se precisavam de uma fadinha naquele jardim, deixando o velhinho e o cão muito felizes. Eles viraram amigos e o sábio nunca mais sentiu solidão. A partir daí, o céu passou a ficar sempre azul, durante todo o dia, e quando ele se punha, uma imensidão dourada tomava conta do lugar. E atraído pelo brilho da fada, um médico, que cuidava do velhinho, chegou e, imediatamente, ficou apaixonado pela bela moça. Eles se casaram e tiveram um filho lindo! Um garotinho como você, que também brilhava como a mamãe dele. Todos tinham aquele brilho eterno, igual das estrelas. E foram felizes... — Um nó se formou em minha garganta e travou minha fala.

O garotinho satisfeito e sonolento, levantou a mãozinha e acariciou meu rosto, sem perceber que eu segurava o choro.

— Você não tem mais barba, pai? — perguntou e virou a cabecinha para dar um sorriso em aprovação. — A tia Quel contou que minha mãe também é uma fada.

— Sim, filho, a mais bela que já existiu. — Ele bocejou e se entregou...

Dorme meu anjo lindo

Meu menino serafim

Que o sono vem vindo

Pra levar você de mim...



CAPÍTULO 42

Estava sentada num lugar alto e ventava um pouco e aquilo me deixou com frio. Dali a vista não era muito bonita, não havia quase nenhuma flor, a maioria delas murchara e servia apenas como prova de que um dia, estiveram ali. Era uma paisagem morta que me oprimiu o peito e fez lágrimas descenderem dos meus olhos. Já os sentia inchados e ardidos pelo choro que não conseguia cessar.

— Sabe o que faria se me apaixonasse pelo viúvo da minha irmã?

— Você nunca se apaixonaria pelo teu cunhado, eu sei.

— Além de vocês, Quel, a melhor coisa que me aconteceu foi conhecer e ser amada pelo Daniel. Só que antes de ter direito a ser feliz com ele, precisei ver meu vózinho sendo consumido por uma doença, dia após dia... Até que ela venceu e o tirou de mim. Seu Zé me ensinou que às vezes, temos que passar por algo ruim para termos a alegria de conquistar algo maravilhoso.

— E ele tinha razão? Acha certo que para conhecer o seu verdadeiro amor, o vózinho tivesse que ficar doente? O destino não poderia ter colocado Dan no seu caminho de outra maneira?

— Temos missões nas vidas uns dos outros. Eu cumpri a minha, o vózinho a dele...

— Por que esse *papo*, Rafa? *Tá ligada* que a mamãe tem razão? Daniel é seu marido.

— *Tô ligada* que o amor que sinto por vocês vai muito além. E que esse título de “esposa” não faz mais diferença nenhuma para mim. Também *tô ligada*, maninha, que ninguém melhor do que você para criar o Rafael, e eu disse isso quando te escolhi para batizá-lo.

— Acho que você que é a louquinha da família — afirmei limpando as lágrimas e recostei a cabeça no ombro da minha querida irmã.

— A mamãe vai compreender, um dia, que Daniel já não pode me amar da forma como amou. O amor que temos é algo muito mais poderoso, puro, além de ser imortal. Temos um laço sólido que nos une, e que se chama Rafael, porém não mais o mesmo sentimento. Esse fio foi desconectado ao atingir seu propósito. Vibramos noutra sintonia agora, o que não quer dizer que não vivemos um amor verdadeiro. Não sofra por algo que não poderá mudar, nem tente fugir. Vocês estão ligados porque assim deve ser. Então faça apenas o que seu coração mandar, Quel. Seja forte como sempre foi, pois nada será fácil para vocês. Estarei bem perto...



Abri os olhos e vi as várias mensagens, da Mary e da Val, sendo cuspidas na tela do celular. Peguei o aparelho e percebi que dormi algumas horas. Passava das nove da noite.

Ignorei as conversas das amigas, lavei o rosto e desci para comer alguma coisa. Preferia ter passado mais tempo em companhia da Rafa, naquele sonho, a ter que encarar a família depois de tudo que havia acontecido.

Na sala de jantar, papai e Dan conversavam ao redor da mesa, enquanto comiam. Uma nuvem de tensão pairava sobre eles. No entanto os homens da minha vida tentavam dissipá-la falando sobre assuntos aleatórios.

— Oi, filha! — o pai indagou e cessou o assunto, quando me viu. — Está com fome?

— Cadê a mãe, velho?

— Indisposta, não quis comer. Foi deitar mais cedo — comentou e me encarou como quem lastimava, porém não fazia a mínima ideia do que

dizer. — Fiz uma receita nova de omelete, pra azar de vocês.

— Você surpreende cada dia mais. Estava uma delícia, Osvaldo — Dan elogiou, mantendo os olhos pregados em mim. Como dois inquisidores, exigiam que eu sinalizasse que tudo ficaria bem. Imploravam por uma demonstração de força, que já não tinha.

Só então percebi que ele havia tirado a barba e, meu Deus, o cara ficou ainda mais lindo. Não tinha como resistir à maldita tentação de me grudar nele.

Papai sabia que uma bomba havia explodido horas antes, sob o nosso teto. Sabiamente, conversava sobre seu negócio e como estava sendo difícil, adequar-se à tecnologia para não ficar para trás no mercado.

— Pois é, quando estamos velhos, demoramos mais a nos adaptarmos ao novo. Tudo é muito assustador, no entanto é importante frisar que nada é tão difícil, muito menos impossível. A gente sofre e, mais cedo ou mais tarde, acaba aprendendo.

Continuei de cabeça baixa, remexendo a comida no prato, tentando engolir a única garfada que levei a boca.

— Entendeu, garota?

— Oi? Desculpe, pai, eu...

— Sua mãe vai ceder. Está velha, demora um pouco para aceitar algo novo e não muito convencional.

— Está comparando nosso problema, aos aplicativos que você tem que lidar pra tocar seu *e-commerce*?

— E não é igual?

Daniel riu. O sorriso encantador e tímido ficou mais ousado, quando ele apertou o ombro do meu pai e percebeu que eu também sorria.

— Que ela não me ouça ou serei um homem sem teto.

— O que me deixa feliz é nunca precisar chamar outro cara de sogro. Ninguém ocuparia esse posto melhor do que você, Osvaldo. — As palavras eram proferidas ao papai, mas o olhar era meu.

Fiquei na minha, calada. Já não tinha certeza de que Osvaldo continuaria a ter aquele papel na vida do Daniel. As lágrimas se acumularam de novo. Nem eu sabia que era possível alguém chorar tanto. As emoções estavam à flor da pele, e eu me concentrava em segurar o desespero, para não parecer tão desequilibrada, observando a forma como os dedos longos, do homem que aprendi a amar, seguravam os talheres. O jeito só dele de movimentar a cabeça, com graça, enquanto conversava. Dan parecia muito

mais jovem e com certeza, aquele foi o motivo de tirar a barba que usava há muitos anos.

Fiquei tão distraída observando os trejeitos do moço de olhar preocupado e turbulento, que fui surpreendida com uma escultura que fez com uma fruta.

— Quem sabe assim, consiga se alimentar. — Daniel me entregou o homenzinho barrigudo e disforme que esculpiu, em poucos minutos. A laranja era a barriga e a casca virou uma cabeça disforme e membros irregulares.

— Onde aprendeu a fazer isso? — Fiquei encantada e boquiaberta.

— Eu ainda não aprendi. Acho que dá pra perceber, né?

— É a coisa mais fofa que já fez, Daniel.

— Ser pai, exige certas habilidades. Claro que preciso treinar... — ele sorriu espontaneamente.

— Desde quando, esse troço de cabeça torta e barriga gigante, é bonito, filha? — Papai beijou minha testa ao se despedir. — Depois dessa, eu vou dormir.

— Boa noite, paizinho! — devolvi sem tirar a atenção do presente.

Assim que ficamos sozinhos, eu também quis sair dali. Não tinha ideia do que fazer. Não sabia mais onde buscar a porcaria de coragem que sempre arrotei ter, e que me movia a resolver todos os problemas de forma simples e despretensiosa. Descobri que no quesito amor tudo poderia se tornar grande e potente. Quando o problema era amar de verdade, tudo deixava de ser pouco e leve. Aquela foi mais uma prova de que estava perdidamente apaixonada, pela primeira vez.

— Quel, eu sinto muito. Sei que não está bem — Dan começou, com preocupação imposta no tom de voz, porém ainda não estava disposta a ouvir.

— Não estou... — soltei com dificuldade, com um engasgo na garganta.

Não consegui mais segurar as lágrimas e elas descenderam, feito cachoeira, uma merda perfeita. Sabia que o constrangeria por chorar tanto, mas não era algo negociável.

— Não era pra ser assim, meu amor. Eu conversei com sua mãe e...

— Sinto muito também, muito mesmo, cara... Só que é a minha mãe.

— Vai acabar passando, Quel. Vamos resolver isso, juntos.

— Eu não posso...

— Sabíamos que enfrentaríamos muitos obstáculos. Temos que lidar

com isso.

— Não, com isso não, Dan. Não consigo... — avisei e subi em disparada, ignorando os apelos do homem que eu amava e levando comigo o “senhor laranja” para me fazer companhia.

— *Eu quero dormir até ele chegar. Parem essas vozes...*
Procurava pelas caixas de remédios. Precisava das malditas doses...



CAPÍTULO 43

Fiquei um bom tempo olhando cheia de carinho para o “senhor laranja”. Já sentia tanto amor por ele. Nem queria comê-lo. Estava entre a cruz e a espada. Não deveria deixar Daniel sozinho num momento tão difícil e ficava apavorada só de pensar o que a louca da Juliana poderia fazer para prejudicá-lo. Por outro lado, não queria ser a culpada pelo sofrimento da mãe. Nunca me passou pela cabeça que ela pudesse reagir tão negativamente. Iolanda Webber nunca sequer levantou a mão para nós. Sempre foi contra educar filhos aplicando castigos físicos, então aquilo me deixou um pouco assustada, porque vi o quanto estava machucada. Tinha medo de tomar a decisão errada. Ainda que ela não tivesse qualquer direito sobre aquele patamar da minha vida, eu daria um tempo com Dan, e rezaria que ela mudasse de opinião.

As meninas estavam eufóricas e ainda mandavam mensagens. Fábio foi oficialmente declarado livre do seu casamento. Eu que nunca coloquei fé de que um dia acontecesse, tive que dar a mão a palmatória e ouvir a *zoação* da Val e da Mary. Apesar do namorado da minha amiga sempre alegar que apenas dividiam o mesmo teto; que tentava oficializar a separação e a dita cuja ex é que não cedia, não conseguia acreditar.

Val: ***Ele me pediu em casamento. Vamos ficar noivos.*** — emojis reagindo apaixonados e sorridentes.

Mary *está digitando...*

Mary: ***Temos que comemorar. Quel, pelo amor, onde está você?***

Quel: *Minas, desculpem pelo sumiço. Um tsunami passou em minha casa. Não rola sair hoje. Mas amiga, tô muito feliz por você e o escroto do Fábio.*

Val *está digitando...*

Val: ***Não aceito isso. É quebra de pacto. Combinamos de tomar “todas” no dia que Fábio se decidisse. Temos que ir... Please!***

Quel: *Foda, guria! Tá tudo muito complicado aqui. Acho que hoje não dá.*

Val *está digitando...*

Val: ***Quel vá à merda. Estaremos na Hop, perto da meia-noite. Vai amanhecer morta se não aparecer lá.***



Carreguei na maquiagem. O verde dos olhos estava aguado, como se a qualquer momento uma nova enxurrada fosse descer dali. Vesti o meu melhor jeans rasgado e uma regata brilhante por baixo da jaqueta. Um traje *top*, assim ninguém notaria a dor que eu tentava suportar. A inseparável *choker* preta, presente do Rafinha, completou meu visual. Chamei um Uber e fui disposta a cumprir a promessa de tomarmos todas.

No meio do caminho, para que Daniel não ficasse preocupado caso sentisse minha falta, enviei uma mensagem.

Quel: *Indo à Hop, com as meninas. Tô bem. Eu te amo!*

O lugar era mesmo maravilhoso e estava lotado. As meninas me orientavam por mensagens, sobre onde as encontraria. Elas tinham reservado uma mesa para assistirem um show de *poledance*, que por sinal, já havia começado.

— E aí? — cumprimentei a cada uma com beijinhos e abraços. A felicidade da Val era tamanha que parecia saltar de seus olhos, deixando-a ainda mais linda. — Mina, ainda tô pensando que isso é uma pegadinha. Quem diria que o Fábio...

— Cala a boca! — elas gargalharam e o clima alegre já começava a

me fazer bem. — Eu sempre soube — Val revidou.

— Ah, tá! Sabia tanto que desmaiou quando ele contou. — Mary a entregou, divertindo-se com a situação que presenciou. — Imagina o tamanho da surpresa!

— Ah, não! Você não encheu o ego do cara desse jeito? — quis saber, enquanto enchia meu copo com o espumante que descansava num balde com gelo.

— Fiz... — Val assumiu o vexame. — Caí dura feito uma pedra aos pés dele. Que merda!

— Que mico! Viu como foi ótimo ter vindo, Quel? Hoje a diversão será garantida, por conta da noiva mais palhaça dessa cidade.

— Com certeza, amiga! É *mara* estar aqui com vocês.

— A noite promete! Porra! — Val largou a taça sobre a mesa e se voltou para o palco. — Parem de pegar no meu pé e olhem como essa garota dança!

— Nossa! Se eu tentar fazer isso, quebro todos os meus ossos à primeira tentativa de voo — Mary considerou, divertindo-se com as acrobacias da dançarina.

Virei, também curiosa para apreciar o espetáculo. Elas tinham razão. A garota tinha uma leveza quase impossível de se imaginar. Flutuava no pole. O corpo em sincronia perfeita com cada batida de *Pillow Talk*, do Zayn, fazia o público delirar. Parecia que cada músculo dela havia sido esculpido por mãos de um artista. Fortes, mas ao mesmo tempo delicados e muito femininos.

I'm seeing the pain, seeing the pleasure

Estou vendo a dor, vendo o prazer

Nobody but you, 'body but me, 'body but us

Ninguém além de você, além de mim, além de nós

Bodies together

Corpos colados

I'd love to hold you close, tonight and always

Eu adoraria te abraçar, está noite e sempre

I'd love to wake up next to you

Adoraria acordar ao seu lado

— Deus, ela é perfeita. Que inveja... — admiti meu pecado. Para elas eu podia.

— Quel, o que rolou na tua casa? Que história de tsunami foi aquela? — Mary foi quem mudou de assunto.

— Rafinha contou pra minha mãe que Daniel me beijou na frente dele hoje.

— Porra! — Val soltou, admirada. — E isso aconteceu de verdade, quer dizer, criança nunca inventa, né? Ca.ra.lho!

— *Yah!*

— E ela? — Mary quis saber, curiosa e ao mesmo tempo receosa, por não ser novidade para ela, que Iolanda não aprovava.

— Me bateu.

— O quê? — Ouvi em uníssono. — Não acredito, conta outra... — A enfermeira que conhecia tão bem a mulher mais sensata do mundo, não acreditou em mim. — Se fosse a minha mãe, ok, normal. Já apanhei muito dela, mas a dona Landa...

— Gente, calma. Foi um tapa, mas eu fui a culpada. Ela estava nervosa e falei umas merdas. Cara, não quero nem pensar nisso... Foi uma porrada de besteira. Se a gente ficar falando nisso agora, terei que me trancar no banheiro para chorar a noite toda, *tá ligado?* Só de lembrar me dá taquicardia. Vamos beber, pra esquecer, pra comemorar, pra ficarmos felizes! Um brinde ao desencalhe da Val! — propus, colocando ponto final naquela conversa deprimente.

Elas concordaram em deixar de fora qualquer assunto que nos levasse a pensar na vida real. Queríamos apenas dançar e aproveitar a noite na melhor boate de Curitiba e foi o que fizemos.

Já estávamos bem suadas e tontas, na pista de dança, quando deixei as meninas, para buscar água no bar. Demorei um tempo até ser atendida pelo *barman* que, antes de entregar as pequenas garrafas, deu um showzinho fazendo malabares com elas.

— Valeu! — agradei e virei, mas tive minha passagem impedida por um peitoral forte revestido por uma camiseta preta. Um perfume caro e agradável, que não me era estranho, preencheu minhas narinas.

Ergui a cabeça sorrindo e pronta para me desculpar, porém fui surpreendida por um par de olhos azuis que conhecia muito bem e que esperava jamais ter que encontrar de novo, algum dia, exceto nos tribunais.

— Raquel? — indagou com a boca retorcida e talvez ainda mais

surpreso que eu.

— Porra! Dá licença. Meu dia já foi péssimo o suficiente, então não vem acabar com a noite também! — disparei querendo atingi-lo e dei um passo para o lado, a fim de desviá-lo.

Marco me cercou e senti meu peito ferver de raiva. Um reboião se fez no meu estômago e sabia que não havia sido provocado pelo álcool. Era toda a ira que descansava dentro mim que acordara e tentava se libertar.

— Espere — ele disse e eu puxei todo ar que consegui para dentro dos pulmões, no entanto parecia que continuava a sufocar.

— Esperar o quê? — gritei e revirei os olhos, impaciente.

— Vamos conversar.

—Vá se ferrar cara! Que merda acha que tenho a conversar com você?

— Não sei se tem algo a me dizer, só que eu tenho.

— Saí da minha frente.

— Acha mesmo que foi a única que a perdeu?

— Não! Eu não a perdi, seu nojento! Vocês a mataram. Vocês a tiraram de nós. Aah! Vá se foder...

Tentei de novo sair de perto dele, contudo fui segurada pelo braço. Marco não fazia força e eu não conseguia entender o motivo de então, não me soltar dele. Como se algo mais me prendesse ali. Nervoso, ele colou o nariz no meu. Nossas respirações saiam em rajadas entrecortadas e se misturavam. Eu lutava com meu inconsciente para sair, mas aqueles olhos me paralisaram, inquiriam, envolviam. Era um duelo de raiva, ódio, dor, mágoa. Fui levada, quase empurrada para o canto. Sua mão ainda me mantinha presa a ele.

— Pare de me julgar! Já passei pelo júri. Nem a Rafaela faria isso.

— Você não deu muita escolha a ela — rosnei, enfrentando-o. — E não me compare, eu não sou a Rafa. E todo mundo sabe da porcaria de justiça que temos aqui.

— Fui condenado por todos os meus crimes, ao nascer filho da Giordana, Quel. Você não faz a menor ideia do quão fodido eu estava. Não pode imaginar o quanto foi difícil sair daquele cárcere em que vivi desde que nasci...

— Marco, me larga ou vou fazer um escândalo — grunhi e o fulminei de raiva. — Eu não ligo para o que viveu. E tô pouco me lixando para o seu sofrimento. Quero mais é que sua mãe se dane e que você queime no inferno...

Como se tivesse caído em si, ele me soltou e se afastou um pouco. Seus olhos estavam lacrimejantes, eu o havia atingido. Apesar de estar livre para me afastar, não consegui.

— Nunca entenderá o que é viver e crescer numa batalha árdua, entre aceitar ou ser subjugado; libertar-se e destruir um sentimento maléfico de uma pessoa que só devia te amar. Não sabe, porque só o que Iolanda fez à vida toda, foi amar você e a Rafa, incondicionalmente, e da forma mais pura possível. Eu tive tudo na vida, absolutamente tudo que dinheiro pode comprar, mas isso, não dá.

Baixei o olhar recriminador e pensei nas últimas ações de minha mãe. No quanto estava sendo difícil o desafio de ir contra os seus princípios. Marco estava puto, porém emocionado. E talvez ele tivesse alguma razão.

— Fiz muita merda e me arrependo de cada mancada que dei com a Rafa, porém eu a amava. E preciso que acredite e se puder me perdoe, Quel.

Tive que admitir. Nunca imaginei que pudesse sentir algum tipo de comoção por aquele homem, mas aconteceu ali. E meu emocional que já estava mais que derrotado, entregou-se a dor. E eu chorei... E porra, eu vi as lágrimas inundando aquele azul sem fim que eram as íris dele.

— Estranho? O que está acontecendo aqui?

— Nada, Louca — mentiu e virou um pouco o rosto. Disfarçando, respirou fundo, antes de voltar a encará-la. — Esta é a Raquel, irmã da Rafa.

A moça que se aproximou de nós, tinha os olhos mais lindos e desconfiados que já tinha visto. Reconheci a *polerina*, que como uma leoa, colocou-se entre nós e o abraçou com afeto, como se precisasse protegê-lo de mim.

— Está tudo bem? — perguntou a ele, no entanto me encarava, atenta e minuciosamente.

Só queria sair dali. Caminhei firme entre as pessoas, contudo ela me abordou um pouco adiante.

— Espera... Raquel...

Parei e demorei alguns segundos para me virar. E talvez por medo de ser atacada, tenha achado que precisava me defender.

— Olha garota, espero de coração, que a família Bittencourt não te faça a próxima vítima.

— Eu sei exatamente sobre o que está falando. Já provei minha dose do veneno da megera. Só que está enganada em relação a esse Marco que acha que conhece. O filho da Giordana não existe mais. Morreu junto com a

tua irmã, naquele incêndio, e o que sobrou dele trava uma batalha árdua para sobreviver, dia após dia. Então nunca mais o mande para o inferno, porque não faz ideia do que é viver num. Achei que deveria saber.

Em qualquer outro momento, eu mandaria aquela garota à merda, porém algo me fez acreditar nela e admirá-la por cada palavra e pela coragem de defender com garra o homem que amava.

— Qual o seu nome? — perguntei secando as lágrimas e lhe estendi uma das garrafas que ainda trazia comigo.

— Íris Blue... — ela respondeu e aceitou a água.

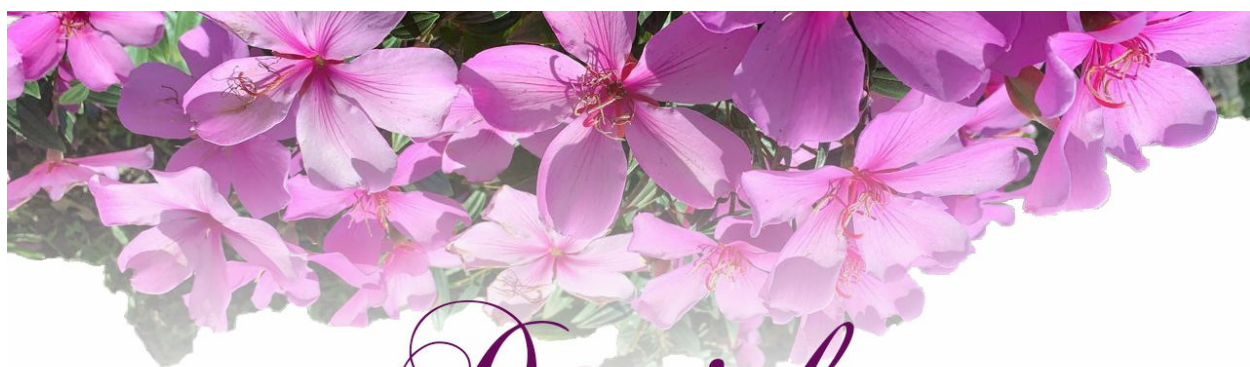
— Diga a ele, Íris, que estou feliz por saber...

Ela assentiu, esboçou um sorriso e eu afastei meio zozza e, de certa forma, aliviada.

— Não se engane, Juliana. Nada está dando certo... Você precisa fazer algo...

Um telefonema para o consultório e a idiota da secretária me entregou todos os horários da vadiazinha.

— Ainda temos muito que conversar Raquel Webber!



Daniel

CAPÍTULO 44

A pedido do doutor Plínio, eu estava de volta ao Medicina Moderna, porém já não sabia se aquilo seria definitivo. Talvez o tempo resgatasse o apreço que sentia em liderar uma equipe de ponta, no que havia de melhor e mais moderno na área médica, o fato era que nosso diretor geral, não tinha comigo o mesmo conceito de antes.

— Devo avisá-lo que afastei a ambos. A doutora Juliana não estava em condições de atuar e a partir de hoje, será desligada definitivamente do nosso quadro.

— Por que só acreditou em mim depois do telefonema dela?

— Minha intenção era de poupá-lo, doutor Marchetti. Entenda dessa forma. Um escândalo do tamanho que essa moça estava propensa a causar, seria fatal para sua carreira, acredite. Ademais, não podia escolher um lado. Eu tinha que ser imparcial e investigar. Essa deveria ser a minha postura diante do caso e foi o que fiz.

Engoli em seco e dei a mão à palmatória. O estrago seria incorrigível. Saquei o *iPhone* do bolso e mostrei as mensagens e fotos que ela insistiu em enviar durante todo o final de semana.

— É assim que tem sido: ameaças e mais ameaças.

— Sugiro que faça um boletim de ocorrência e reze para que isso sirva de prova em caso de uma acusação. Tem um aliado aqui, Daniel — afirmou com a comum falsidade aparente.

— Doutor Plínio, gostaria que a convencesse a procurar tratamento.

— Por que se preocupa com ela, Daniel?

— Eu me preocupo é com o estrago que ela possa causar, doutor. Apenas isso.

Bati a junta do dedo indicador no tampo da mesa e saí para o primeiro dia de trabalho. Leonardo não estava de plantão e nas primeiras horas, era palpável o estado de apreensão e curiosidade. As pessoas não sabiam o que ou como se reportarem a mim e pareciam, o tempo todo, pisarem em ovos.

Desde sábado, eu não via Raquel e a falta que sentia chegava a ser insuportável. Era difícil acreditar como podíamos nos sentir tão dependentes de alguém de uma hora para a outra. Parecia faltar oxigênio, como estar preso num lugar pequeno e sem saída, como se a vida estivesse passando por mim e não pudesse vivê-la. Não estar perto da Quel era como não estar completo. Sentia-me oco, parte de meu coração era dela e a outra de Rafael, com isso, necessitava deles para poder pulsar.

Depois da tão esperada ligação do detetive Gonzaga, que recebi no final da tarde, eu entrava novamente no prédio antigo que cheirava a naftalina. Daquela vez o odor do café que fumegava na cafeteira predominava e me fez aceitar a bebida que ofereceu.

— Tenho algumas notícias, doutor.

— Estava ansioso. Algo relevante, espero.

— A moça foi abandonada pela família depois da morte da mãe. Entenda-se por família, a única que lhe restou: um pai adotivo, senhor Pietro e um meio irmão, Luigi. Caputo é o sobrenome italiano que ela usa desde que o padrasto a reconheceu como filha. Parece que ela e o irmão são herdeiros de uma grande fortuna.

— Isso justifica muita coisa. Ela sempre afirmou que não tinha ninguém, que perdeu todos...

— A família Caputo é muito grande. O mais grave é que ela fugiu de uma clínica psiquiátrica. Os motivos que a levaram a internação? Não se sabe...

— Como conseguiu descobrir isso tudo?

— Além de ser minha profissão? — Ele riu com deboche, porém ficou envaidecido. — Os honorários que me pagou são uma porra de uma bela motivação.

— Sei... — Sorri já me sentindo mais à vontade e aquilo o incentivou a contar mais.

— Graças a Deus, eu fui investigador da polícia, doutor. O braço

ficou defeituoso por ter tomado um tiro em serviço — Ele levanta o membro e mostra que não consegue esticá-lo direito —, mas meu faro está cada vez mais aguçado.

— Tem minha admiração, Gonzaga. Eu só sei investigar doenças e remédios. Não fazia ideia desse passado da Juliana, no entanto não é nada estranho. Justifica todas as suas últimas ações. O fato é que ela, a meu ver, continua desestabilizada. Já tentou contato com o pai?

— Ele se negou a me atender — continuou, enquanto fazia anotações em seu bloco. — Esse é número de seu telefone — avisou e me passou o pedaço de papel. — Talvez tenha mais sorte que eu, caso queira tentar.

Aceitei o que recebi, dobrei e guardei no bolso da camisa.

— Qual é o próximo passo?

— Calma. Ainda não acabei. O principal é que consegui cópias das imagens da noite que ela foi agredida. Todas aquelas ruas são monitoras e o “incidente” foi registrado na boate onde ela esteve. Com toda a decadência do lugar, temos sorte por terem câmeras de segurança. — informou, calmo, como se contasse a previsão do tempo.

Entregou-me um envelope, que curioso, conferi de imediato. Ali havia um pen-drive e várias fotos, possivelmente extraídas dos tais vídeos e que poderiam salvar a minha carreira.

— Aconteceu o que é muito comum hoje em dia. Ela quis se divertir, porém escolheu mal o lugar. Bebeu, provocou e se insinuou para alguns caras da pesada... Segundo o dono do lugar, dançou com eles em troca de bebidas e drogas. — A voz dele ia se perdendo em minha mente, na medida em que eu ia construindo as cenas de toda a degradação de Juliana. — Eles fizeram uma rodinha para brincarem, e a jogaram de um lado ao outro. Disse o gerente, que ela parecia estar gostando, até o momento em que quis parar e um deles achou que a brincadeira ainda não havia perdido a graça. Tentou agarrá-la a força e apenas uma garota a defendeu...

Ao mesmo tempo em que queria que ele se calasse, também precisava saber a verdade.

— Isso é tão deprimente...

— O *cabra* se irritou e quebrou um copo de uísque no olho dela. Foi isso que arrebou seu supercílio, como poderá ver nas imagens — Apontou o dedo para o envelope. — Ela saiu de lá com a outra garota e, meia hora mais tarde, deu entrada no Hospital Medicina Moderna. Isso foi tudo, o resto, o doutor já sabe. — Gonzaga, orgulhoso, recostou na cadeira e soltou a

caneta que segurava. — Quanto ao próximo passo, terei que viajar para a Itália e assim investigar melhor. Visitar a clínica... Tem coisas que alguns Euros podem resolver e facilitar para que consigamos pequenas informações, com funcionários, etc. Lá, a dona deve ter amigos, amigas, ou empregados, alguém deve ter algo mais concreto a dizer, a respeito do seu passado.

— Faça isso o mais rápido possível. Não sei onde estou me metendo, porém preciso esclarecer, já não posso mais parar e ela precisa de ajuda. Isso é fato.

— Desculpe perguntar...

— Manda!

— Por que se preocupa com alguém que o estava assediando e chantageando? Deve ser só mais uma mulher fútil, rica, viciada e histérica e que quer te ferrar... Ainda assim...

— Não foi essa versão dela que conheci. Sou médico e costumo ajudar pessoas e não julgá-las, além do mais, eu me sinto culpado. Algo me diz que isso tudo tem a ver comigo.

— Entendi... Mas que eu saiba, não é o médico dela — o detetive insistiu e me encarou por um tempo, depois pigarreou antes de dar o alerta: — Cuidado doutor, o que mais fode um homem é a merda da consciência. Quando viajo?

— Por mim, no próximo voo.



— Meu amor, que bom que está aqui. — Juliana se agarrou ao meu pescoço. — Sabia que viria. — Desviei a tempo dela não conseguir me beijar a boca. — Preparei um jantar delicioso.

— Estou exausto. Voltei ao trabalho hoje e como sempre foi um dia puxado — comentei com displicência, tentando parecer o mais natural possível.

— Imagino! Mas está com fome, não?

— Eu jantei com meu filho. Sinto muito.

A fisionomia dela mudou. O sorriso se desfez, o cenho enrugou e por um momento, achei que me atacaria, porém inspirou com profundidade, voltou a sorrir e retirou o avental.

— Sem problemas, querido. Pode esperar alguns minutos? É que estou cheirando a cebola. Vou tomar um banho rápido.

— É claro! — respondi aliviado.

— Beba alguma coisa. — Daquela vez não consegui me esquivar do beijo. — Fique a vontade — sugeriu e saiu, animada e saltitante, como se fosse a pessoa mais feliz do mundo.

Esquadrinhei tudo ao redor em busca de algo que me ajudasse a elucidar sobre o que havia acontecido. Revirei algumas gavetas do móvel da sala e até da cozinha. Resolvi arriscar e caminhei à suíte. No corredor, ocorreu-me tentar o cômodo que, em todas às vezes que estive ali, vi fechado. Detive-me na frente dele. Toquei a maçaneta e senti os batimentos acelerarem. Girei devagar para não fazer barulho.

— O que está fazendo? — ela inquiriu de forma nervosa e atravessou-se entre mim e a porta do tal quarto. — O que está procurando?

— Você — menti e afastei um pouco. — Tive a impressão de ter ouvido um barulho ali dentro.

— Não há nada, está vazio — avisou e deixou a toalha, que envolvia seu corpo, ainda molhado, cair. — E eu estou aqui, Dan. — Juliana avançou contra mim e segurou meu rosto entre as mãos. — E não imagina o quanto quero você, amor.

Deixei que me beijasse e só o rosto de Raquel me vinha à mente. Segurei-a pelos ombros e curvei para mirar bem dentro dos seus olhos azuis perdidos de desejo. As pupilas dilatadas quase saltavam das íris, que tremulavam sem desviar de mim.

— Juliana, vista-se!

— Eu quero você, Dan — ela ronronou e levou minha mão para tocar em seu seio.

— Pare com isso. Precisamos conversar. — Foi a minha vez de arfar.

— Faça amor comigo, por favor — implorou colando o nariz no meu, salivando, misturando nossos hálitos, esfregando o corpo em mim, testando-me.

Desesperado, abaixei para pegar e lhe entregar a toalha.

— Não podemos continuar com isso. Precisa entender que está doente — supliquei. — Precisa de tratamento. Por favor, deixe te ajudar.

— Não vai conseguir fazer comigo o que eles fizeram. Não pode me tratar assim. — Como se estivesse acuada, ela deu alguns passos para trás e não aceitou a proteção que eu oferecia.

— O que fizeram? — Caminhei também, insistindo em enrolar o tecido felpudo ao redor de seu corpo. — Quem fez o quê? Precisa confiar em mim — eu quase sussurrava para não assustá-la.

— Não confio. Você é o pior de todos! — Respirei fundo e fechei os olhos para manter o controle, ela já havia perdido o dela. — Disse que ficaria comigo!

— Não posso!

— Pode, tem e vai ficar!

— Não! — gritei, exaurido com aquela situação e sem conseguir mais pensar nas consequências. — Não vou ficar, porque não amo você. Não pode forçar as coisas a acontecerem do seu jeito. Não vou mais fazer parte dessa loucura!

Já não tínhamos aonde chegar. Estávamos no final do corredor. Juliana se jogou de costas contra a parede, cobriu os ouvidos e deslizou até o chão, num total descontrole.

— Lá, lá, lá, lá, lá, lá... — cantarolava cada vez mais alto.

O maldito sentimento de pena me invadiu e já não sabia mais como argumentar, nem o que pensar ou fazer. Dei alguns passos em direção à porta. A mão massageava a nuca em busca de alívio à tensão. Precisava sair dali o mais rápido possível e só daquela vez, eu quis me dar o direito de não me importar.

— Daniel, eu imploro! Precisamos trazê-lo de volta...

Virei e a vi, nua, quase se arrastando pelo chão, com a mão estendida, pedindo-me socorro. Caminhei para perto dela e agachei ao seu lado. Desolado, cobri seu corpo nu e a amparei.

— Precisa procurar um médico. Faça isso, por favor, Juliana. Estou disposto a ajudá-la, mas isso é tudo que posso fazer por você.

Para minha surpresa, ela assentiu.

— Você a ama, não é? É a Raquel. É por causa dela — lamentava agarrada a mim e as lágrimas escorriam deliberadamente por seu rosto.

— Não é por causa de ninguém. Duas pessoas só ficam juntas por amor. Tem que aceitar que está doente. Só precisa se tratar e perceberá que também não me...

— Vou procurar um médico. Eu prometo, meu querido. Farei qualquer coisa para que volte a gostar de mim.

— Meu Deus, Juliana, faça tudo por você, só por você.

Foi como se no último segundo ela já não me reconhecesse. Afastou-

se, recostou de volta na parede e abraçou os joelhos. Seu corpo balançava, para frente e para trás, em sincronia com a canção que cantarolava.

— Dorme meu anjo lindo; Meu menino serafim; Que o sono vem vindo; Pra levar você... — passou a murmurar a canção e aquilo me deixou abalado, atônito, quase desesperado.

Encontrei seu olhar ainda mais distante, muito longe e perdido em algum espaço ou dimensão. Naquele momento, tive certeza de que era um lugar cruel e obscuro e foi lá que sua sanidade foi deixada.

— Juliana... — chamei, no entanto ela não estava mais ali.

— Porque está na hora; Na hora de dormir; Dorme meu pequenino; Dorme meu querubim — continuou...

Tomei-a no colo e a levei para a cama. Encontrei uma caixa de ansiolíticos, muito fortes, em seu armário de banheiro, e me perguntei há quanto tempo ela deveria fazer uso daqueles tranquilizantes. Depois de medicá-la, consegui fazê-la parar de cantar e dormir.

Eu me conectei a energia que se estabeleceu ao meu redor e em todo o apartamento. Estava enredado por aquele cenário, ainda que não suspeitasse de que forma, fazia parte de uma história antiga, sombria e angustiante. Só não fazia ideia de onde me encaixava, contudo era óbvio que estava muito envolvido e encrencado.

Decidi recorrer a sua vizinha, convencido de que alguém precisava vigiá-la. Elas eram amigas e Luciara era a única pessoa que poderia cuidar de Juliana. Antes de procurá-la, mais uma vez, tentei abrir, sem sucesso, a porta do quarto que ficava no meio do corredor e que continuava trancada. Aquilo teria que ficar para mais tarde, pensei, e segui para o apartamento na outra extremidade do andar.

Não fui bem recebido como já era esperado e tão logo ouviu meu pedido, a moça acusou-me.

— Cada vez que aparece a Juliana fica mal. Você é o único problema dela.

— Ouça! Não me importo com o que pensa a meu respeito. Só preciso que a faça companhia por essa noite. Eu a mediquei e, provavelmente, ela dormirá até amanhã. Não a deixe sair de casa e nem que fique sozinha. Entendeu?

A amiga cedeu e, apesar de muito desconfiada, aquiesceu.

— E o que pretende fazer?

— Estou procurando a família dela.

— Ela não tem ninguém.

— Tem! Não sei o motivo de esconder, porém existe um padrasto que ficou na Itália e também um meio irmão. — Luciara absorvia as palavras com atenção. — Por favor, fique com meu número e ligue caso precise de alguma coisa ou ela venha a ter outra crise.

— Está bem.

— A qualquer momento.

Os olhos da moça se estreitaram e pela primeira vez, ela pareceu acreditar em mim.

Uma garotinha, um pouco maior que o Rafinha, surgiu, reivindicando passagem entre o batente da porta e as pernas da mãe, que então se deu conta de que não havia sequer me convidado a entrar. Afastou-se e sinalizou apontando para o interior da casa.

— Obrigado — rejeitei. — Preciso mesmo ir. — A garotinha sorriu para mim e agarrou as pernas da mãe.

Com o celular em mãos, pedi a Luciara que me passasse o seu número. Tão logo o fez, eu lhe enviei meu número e saí com a sensação de ainda ouvir aquela canção de ninar. Era a mesma que Rafaela cantava para o nosso filho, enquanto acariciava o ventre, antes de dormir. E aquela poderia ser apenas uma maldita coincidência, porém me corroía e agoniava.

— *Eu não preciso de médico, seu idiota. Preciso que me ame... E você vai me amar, vou fazer tudo que pediu e te deixar feliz...*



CAPÍTULO 45

Eu chorei quando reencontrei com as meninas na pista. Mary me abraçou sem entender e Val foi pagar nossas contas para irmos para casa. Lá deitamos as três, na cama king e, no escuro, testemunhamos a longa madrugada fazer sua passada.

— Tô sentindo um troço tão ruim.

— Mas por que, Quel? Eu sempre disse que precisava exorcizar esses demônios. Foi bom ter colocado o que sentia pra fora. E acredite, pode ser que o Marco também precisasse desse encontro.

— *Mina*, o Marco não me interessa. Não é com ele que estou preocupada, Val. É comigo! — Aceitei o fato revirando os olhos, num protesto a mim mesma, e ciente de que elas não testemunhavam tamanha indignação.

— Fale o que está passando nessa cabeça, pequena. Sabe que estamos aqui para ajudar no que precisar. — Mary não devia ser gente, porque tinha até voz de anjo, calma e bondosa.

— Nem sei direito. É que antes, eu podia descarregar a ira toda no Bittencourt, só que hoje, ele me desarmou. Foi como se todo o peso da culpa, que eu deixava pra cima do cara, recaísse sobre mim. E de novo parece que traí a Rafa... *Tão* me entendendo? Eu não a protegi da Giordana; não estava lá quando mais precisou; e agora, quero o amor da vida dela; ser a mãe do filhinho dela... E pra completar, perdoei o canalha do ex dela! Sem falar nos horrores que falei pra minha mãe, justamente porque um dia, ela o perdoou

também. — Terminei o discurso, sentindo-me incapaz de me perdoar.

As meninas se viraram e me abraçaram.

— Quel, menos! Nem se esforçando, conseguiria ser esse carrasco que está pintando — foi a Mary quem me consolou primeiro. — Não é feio perdoar os outros, pelo contrário. É sublime!

— Verdade, amiga, a Mary tá certíssima! — Val concluiu. — Esse drama é efeito do espumante que tomou e daqui a pouco, já era... Tem coisas que não temos como controlar. E de todas essas que você relacionou: metade não dava para mudar e a outra metade foi à ordem natural da vida. Você e o Dan estão apaixonados. Não tinham o poder de salvá-la do próprio destino; e independente da ausência ou presença da Rafa, teu sobrinho sempre foi como um filho pra você. Não está roubando nada dela. Nem mesmo a culpa que era do Marco, tá bem? Então pare de falar merdas e durma.

Ah! Que simples...

E apesar de ter demorado um pouco, cansada de argumentar, eu dormi, por muitas horas. E quando cheguei a casa, propositalmente, bem tarde da noite, todos já haviam se recolhido.

Reli as mensagens que troquei com Daniel. Ele era calma para meu coração aloprado. Cada frase fazia minha imaginação se esbaldar e criavam desenhos em minha mente: Ora via o contorno de seus lábios se abrindo para mim, ora a luz dos olhos capazes de acabar com qualquer escuridão; depois as mãos fortes me segurando com precisão, dando o amparo que tanto necessitava.

Dan: *Ainda que fuja o dia todo, moça bonita, se eu não morrer de saudade, estarei esperando para falar do amor que sinto por você!*

Quel: *Cara, você ainda vai me matar de tanto sentir...*

Dormi reprimindo a enorme vontade de chamá-lo para meu quarto, para meus braços, para dentro de mim.



Com o arrastar dos dias, eu me dedicava ao consultório e a instituição.

Pouco via Valdirene. A viagem que faria para casa de seus pais com o Fábio reivindicava todo o tempo livre dela, então a maioria de nossas conversas era pelo *Whatsapp*, já que a Mary era ainda mais ocupada que todas.

O chefe mor se rendeu, admitiu que não poderia ficar sem a competência de Daniel e que não fazia nenhum sentido mantê-lo afastado por mais tempo, por causa de acusações sem qualquer fundamento. Desse modo, ele retornou ao trabalho. E tudo ficou esclarecido com as imagens que o detetive entregou a Dan, num *pen drive* e que ele não me deixou ver, por considerá-las muito fortes.

Ainda havia muita tensão em casa e todos falavam assuntos triviais e aquela situação era, no mínimo, constrangedora. Queria poder estar com Daniel e não apenas perto dele, sob o mesmo teto. Era insuportável e nos devorávamos com olhares famintos e ansiosos, mas acreditávamos que seria questão de tempo para que tudo se acalmasse. Em respeito à carência da mãe, eu continuava afastada dele.

Iolanda continuava triste e me fazia uma baita falta. Havia passado da hora de acabarmos com o clima ruim e naquela tarde, antes de sair para buscar Rafinha na escola, eu me ofereci para ir com ela.

— Não vai à fundação hoje, Quel?

— Quer alguma coisa de lá? O que acha de pegarmos o Rafinha e darmos um pulo lá?

— Ótima ideia. Tinha que levar algo para a Mary, e não lembro o que era... Ah! As crônicas do *Blog Textos Soltos*, que o Osvaldo imprimiu...

— Jura? Você conseguiu com a Claudia Vilas Boas? Ela que enviou?

— Sim, foi muito atenciosa. E as crônicas são mesmo ótimas. O pessoal vai adorar. Vou busca-las e pegar minha bolsa... — distraída, ela passou por mim e parecia falar consigo mesma. — Já volto.

— Mãe... — Segurei-a pela mão e seus olhos tristonhos me encararam. — Por favor, mãezinha, desculpe! Entendo o quanto está sendo difícil. Só quero que saiba que nem tudo que disse era verdade. Falei da boca pra fora, só estava nervosa. Exceto o que sentimos, eu e o Dan. Isso é muito verdadeiro e sério. E não conseguimos controlar. Aconteceu e até tentamos lutar, mas...

— Quel, minha filha...

— Perdoe, não posso escolher entre você e o Dan... — implorei e desmontei em seu ombro estreito e acolhedor. — Por que amo você, mãe.

— Filha, eu também peço perdão. Nunca deveria ter...

— Shiiii... Não fale... — pedi limpando as lágrimas e segurei sua cabeça entre as mãos. — Foi mal, mãezinha, não suporto te fazer chorar. — Meus polegares percorreram o espaço sob seus olhos e me agarrei a ela de novo.

— Vamos ficar bem, filha. Na boa — ela me imitou e sorriu entre as lágrimas, esforçando-se para entender o meu lado. — Só me dê um tempo, tá bom?

Aquiesci e ela fez um carinho em meus cabelos, ajeitando minhas tranças e subiu para pegar a bolsa.

Rafael ficava radiante quando íamos buscá-lo e ainda mais quando o fazíamos em dupla. O pequeno era muito afetuoso e encheu a cada uma de beijos. O rostinho suado e o uniforme sujo revelavam que a tarde fora muito mais que aprender a juntar letras.

— Piá, você parece um porquinho. Fedido da tia.

— Hei, não sou um porco, sou um leão e vou te atacar — e rugiu, com as mãozinhas levantadas, imitando as garras de um felino feroz.

Sentei no banco traseiro com ele, enquanto a vovó nos levava ao *Brilho Eterno*. Rafinha foi se aquietando com o balanço do carro, demonstrando a exaustão do dia.

Nice estava sentada no jardim esperando por sua família. Rafa correu e só parou para colher um lindo cacho de hortênsia azulada, que entregou à idosa.

— Pra você, vó Nice. — Ofereceu estendendo a flor diante dela.

— O que trouxe pra mim hoje, meu menino? — ela quis saber e sorriu com as mãos no ar à procura do presente.

— Rafinha, coloque a flor na mão da vó Nice, está bem? — Ele fez como a vó pediu. — Para que ela possa “vê-la”.

— Ah, muito obrigada, querido! Você é um cavalheiro, puxou ao seu pai, não foi?

— Eu que não *saiba*! — Rafael deu ombros e sorriu satisfeito com o elogio que não entendeu.

— Quer que te levemos em casa, Nice? — perguntei, pois sabia que às vezes se cansava um pouco à espera.

— Não, linda, hoje a Milena não deve demorar.

— Vó Nice, como sabe que a tia Quel é linda, se você não pode ver?

— É muito fácil, meu anjo. Feche os olhos. — o menino obedeceu, apertou bem os olhos, fazendo uma careta com o nariz arrebitado enrugado.

— Sente um vento quentinho, bem gostoso em seu rosto?

— Siiimm — Rafa, assentiu.

— E esse perfume, está sentindo? — De novo, concordou com alegria.

— Sabe o que é isso? É a beleza da sua titia. Quando as pessoas são lindas por dentro a gente não precisa ver pra saber, isso emana para o lado de fora. Basta sentir a energia delas...

— O que é “*anergia*”?

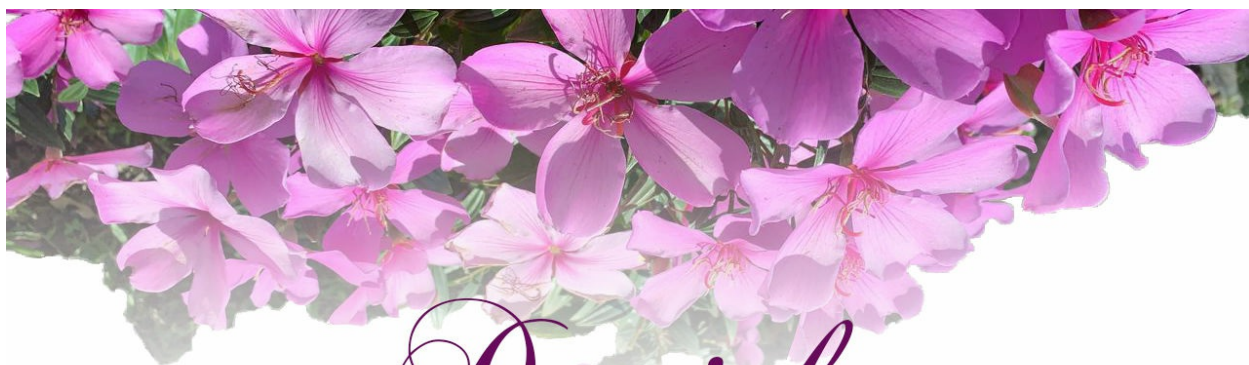
— Energia é esse ventinho gostoso, misturado ao perfume cheiroso que sentimos quando uma pessoa linda se aproxima da gente e que nos deixa felizes. Entendeu?

— ãham!

— Nice, você é mesmo excepcional — mamãe elogiou.

E quando ambas saiam de braços dados, porque Milena buzina no portão, Daniel chegou.

Não me importava o quanto de tempo fosse preciso. Poderia ficar naquele carro, seguindo-os dia e noite. Era só o que me restava da vida e meu único propósito.



Daniel

CAPÍTULO 46

Convenci Plinio a dar uma licença para Juliana, ao invés de demiti-la, sob a condição de que ela iniciasse um tratamento, com urgência, junto a um especialista. Ele primeiro reclamou, no entanto acabou por concordar. Garantiu que cuidaria para que aquilo acontecesse. O médico tentava se redimir por ter me afastado por pura falta de confiança, porém insistia que fora a decisão certa, para evitar que minha carreira fosse abalada.

Quase ao final do expediente, Iolanda avisou que estavam no casarão e foi para lá que corri ao terminar de cumprir a agenda do consultório.

Ao longe, vi Raquel sentada na escada da varanda do casarão. Os fios soltos dos cabelos rebeldes, misturados às tranças meio frouxas, ondulavam ao vento que prometia chuva para à noite. Rafinha foi ao meu encontro e do alto da minha garupa, acenou à avó que caminhava de braços com a dona Nice.

— Sabia que a tia Quel é linda porque ela tem cheiro bom, que deixa a gente feliz? A vovó Nice disse.

— Ela disse é? Acho que então é verdade — concordei, achando graça da informação do pequeno professor.

Ao chegarmos perto da moça sorridente, logo percebi um brilho diferente em seus pedacinhos de mar verde, e ele continuou.

— Feche os olhos, papai. — Obedeci. — Sente esse calorzinho de

cheirinho gostoso?

Inspirei fundo e demonstrei minha satisfação com odor do perfume das flores trazido pelo vento.

— Hmmm... É muito bom!

— Então, é a lindeza da tia Quel. Viu!?

Rimos com a simplicidade de sua explicação. Quel agradeceu ao sobrinho e eu me sentei ao lado dela, admirando a beleza do meu filho. Orgulhoso por ser tão amoroso e inteligente.

— Estava morrendo de saudade de você! — confessei e deixei que minhas íris apaixonadas bailassem com as dela.

— Eu também, amor. — Seus dedos finos me acariciaram os cabelos e não consegui manter as pálpebras abertas, tão deliciosa era a sensação de sentir a suavidade daquele carinho.

— Parece feliz!

— Conversei com a mãe. Acho que teremos uma trégua — ela sussurrou e daquela vez os dedos passeavam por minha barba que despontava.

— Iolanda é uma pessoa sensacional. Talvez estivesse insegura. Preocupada com Rafael, e com todos, mas acredito que acabará entendendo.

— E você? Algo novo?

— Nada. Confesso que estou um pouco angustiado. Juliana tem algo grave e o Plínio vai encaminhá-la para tratamento. O quebra-cabeça não se completa, ainda falta muita informação sobre o que a levou a enlouquecer.

— *Tá ligado* que ela está obcecada em você, né? E sabe o quanto isso é perigoso!

— Sim. Acredito que tenha a ver com a morte da mãe. Ela surtou na última noite em que estivemos juntos. Cantava uma canção de ninar. Isso está me intrigando.

— Canção de ninar? Espera... — Quel pensou por algum tempo e com o celular na mão abriu o *Facebook*. — Olha isso!

“Enquanto espero meu amor, faço comprinhas de presentes para o baby.” - 148 curtidas.

— Ela comprou roupas de bebê quando esteve comigo em Frankfurt?

— Sim! Caraca! Achei que “*baby*” fosse uma referência a você!

— Eu? — Dei uma risada de escárnio e Quel fechou a cara. — Tá louca? Lá tenho cara de bebê de alguém?

— E se ela estivesse grávida?

— Não acho provável. O fato de ter comprado roupas, não quer dizer nada. Poderiam ser presentes pra alguém.

— Poderia! Se agora não estivesse louca e cantando canções para bebês imaginários dormirem. Não acha isso muito estranho?

— Acho...

— Já imaginou o quanto poderíamos ser felizes, caso não existisse essa Juliana em nossas vidas? Apesar de que não consigo parar de me condenar. Isso só é possível porque a Rafa não está mais aqui.

— Não sabia que era tão masoquista quanto eu.

— Pensa isso também?

— O tempo todo.

— Acha que ela pode estar odiando a gente, de onde está?

— Não acredito nisso.

— Não acredita em Deus? Em céu e inferno? Vida após a morte? Em que você crê?

— Penso que as pessoas precisem acreditar e que isso faça bem a elas, de alguma forma. Acredito que já senti a Rafa muito próximo de mim, porém tenho consciência que foi devido à vontade de tê-la perto. Isso pode ter me levado a imaginar...

— É um mistério, no entanto muito provável de acontecer. Tantas coisas são inexplicáveis.

— Certa vez, numa conversa com seu Zé, tentei negar meus sentimentos e o homem riu como se eu fosse um tolo.

— Por quê?

— *“Dante, não seja bobo, rapaz! — ele disse zombando de mim. — Negar não vai mudar e nem parar a rota do universo. Já está tudo determinado. Talvez engane quem não te conhece direito. Mas eu sei que esse brilho que agora traz no olhar é reflexo do brilho dela. E ainda que não acredite, esse universo é Deus! Não se negocia com Ele, entendeu?”*

— Pai, quando que a gente vai pra casa? Rafinha tá com fome “ele”.

— Tá com fome “ele”? Ah! Lindo da tia! — Quel se divertia com forma que o sobrinho falava.

Antes que eu pudesse responder, minha sogra se aproximou.

— Podem ficar, filhos — As palavras dela nos surpreenderam e deixaram Quel boquiaberta, encarando-a. — Eu levo o Rafa e adianto as coisas com ele.

— Mãe... — apertei suavemente o braço da moça, como um sinal de

que não dissesse nada.

— Obrigado, Landa.

Depois de beijos e abraços, Rafael saiu saltitante de mãos dadas com a avó.

— Parece que temos uma aliada — afirmei sorrindo e Raquel aproximou os lábios dos meus.

— Não *tava* mais aguentando ficar longe de você, homem da porra.

E eu a beijei, rindo por ainda estranhar o modo displicente como agia e falava; apaixonado pela sua juventude; e contagiado pelo amor que nos envolvia.

— Vamos entrar... Por favor... — sussurrei ainda grudado a sua boca.
— Eu preciso de você.

— Vamos fazer aqui, no gramado, todo mundo já foi embora.

— Não, nem vem... Vamos entrar, sua maluca.

Eu a puxei pela mão e corremos pelo jardim até estarmos na sala do casarão. A euforia da moça me envolvia e dominado pelo tesão que me consumia há dias, arranquei sua roupa e me liberei da minha, ansioso por ser tocado, beijado, devorado minimamente por ela.

— Amo tanto você, Daniel! Não entendo como as pessoas podem pensar que isso seja pecado — afirmou entre um beijo e outro, uma lambida e outra. — Não pode ser errado, mas se for... Eu quero pecar!

— Não é pecado, Quel. E que se dane se for. Pouco me importo com as penitências... Eu te amo, moça bonita e isso por si só, já vale muito a pena o pecado.

E fizemos amor naquele clima. E não cansei de repetir o quanto a amava, por todo tempo que estive dentro dela, até senti-la estremecer em meus braços, contorcer-se de prazer e quase perder os sentidos, arrebatada por todo meu querer.



Naquela noite o clima de paz praticamente se restabeleceu em nossa casa. Jantamos descontraídos e apesar de tentarmos evitar as demonstrações de afeto, nossos olhares se perdiam, o tempo todo, um no outro. Raquel tinha um jeito todo especial de fisgar para si a minha atenção, com pequenos

gestos, como segurar os objetos com a mão esquerda, já que era canhota; gargalhar e falar alto e no mesmo tempo que os demais; de ainda deixar escapar algumas gírias tão peculiares da juventude e estilo dela. E eu, quase babando, perguntava-me em que combinávamos. E a resposta era sempre a mesma: em nada! E aquilo estava perfeito pra mim.

*Dia de me divertir um pouco.
Estava tão animada.*



CAPÍTULO 47

Acabei de atender a última paciente, uma adolescente que ficava muito aliviada depois de cada sessão. Então enquanto dirigia, eu me perguntava como era possível que me sustentasse ajudando a administrar os problemas dos outros, quando os meus pareciam cada vez mais impossíveis. Já que não conseguia chegar à conclusão nenhuma, tentava pelo menos chegar ao apartamento da Val, porém estava muito atrasada.

— Esse trânsito tá cada dia mais caótico, horroroso. Não rolou vir mais cedo. Foi mal, amiga.

— Na boa, disse que te esperava. Não podia sair sem dar um beijo na minha madrinha. — Fui abraçada por uma mulher genuinamente feliz. — Depois, tô tão contente que nem atrasos estão me irritando. Parece que as nossas vidas estão entrando nos eixos, né, Quel? Porra, nem acredito.

— Desculpa por nunca ter botado fé que o Fábio fosse levar o relacionamento de vocês a sério. *Tô pagando* a língua. E ainda vou ter a honra de ser madrinha desse casamento. — comentei um pouco sem graça e mudei de assunto em seguida. — Tem café, Val?

— Na térmica. — Val apontou em direção à cozinha e me seguiu até lá. — Não se desculpe, ele foi mesmo um babaca de merda, à maioria das vezes, nem eu acreditava.

— Tomara que não tenha uma recaída.

— Vira essa *boca de caçapa* pra lá. — Ela bateu três vezes no tampo de madeira do aparador. — Tô rezando que a mãe e o pai gostem dele.

— Ele que se esforce. Na real, o cara é tosco, mas é simpático — brinquei e beberiquei um gole do café. — Eca, de quando é essa porra? Três dias atrás?

— Ontem à noite. Temos que ir, amiga. Prometo fazer café novo pra você, quando eu voltar. — Ajudei-a com as mochilas e seguimos para esperar o elevador. — Mandeí as instruções sobre a comida dos gatos, pelo *Whatsapp*.

— Já vi. Pensei que gatos não fossem tão frescos pra comer.

— Não são — Val afirmou enquanto descíamos. — Mas costumam brigar quando ficam sozinhos. Tem que dar uma latinha de comida pastosa pra cada, em lugares separados e esperar...

— Tá, já sei... Dar a quantidade certa, esperar que comam, lavar os pratos, deixar água fresca no bebedouro... Que trabalhadeira!

— Lembra onde é?

— Claro. Quantas vezes já estivemos na casa da tua vó?

— Você vive se perdendo. Aah! Não esqueça de molhar as samambaias e violetas... — Olhei pra ela, com a *cara amarrada*. — Obrigada por *quebrar* essa pra mim. É só hoje. Amanhã é sábado, a vizinha estará em casa e cuidará deles. Ah, bem lembrado! Tem que deixar a chave no vaso que tem naquela varanda, na entrada dos fundos. A vovó fez o favor de esquecer de deixar a dela, antes de viajar.

— Val, você já repetiu isso um milhão de vezes e enviou mensagem, qual seu problema?

— Ok. Estou nervosa. Nunca fiquei noiva na vida. Dá um desconto.

— Para com isso! Imagina quando for casar! Vai dar tudo certo, amiga. — No térreo, segurei a porta de aço, com o pé, e a abracei, forte e cheia de carinho. — Aproveita o momento. Relaxa e vai ser feliz.

— Amo você. Aproveite a trégua da Iolanda e curta o doutor gostoso também. — ela faz um gesto de quem paga um boquete imaginário.

— Nem precisa pedir — Revirei os olhos e sorri com malícia apenas por pensar na possibilidade. — Tchau, boa viagem. Também te amo.

Val desceu para a garagem do subsolo e eu caminhei para pegar o carro que deixei estacionado no meio da quadra.

Coloquei o celular na base e liguei o *GPS* para seguir pelo melhor caminho. Apesar de ter ido algumas vezes àquela casa, a motorista era

sempre a Valdirene, logo, eu não me preocupava em decorar o trajeto.

Ri ao pensar que Bob era tão simples, com ele não tinha essa de horário, quantia, comida era sempre bem-vinda. Teria quase uma hora de percurso, só de ida, para alimentar os enjoados Paul e John. Meu riso se fechou quando um arrepio percorreu minha espinha ao me lembrar de Aníbal e a forma trágica como morreu. Eu tinha medo da Juliana e da quietude dela.

Liguei o som para espairar e dirigi rumo a Araucária, na região metropolitana, ouvindo e cantando “Manto de Estrelas”, dos queridos amigos, do *Objeto Acústico*. A semelhança da voz do Mauro com a do cantor Renato Russo era inacreditável e a parceria com o César deu super certo. As canções autorais, daquela dupla, eram tão lindas que eu não via a hora que vê-las ganharem o destaque merecido.

*Então o sonho distante, de repente se tornou realidade
A fragrância mais doce e a lua mais clara, pura verdade!
O universo mudou, porque minha alma na tua se encontrou
Sob um céu vestido de estrelas, que nos...
Que nos guiou...*

Era impossível não pensar em Daniel, ouvindo aquela letra maravilhosa. Não fosse saber que naquele horário, quase fim de tarde, ele estava de plantão no *Medicina Moderna*, teria enviado uma mensagem pedindo que fosse me encontrar e conhecer aquele lugar, distante, porém agradável. Como eu havia me amarrado num homem ocupado e muito, extremamente dedicado e apaixonado pela profissão, teria que dividi-lo com ela pelo resto da vida. Aquilo era fato.

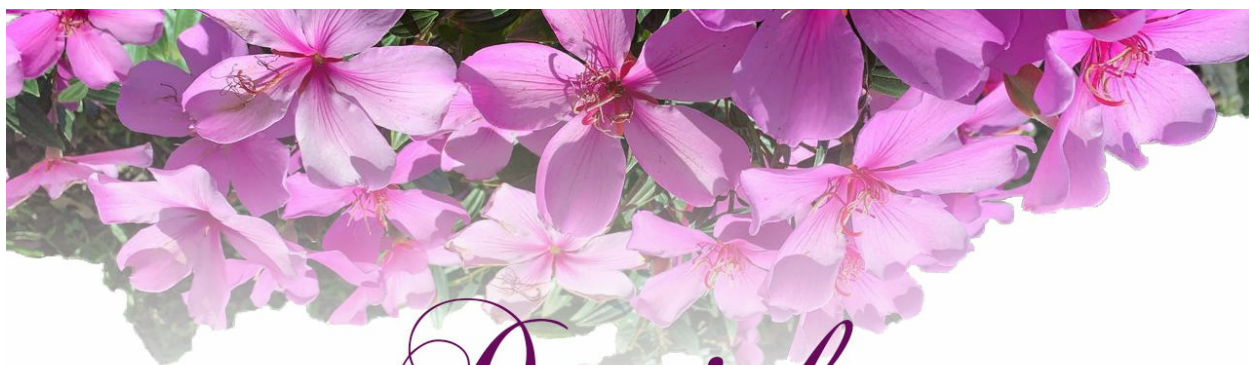
*A um abraço, a um beijo.
Almas e corpos enlaçados
Somando dois como um, pra jamais se desatar
Um presente divino no presente, como quis o destino
De ter a mente cativa e feliz, pelo enlace invisível do amor...*

— Malditos! Vocês não perdem por esperar. Eu tentei de tudo, Daniel!

Ahhhhh... Pare de enganar a si mesma. Você é uma porcaria e não presta nem para recuperar o que é seu!

— Chega! Acabou! Vai devolver o que é meu! É a minha vida. Não podem fazer isso comigo.

Vai, Juliana! Coloque pra fora! Tire de você tudo que é ruim! Acabe de uma vez por todas com isso!



Daniel

CAPÍTULO 48

Finalmente estávamos conseguindo respirar de novo. O plantão fora cansativo naquela tarde, mas o prazer de poder voltar a salvar vidas era indescritível. Ademais em casa, as expectativas de ter meu relacionamento aceito, em especial por Iolanda, fazia com que novos horizontes se projetassem. A perspectiva de ter um futuro ao lado da mulher que amava, sem que para isso tivesse que dividir a família, fazia-me sorrir, sentir-me grato e com imensa vontade de viver, além de existir.

— Dan, teu telefone está tocando há algum tempo, cara — Leo avisou ao passar pela saleta onde eu checava alguns exames. — Não aprendeu a lição? Vai largando o celular em qualquer canto até tomar outra invertida — retrucou com ar de deboche.

— Tem razão — assumi o erro e fui para minha mesa descobrir quem me ligava.

— Diga, Luciara. — A surpresa não foi boa e atendi a contragosto, com receio do que Juliana poderia ter aprontado.

— Doutor Daniel — ela falava alto e com aflição na voz. — Precisa vir pra cá, agora, por favor! É muito importante!

— Estou trabalhando. O que houve?

— Agora, doutor. Venha agora!

Deixei uma forte lufada se desprender da boca e, sem alternativa, tirei o jaleco, apressado em avisar ao Leonardo.

— Leo, eu preciso sair mais cedo. Ligue se precisar, ok?

— Aconteceu alguma coisa?

— Espero que não. Conversamos depois — propus e bati em suas costas, despedindo-me e quase correndo em direção do estacionamento.

Escurecia quando cheguei e ao deixar o elevador, fiquei em dúvida entre ir ao apartamento da Juliana ou de sua amiga. Optei pelo primeiro.

A porta estava escancarada e um verdadeiro caos se estabelecera ali. Copos e garrafas quebrados, roupas, papéis, móveis revirados e jogados por todos os cantos. A amiga da mulher mais louca que já tinha conhecido surgiu atrás de mim.

— O que houve aqui?

— Não sei... Ela parecia bem... Eu mesma a levei às consultas com o psiquiatra. Hoje a deixei e fui fazer um bolo. Quando voltei para trazer, encontrei tudo desse jeito e a Juli tinha sumido.

— Porra! Eu devia ter previsto que isso ia acontecer, ela estava muito quieta. Sabe onde pode ter ido?

— Daniel... — A mulher magra e de feição nervosa caminhou até mim e percebi o pavor em seus olhos, ela tremia e lágrimas grossas começaram a descer pelo seu rosto pálido. — Desculpe por tê-lo acusado, não pensei... Não fazia ideia...

— Ideia do quê? O que descobriu?

Sem responder, a moça virou o corpo e apontou para o corredor, em direção ao maldito quarto que Juliana mantinha trancado às sete chaves e foi para lá que me dirigi a passos largos, tentando desviar, sem sucesso, dos objetos destruídos e espalhados pelo chão.

Na porta, eu paralisei e não conseguia assimilar o que acontecia. A sensação foi de ter garras apertando minha garganta, sufocando-me, apossando-se da minha capacidade de respirar.

— Eu encontrei isso. — Peguei o papel que Luciara me estendia.

Eram anotações sobre horários das consultas da Quel. Então me dei conta de que algo horrível iria acontecer.

Devagar, eu abri a porta que só estava encostada. Uma dor dilacerante percorreu todo o meu corpo, e fazia pensar que meu coração estava sendo arrancado do peito.

— Sinto muito — a voz chorosa murmurou ao se aproximar e um

grito torturante deixou minha garganta. — Eu sinto muito mesmo... — repetiu, emocionada e deveras assustada.

Meus joelhos dobraram e chorei, copiosamente. Luciara se abaixou ao meu lado e também em lágrimas, ameaçou me tocar, mas não ficou confortável a fazê-lo. Escondi o rosto, pressionando a palma da mão na testa. Implorando que aquele sofrimento não fosse real, que aquilo não estivesse acontecendo de verdade.

Saquei o telefone do bolso e sem pensar no estado lastimável em que me encontrava, liguei para Iolanda.

— Oi, filho... Dan?

— Landa, onde vocês estão? O Rafael está com você?

— Sim, estamos em casa. Acabamos de chegar da escola. O que houve, Dan? — Nunca na vida senti tanto alívio.

— Landa, tranque a casa e não deixe em hipótese alguma que ninguém se aproxime do Rafa. Onde está a Raquel?

— Dan, está me assustando. O que aconteceu?

— Onde está a Quel? — repeti, aos gritos, exasperado, pouco me importando com as queixas dela.

— Eu não sei. Não voltou do trabalho ainda...

— Ligue para ela e peça que vá pra casa e me esperem aí. Eu não devo demorar... — ordenei e não esperei pela resposta.

Inspirei. Estava sufocando, desesperado por ar. Precisava recuperar o controle, e sem pensar direito, eu mesmo fiz a ligação para Raquel, porém o celular estava fora de área.

— Vou até em casa fazer um chá pra você. — Luciara avisou e saiu de cabeça baixa. Talvez por entender que eu precisava de espaço e aquele ambiente tornou-se pequeno demais para dois. Não sei quanto tempo levei até ter coragem de me colocar para dentro daquele circo de horrores.

Odiava a periferia, porém nunca imaginei que comprar uma arma fosse tão fácil. Maravilha!

Uauuu! Nada poderia vir mais a calhar do que uma pequena viagem! Agora é com você. Vai lá e acerta as contas com a vadiazinha!



CAPÍTULO 49

A casa da vó Diva era um encanto. De estilo alemão, antiga, com direito a sótão e ali naquele quintal, Valdirene fora criada. O balanço onde ela brincava na infância, ainda fazia parte da decoração do jardim. Brincaria ali, caso não fosse tão tarde.

Já estava escuro e logo que abri a porta, os bichanos vieram reivindicar o jantar. Miavam de maneira aguda e se esfregavam de um lado para o outro, em minhas pernas, nervosos. Acariciei cada uma daquelas fofuras e fui para a área de serviço, aos fundos, tomando cuidado para não escorregar nos tapetinhos de crochê assassinos, como aquele que me derrubou noutro dia, no apartamento da Val.

Lavei os pratinhos e segui todas as instruções de como alimentar os *pets*. Eles eram idênticos. Ambos bem peludos, brancos e de olhos azuis e eu não sabia quem era John e quem era Paul. Tanto fazia, já que vó Diva sempre foi fã, por igual, dos dois Beatles, ela dizia.

Os gatos pareciam agitados e deduzi que estivessem sentindo falta da dona.

— Ah, seus lindos! Estou com pena por terem que ficar sozinhos, mas *mano*, não posso levar vocês. O Bob é legal, só que isso ele não perdoaria.

Incrível era que me respondiam. Miavam e miavam e só calaram

quando foram servidos.

Enquanto comiam, voltei em direção à sala e procurei meu celular na bolsa e só então me toquei de que havia deixado no carro.

— Tonta...

Peguei as chaves e dei uma corridinha até a rua. Antes tive o cuidado de bater a porta, por Deus, dona Diva me mataria se um daqueles meninos fugisse.

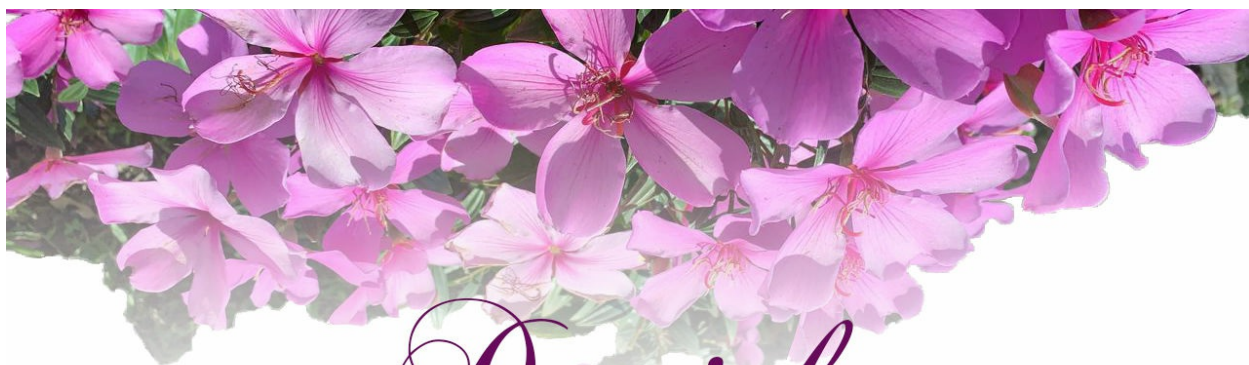
Acionei o alarme e tão logo peguei o aparelho, voltei distraída verificando se havia alguma mensagem. Apenas uma, da Val, avisando que estavam a bordo e em breve voariam para Porto Alegre. Respondi que ainda estava em Araucária e quando cheguei de novo aos fundos, estranhei ao perceber a cozinha aberta. Voei para área de serviço e os gatos, alheios, ainda comiam, pareciam esfomeados.

Desconfiada, espiei o corredor. Tudo estava quieto. Ainda que acreditasse que apenas não fechei a porta direito e que, apesar de não ter vento, ela se abriu, eu girei a chave e a tranquei por dentro. Ter estado lá outras vezes, não diminuiu o fato de a casa ser estranha para mim, grande demais, e a penumbra já tomara conta de tudo. Por garantia, por cada cômodo que passei, acendi a luz, até chegar à sala.

A merda do interruptor ficava na outra parede, coisa de construção antiga e de engenheiro sem noção, só podia, foi o que pensei. Desatenta, larguei o celular sobre a bolsa, num sofá qualquer. Quase tocava o interruptor, quando uma voz me sacudiu e fez minhas pernas tremerem.

Esse não é um bom lugar... Vai ter que tirá-la daqui. Já sabe do que estou falando... Leve a piranha para o mato... Talvez aquelas chácaras horrorosas que seu avô insistia em comprar, sirvam pra alguma coisa agora.

As vozes...



Daniel

CAPÍTULO 50

Fiquei algum tempo confuso, tentando imaginar quem era o bebê que sorria na foto gigante, que revestia toda a parede, acima do berço. Num primeiro momento, ao vê-lo, cheguei a pensar que fosse Rafael e aquele foi o primeiro choque que tomei.

O pequeno móvel estava finamente arrumado. Pronto para ser ocupado, a qualquer momento. Uma cortina de proteção contra insetos o rodeava do teto até o chão. Havia um móvel de carrinhos e um daqueles que tocam músicas. Puxei a cordinha e o som da mesma canção de ninar, que já ouvira tantas vezes, ecoou pelo ar.

Diante de mim havia um quarto de bebê, decorado por profissional, completo, delicado, equipado com armários, gaveteiros, bichinhos de pelúcia e brinquedos dos mais variados. O lugar parecia, até então, ter sido cuidado com exímio carinho. Nada estava fora do lugar. O cheiro da colônia infantil, que sempre sentia no apartamento, era mais forte ali.

Afixadas num mural, várias fotos impressas, em diferentes formatos e tamanhos, das pessoas que eu mais amava, e que destoavam da decoração. Rafaela, Raquel e Rafinha todos com as cabeças cortadas ou com pequenos alfinetes espetados na altura de seus corações. A loucura era tão óbvia em cada detalhe, como à tinta vermelha, representando sangue, em cada um dos

cortes. E a que mais me machucou, fora da Rafa ainda grávida com duas riscas vermelhas em forma de X sobre o ventre. Cheguei a pensar que estivesse num grande pesadelo e implorava para acordar e acabar com aquele inferno.

Apressado e juntando forças, abri o armário. As roupinhas também estavam minuciosamente organizadas por cor e até tamanho.

Do maleiro, tirei uma a uma, das várias caixas grandes e coloridas, e as depusitei no chão, onde sentei, rezando para encontrar algo que me fizesse entender o que aquilo significava. E meu Deus, era inacreditável o verdadeiro dossiê de minha vida que Juliana guardava ali. Fotos, notícias, documentos, matérias e artigos científicos, absolutamente tudo que fora publicado, em algum momento, em jornais ou internet. Tudo devidamente recortado, datado e organizado em folhas brancas, plastificadas.

Numa outra pasta, todas as informações sobre o incêndio. Imagens, obituário, fotos do velório, notícias sobre o Marco, Giordana, julgamento... Mas o que mais chamou minha atenção foi um retrato da Rafa e da Juliana juntas. Na legenda: “Curso de gestante”. Aquilo me fez pensar a quanto tempo ela estava escondida, porém armando sua aparição. Eu não conseguia entender o que havia acontecido. O que a tornou aquele ser tão louco e obcecado...

E finalmente, numa caixa azul, além de muitas fotos do bebê, encontrei uma certidão de nascimento de Daniel Dante Vásquez Caputo, filho de Juliana Vásquez Caputo, nascido em Trento. Rapidamente, virei para o enorme pôster e um frio me percorreu toda a espinha. Remexi fundo à memória e voltei para o ano que morei na Alemanha e uma dor me consumiu. Apertei as pálpebras e puxei todo ar que consegui, para dentro dos pulmões, mas não parecia o suficiente para respirar. A verdade me atingiu como uma avalanche, nua e crua e impiedosa. Nós tivemos um filho.

Aproximei um pouco do retrato estampado no papel de parede, e reconheci os meus olhos no garotinho de aproximadamente uns seis ou sete meses, que mostrava um sorriso de dois dentinhos na arcada inferior.

— Onde você está, pequeno Daniel?

Levantei a tampa de um notebook e a tela se abriu na minha frente. Ela tinha certeza que nunca ninguém entraria ali, antes daquele surto, talvez por isso, não tivesse se preocupado em usar uma senha. Cliquei em várias pastas e numa delas havia muitas fotos e até vídeos do pequeno Daniel, porém nenhuma parecia atual, o que me fazia pensar no pior.

Um pressentimento ruim me ocorreu, quando abri a pasta intitulada: “Mamãe”, cujo conteúdo era notícias sobre o assassinato de Samara Vásquez Caputo, morta ao ser atirada de uma escada, com uma perfuração de salto no abdome, durante um surto psicótico da própria filha: Juliana.

— Meu Deus!

Saí em disparada quase em modo automático. A aflição que estava sentindo já me fizera companhia no passado, e só me fazia pensar que precisava estar perto e proteger minha família ou o pior aconteceria de novo.

Dirigia apressado e tentava insistentemente localizar a Quel, porém ela não atendia a porra do telefone.

— Iolanda — gritei quando ouvi minha sogra do outro lado da linha. — Onde está a sua filha? Diga que ela já está aí com você, por favor!

— Não, Dan. Eu já liguei pra todos os lugares. Ninguém a viu. A secretária dela, disse que Raquel saiu do consultório por volta das cinco. Pelo amor de Deus, por que não me fala de uma vez o que está acontecendo?

— Eu estou indo pra aí, e conversamos. Não saia de perto do Rafinha e continue tentando achar a Quel.

Desliguei e desesperado soquei o volante, culpando-me. Não deveria ter me envolvido com aquela maluca e dado chances para ela se aproximar. Eu a subestimei e coloquei todos em risco.

— Merda, merda, merda...

Novamente, peguei o celular e daquela vez, tentei o número da Juliana e nada aconteceu.

Estacionei o carro do lado de fora e entrei em casa sem dar atenção para o Bob que choramingou atrás de mim.

— Cadê o Rafael?

— Daniel? Você...

Subi em disparada e encontrei Rafinha num sono tranquilo e profundo. O ruído das forças que eu perdia, comparava-se ao do baque do meu corpo, sucumbindo ao chão.

— Daniel, fale agora o que aconteceu com a minha filha! — ela exigiu, nervosa, tentando se controlar para não acordar o neto.

— Não aconteceu nada, Landa. Não pode ter acontecido nada — era quase uma prece que eu fazia, enquanto esfregava o rosto, tentando clarear a vista embaçada pelas lágrimas e a mente atordoada pelos pensamentos soturnos.

— Você não estaria nesse estado, caso não tivesse certeza de que algo

muito ruim...

Levantei e rapidamente a afastei da cama do menino e a guiei para o corredor.

— A Juliana teve um surto e desconfio que esteja com a Raquel. — Ela baqueou e segurou o peito em aflição.

Apoiei a mulher pálida, para que conseguisse chegar ao outro quarto e a ajudei a sentar. Ela inspirou profundamente e deixou as lágrimas descerem pelo rosto, com pesar.

— Não pode acontecer isso de novo...

— Peça ao Osvaldo que venha pra casa agora... — pedi lhe sacudindo os ombros para que prestasse atenção ao que eu falava.

— Ele já está a caminho — avisou, com dificuldade e apreensiva. — O que vamos fazer, Daniel?

— E a Mary? A Val? Você conseguiu falar com elas?

— A Mary não sabe de nada e a Val não atendeu quando liguei — Ela pegou o celular da minha mão e tentou contato, mais uma vez, com a Valdirene e graças a Deus, conseguiu.

— Val, é a Iolanda... — Ela fez uma pausa, ouvindo a amiga da filha. — Eu tentei falar com você mais cedo. Sabe onde a Quel pode estar agora? — Mais uma pausa. — Claro, entendo... Sim, sim... Está tudo bem, querida... Mande agora, por favor!

Iolanda desligou e me devolveu o aparelho.

— Graças a Deus. Quel está na casa da dona Diva, a avó da Valdirene. Foi tratar os gatos...

— Onde? — Antes que respondesse, recebi a mensagem, informando a localização do lugar. — Vou até lá — Meu *iPhone* tocou de novo e pensei duas vezes antes de atender o detetive Gonzaga. — Diga.

— *Doutor Daniel, desculpe o horário, mas não tenho boas notícias.*

— Estou de saída para resolver algo urgente. Podemos conversar mais tarde?

— *Sugiro que ouça, doutor...* — Engoli em seco e deixei que o homem continuasse. — *Juliana ficou internada por ter assassinado a mãe...*

— Não precisei ir tão longe para descobrir isso — respondi com impaciência e rispidez.

— *É completamente louca, doutor, e apesar de às vezes parecer normal, de tempos em tempos, ela tem surtos e...* — Entrei no carro, coloquei o aparelho a viva voz e dei a partida. — *E quando surta, não apenas destrói*

tudo que vê pela frente, mas também machuca pessoas. — Afivelei o cinto, remoendo aquelas palavras.

Só consegui ficar ainda mais angustiado e desesperado por encontrar a Raquel.

— Pelo amor de Deus, pare com esse suspense e fale logo! O que mais descobriu?

— *Aconselho que a mantenham longe. Ela feriu gravemente uma enfermeira e...*

— Algo sobre um bebê? — quis saber, quase adivinhando o que me falaria e sentindo o luto por um filho que sequer poderia supor que um dia tive.

Fique calma! Essa cadela é muito esperta, mas você está em vantagem. Não deixe que ela te domine.

As vozes me guiavam. Nunca me deixavam.



CAPÍTULO 51

— Ou é muito confiante ou é burra! Precisa tomar mais cuidado, minha querida. Qualquer pessoa poderia invadir esse lugar e você sabe: hoje em dia, não podemos confiar em ninguém... — Acendi a luz e tentei raciocinar para não perder o controle.

Juliana estava recostada, quase envolta nas cortinas de *voil*, a uns dois metros de distância. Tinha uma arma e ela a apontava para mim.

— O que você quer? — perguntei, esforçando-me para não gaguejar e parecer segura. — Como veio parar aqui? — Não sabia o que fazer e olhei ao redor em busca de alguma forma de fugir dali.

Ela deu alguns passos, lentos e inseguros. O rosto desfigurado, transtornado. Olheiras escuras e profundas e as íris sem vida, paralisadas, mantinham-se fixas em mim.

— Pare com esse interrogatório. Tua voz me irrita!

— Juliana, ouça... Vamos conversar. Estou disposta a te ouvir. Não sei se você sabe, mas sou psicóloga e...

— Cale a boca, sua vaca... Como é chata! — ela revirou os olhos, exageradamente. — Eu sei tudo que você é: Falsa, dissimulada. Uma putinha que trepa com o marido da própria irmã morta, que era outra desgraçada... — Então ela ficou a um passo de mim.

Havia algo mais, além da arma ostentada pelas duas mãos trêmulas. A moça estava em surto e coisas horríveis acontecem quando uma pessoa entra em colapso. Todo cuidado era pouco. Qualquer mínima frase que eu dissesse poderia irritá-la e ela não tinha nada a perder, porém eu não tinha sangue de barata.

Juliana não estava sóbria. Parecia doidona, sob o efeito de remédios ou drogas. Ocorreu-me bater nela, o revólver voaria longe, no entanto também havia o risco de disparar e a bala me estourar o peito. De qualquer forma, meu coração estava tão acelerado, que poderia explodir dentro dele, antes de qualquer tiro.

— Por que me seguiu até aqui? É o Dan que você quer? — Tentei ganhar tempo, consciente de que aquilo poderia ser pior. — Pois desista! Ele não está aqui... E mesmo que estivesse... — provoqueei, sentindo ódio saltar dos olhos com as lágrimas. — Daniel é um poço de bondade, mas tudo tem limite e ele jamais amaria alguém que coloca a família dele em risco. Largue a porra dessa arma e vamos conversar como duas pessoas adultas.

Ergui a mão para incentivá-la a me entregar o objeto prateado que tremulava e me deixava em completa vulnerabilidade.

Bastou mais um pequeno passo e o cano gelado pressionou a ponta do meu nariz.

Até respirar me apavorava. O peito subia e descia e tive medo de desfalecer com o excesso de estresse e a adrenalina que me assolavam.

Ela fez algum movimento que não acompanhei, pois apertei os olhos e ao abri-los, um par de algemas tilintou e brilhou diante de mim.

— Sente ali! — ordenou e me fez respirar ainda mais fundo e com dificuldade. Chocada por entender que estava fodida.

Passo por passo, sem lhe dar as costas, fui até uma das pesadas e antigas cadeiras, prevendo que se me prendesse ali, não teria chances de escapar. Sentei devagar e assustada.

— Coloque! — ela gritou e arremessou as argolas pesadas contra mim.

Prendi num pulso e quando ia fazê-lo noutro, a desgraçada me interrompeu.

— Deve mesmo achar que sou uma idiota, né? Prenda os braços por trás.

— Não faça isso, por favor! — pedi quase sem voz.

O medo dançava ao meu redor como um ciclone, sugava-me para o

seu interior. Não conseguia pensar com clareza, num meio de me proteger. Não sabia como reagir e nem como me defender.

Sem dó, a doida puxou meus braços com força, arrancando-me um gemido de dor, e prendeu os pulsos ao redor do encosto alto.

O som de chamada do Dan tocou no *iPhone*, porém eu evitei sequer olhar em direção ao aparelho. Curiosa, ela deu alguns passos de lado e checkou a tela que se acendia.

— Que bonitinho! Ligando para a amada! — ironizou balançando a cabeça e estalando os lábios.

— Você é louca, Juliana! Estão me procurando. O que pensa que vai acontecer quando Daniel descobrir o que fez? Ele vai te odiar...

— Precisa descansar, Raquel Webber. Está muito nervosa. Fazemos coisas erradas quando ficamos nervosas. Vou te acalmar...

O telefone tocou de novo. Daquela vez, sabia que era minha mãe. Eu costumava usar um toque diferente para cada pessoa da família.

Juliana tirou uma seringa da bolsa e apavorada, comecei a gritar por socorro. Sapateava tentando me levantar, mas aquela cadeira maldita era pesada demais.

— Socorro... Alguém me ajude... — Ela correu em minha direção.

— Cale a boca, sua cadela desgraçada! — Acertou meu rosto com as costas da mão. — Ninguém vai te salvar. Você vai ter o mesmo destino que a tua irmã. Vai queimar no inferno junto dela.

— Não sei por que está fazendo isso. — murmurei com as poucas forças que restavam. — Não vai dar certo. Sabe por quê? O Dan não te quer! É a mim que ele ama. E ainda que me mate aqui, ele nunca ficará com você, entendeu? Nun.ca.

— Como você é idiota! Acha mesmo que quero o Daniel? — Juliana deu uma gargalhada de puro escárnio e a conversa me surpreendeu. — Depois de tudo que passei por causa dele? — falava e se aproximava de mim, carregando a seringa pronta para ser usada. — Não, minha querida, quero só que ele me dê de volta o que tiraram de mim. Há anos, só vivo para isso e agora cheguei tão perto... Mas você tinha que entrar no caminho... — A mão pequena, mas forte, segurou e levantou meu queixo, apertando minha carne com precisão.

Espremi os olhos para não enxergar tudo de ruim que ela fazia questão de explicitar, talvez o seu lado mais perverso e diabólico. As unhas quase arrancaram a pele de meu maxilar. Lágrimas grossas desciam sem

controle pelo meu rosto.

— Tudo que tive foi tirado de mim. Primeiro o meu pai morreu e me deixou sozinha. Eu era tão pequena... Precisava tanto dele... — choramingou e me soltou com um solavanco, para sentar na minha frente, abraçada aos próprios joelhos. — Sempre dizia que me amava que jamais me abandonaria, e ainda assim, ele se foi e deixou um rombo que nunca mais fechou em meu coração. — O tom de voz se perdia ao fim de cada frase e ela chorava também. — E quando minha mãe me arranjou um novo pai, eu fiquei tão feliz.

A mudança de humor a fez levantar e Juliana ria alto e valsava pela sala.

Eu procurava alguma forma de me livrar daquelas merdas de algemas. Parecia estar dentro de um filme de terror.

— Mas aí, ela engravidou e só Luigi passou a existir. O filho legítimo, o herdeiro, a criança inteligente, doce e amorosa. Juliana passou a ser: Nada!

“Juliana, pare de fazer o bebê chorar!” — ela repetia as palavras da mãe, imitando-a, usava um timbre diferente. — *“Juliana, dê isso ao seu irmão, não seja malvada!”* — continuou. — *“Juliana, vamos viajar. Luigi quer conhecer a Grécia!”* — então a voz ficou grossa e grave, como a de um homem austero.

Depois continuou...

— Luigi, Luigi, Luigi — Suas mãos cobriram os próprios ouvidos. A arma ficou com o cano virado para cima. — Luigi isso, Luigi aquilo...

Previa que ela poderia disparar a qualquer momento com os movimentos bruscos da garota, que caminhava de um lado a outro.

— Por que pensa que o amavam mais do que a você? Acha que Luigi era culpado pelos cuidados de seus pais? — interoguei como uma psicóloga faria, tentando distraí-la. — Vamos conversar sobre seu irmão?

— Eles não me amavam. Somente ele importava. Então eu tive que voltar para o Brasil. Fiquei morando com meus avós em São Paulo, porque eles sim gostavam muito de mim. Eram tudo que restou de meu verdadeiro pai.

— Por que não me solta para conversarmos? Estou com dor nos braços...

— Quieta! — ordenou e prosseguiu. — Passei a estudar e estudei

muito. — falava, como se não tivesse uma plateia a ouvindo. — Dia e noite! Queria que meus pais sentissem orgulho e me amassem como amavam meu irmão. Só que eles não deram à mínima! — gritou bem próxima de meu ouvido, fazendo-me encolher de medo. — E quando arranjei emprego em Curitiba, conheci o Daniel. — O tom de voz mudou de novo, para suave e a moça sorriu. — Ele gostava de mim. Adorava me fazer companhia. Éramos perfeitos... Fodíamos como animais. Cada parte de mim tem a marca do toque dele, da língua dele... Dan não cansava e estive em todos os lugares...

Já não suportava mais aquela ladainha, porém ouvi-la falar sobre o Daniel era excruciante e me dava vontade de voar naquele pescoço magro.

Acintosa, ela massageou os seios e percorreu a mão pelo corpo, enterrando-a sob o jeans frouxo, fazendo meus olhos apertarem para não assistir aquilo. Não contente, curvou-se sobre mim, e lambeu meus lábios, causando-me náuseas.

— Ele já trepou assim com você, sua *vadiazinha* de merda? — quis saber e apertou meu mamilo, fazendo eu me contorcer, tentando sair do assédio. — Já senti aquela boca te sugar a ponto de quase perder os sentidos? Responda! — insistiu gritando e garrou meu pescoço.

— Nãoooo — berrei quase vomitando. — Por que não me deixa em paz?

— Mas nem tudo é perfeito. E o idiota preferiu ir para Alemanha a ficar comigo. Só que não me dei por vencida. Daniel ainda me devia algo que eu queria muito e pagaria. E fui lá num período estrategicamente calculado e sabia que não ele resistiria a mim. Jamais resistiu a uma boa trepada comigo. E eu só precisei furar uma a uma, cada embalagem dos preservativos que levei ou que encontrei naquele criado-mudo. E tão ingênuo, o moço me deixou à vontade em sua casa, nunca percebeu nada. Mas aí... — A doida chorava de novo. — Ele foi levado de mim... — Parecia embalar uma criança. — E eu tive que voltar e tentei fazer aquilo tudo de volta...

Perplexidade me definia ao ouvir tanta atrocidade. Juliana não era apenas louca, mas dissimulada, perversa e maquiavélica. Uma perfeita estrategista do mal.

— Vocês tiveram um filho? — gaguejei sentindo o medo açoitar todo meu corpo, que tremia em resposta. — É isso que quer de volta?

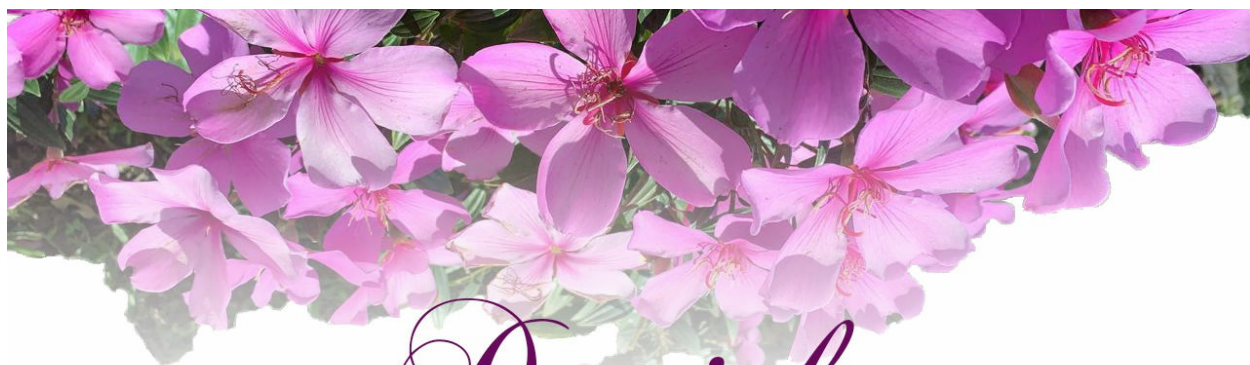
Nem poderia imaginar a reação do Dan, quando soubesse que tinha um filho, e que aquela louca escondeu isso dele, todos aqueles anos.

— Descanse, querida... — E a última coisa que senti foi o forte golpe,

desferido na frente, com o cabo da arma e que me fez apagar.

Olha o que você fez! Eu avisei pra ter cuidado. Como vai carregá-la desse jeito?

Acorde-a...



Daniel

CAPÍTULO 52

“... Ela não suportava mais ouvi-lo chorar e o apertou contra o peito... Ele acabou sufocando e... Pois é... Segundo o irmão, foi então que enlouqueceu de vez. Durante dois dias, manteve o pobre defunto como se estivesse vivo e quando os pais foram visitá-la e descobriram... Bem, eles tentaram resgatá-lo, queriam cuidar dela... Que diabos doutor, a moça enterrou o salto no abdome da mãe e despencaram escada abaixo. A mulher quebrou o pescoço. Eu sinto muito, doutor, sinto mesmo, mas ao que tudo indica, aquele bebê era seu filho...”

As palavras do detetive reverberavam em minha cabeça, repetidamente. E eu só conseguia me perguntar: Por que tinha que ser assim?

“Depois disso tudo, ela passou por um grande período de internação num hospital psiquiátrico. Apesar de ter saído algumas vezes, a cada novo surto voltava para lá. Até que fugiu com ajuda do irmão, para ficar com os avós, no Brasil, só que jamais apareceu na casa deles... Estava o tempo todo em Curitiba... O tal Luigi colaborou para se livrar do fardo!”

Chamei Leonardo ao telefone e pedi ajuda. O sentimento que se apossava de mim, causava-me medo e aquilo só aumentava. Assustava-me ao pensar no que poderia fazer se ao encontrar com a Juliana, descobrisse que fez algum mal para Raquel. Ademais, naquele estado de aflição, duvidava que alguém conseguisse discernir sobre qualquer coisa.

— Daniel, mande a localização. Estou indo até você, cara!

— Seguindo para Araucária... Tenho que encontrá-las. Leo chame a polícia e faça com que vão pra lá agora, por favor! A Juliana é muito mais perigosa do que supunha e coloquei a Raquel em perigo. Ela está em surto e sei que está com a Quel!

— *Vai dar tudo certo, amigo. Vou fazer o que pediu agora mesmo. Dan, se cuide!*

Por mais que tentasse, a voz do Gonzaga fazia eco em minha mente.

“... ao que tudo indica, aquele bebê era seu filho...”.

— Você é tão bonita. Já posso ver a comoção das pessoas ao verem teu rostinho no jornal: “Encontrada jovem psicóloga, brutalmente assassinada!” Sinto muito, mas quero você fora do meu caminho! Poderia pagar para que fizessem isso, porém qual seria o prazer?



CAPÍTULO 53

Sentia dor na cabeça e a pele do rosto queimava. Acordei com a visão embaçada e um bocado tonta. Um gosto metálico de sangue deu a sensação de estar com a boca machucada. Passei a língua pelo interior da bochecha e senti um corte nela. Não sei por quanto tempo fiquei desacordada. Não devia ter sido muito, porque a mulher de frios e arregalados olhos azuis, ainda estava ali bem pertinho estapeando meu rosto e analisando meu semblante, a espera do meu despertar.

— Acorde! — Só então me dei conta da realidade. Impulsionei meu corpo para trás tentando me afastar do assédio dela. — Calma Bela Adormecida, eu só quero que acorde. — Surpresa, eu sufoquei com a água gelada que ela me atirou. — Não posso perder mais tempo com você. Ainda tenho que dar um jeito na porcaria do teu sobrinho.

Um ódio imenso me encorajou. Ouvi-la falar em machucar o Rafinha, despertou um animal em mim. Não havia como negociar com Juliana e eu teria que pará-la pela força. Tudo que pensei foi que tinha que sair daquele cárcere e esfolar aquela desgraçada. Matá-la se fosse preciso! E jurei que o faria se ela ousasse ameaçar Rafael, de novo.

Sem raciocinar direito, tive a infeliz ideia de inclinar a cadeira para trás e num impulso a chutei com os dois pés. Tudo que consegui foi fazer o móvel tombar me levando junto. Juliana desequilibrou e caiu para o outro lado. Eu que já estava tonta pela coronhada, fiquei ainda mais zozna e

cheguei a pensar que havia quebrado os pulsos, aos esmagá-los com o peso do corpo.

A guria ficou possessa e avançou contra mim. Gritei de pavor e com uma força descomunal, ela me levantou. Abriu um lado da algema e com arma mirando meu rosto o tempo todo, exigiu que eu caminhasse para a saída. Com o pé, golpeou uma cadeira e tudo que encontrou pelo caminho, assustando-me ao pressionar, cada vez mais, o cano em minha nuca.

Seguimos assim, com pistola cutucando minha cintura por baixo da roupa. Ela me abraçou como uma boa amiga e para que o sequestro não chamasse a atenção, até chegarmos ao carro. Aquele teatro todo nem era necessário, pois não havia viva alma naquela rua.

— Você dirige, minha querida.

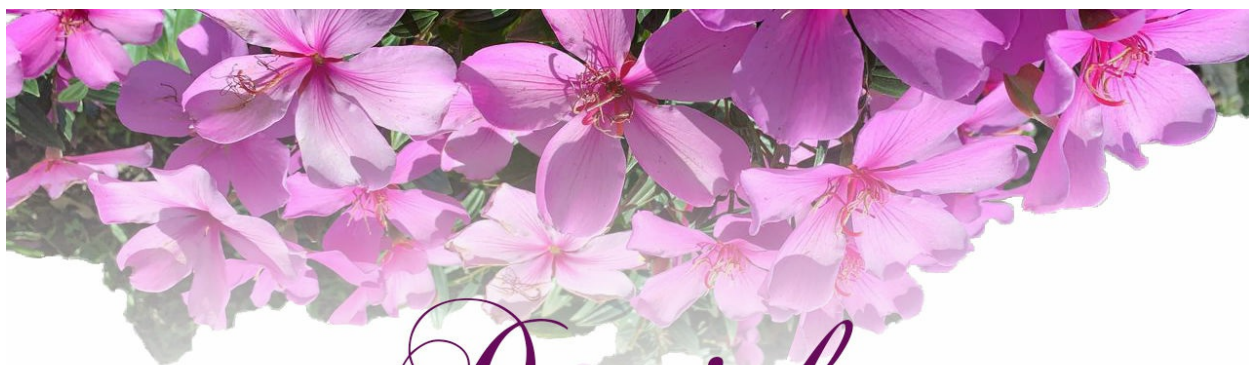
— Aonde vamos? O que vai fazer?

— Pra cidade da louça. Vamos para a rodovia em direção a Campo Largo. Tem umas chácaras bem bacanas por lá.

— Não sei se estou em condições, eu... — Tremi ao sentir o cano espetando minha lombar com mais pressão.

— Entre aí e ligue essa bosta! — ela berrou e nervosa, eu obedeci.

Você não é má. Só queria o bebê de volta, porque sente falta dele e o amou antes mesmo de concebê-lo. Como podem ter pensado que faria aquilo? Agora terá que matar a Raquel, mas não será sua culpa... A culpa é do Daniel, ele não quis te ajudar...



Daniel

CAPÍTULO 54

Cheguei ao endereço e não vi o carro da Raquel por ali. Corri para a entrada da frente e a mesma estava trancada, mas havia luz no interior da casa. Dei a volta para tentar os fundos e lá encontrei uma porta escancarada. Ignorei os miados de gatos e segui pelo corredor.

Na sala o cenário só me fez deduzir o pior. O celular da Quel estava com sua bolsa, ambos largados num sofá. No chão, em meio a alguns móveis, havia uma seringa cheia o que me fez supor ser algum tipo de anestésico, e que por algum motivo ela desistiu de usar, a menos que aquela fosse apenas uma dose extra. Meu estomago se contorceu com a possibilidade e corri por toda a casa. Averigui cada quarto, banheiro e área de serviço onde, assustados, dois gatinhos correram para se esconder. Mantive-os fechados e de novo, disparei para o carro, levando os pertences da minha namorada.

O *iPhone* tocou e, quase que por um milagre, Osvaldo me deixou aliviado ao me passar a localização do carro de Raquel. Fiquei grato por pensar que valera o seu esforço em estudar e tentar entender as tecnologias. Aquilo poderia salvar a sua filha.

— *A própria Quel que cadastrou o código de rastreo no meu telefone, quando me ensinava a usar o aplicativo. Por favor, Daniel, não sei o que está acontecendo, mas minha filha não estaria na estrada para Campo*

Largo, a essa hora, por livre e espontânea vontade. Vá atrás dela e traga-a segura pra casa, eu te imploro.

— Eu prometo... — E o fiz, não só a ele, como a mim também, porém com muito medo de não poder cumprir a promessa. — Vá me passando a rota que ela está seguindo...

Desliguei e já na estrada, passei a informação para o Leonardo. Aflito pedi notícias.

— *Estamos logo atrás de você, Daniel. Acabei de passar pelo endereço que havia me dado. Não... Nem sinal da polícia ainda. Puta que o pariu...*

Acelerei ultrapassando todos os limites permitidos da PR-423 e agradei mentalmente a Deus por não ter muito movimento ali, durante a noite. Por outro lado, começava a chover e aquela era uma estrada estreita, de mão dupla, iluminação precária, e que eu não conhecia direito, o que dificultava o percurso.

Como pode ser tão estúpida? Você precisa matá-la. O tempo está passando!



CAPÍTULO 55

Sabia que Daniel deveria estar a minha procura e era à única coisa em que queria acreditar, quando dei o sinal para entrar naquela rodovia escura. Rezei, fervorosamente, que a maluca não percebesse o GPS e dei graças por ele ficar escondido entre o velocímetro e o marcador de gasolina. Uma grossa chuva começava a ganhar força e eu procurava dirigir devagar para ganhar tempo, porém ela não deixou barato.

— Porra! Nós não estamos passeando, garota. Acelere!

— Não conheço essa estrada. Não posso correr nessa escuridão e causar um acidente. E tire essa merda de arma de perto de mim!

Ela riu, e ao invés de afastar a pistola, aproximou-a e a afundou em meu corpo e, assim, pareceu se divertir ainda mais com a situação.

— A.ce.le.re... — Obedeci e nem sei como conseguia, já que as pernas tremiam, a cabeça latejava e os olhos, pouco enxergavam, ofuscados pelas lágrimas. — Nada do que fiz a vida toda adiantou — ela soltava e choramingava. — Só queria que ele parasse de chorar. Não sabia que era a minha mãe. Por que ninguém entende? Eu não sabia! — gritou de novo — Eram figuras horrendas e disformes...

— Do que está falando? Não entendo nada do que diz. Por que não paramos para que me conte o que aconteceu?

— Não queria que ela o tirasse de mim... Meu filhinho, meu Daniel...

Juliana chorava e o medo me fazia segurar fortemente o volante. Pensei que meu coração explodiria ao cruzarmos com uma carreta, também em alta velocidade. O som longo e forte da sua buzina, quando quase nos acertou, sacou um grito de minha garganta.

— Por favor, vamos voltar. Eu posso te ajudar.

— Não pode trazer meu filho de volta! Então cale a porra da boca e dirija.

Eu continuei. Mentalmente discutia comigo mesma, por não saber como agir e não ser capaz de pensar em nada que pudesse me livrar dela.

Por um tempo ela permaneceu calada. Quase não passavam carros por nós. Procurava no retrovisor e chegava a imaginar outros faróis se aproximando.

— Dan, não me entende... — Como se tivesse voltado a si, a moça limpou as lágrimas e voltou a exigir: — Acelere, Raquel.

— Estou tentando...

— Eu sei... cale a boca! — Ela tapou os ouvidos e gritou, mas não era comigo que falava. — Calem essas vozes... — Então quase espumando de raiva, ordenou que corresse ainda mais.

O limpador do para-brisa não vencida e já não era possível enxergar nada adiante.

— Já estou no máximo permitido.

— Foda-se o permitido, acelere! — Completamente alucinada, a guria colocou o pé esquerdo sobre o meu e afundou o pedal. Rapidamente o ponteiro subiu e o motor pediu mais marcha.

A perna dela empurrava e duelava com a minha. A pistola pressionava meu pescoço. O carro serpenteou e com sacrifício o segurei, mas avançamos para a pista contrária. Freei bruscamente e Juliana tomou o volante com a mão livre. Empurrei-a com toda força que encontrei e ouvi o estampido seco. O disparo a assustou também, e a arma caiu. Por um momento, minha imaginação me fez sentir dor, e cheguei a pensar que fui atingida. Um choro torturante se misturou à agonia de estar em alta velocidade, na contramão, com uma maluca agarrada a mim. Estava perdendo o controle e passei a implorar que ela parasse.

— Você tem que parar, sua louca! Ele está morto, Juliana, e não vai voltar! — berrei, num ato de completo desespero. — Mas você não tem culpa nenhuma — arrisquei e tentei empurrá-la e a luta e toda a gritaria cessaram

imediatamente.

Ela me soltou.

— Por Deus, eu tenho que acabar com isso! Me ajude a parar isso...

— ela rogou e se afastou um pouco.

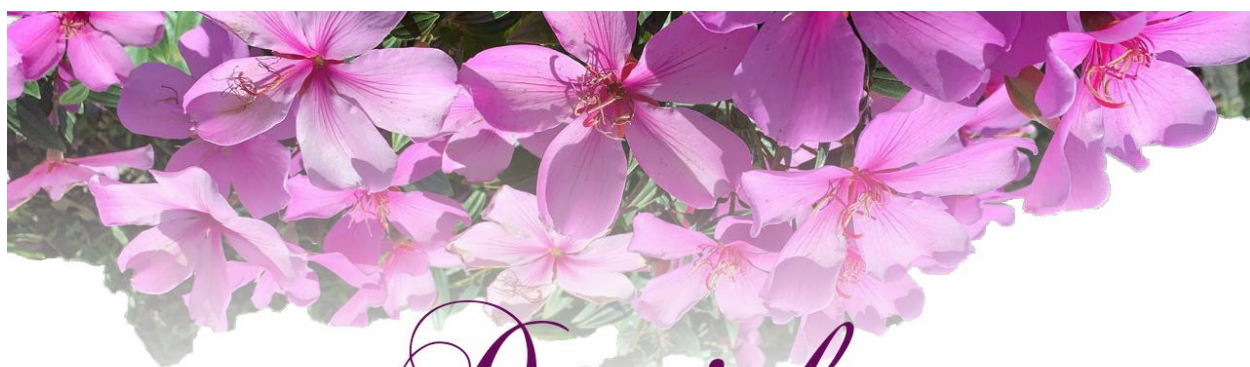
Olhei aterrorizada, para a mulher ao meu lado e pela primeira vez, vi que havia alguém dentro daqueles olhos antes tão letárgicos. Foi como se tivesse voltado de algum lugar escuro de sua mente e já não soubesse mais o que fazia ali e, então, achei que era a única oportunidade de controlar aquela loucura.

— Vamos parar e conversar...

O carro continuava seguindo na contramão, pelo pequeno acostamento e vez ou outra recebia buzinas de alguns poucos veículos que passavam. Juliana abaixou-se e pegou a arma do chão.

— Não tenho mais nada pra conversar com você!

— *Não era pra ter sido assim. Agora eu entendo. Perdoe-me, meu pequeno Daniel! Meu pequeno serafim...*



Daniel

CAPÍTULO 56

Meu Deus! Eu estava muito perto de alcançar o carro da Raquel, no entanto a chuva não colaborava, o celular já não recebia bem o sinal de internet e as mensagens de Osvaldo demoravam a chegar.

O medo do que a minha aproximação poderia causar e ao mesmo tempo o pavor de chegar tarde demais, assolava-me. Sabia que se acontecesse de novo, enlouqueceria.

Alguns trechos da estrada eram muito escuros, o que só servia para aumentar a tensão. Enquanto dirigia, tentava contato com a Juliana. Imaginar o que a mente doentia dela estava tramando, somada a quantidade de drogas que devia ter tomado, não me davam um saldo muito positivo.

Finalmente, ao longe, vi lanternas de um veículo e a razão só me fez pisar ainda mais fundo, acelerar o máximo para alcançá-lo. Ele trafegava na contramão e eu sabia, antes que pudesse vê-lo, que era o da Raquel.

Um estrondo ecoou e me surpreendeu a ponto de quase perder o controle do volante. Freei bruscamente e ouvi o ranger dos pneus deslizando no asfalto. O carro serpenteou e eu pulei dele, antes que parasse direito. Com os olhos estanhados, quase pulando de suas órbitas e o coração a ponto de ter uma síncope, deixei que um grito martirizante ecoasse por toda a escuridão.

— Nãoooo... — Atravessei a rodovia sem me preocupar com as consequências, sem ver mais nada que não fosse o automóvel capotando e explodindo mais à frente. — Raqueeeeeeeel...

Era tarde demais. Uma labareda de fogo levantou, quando o veículo

chegou ao fundo do pequeno despenhadeiro.

— Raqueeeel... — Em pedaços, eu caí de joelhos na lama e lágrimas queimaram meu rosto como ácido. Eu sabia que daquela vez, não resistiria a tanta dor.

— Daniel — A voz aflita de Leonardo atrás de mim não me trouxe de volta. Não queria estar vivendo aquilo e gritava tentando acordar.

As sirenes da polícia se intensificavam, na medida em que se aproximavam. Eu estava de novo no inferno e, daquela vez, não sabia se conseguiria sair dele.

— Dan, meu Deus, cara! — Leo levou as mãos à cabeça, também em desespero, antes de se agarrar a mim e tentar me reerguer. — Caralho, Daniel, eu sinto muito, amigo... Sinto muito! — ele repetia e repetia e me apertava, impedindo-me a visão.

A chuva lavava nossos rostos, mas era incapaz de limpar o sangue que escorria do meu coração esfaqueado.

— Afastem-se do local — alguém ordenou, várias vezes. — Unidades da polícia rodoviária, acidente na PR-423 entre Araucária e Campo Largo, com possíveis vítimas. Acionem bombeiros e paramédicos...

— Venha, Daniel. Vamos sair daqui...

— Não! Larga, Leonardo! — Eu me debati tentando me desvencilhar dele. — Você não entende? Era a Raquel quem estava naquele carro. A Raquel, a minha Raquel... — Soquei meu próprio peito e Leonardo me abraçou para me conter.

— Eu sei, meu amigo... Sinto muito, cara...

— Senhores, vocês precisam se afastar — o policial insistiu.

— Me deixem passar, eu preciso vê-la — implorei e a mão do policial espalmou o meu peito, impedindo-me.

— Senhor, afaste-se, por favor!

O telefone de Leonardo tocou. Ele hesitou entre atendê-lo e continuar tentando me levar dali.

— Oi, Line... Por que ainda não está aqui? Aconteceu algo horrível... Quê?... Sim... Deus, sim, estamos indo... — Leo devolveu o aparelho no bolso e agarrou meu braço. — Venha! Não discuta mais, você só tem que vir comigo...

Silêncio...



CAPÍTULO 57

— Você conseguiu, maninha. Agora levante e vá para a estrada. Quel, meu amor, acorde! *Tá ligada*, que estão desesperados por encontrá-la? — Ela sorriu ao imitar o meu jeito de falar. — Vem, dá a mão.

Meus olhos se abriram bem devagar. Estava muito escuro e molhado. Eu sentia muito frio. Nunca desmaiara em toda minha vida, porém bati todos os recordes naquela noite... Viva, muito dolorida, no entanto me sentia viva. Talvez tivesse fraturado algo... Tudo doía... Movimentei primeiro os dedos das mãos, depois os punhos e então os braços, bem lentamente. Sentia medo de não conseguir me mover. Até ali tudo bem, nada havia quebrado. Sentei devagar e fiquei tonta. Olhei ao redor e me dei conta de que sonhara com a Rafa.

— Dan, meu Deus, amor...

Pensar em Daniel e no quanto deveria estar aflito a minha procura, encheu-me de coragem e apesar da dor ondular por cada centímetro do corpo, quase me arrastando e agarrada ao capim, eu subi o barranco escorregadio, dando graças por não ser tão alto.

Como um zumbi, seguia em direção as giroflex das viaturas policiais, que via ao longe. Caía a cada dois passos e os pingos d'água chicoteavam meu rosto. Tremia de frio, mas precisava aguentar. Estavam a poucos metros dali, contudo meu estado deplorável, não me permitia caminhar mais rápido e o percurso tornou-se longo e difícil.

— Quel? — Alguém gritou meu nome ou eu é que ouvia coisas. Decididamente não sabia. — Raquel, espere... — De novo, ouvi meu nome e também uma buzina. Apavorada, caí e tapei os ouvidos. Encolhi segurando os joelhos. Só podia ser ela de volta.

A moça loira desceu de um carro vermelho e correu na minha direção e eu, em lágrimas, soluzei alto e abri os braços para ela.

— Quel, minha querida, por Deus! Você está bem?

— Line, me ajude, eu... eu... preciso encontrar o Daniel. Por favor...

— Calma, amiga! Sente aqui... — ela me ajudou a sentar no acostamento e tirou seu casaco, colocando-o em minhas costas. Soluzei alto, emocionada por tê-la ali. — Vou ligar para o Dan. Fique calma.

Ela pegou o celular na bolsa e quase não conseguia pronunciar as palavras, tamanha a emoção que sentia.

— Amor... Não, Leo... — Ela pausava para ouvir. — Voltem alguns metros, estou com a Raquel. Venham rápido, acho que está ferida. — Desligou e, de novo, amparou-me nos braços.

Ambulâncias passaram por nós em alta velocidade com as sirenes ligadas. Aline fez menção de levantar para sinalizar que parassem e eu a impedi. Não queria que saísse de perto de mim e só torcia que Daniel chegasse logo.

— Juliana me jogou para fora do carro — comecei a contar ao recordar. — Achei que ia me matar, no entanto ela quis me salvar. Meu Deus, que loucura — expliquei com palavras entrecortadas pelo choro. — Eu estava certa de que me mataria, só que estava enganada...

A cena voltou com tudo em minha mente e passei a falar sem parar, descrevendo-a para a Aline, entre lágrimas.

— *O que está fazendo?* — Empurrei-a com o corpo e tentei manter o controle do carro. — *Pare com isso, vai nos matar...* — Sem pensar muito ela desafivelou meu cinto e se curvou sobre mim. — *Desça* — gritou e continuou empurrando meu corpo. A pistola grudada em minha cintura. — *Pule, Raquel!*

— Calma, amiga! Já passou! — Ela tentava me consolar, mas só o fato de recordar todo o medo que senti, fazia-me ter calafrios.

— Foi horrível, Line. Ela usou toda força de braços e pernas e me lançou para fora do carro em movimento e... — Chorei copiosamente agarrada a namorada do Leonardo. — Senti o baque do corpo se chocando contra a relva... Rolei barranco abaixo e devo ter perdido os sentidos.

— Sinto tanto, Quel, sinto muito mesmo, mas agora acabou...

— Raquel?

— Dan? — Meu coração quase explodiu de alegria ao ouvir a voz dele.

Aline me soltou e um homem destroçado se jogou sobre mim e me apertou nos braços. Nem a dor dilacerante do meu físico, fez-me pensar em afastá-lo de mim, ao contrário, não queria nunca mais sair daquele abraço.

Ele segurou meu rosto entre as mãos e apalpou minhas bochechas, minha cabeça e me puxou pra si e de novo, voltou a me examinar.

— Diga que você está bem, meu amor — com lágrimas dolorosas pingando dos olhos e os lábios trêmulos, ele confessou: — Eu não sei o que faria se te acontecesse algo. Eu te amo tanto!

— Eu tô bem, meu amor, meu anjo! Sabia que não desistiria de mim. Eu te amo, Dan... Eu também te amo, muito, muito...

— Coloquei você em risco. Eu fui um idiota, deveria ter imaginado. Me perdoe...

— Dan, como pode falar essas coisas? Você não teve culpa. Ela enlouqueceu há muito tempo e eu estou bem, só quero ir pra casa.

— Você vai para o hospital, mocinha — Leo avisou em seu papel de médico e mantendo a postura controlada.

Assenti.

— Meus pais, Dan. Tenho que ligar para eles, devem estar preocupados.

— Meu telefone ficou no carro. Leo?

Leonardo me entregou o aparelho e liguei para tranquilizar a família. Papai, muito aflito por ter perdido o sinal do carro, como todos, pensara o pior, porém mamãe sabia que eu estava bem. Seu instinto materno a tranquilizou, e de alguma forma, ela sabia que tudo acabaria bem.

— A Juliana... Dan, ela está completamente louca...

— Ela está bem agora, Quel — Leonardo avisou e desviou os olhos de mim para o local onde as viaturas estavam. E eu entendi o que me dizia.

Havia acabado.



CAPÍTULO 58

- Sabia que minha mãe foi morar no céu?
- Ué, a minha também.
- Ela era uma fada, mas agora meu pai disse que é uma estrela “de brilho pra sempre”.
- A minha irmã “disse minha mãe de um anjo” bonzinho, que cuida da gente, lá do céu.
- E quem cuida de você agora?
- Minha irmã e o Estranho, ué! E de você?
- Meu pai e minha tia, que vai ser minha mãezinha, minha vó, meu vô e até o Bob...
- Quem é o Bob?
- Ah! É um cachorro bem grande e peludo. Hoje ele não veio, mas sempre vem aqui comigo e o papai.
- Ele é bravo?
- Não, é beeeemmm bonzinho.
- Sabia que eu tenho um gato? O Dom. Às vezes, ele me arranha e tenho que ralar, daí pede carinho e eu desculpo...
- Eu gosto de “*alimais*”! — Rafael avisou com voz carinhosa.
- Até eu! — o pequeno concordou. E o bate-papo para se

conhecerem melhor, continuou.

— Thor? Vamos embora? — Prestava atenção na conversa dos dois meninos que brincavam no gramado, à beira do lago, do Parque Barigui. Reconheci a jovem que se aproximou deles. — O Marco já chegou.

— Ahh, Blue, fica mais um pouquinho. Tô brincando com meu amigo.

— E quem é esse seu amigo, tão lindo?

— Como que é teu nome? — o garoto de bochechas rosadas perguntou.

— Rafael — Rafinha respondeu com um sorriso tímido. — E o teu?

— Thor, não, Ettore. Melequento.

— Eca!

— O Marco “disse eu de” melequento, mas é de carinho.

— Dan, eu conheço essa moça — cochichei ao ouvido de Daniel e fui até ela. — Íris Blue, é você?

— Oi, você é? — ela parecia saber que me conhecia, porém era evidente que não lembrava de onde.

— Raquel, a irmã da Rafa. A gente se cruzou na Hop.

— Ah! Claro. Rafinha é...

— Sim, ele é meu filho... Quer dizer, sobrinho.

— Legal! Thor é meu irmão, tipo filho também. Parece que se deram bem.

— Pode *crê*.

— Temos que ir. Bom te ver. — Ela sorriu meio sem graça, e estendeu a mão para o pequeno que brincava com Rafinha, porém antes direcionou o olhar para Daniel que, alheio, juntava nossas coisas.

— Vamos, Thor?

Deixamos o parque quase ao mesmo tempo, e já no portão de saída, próximo ao estacionamento, eis que Marco surgiu para encontrar sua família. Um clima tenso se estabeleceu ali. Eu preferia que aquilo não tivesse acontecido.

Íris abriu a porta do carro e enquanto ela ajeitava Thor na cadeirinha, a voz de Frank Sinatra soou em nossos ouvidos e me fez lembrar que Marco sempre adorou o cantor.

Strangers in the night exchanging glances
Estranhos na noite, trocando olhares

Wondering in the night
Querendo saber na noite
What were the chances we'd be sharing love
Quais eram as chances de compartilharmos o amor
Before the night was through
Antes da noite passar

Num primeiro momento, nada aconteceu e apenas fingimos não perceber a presença deles, porém quando passávamos ao seu lado, Marco segurou o braço de Daniel e os dois se encararam por segundos intermináveis. Vi os pomos de adão, de ambos, subindo e descendo, engolindo os nós que bloqueavam suas gargantas e os impediam de falar. Era a primeira vez que se encontravam longe dos tribunais.

A garota se recostou no automóvel, para observar a cena, e pareceu apreensiva também.

— O que está querendo? — Daniel foi quem quebrou o silêncio.

— Acho que nunca tive oportunidade de agradecer, por ter salvado a minha vida — ele começou e só então soltou o braço de Daniel.

— Não fiz nada por você. Faria igual por qualquer outra pessoa.

— Eu sei! E porra, não precisa vir com esse discurso de bom samaritano pra cima de mim, ok? Sei perfeitamente o que faria, ainda assim, quero que saiba o quanto sou grato e... — Marco dirigiu o olhar para a namorada e se perdeu um pouco com as palavras.

— Acho que isso não tem mais relevância.

— Tem pra mim! Também queria que soubesse que sinto muito pelo que minha mãe fez. Apesar de ter tentado protegê-la... De também ter culpa... O fato é que agora ela vai a júri popular e é quase certo que pagará pelo que fez... — Os lábios dele tremeram ao falar da Giordana, as narinas abriam e fechavam, demonstrando toda sua inquietação. Acontecia o mesmo com Daniel. — Sei que isso também não muda nada. — Ele inspirou bem fundo, e soltou todo o ar de uma só vez, numa lufada. — Não importa, eu só precisava falar, o quanto me sinto grato.

— Já falou e eu já ouvi. Até logo, doutor! — Dan pegou Rafa no colo e o abraçou.

— Vamos embora, Dan — convidei e acenei ao homem que, de novo, teve apoio nas mãos da namorada, estendidas a ele.

Íris o beijou com carinho e afagou seu rosto. Depois, apenas nos dirigiu um olhar contestador, quando deu a volta para entrar no carro.

— Tchaauuuu, Melecas! — Rafinha gritou e acenou para o amigo.

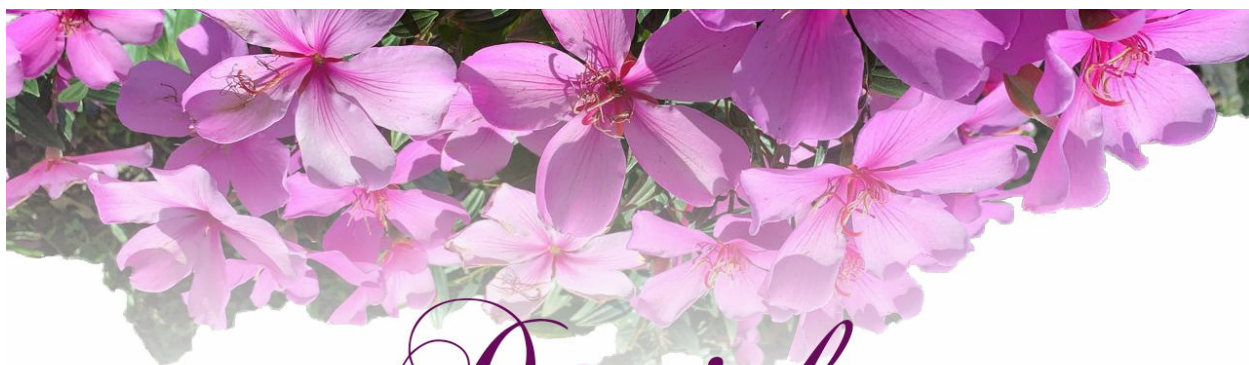
A reação de Daniel foi no mínimo surpreendente. Sabíamos há pouco tempo que Giordana iria a julgamento e aquilo só me fez ter certeza de que ficar presa era o mínimo que podia acontecer àquela mulher fria e calculista, a verdadeira assassina da minha irmã. A mentora de toda a desgraça que se abateu sobre minha família. No entanto algo me fazia compadecer de Marco Aurélio, talvez fosse pela sinceridade expressa de forma tão explícita em seu olhar, ou por ele estar ali, humilde e desnudo de qualquer arrogância, pedindo para ser perdoado e tentando se agarrar a uma nova chance.

— Tá tudo bem? — quis saber ao sentir a tensão de meu namorado.

— Não sei. Acredito que sim. Não menti, Quel. Não fiz por ele, apenas fiz...

— Outra pessoa não pensaria nele, Dan. Por isso ele foi grato. Não entende? Salvou a vida dele, sem importar quem ele era, mas apesar de quem era. Talvez eu me importasse e fingisse que não consegui e o deixasse morrer lá. Essa é diferença de você para os demais. Entende? É por isso que eu te amo tanto.

— Tia Quel, a gente pode convidar o Thor melecas, para o meu “aversário”?



Daniel

CAPÍTULO 59

Alguns meses depois...

A terapia vinha me ajudando a enfrentar mais um luto, daquela vez, por perder alguém que jamais tive. Eu me questionava sobre como seria a minha vida se o passado tivesse sido diferente. Qual teria sido o caminho tomado, se tivesse sabido sobre o nascimento do pequeno Daniel? Nunca entenderia os motivos dela tê-lo escondido, porém baseados em seus escritos, chegamos à conclusão de que toda a loucura de Juliana teve como causa a perda da única pessoa que amou verdadeiramente. Ela o amou antes mesmo de concebê-lo e, de tal maneira, a ponto de não querer dividi-lo com ninguém, de não suportar perdê-lo e de querer, a todo custo, recuperá-lo através de uma nova vida. Aquilo explicava a sua obsessão por mim.

Se eu tivesse conhecimento da existência daquele bebê, talvez não tivesse retornado ao Brasil, logo, não conheceria e nem casaria com a Rafaela, e haveria chance dela não ter sido assassinada. E era claro, o Rafinha não existiria, o que não poderia sequer imaginar. Todos os “se” e os “talvez” causavam um sofrimento masoquista em mim, porém aos poucos, ia me convencendo que o universo age com sabedoria. Como seu Zé afirmava: “É Deus e ninguém muda o que Ele determina!”.

A mão de Raquel segurou a minha que descansava sobre a mesa. Ela me olhou com preocupação por me ver perdido em pensamentos e sussurrou um: “Tá tudo bem?”, ao qual apenas assenti.

— Quando a Val se casa? Já marcou a data? — Iolanda perguntou a Quel, durante o jantar.

— O Fábio é muito enrolado, mas eles estão comprando uma casa maior. Com a chegada do Heitor, vão precisar, pois querem ter mais filhos. Acredito que em alguns meses, mãe.

Rafinha ouviu a palavra casamento e ficou radiante por se lembrar da surpresa, que eu havia lhe pedido segredo, consciente de que para ele, aquilo era impossível.

— É hoje que você vai fazer a surpresa da tia Quel?

— Que surpresa? — ela quis saber e todos pareceram interessados no que o menino sorridente entregara.

— Posso contar, papai?

— Você já contou... — cochichei em seu ouvido

— Não contei não. Posso?

— Gente, que surpresa é essa? Estou curiosa!

— O meu pai vai “dizer” a tia Quel em casamento.

— Vai? — Raquel me olhava desconfiada, como se Rafael tivesse dito algo impossível.

— Vou — respondi e encostei minha testa na dela. — Você quer?

— Tipo, casar? Alianças, cerimônia, papel, essas coisas?

— Tipo isso...

— Porra, pede direito, né, mano!?

— A tia Quel disse nome feio.

— Temos que lavar a boca da tia com sabão, né, Rafa? — O avô sugeriu e teve total aprovação do neto.

— Quieto Osvaldo! — Iolanda pediu, tentando não rir.

— Ok! — Tirei o anel de diamante do bolso, estendi a ela e feliz, eu pedi: — Quel, você quer cas...

— Sim, mil vezes sim, sim, sim... — Ela não esperou que terminasse e se agarrou ao meu pescoço.

Eu a beijei e, Rafinha bateu palminhas, comemorando.

— Iolanda e Osvaldo, meus sogros, eu preciso casar com a filha de vocês, porque...

— Deixa vó? Deixa vô? — o neto pediu seriamente, esperando em ansiedade, pela resposta.

— É claro que sim, meu filho! — Osvaldo veio até nós e nos levantamos para abraçá-lo. — É uma honra tê-lo de volta ao posto que

sempre será seu, de meu genro! Vocês têm a minha benção! *Se* enforcem quando quiserem.

Depois das risadas, todas as nossas atenções foram para Iolanda, que não se manifestara. Um momento apreensivo que fez os olhos de Quel transbordarem em lágrimas. Eu apertei a mão dela em sinal de apoio e minha sogra engoliu em seco.

— Perdoem...

— Mãe... — Quel tentou interrompê-la, porém reforcei o aperto em seus dedos, como um sinal para que esperasse.

— Estava tão errada — concluiu. — Perdoem pelo que fiz. Não posso desejar outra coisa, que não seja a felicidade de vocês, meus amores. — ela disse, controlando o choro e trazendo o neto para seu colo. — E que Deus abençoe essa união, filhos. — E arrancou um peso de toneladas dos nossos ombros.

— Mãe... — Raquel rodeou a mesa e se atirou nos braços da pequena mulher, apertando Rafinha entre elas. — Obrigada, mamãe!

— Ai, tia Quel, tá me esmagando — o menino reclamou, sem entender o que acontecia.

Eu olhava a cena e me perguntava se a vida faria algum sentido, caso todas as conquistas não tivessem que ser batalhadas e sofridas; se conquistaríamos e sentiríamos o gostinho do final feliz, não fossem encararmos as tristezas e atravessarmos as tempestades, primeiro.

E só então, enquanto colocava o anel no dedo tão delicado, daquela moça bonita, entendi que para tudo havia um propósito. Não era uma troca o que Deus nos propunha, mas sim, que evoluíssemos para apreciarmos e sermos gratos pelos resultados. E ao me sentir imensamente agradecido, naquele momento, soube que seguia pelo caminho certo.



Quel ainda teve muitos pesadelos enquanto se recuperava do sequestro. Os traumas físicos não foram significantes, todavia o psicológico da menina fora posto a prova. Era uma guerreira e além de me empurrar para a terapia, também buscou ajuda. Dormimos muitas noites, amparados um pelo outro, porque era a única forma de manter os corações no ritmo. Com o

passar do tempo, vinha sendo impossível dormir longe dela. E sempre que as luzes se apagavam, eu corria para seu quarto. Como um garoto, às escondidas e tendo a sensação de estar fazendo algo errado, mas bem no fundo, sabendo que não era segredo para ninguém e nada poderia ser mais correto.

Ela me recebia de braços abertos e quando a puxava pela cintura, para junto de mim, tudo que mais queria, era que o tempo parasse para que pudéssemos nos amar, sem pressa, sôfregos até nos esgotarmos. O cheiro de sexo reverberava pelo ambiente, porém o amor era o que transbordava ali. E assim seguíamos, cada vez, mais fortes, unidos, apaixonados...

— Vou ligar o som para abafar o barulho.

— Não faremos barulho... Venha aqui, moça bonita. Eu preciso de você — pedi e a segurei pelo punho. — Trabalhei o dia todo esperando por esse momento.

— Faremos sim! — Ela me beijou, ao mesmo tempo em que arrancava minha camiseta. — Sempre fazemos. Ah! Que se foda. — Deu de ombros e sorriu zombeteira, graciosa, apaixonante. — Somos noivos agora. Espere...

Quel mexeu no celular e “A sua”, da Marisa Monte, foi a canção escolhida para embalar o que estava por vir.

*Eu só quero que você saiba
Que estou pensando em você
Agora e sempre mais
Eu só quero que você ouça
A canção que eu fiz pra dizer
Que eu te adoro cada vez mais
E que eu te quero sempre em paz*

— Esse noivado era mesmo tão importante assim?

— Foi uma prova de amor e tanto. E para eles — falou e apontou para fora do quarto —, é muito importante com certeza.

— Acha mesmo que eles não sabem?

— Nãoooo — Quel deu uma risada gostosa e fez meu coração revirar de amor. — Saber eles sabem... Sei lá. Parece estranho, às vezes. Como se sempre nos ouvissem.

— Por que parou de me despir?

— Porque você fica puxando assunto e *tá ligado* que eu sou muito educada, e...

— Linda e gostosa, louca e inteligente... Eu amo você, moça bonita!

— Ah, Daniel! — Sua língua tracejou um rastro molhado por meu maxilar e se refugiou em minha boca, para meu deleite. — Eu também amo muito você!

Eu só quero que você caiba no meu colo

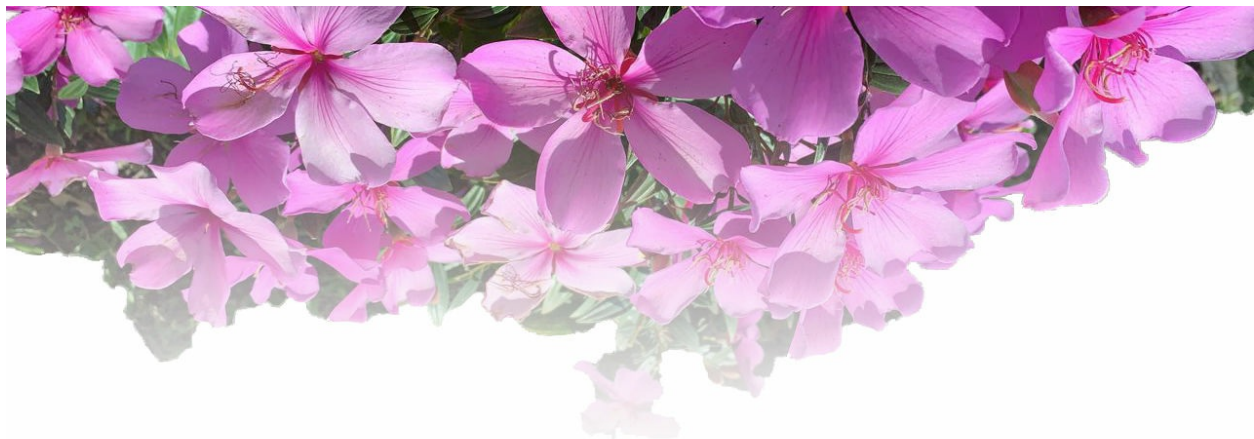
Porque eu te adoro cada vez mais

Eu só quero que você siga

Para onde quiser

Que eu não vou ficar muito atrás

Tô com sintoma de saudade...



EPÍLOGO

Em algum lugar, num tempo que não é o nosso...

— Eles disseram sim. Olhe como o teu jardim está incrível!

— Foi uma linda festa de casamento, não foi, Fada?

— Sabia que conseguiriam...

— Está vendo, filha? E assim o círculo se fecha. Nada está fora do lugar. Até a Mary parece que se deu bem com aquele nutricionista.

— Sim! Estou feliz! É tão bonito ver a família unida. Meu filho sendo criado por alguém que o ama verdadeiramente, como se o tivesse gerado. Os idosos sendo bem cuidados...

— Foram necessários muitos anos. Rios de lágrimas e sorrisos. Muitas chegadas e partidas. Um tanto de incertezas e iniciativas... Erros e acertos. E o mundo continuará girando e o universo colocando as pessoas certas, nos lugares e horas certos.

— Foi sempre tão difícil entendermos os por quês. E agora tudo está tão claro para mim.

Giramos nossos corpos e projetamos nossos olhares para o infinito, uma imensidão dourada que perdíamos de vista, por mais que caminhássemos.

— Arthur nasceu quando eu e a Eugênia nem esperávamos mais ter

filhos. Já tínhamos idade e, no entanto fomos presenteados com aquele garoto lindo e inteligente. Estudioso, foi para a faculdade de medicina, encheu os seus velhos de orgulho. Lá conheceu e trouxe o Dante para as nossas vidas. Um amigo como bem poucos. Companheiro para todas as horas. Determinado a fazer o melhor por todos que o cercam, mas que por algum motivo, fora condenado a viver só.

Sorrio ao ouvir o nome de Daniel. Fecho os olhos e uma brisa suave acaricia meu rosto. Recosto a cabeça no ombro do homem que cuidou de mim, desde o primeiro momento que me viu, apesar de afirmar que fora o contrário. O jardim do casarão está perfumado e repleto de cores, porém são as Glicínias, flores da ternura que criam o mais belo dos cenários. E a felicidade que vibra por ali, irradia sobre nós.

— Na faculdade, eu conheci o Hique e em sua festa de aniversário, o Marco, seu primo. — Como num filme, nossas vidas se projetam em cenas, diante de nós, quadro a quadro. — E menos de dois anos depois, estávamos casados e morávamos numa mansão, praticamente ao lado de uma casa centenária, onde vivia um anjo... E seu cão maravilhoso!

— Casar com Marco te trouxe para perto de mim, porém eu não era o propósito. Fui apenas o elo que ligaria você ao Dante. E do amor que viveram, Rafinha chegou para uni-lo ao seu verdadeiro destino, a Raquel. Unidos pela mesma dor do luto, eles nem perceberam que se apaixonavam. E para descobrirem o quanto precisavam um do outro, tiveram que enfrentar Juliana.

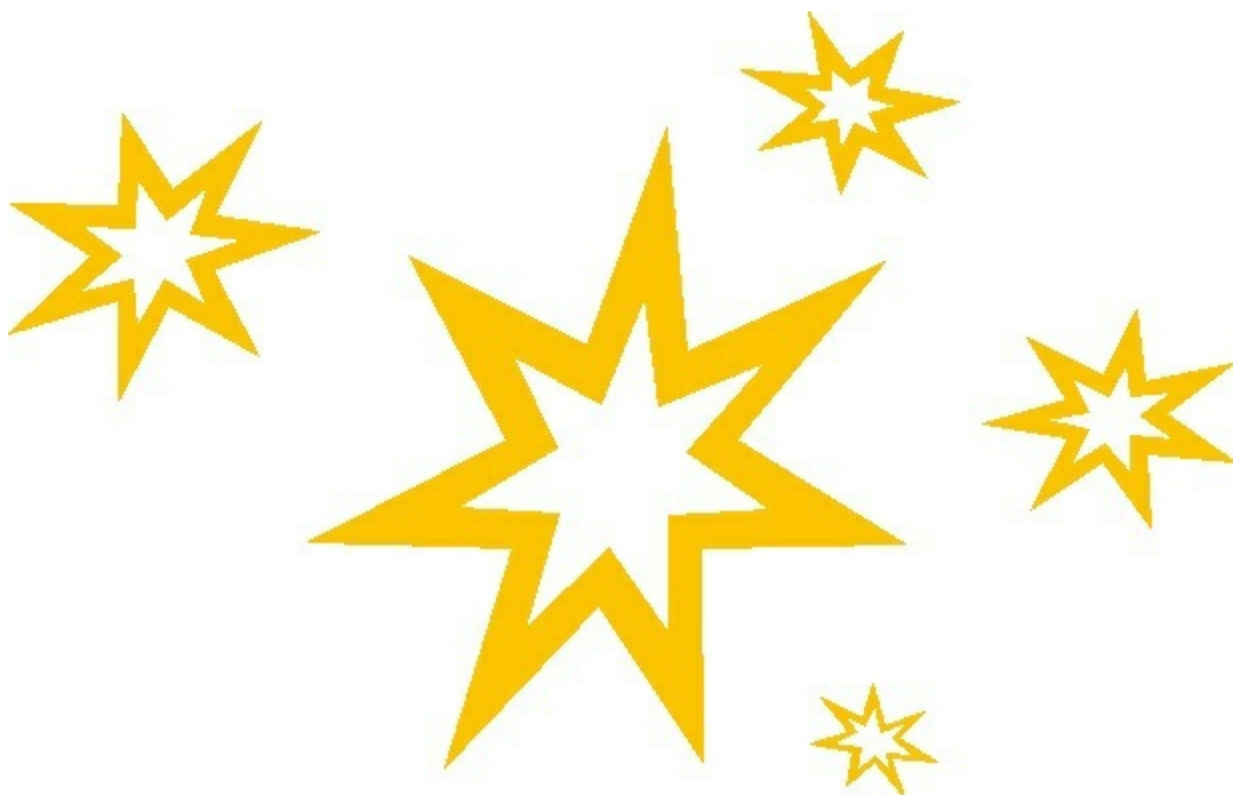
— Somente a minha partida possibilitou que Marco fosse salvo da Giordana e seguisse para o seu destino. Encontrando Íris, ele não só cortou o cordão umbilical com a perversa Giordana, que hoje paga pelos seus crimes atrás das grades, como deu ao Luiz a chance de viver um amor verdadeiro com a doutora Walesca. Isso também não seria possível sem a Ana Luiza e o pequeno Thor.

— Sim, Fada querida! E a vida segue seu curso. E se vocês que estão lendo isso, agora, não acreditam em anjos e fadas, saibam que nós também não. Isso é tudo bobagem. Apenas sabemos que, de alguma forma, aquela pessoa que está sentada ao seu lado; que esbarra em você no meio do caminho; que toca a sua campainha no meio da tarde, pode ser alguém necessário a operar pequenos milagres em sua vida. Então perceba os sinais, abra o seu coração e deixe-o entrar. Porque, com certeza, existe um propósito, para que o brilho do olhar de um anjo e o sorriso belo e sincero de uma fada

sejam direcionados a você. Ainda que não tenham asas, não voem, eles executarão magias em seu mundo.

— O mais importante é fazermos a diferença na vida dos demais. Nunca desistir e lutar por nossos sonhos! Sairmos da sombra e procurar a luz por cada caminho que tenhamos que trilhar. Voar em busca do próprio brilho e sermos eternos na vida de alguém!

— Porque todos temos uma luz, que jamais se apaga!



MANTO DE ESTRELAS

(Mauro Oliveira e César Franceschi)

*Tuas lágrimas banham a alma, como um mar de paixão
E os teus lábios macios, aquecendo como um sol de verão
Trazendo luz aos cantos mais frios deste rude coração
Rompendo as amarras deste peito, há tanto atado à solidão.*

*Alegrou o amigo destino, que conservou tesouro escondido:
Um amor que a esta vida dá a tudo, um raro sentido.
História guardada a sete chaves, preservada de todos os males.
Para ser contada e compartilhada e amada e vivida.*

*Então o sonho distante, de repente se tornou realidade
A fragrância mais doce e a lua mais clara, pura verdade!
O universo mudou, porque minha alma na tua se encontrou
Sob um céu vestido de estrelas, que nos guiou...*

*A um abraço, a um beijo. Almas e corpos enlaçados
Somando dois como um, pra jamais se desatar.
Um presente divino no presente, como quis o destino
De ter a mente cativa e feliz, pelo enlace invisível do amor...*



Mauro Oliveira e César Franceschi formam o "Objeto Acústico" e, gentilmente, cederam a música *Manto de Estrelas*, para a divulgação dos romances “Brilho eterno” e o “Viúvo da minha irmã”, além da canção *Outra Chance*, para “Íris Blue”. Ambas as canções estão disponíveis nos CDs gravados pela dupla:

Vale muito a pena conhecer o talento desses músicos tão especiais e conferirem esses e outros sucessos.



Contato

E-mail: maurosoliveira@hotmail.com

Facebook : [@objetoacústico](#)



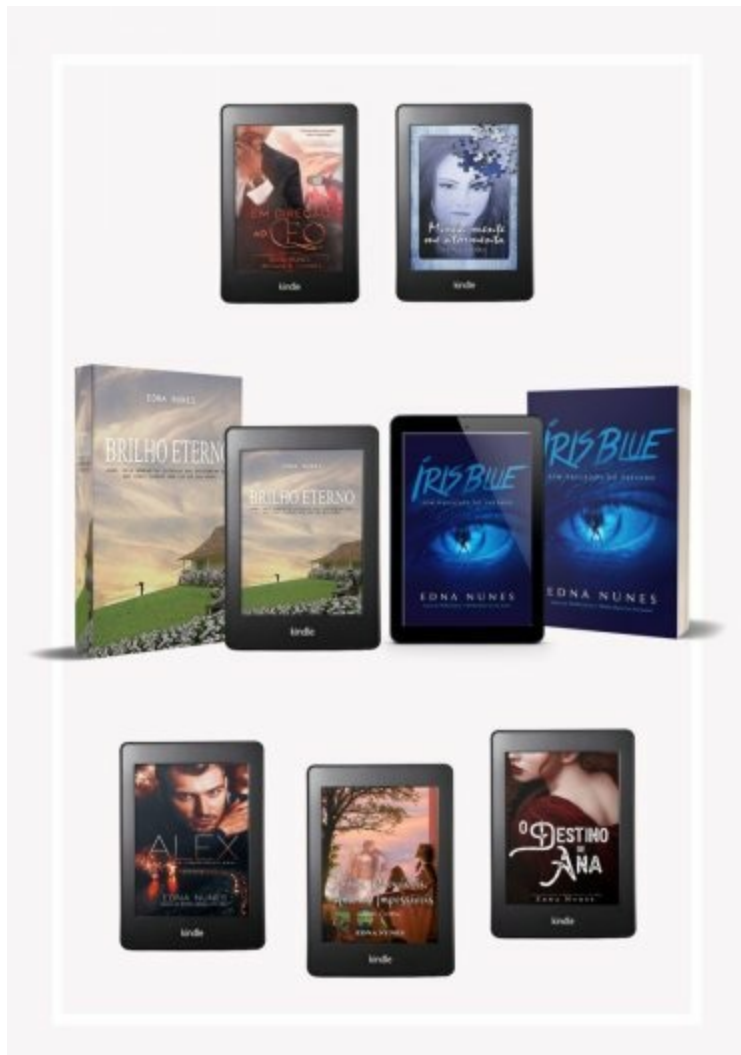
BIOGRAFIA



A paixão descreve a Edna, em todos os sentidos. Tudo o que faz é com comprometimento e amor. Adora todo o tipo de arte, mas a literatura a encanta, a música é seu combustível e o desenho, bem como a pintura, são seus calmantes. Romântica assumida, ela escreve para extravasar as emoções e espera, com seus livros, levar as pessoas para viverem outras vidas, em

outros mundos, com novos amores.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA



Todos os livros estão disponíveis no formato digital, em:

<https://amzn.to/3gPmkbY>

Brilho eterno e Íris Blue, também estão disponíveis, no formato impresso, no site da autora:

<https://ednanunes.com.br/>

BRILHO ETERNO

Prólogo

— RAFAELA, O QUE DEU EM VOCÊ? Esqueceu que tem casa? Como pode viver enfiada na casa daquele velho? — ele reclamou assim que entrei em nossa sala de estar, onde estava jogado com os pés apoiados nas costas de um dos sofás. A camisa aberta mostrando o peito, celular na mão e um copo de uísque no chão.

— Já pedi que não o chame de velho — retruquei desanimada enquanto abaixava para lhe dar um beijo, que ele mal correspondeu.

— E o que ele é, então? — questionou cinicamente, enquanto desligava o celular e tratou dele próprio responder, com um tom de voz ainda mais debochado e regado a muita crueldade. — Um velho caduco, maloqueiro, que vive com um cachorro, tão vira-lata quanto ele!

— Marco!!! — repreendi, completamente ofendida. — Por que você é tão maldoso? Como pode falar assim de alguém que nem conhece?

— Rafa — fez uma careta apertando os olhos ao tomar um gole grande de uísque e continuou com sua ladainha irritante —, eu não o conheço e nem quero, assim como não quero mais chegar e não te encontrar em casa. Você não tem que ficar enfiada naquela tapera, entendeu? — Terminou me olhando friamente esperando uma resposta. Ele sabia que havia conseguido me atingir.

— Não, Marco, eu não entendi. — Tentava segurar as lágrimas, mas

não conseguia, porém isso não o abalava. — Eu não vou dar ouvidos para suas loucuras. — Fui me dirigindo para a escada que ficava atrás de onde estávamos e, à medida que me afastava, meu tom de voz aumentava. — Eu não vou me afastar do seu Zé e do Bob. Prefiro me afastar de você! — gritei descontrolada e subi correndo.

Ainda conseguia ouvi-lo berrando meu nome, mas não recuei. Não aguentava mais discutir sempre pelas mesmas besteiras. Ele não tinha direito de falar daquela maneira de uma pessoa tão especial e muito menos de me impor um absurdo como aquele.

Eu me tranquei no quarto e quando, algumas horas depois, dona Célia, nossa governanta, bateu à porta me chamando para o jantar, pedi a ela que avisasse ao doutor Marco que eu não tinha fome, mas ela nunca aceitava as minhas ordens sem questioná-las.

— Ele não vai gostar nada disso, dona Rafaela. Não é melhor a senhora descer?

A sua voz não continha emoção, falava como um robô e ia tirando as roupas que eu havia jogado sobre a poltrona e as levando em direção ao closet.

— Dona Célia, seja boazinha e faça o que pedi, por favor. — Eu a segui colocando as mãos em seus ombros e a empurrando para a saída. — Deixe o doutor Marco comigo, está bem? E não me chame de dona, já te pedi.

Ela fechou ainda mais a cara e saiu com o nariz empinado, deixando claro que não concordava com o que eu estava fazendo. Sempre ranzinza e impecavelmente vestida em seu uniforme de saia até os joelhos e paletó azul-marinho. Devia ter uns cinquenta anos, mas era tão sisuda que parecia ter mais. Já era governanta na casa dos pais de Marco há muito tempo. Quando

casamos veio trabalhar conosco a pedido dele. Giordana, minha sogra, concordou, porque fazia todas as suas vontades e sabia que era a única pessoa, além dela própria, que tinha paciência para cuidar dos mimos do filho e que também a deixaria a par de todos os acontecimentos de nossa casa. E dona Célia jamais a decepcionou.

Já era tarde quando ele subiu. Eu estava mais calma e lia sossegada, quando ele entrou falando rispidamente. Parou desabotoando a calça, com uma expressão dura no rosto.

— O que pensa que está fazendo, Rafa?

— Estou lendo um romance. — Mostrei a capa do livro e continuei ironicamente. — Posso te emprestar depois, se quiser.

Ele franziu a testa, apertou os lábios, e seus olhos azuis faiscaram, imediatamente me arrependi de respondê-lo com tanto deboche.

— Pare de ser cínica. Eu sou seu marido, porra! — rosnou com a voz meio enrolada. — Você está me trocando pelo velho indigente, não percebe?

— Eu nem vou me dar ao trabalho de responder — arrisquei, fechando o livro e já me levantando à procura de meus chinelos ao lado da cama. — Você deve ter bebido demais e não está pensando direito. Eu vou dormir no quarto de hóspedes, Marco. Descanse e pense nas coisas que tem falado. Você não está bem.

Ele ficou sentado na beirada da cama com olhar incrédulo. Eu jamais havia chegado naquele ponto e fiquei apreensiva sobre qual seria a sua reação, porém ele não fez nada para me impedir de sair do quarto. Há tempos não tínhamos uma relação saudável e parecia que procurava um motivo para me agredir e me aborrecer o tempo todo. Estávamos juntos há cinco anos e,

apesar de me sentir apaixonada quando nos casamos, já não tinha mais certeza dos meus sentimentos. Talvez o mesmo estivesse acontecendo com ele em relação a mim. Seu Zé estava certo, não éramos mais felizes. Eu estava acomodada com aquela relação e à medida que amadurecia, também aumentava a minha insatisfação. Não era difícil entender os motivos e procurar as causas, mas sim tentar resolvê-las.

Leia mais em:

<https://amzn.to/3iDKmXE>

ÍRIS BLUE

Sem reflexos do passado

Prólogo

Eu não me saí bem na prova de matemática. Mamãe disse que perdoará, mas só se eu recuperar a nota. Já sei que ficarei trancado na biblioteca, estudando, com a professora particular, até que eu aprenda toda a matéria. Eu mereço ser castigado porque a deixei triste. Eu não fiz de propósito, mas agora não terei mais tardes livres e só sairei para ir à escola.

Minha mãe vai punir a professora. Exigirá que a diretora do colégio a substitua, como já aconteceu antes. Eu chorei escondido, porque gosto da dona Catarina, ela é legal! Mamãe fala que homem não chora e deve ser verdade, porque eu nunca vi meu pai chorar.

Eu não sou como os outros meninos, sou muito diferente e não devo me contentar com nada que não seja o melhor, foi o que minha mãe explicou. Já parecia arrependida por ter me dado uns tapas ao chegarmos da reunião do colégio. Eu a odeio quando me bate, no entanto a culpa foi minha, por ter fracassado. Mesmo quando ela diz que me amará para sempre, mais do que tudo na vida, sinto medo de decepcioná-la e perdê-la.

Ontem eu fiquei escondido no alto da escada e escutei quando meus pais brigaram de novo. Meu pai chamou a mamãe de louca e que não pode me educar dessa maneira. Que eu só tenho oito anos e não devo acreditar que

as pessoas não vão gostar de mim ou vão me humilhar, apenas por tirar uma nota um pouco mais baixa numa prova. Ela berrou com ele! Estava muito brava! Gritou que ele não sabe de nada e que não educaria o filho para ser um perdedor. Ele a ordenou que me tirasse do castigo, mas ela não tirou!

Eu tenho medo da minha mãe. Não vou envergonhá-la. Farei o possível para que se orgulhe de mim e nunca vá embora. Ela disse que, com um pouco de esforço, posso ter tudo que quiser e que nada e nem ninguém será capaz de me impedir, mas para isso eu preciso ser sempre o mais esperto e inteligente, não posso errar. Ser o melhor custe o que custar. Eu não vou decepcioná-la, nunca! Serei sempre um vencedor! Prometo, mamãe!

Capítulo 1

Marco

Talvez eu devesse voltar e pensar nas possibilidades de recuperar minha vida. Muitas vezes, as paredes do meu apartamento me sufocavam e a solidão era capaz de corroer cada pedaço da minha carne. Aqueles pensamentos me seduziam e ocorriam, principalmente, quando atendia ao telefone e ouvia a voz chorosa de minha mãe. Ficava tentado a ceder, mas estava naquela situação por tê-lo feito a vida inteira.

— *Por que se culpa tanto, meu querido? Você precisa entender que foi uma fatalidade. Não foi nada de propósito. Não estávamos em nossos estados normais.*

— Pare com isso, mãe! A quem você tenta enganar? Não enxerga? Quando vai parar com esse teatro? — Ouvi o choro exagerado e remexi procurando uma posição confortável no sofá. — Mãe, pare! Eu vou desligar.

— *Estou em frangalhos, meu filho. Não aguento mais a sua ausência. Você precisa de ajuda. Pelo menos, diga onde está.*

Desliguei e joguei o aparelho sobre o tapete. Não fazia a mínima ideia sobre nada, não sabia se estava certa, mas anteriormente, jamais estive. Ou talvez, ela tivesse razão e a culpa não tenha sido minha, mas tão somente dela. Que porra eu fiz da minha vida? Era assombrado o tempo todo pelo fantasma da única mulher que amei. Inferno!

Virei para o encosto do sofá e, alcoolizado, dormi. Ao acordar, sei lá quanto tempo depois, procurei meu celular pela sala escura, enfiei-o no bolso da jaqueta e resolvi sair para comer, o que não fazia há mais de um dia. Caminhei encolhido com a gola levantada para não sentir o vento cortante no pescoço. Fazia muito frio naquela época do ano. O prédio onde morava era no centro da cidade, a poucas quadras de um reduto de bares e boates. Havia todo tipo de gente em busca de bebidas, entorpecentes e sexo. Não raro, apesar de frequentado pela elite, aquele lugar era manchete de algum jornal policial. Brigas, prostituição, tráfico de drogas, overdoses, cobranças de dívidas. Era como o inferno na Terra, mas o único lugar onde eu merecia estar. Entrei na boate onde costumeiramente eu gostava de ir quando precisava de companhia. Fui direto para o bar, no canto do salão, e pedi um sanduíche duplo e uma garrafa de uísque. Meu estômago estava se retorcendo, implorando por algo que o extasiasse e, tão logo recebi o meu pedido, devorei, mas a dor ainda era insuportável. Com certeza, eu estava sofrendo de algo como gastrite ou úlcera pelo excesso de álcool. Estava fodido! Não me restava muita coisa a fazer, além de ficar bêbado e dormir.

Não me admiraria se tivesse um câncer dizimando cada célula e apodrecendo minha carne, ainda em vida. Tomei minha segunda dose de uísque puro, então relaxei e resolvi apreciar o movimento. Todas as mulheres que passavam por ali me olhavam curiosas e algumas cochichavam entre si. Que porra deviam estar pensando? Talvez, fosse pela forma como eu as olhava. Só as de cabelos longos e castanho-escuros me interessavam. Cada uma trazia o mesmo sorriso meio infantil e delicado. Todas tinham aqueles olhos dourados, amendoados, cheios de brilho. Cada mulher que tive nos braços, durante aqueles anos, transformava-se nela. Se não fosse assim, eu não conseguiria. E era tão fácil conquistá-las. Levantei meu copo em direção a que sorria para mim. Ela dançava sensualmente, mas com discrição e bastou que eu simulasse sorrir, para que se aproximasse. Curvou-se e beijou o canto de minha boca.

— Sente, aí. Vamos beber! — Virei para chamar o garçom, enquanto ela me obedecia, prontamente, sentando ao meu lado. — Traga mais um copo, por favor! E gelo... — Olhei para a bela jovem pedindo sua aprovação.

— Isso mesmo, com gelo. — Sorriu e começou a maratona de perguntas que eu odiava responder. — Você não dança? Faz tempo que estou te observando perdido em seus pensamentos, aqui.

— Eu danço o tempo todo. Não fiz outra coisa na vida. — Explodi numa risada e ela não entendeu o que havia de engraçado naquilo. — Desculpe! Porra! Acho que bebi demais.

— Tá certo! Deixa eu me apresentar, meu nome é...

— Não! — Coloquei a mão sobre sua boca e puxei seus cabelos para trás para que me olhasse, e ela o fez com um pouco de pavor. — Não quero saber seu nome, ok?

Soltei-a assim que me dei conta do que tinha acabado de fazer.

Estrategicamente, aproximei meus lábios dos dela e sorri com espontaneidade.

— Você sabe o quanto é linda, não sabe? Mulheres assim, não precisam de nomes.

Deu certo, ela aproximou, abriu os lábios e eu enfiei a língua em sua boca. A música, as luzes, a bebida, aquele perfume e seu olhar estavam mexendo com meus sentidos. Precisava levar aquela garota para o meu apartamento. Era a única coisa que passava pela minha cabeça enquanto a beijava. Aquele toque disparava pequenos choques elétricos por meu corpo, fazendo meu coração descompassar e me deixando ereto de imediato. Quando nos afastamos, ela estava empolgada.

— Cara, você é lindo e sabe beijar! Onde conseguiu estes olhos, dessa cor? — Esmagou de novo meus lábios com os seus, ao ver que sorri com o canto da boca, satisfeito. — Estou apaixonada por você, desde que o vi entrar.

— Vamos para o meu apartamento? Moro aqui perto — arrisquei, sem querer esperar mais tempo.

— Por que acha que iria com você? Nem te conheço! — Bebericou o líquido de seu copo e trincou uma pedrinha de gelo entre os dentes.

— Porque quer tanto quanto eu. Vamos! — Levantei, puxando-a pela mão e ao contrário do que pensei, ela não fez resistência, mas ao chegarmos à porta, parou e me fez torcer a boca, impaciente. — O que houve?

— Não sei seu nome, não te conheço. Não sei se devo te acompanhar, apenas pelo azul de seus olhos...

— Ok! Tibúrcio. Agora que já tenho um nome, vamos!

— Desculpe, mas não gosto do seu nome, teria me convencido apenas com os olhos...

— Porra! Decida! — Larguei sua mão. — Eu não tenho tempo para brincar de pega-pega com você.

Comecei a caminhar com passos rápidos, irritado com a indecisão daquela garota, porém parei ao ouvir a voz melosa atrás de mim.

— Espere, eu quero ir com você!

Antes que eu virasse, ela pulou nas minhas costas. Consegui andar cambaleante, por alguns metros, com aquela maluca agarrada ao meu pescoço, gritando:

— Estranho, leve-me ao paraíso. Eu te amooooooooo... Uhuuuuu!

Há tempos, eu não vivia um momento de descontração como aquele. Ela desceu e puxou meu braço para que a encarasse. Estávamos na escuridão da noite, pois a iluminação pública havia sido alvo de vândalos, o que era bem comum.

— Quantos baseados fumou, sua louca? — Empurrei-a para prensá-la contra a parede.

— Eu não uso drogas, mas estou um pouco bêbada. — Enroscou os braços ao redor do meu pescoço e empurrou o corpo para junto do meu. — Vou te chamar de Estranho. — Mordeu meu lábio inferior e depois me

beijou, demoradamente.

— Você é excitante e divertida, mas não podemos trepar aqui ou seremos assaltados ou presos por atentado ao pudor. Vamos!

— Isso pode ser mais excitante do que ser arrastada de uma boate por um maluco dos olhos mais lindos já vistos!

— Você é louca mesmo. Não devia se envolver com um desconhecido apenas porque gosta de seus olhos.

— Quero desvendar os mistérios que te assombram. Pensa que não percebi? Estava ensandecido. O que te aflige, Estranho? E quem disse que só gostei de seus olhos?

— Chegamos! Esquece essa coisa de tentar me decifrar, ok? — Joguei-a contra a parede e a beijei de novo. Ela me enlouquecia. — Sou apenas o cara que vai te fazer feliz esta noite.

Ela assentiu. Às vezes, parecia sentir medo, contudo era nítido que esse sentimento a excitava. Subimos as escadas correndo, de mãos dadas e eu não prestava atenção à metade das coisas que dizia. Ela não parava de tagarelar.

— Você já ouviu falar em elevadores? São excelentes para nos transportar de um andar a outro.

— Exercícios são importantes para uma vida saudável!

— Vida saudável? Estamos bêbados de tanto tomar uísque barato e esse salto está me matando. Vai me fazer subir quantos andares?

— Nenhum mais, moro aqui. — No terceiro andar, aponte e abri a porta do meu apartamento. — Entre!

— Tem que me pôr no colo. Como noivos quando chegam à suíte de lua de mel. Para dar sorte!

— Que espécie de maluca é você? Não vou te carregar. — Passei por ela e joguei as chaves sobre o balcão que ficava ao lado da porta.

A moça cruzou os braços, sacudindo-se com os olhos revirados, batendo a ponta do pé. Voltei para perto dela.

— Caralho...

Curvei meu corpo para pegá-la e foi como reviver a minha noite de núpcias. A mais feliz da minha vida. Quando me realizei achando, equivocadamente, que a mulher que amava seria apenas minha e nada nem ninguém poderia mudar aquilo. Sempre levei o nosso “enfim sós” a sério demais.

Atravessei a sala e o corredor, carregando a garota e oscilando de um lado para o outro. No quarto, soltei-a na cama, sem tirar meus olhos dos dela, mas não era ela quem eu via.

— Eu te amo! — declarei e sem entender o que estava acontecendo comigo, ela sorriu e me beijou enquanto tirava minha jaqueta. — Não posso viver sem você!

— Não sei que vibe é essa que está sentindo, mas estou adorando isso, cara!

Tiramos nossas roupas, apressadamente, e ela deixou que a penetrasse, tão logo coloquei o preservativo. A estocava com saudade e cada vez com mais força.

— Estranho, pare! — sussurrou em meu ouvido e fez pressão com as coxas tentando impedir meus movimentos. — Por favor, pare!

Aquele pedido me levou a um passado não muito distante e feriu, como naquela noite. Eu não imploraria por sexo, de novo. Ela disse não! Fiz um esforço sobrenatural para tirar meu membro, que doía e ela sorriu, enquanto acariciava meus cabelos.

— Calma! Vamos devagar. Você tem sempre pressa de tudo? Vou cuidar um pouquinho de você, coisa linda!

Ela rolou sobre mim e começou a beijar cada ponto do meu rosto e boca. Com entusiasmo desceu por meu corpo e, pela primeira vez em muito tempo, eu relaxei e quis fazer amor com alguém. Estava cansado de sexo mecânico e talvez eu não precisasse me punir o tempo todo ou, pelo menos, não naquele momento.

Aquela garota era envolvente e me levou à loucura. Transamos pelo tempo que aguentei e desmaiei após me esgotar naquele corpo esguio e delicioso, sem me preocupar em colocá-la para fora, como sempre fazia.

— Estranho! Acorde! Hora do café.

Sem saber direito por que e quem me sacudia, esfreguei meus olhos e, só então, a noite anterior apareceu em minha memória.

— Meu Deus, ainda está aqui? — Sonolento, coloquei o travesseiro sobre a cabeça. — Vá embora, Louca... — resmunguei. — Bata a porta ao sair — completei e levantei o pescoço para espiar a sua reação. — Você não tem família, não?

— Sem perguntas, você estabeleceu essa regra. Estamos em lua de mel. É sábado e eu fiz café, comprei e esquentei pão e queijo para nós. Vai, levanta! — Estapeou minhas costas.

Pulei da cama, meio tonto e fui me arrastando ao banheiro, sob o seu olhar guloso. Era inexplicável o seu fascínio e, ao invés de explodir e colocá-la para fora, não fiz esforço nenhum, nem mesmo para convencê-la a ir. Ela me seguiu.

— Ouça! Eu tenho coisas a fazer aqui, que não consigo com plateia. Espere! — Apontei para fora do banheiro e ela se redimiou levantando as mãos e andando de ré, até eu bater a porta em seu nariz. — Obrigado! — berrei.

— Grosso! — A ouvi gritar e sorri de um lado só da boca. — Bonito, mas grosso!

Entrei no boxe para uma ducha, sem negar que estava me divertindo. Ela era gostosa e engraçada, tinha que concordar.

Saí com uma toalha enrolada na cintura e não a encontrei no quarto. Vesti uma camiseta de manga longa e um jeans e ajeitei os cabelos com os dedos. Na cozinha, deparei-me com a menina, sentada. Tinha um dos pés apoiado no assento da cadeira e as coxas roliças à mostra. Usava somente um moletom enorme, que devia ser meu e mexia no celular. Ela levantou os olhos, ajeitou uma mecha dos cabelos molhados, para trás da orelha, e sorriu feliz ao me ver. Exibiu uma foto na tela do aparelho.

— Estava mostrando você para a minha amiga.

Olhei curioso e sacudi a cabeça negativamente.

— Esse não sou eu. Nem sei quem é esse cara.

— Ian Somerhalder — admirou-se e franziu a testa, como se fosse um absurdo eu não saber de quem se tratava. — Minha amiga concordou que se parece com ele. Chegou a me perguntar se não tenho marcas de dentes em meu pescoço.

— Eu não sei do que está falando. Você nunca fala coisa com coisa?

— Estávamos juntas, ontem, na boate. E antes de conversarmos, eu disse a ela: “Vou ser comida por esse vampiro lindo!”. Você nunca assistiu The vampire diaries, não?

— Troque de roupa e vá para casa. Seus pais devem estar preocupados.

Como se não ouvisse nada do que eu disse, a garota largou o celular, sentou-se em meu colo, de frente para mim, e começou a beijar minha boca. Ela era gostosa demais e me fazia lembrar os meus primeiros meses de casado. Levantou a blusa e me ofereceu os seios duros e empinados. Eu os abocanhei enquanto ela puxava minha camiseta e arranhava a minha pele. Carreguei-a para o sofá e em segundos estávamos nus, trepando novamente. Foi só então que ela percebeu as cicatrizes em meu braço direito.

— Puta merda! Como não percebi isso ontem? O que houve? Como se queimou desse jeito?

Empurrei-a brutalmente para o lado e me vesti sob o seu olhar apreensivo e mergulhado em dúvidas. Fui até o bar, no canto da sala, e me servi de uma pequena dose de vodca, para começar o dia.

— Você bebe desde cedo, sempre? Por que não tenta se abrir comigo? Sou ótima com segredos.

A minha vontade era de jogá-la porta afora, nua como estava, apenas para que parasse de fazer tantas perguntas. Claro que não o fiz e ela continuou.

— Não sei o motivo de você tentar ser mau, mas não é nada bom nisso. — Cobriu os belos seios com uma almofada. — O que você fez de errado? Sei que é um homem rico. Morar num apartamento como esse não é para qualquer um e basta olhar você, para sacar que é um cara fino.

— Continue, adivinhadora. — Peguei outra dose e me recostei no balcão, para olhá-la. — O que mais acha que sabe a meu respeito?

— Decidiu não se envolver com ninguém, mas está muito atraído por mim e isto o está abalando...

— Ôôôô, dona da verdade! Fizemos sexo e não teremos nada, além disso. Eu já pedi que vá para casa e não sei por que ainda não foi. Serei mal-educado, se for preciso.

Ela largou a almofada e caminhou até mim, rebolando com suas curvas perfeitas. Tirou o copo de minha mão e o depositou sobre a bandeja.

— Estou com frio, Estranho. Pode me abraçar? — pediu, deslizando minhas mãos por seus seios, até ter meus braços ao redor de sua cintura, e

envolveu meu pescoço. — Se não for pedir muito pode me beijar também?
— ronronou, roçando os lábios nos meus.

Não resistia àquela voz e sua proximidade me deixava duro, era imediato. Beije-i-a vorazmente e a comi, sentada sobre o balcão. Caí com as pernas bambas, sob os pés dela e recostei no móvel, com os olhos fechados. Ela saltou e foi para o meu quarto. Voltou minutos depois, vestida, e ao chegar à saída olhou por cima dos ombros.

— Sei que gostaria de me manter aqui, para sempre, mas tenho que ir. Meu pai deve estar preocupado, Estranho. Ah! E não se preocupe, já chamei um Uber.

Louca!

Saiu e bateu a porta, antes mesmo que eu conseguisse raciocinar sobre o que havia falado. Coloquei minhas roupas pela terceira vez naquele dia e fui à cozinha. Levei uma caneca de café com leite ao micro-ondas e sentei para comer o misto-quente que ela havia preparado. Na primeira mordida, estranhei algo naquele pão. Ao abri-lo, para minha surpresa, encontrei um pedaço de guardanapo dobrado. Não poderia haver lugar mais inusitado para deixar um bilhete.

***“Estranho, não sei em que mundo vive, mas sou parte dele agora. Bom
apetite!”***

Leia mais em:

<https://amzn.to/3gTc2Y6>

ALERTA

Por medo e/ou dependência, vozes são caladas e por nossa indiferença, ignorância ou pela impunidade, vidas são ceifadas, dia após dia.

A autora dessa obra é apoiadora da causa "Diga **NÃO** a violência contra mulher", assim como apoia a **NÃO** violência de qualquer tipo, inclusive contra animais.



Imagem: Secretaria de Saúde do Distrito Federal

Fiquemos atentas ao *violentômetro*.